UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

WILTON CARLOS DE SANTANA

A VISÃO ESTRATÉGICO-TÁTICA DE TÉCNICOS CAMPEÕES DA LIGA NACIONAL DE FUTSAL

Campinas
2008

WILTON CARLOS DE SANTANA

A VISÃO ESTRATÉGICO-TÁTICA DE TÉCNICOS CAMPEÕES DA LIGA NACIONAL DE FUTSAL

Tese de Doutorado apresentada à Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Doutor em Educação Física.

Orientadora: Heloisa Helena Baldy dos Reis

Campinas
2008

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA FEF - UNICAMP

Santana, Wilton Carlos de.
Sa59v A visão estratégico-tática de técnicos campeões da Liga Nacional de Futsal / Wilton Carlos de Santana. – Campinas, SP: [s.n], 2008.

Orientadora: Heloisa Helena Baldy dos Reis.
Tese (doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Estratégia. 2. Tática. 3. Treinadores. 4. Futsal. 5. Esportes-Metodologia. I. Reis, Heloisa Helena Baldy dos. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

Título em Inglês: The strategic-tatic point of view of Champion coaches of the National Futsal League.
Palavras-chave em ingles (Keywords): Strategy; Tatics; Coaches; Futsal; Sports-Metodology.
Área de concentração: Educação Física e Sociedade.
Titulação: Doutorado em Educação Física.
Banca Examinadora: Heloisa Helena Baldy dos Reis. Alcides José Scaglia. João Batista Freire da Silva. Lucídio Rocha Santos. Roberto Rodrigues Paes.
Data da Defesa: 03/12/2008.

WILTON CARLOS DE SANTANA

A VISÃO ESTRATÉGICO-TÁTICA DE TÉCNICOS CAMPEÕES DA LIGA NACIONAL DE FUTSAL

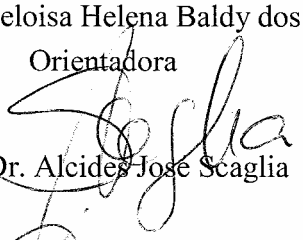
Este exemplar corresponde à redação final da Tese de Doutorado defendida por Wilton Carlos de Santana e aprovada pela Comissão julgadora em: 03/12/08.

Heloisa Helena Baldy dos Reis
Orientadora

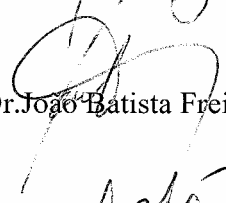
Campinas
2008

COMISSÃO JULGADORA

Prof[a]. Dr[a]. Heloisa Helena Baldy dos Reis
Orientadora



Prof. Dr. Alcides José Scaglia



Prof. Dr.João Batista Freire da Silva

Prof. Dr. Lucidio Rocha Santos

Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes

Para Jaque, Sofia e Gael, minha esposa e filhos.

"Bem-aventurado aquele que teme ao Senhor e anda nos seus caminhos! Do trabalho de tuas mãos comerás, feliz serás, e tudo te irá bem. Tua esposa, no interior de tua casa, será como a videira frutífera; teus filhos, como rebentos de oliveira à roda da tua mesa". Salmo 128:1-3.

Para Ricardo Lucena, meu querido amigo, técnico campeão da Liga Futsal de 2000 com o CR Vasco da Gama (RJ), comandando um time de craques, que nos deixou, precocemente, em 03/12/07, exatamente um ano antes da defesa desta tese.

AGRADECIMENTOS

Espírito Santo, por me revelar, no coração, que o cristianismo é uma pessoa, Jesus Cristo, e não uma religião.

Heloisa Helena Baldy dos Reis, pela orientação segura de mestrado e doutorado; por compartilhar meus temas de estudo, raridade na academia. Laços afetuosos de amizade e de respeito nos unem. Mi casa es su casa.

Jaqueline, minha amada esposa, por transcrever as entrevistas, criar as figuras da tese e a arte da defesa e filmar esta última. Sua presença tem valor inestimável.

Nilton e Wilma, meus amados pais, pelo apoio incondicional ao longo dos anos. Também por bancarem a maioria dos livros importados lida neste estudo.

Minha irmã Ellen, que foi até Campinas para me apoiar no dia da defesa.

Membros da banca examinadora, pelo zelo com o qual leram um texto tão extenso. Um belo exemplo de profissionalismo. Vocês nos proporcionaram uma manhã de dezembro agradabilíssima.

Simone Claudino (in memorian), minha querida cunhada, pelo altruísmo quando da transcrição das entrevistas. Sobretudo, pela lição de vida que nos deixou.

Brandão, Zé Granado e Banzé, irmãos em Cristo, pelo manancial espiritual.

João Freire, Roberto Paes e Pablo Greco, a meu ver os melhores pedagogos esportivos brasileiros, fontes constantes de inspiração, pela acessibilidade.

João Bosco da Silva, por todas as lições de vida, desde a graduação em EDF.

Pablo Greco, pela gentileza de avaliar o capítulo três desta tese e pela generosidade de compartilhar referências bibliográficas.

Roberto Paes, por me aceitar como aluno especial na disciplina Pedagogia do Esporte, em 2001; também por me apresentar a Heloisa Reis, em dezembro de 2000.

Fernando Lefèvre, pela gentileza de responder minhas dúvidas metodológicas.

Sérgio Parra, por me indicar o livro do professor Lefèvre.

Gláucio Castro (in memorian), ex-técnico da seleção brasileira de futsal e José Roulien de Andrade Junior, técnico do Paraná Clube, pelas entrevistas piloto.

Dulce (FEF), pela atenção em tirar minhas dúvidas de como apresentar o texto.

Hermes Balbino e Paulo César Montagner, por aceitarem compor a banca de qualificação deste estudo.

Douglas (em Tubarão), Daniel Junior (em Canoas), Neto (em Londrina), pelo auxílio tecnológico.

Técnicos entrevistados, por me receberem, abdicando do tempo de descanso. Especialmente, por não "esconderem o jogo". Sem vocês, certamente, tanto o futsal como os seus protagonistas, os jogadores, careceriam do sentido estratégico-tático que têm hoje. Muitíssimo obrigado.

Pense nisto desta forma. Você está estudando astronomia na quinta série. O dia em que você lê sobre a primeira missão na lua, você e seus colegas bombardeiam a professora com perguntas sobre a viagem ao espaço.

– Com que se parece a lua?

– Nós conseguimos engolir, já que não há gravidade?

– E para ir ao banheiro?

A professora faz o melhor possível, mas inicia a maioria das respostas com: “Suponho que...” ou “Acho que...” ou “Talvez...”.

Como ela poderia saber? Ela nunca esteve na lua. Mas, no dia seguinte, ela traz um convidado que já esteve na lua. Sim, o Neil Armstrong que disse “um pequeno passo para o homem, um grande salto para a humanidade”.

– Agora, façam suas perguntas – pede a professora. E Armstrong responde cada uma delas com toda convicção. Ele conhece a lua; andou sobre ela. Nenhuma especulação ou hesitação – ele fala do que conhece. (LUCADO, 2007, p.46).

SANTANA, Wilton Carlos de. **A visão estratégico-tática de técnicos campeões da Liga Nacional de Futsal**. 2008. 260f. Tese (Doutorado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

RESUMO

O futsal é um dos esportes mais praticados pelos brasileiros. Contudo, há indícios de que o conhecimento das suas particularidades estratégico-táticas ainda é prerrogativa de uma casta de técnicos. Resulta que poucos são os treinadores de jovens que sabem o que ensinar nesse âmbito para seus jogadores a fim de que rumem seguros para o futuro. Isso posto, este estudo tem como objetivo descortinar a visão de técnicos campeões da Liga Futsal brasileira acerca dos comportamentos estratégico-táticos mais eficazes de serem postos em prática nas diferentes fases do jogo e, ainda, a que desenhos metodológicos, habitualmente, recorrem para ensiná-los, o que configuraria a sua inclinação metodológica. Essa dimensão é considerada a base do sucesso de equipes de esportes coletivos, na medida em que o jogo emerge da confluência de uma faceta mais previsível, a estratégica, com outra menos previsível, a tática. Portanto, ao considerarmos que o êxito no jogo depende da qualidade de desempenho dos jogadores para gerir e resolver problemas situacionais, seria oportuno investigar o que pensam os que, diretamente, com suas concepções e tipos de treino, lhes influenciam a atuação tática. Constituem a amostra cinco sujeitos, vencedores de onze das treze edições da Liga Futsal, entre os anos de 1996 e 2008. Na metodologia da pesquisa, de caráter qualitativo, utilizou-se como instrumento uma entrevista semi-estruturada composta por um roteiro de 13 perguntas; para a interpretação dos dados, aplicou-se a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). O discurso indica regras de ação distintas para cada situação particular de ataque, de defesa e transições. Não obstante, menciona constantemente a autonomia do jogador para decidir como um atributo necessário, ratificando que, para o sujeito coletivo (SC), a inteligência se encontra fora e dentro da quadra. Do ponto de vista metodológico, o discurso do SC se associa ao procedimento estruturado, pois os comportamentos mencionados são desenvolvidos mediante atividades semelhantes às encontradas no jogo, portanto, de elevada demanda cognitiva. Em considerando a necessidade de se educar um tipo de jogador para um tipo de jogo, estima-se que a exposição da visão do SC beneficie o processo de formação de jogadores, constituindo-se, do ponto de vista estratégico-tático, como material de apoio pedagógico.

Palavras-Chaves: Estratégia; Tática; Treinadores; Esportes-Metodologia.

SANTANA, Wilton Carlos de. **The strategic-tactic point of view of champion coaches of the National Futsal League**. 2008. 260f. Tese (Doutorado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

ABSTRACT

Futsal is one of the most practiced sports in Brazil. However, there is evidence that the knowledge of its strategic-tactic particularities is still privilege to a select category of coaches. Therefore, very few coaches who train young players know what to teach their players so that those may have a safe future environment. Having said that, this study is aimed to uncover the coaches´point of view, champions of the Brazilian Futsal League, related to the most effective strategic-tactic behavior put into practice in the different stages of the game, and still, to what methodological drawings they normally refer to in order to teach these techniques, which would shape their methodological inclination. This dimension is considered to be the basis of the success of collective sports, as the game emerges from the combination of a more predictable aspect, the strategic one, with a less predictable one, the tactical one. Thus, when we consider that the successfulness of the game depends on the high performance of the players to manage and solve situational problems, it seems to be suitable to find out what those coaches think, in terms of concepts and practice style which is directly involved in their action. The sample was composed of five subjects, winners of eleven of the thirteen Futsal League, during the years of 1996 to 2008. The research followed a qualitative feature, and a semi-structured interview was used, made up of thirteen questions; to interpret the data the technique of the Collective Subject Discourse (CSD) was used. The discourse indicates rules of distinct actions for each specific attack, defense and transition situation. Notwithstanding, it constantly mentions the autonomy of the player to decide as a necessary attribute, reinforcing that, to the collective subject (CS), intelligence is found inside and outside the court. From the methodological point of view, the CS discourse is associated with the structured procedure, once the mentioned behaviors are developed according to activities similar to the ones in the games, therefore, of a high cognitive demand. Considering the need to develop the innate capacities of a player for a specific type of game, it is estimated that the exposure of the views of the CS may benefit the players learning process, consisting, from the strategic-tactic point of view, as pedagogical supporting material.

Keywords: Strategy; Tactics; Coaches; Futsal; Sports-Methodology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Interação entre companheiros e adversários em esportes de cooperação-oposição quanto ao espaço e à participação	29
Figura 2 -	Espaço de jogo do futsal	34
Figura 3 -	Delimitação do centro de jogo no futsal	36
Figura 4 -	Tipos de comunicação no futsal	41
Figura 5 -	Evolução da comunicação segundo o nível de jogo	42
Figura 6 -	Interação entre funções estratégicas e comportamentos técnico-tático de jogadores de futsal	55
Figura 7 -	Parâmetros de decisão da maestria estratégico-tática	58
Figura 8 -	Traços característicos do jogo de futsal	63
Figura 9 -	Fases do jogo	67
Figura 10 -	Desenho tático 2.2	77
Figura 11 -	Desenho tático 2.2 na meia-quadra ofensiva	78
Figura 12 -	Desenho tático 2.2 na meia-quadra defensiva	78
Figura 13 -	Desenho tático 2.1.1	79
Figura 14 -	Desenho tático 3.1 ou 1.2.1	80
Figura 15 -	Desenho tático 3.1 ou 1.2.1 na meia-quadra ofensiva	80
Figura 16 -	Desenho tático 4.0 ou quatro em linha	81
Figura 17 -	Desenho tático 1.2.2	83
Figura 18 -	Desenho tático 2.1.2	84
Figura 19 -	Desenho tático 2.1.2 sob marcação losango	85
Figura 20 -	Ataque em superioridade numérica x 1.2	85
Figura 21 -	Ataque em superioridade numérica x 2.1	85
Figura 22 -	Posições básicas no futsal no desenho 1.2.1/3.1	87
Figura 23 -	Jogar à frente da linha da bola	90
Figura 24 -	Fugir do campo visual do marcador	91
Figura 25 -	Abrir espaço	92
Figura 26 -	Flutuação ou aproximação	92
Figura 27 -	Nunca receber a bola parado	92
Figura 28 -	Andar com a bola	93

Figura 29 - Acelerar o passe 93
Figura 30 - Projeção no espaço 94
Figura 31 - Movimentações básicas: paralela e diagonal 95
Figura 32 - Movimentação básica: pisada 96
Figura 33 - Movimentação básica: troca de ala e pivô 96
Figura 34 - Movimentação básica: bola nas costas 97
Figura 35 - Movimentação básica: vai e vem ou "gato" 97
Figura 36 - Movimentação básica: bloqueio 98
Figura 37 - Movimentação básica: bola de tempo 98
Figura 38 - Movimentação básica: tabela 98
Figura 39 - Movimentação básica: quebra de marcação 99
Figura 40 - Manobra: desmarcação de flutuação 100
Figura 41 - Manobra: cortina 101
Figura 42 - Manobra: cruz 101
Figura 43 - Manobra: relevo 101
Figura 44 - Manobra: sobreposição 102
Figura 45 - Padrão redondo: após o passe, corre-se por fora da defesa 104
Figura 46 - Padrão redondo: comportamento dos outros três jogadores 104
Figura 47 - Padrão de meio: passe e deslocamento em diagonal 105
Figura 48 - Padrão de meio: o jogador conduz a bola para o centro 105
Figura 49 - Padrão cruzado: num 1º momento, troca entre o ala e o pivô 105
Figura 50 - Padrão cruzado: opções de quem tem a bola 106
Figura 51 - Linhas de marcação recuadas 106
Figura 52 - Retorno defensivo 113
Figura 53 - Temporização e retorno defensivo 114
Figura 54 - Defesa menos ativa 115
Figura 55 - Defesa mais ativa 115
Figura 56 - Aproximação defensiva simultânea ao passe 117
Figura 57 - Abordagem que induza a trajetória de ação do adversário 117
Figura 58 - Marcar atrás da linha da bola 117
Figura 59 - Triângulo defensivo 118
Figura 60 - Marcação de interposição (mais ativa) 119

Figura 61 - Marcação de contenção (menos ativa) 119
Figura 62 - Cobertura 120
Figura 63 - Permuta 120
Figura 64 - Dobra 120
Figura 65 - Troca de marcação 121
Figura 66 - Encaixe de marcação/*pressing* 121
Figura 67 - Ajuda 122
Figura 68 - Linhas defensivas no Brasil 124
Figura 69 - Linhas defensivas na Espanha 124
Figura 70 - Defesa individual em ¾ de quadra com cobertura 126
Figura 71 - Momentos de uma defesa zona pressionante em ¾ de quadra 127
Figura 72 - Momentos da marcação quadrante 128
Figura 73 - Mista em ¼: individual e triângulo zonal vértice no fixo (2.1) 129
Figura 74 - Alternativa: zona em 2/4 de quadra e insere-se a marcação individual 130
Figura 75 - Múltipla: zona em ¾ de quadra seguinda de individual em 2/4 de quadra 131
Figura 76 - Defesa em inferioridade numérica losango (1.2.1) e quadrado (2.2) 132
Figura 77 - Defesa em inferioridade numérica 4x3: 1.2 e 2.1 133
Figura 78 - Relação entre os diferentes componentes do treinamento esportivo 138
Figura 79 - Posição nuclear da dimensão tática no esporte coletivo 137
Figura 80 - Modelo do ato tático de MAHLO 140
Figura 81 - Estrutura do conhecimento em esportes 144
Figura 82 - A tomada de decisão e os seus processos segundo TENENBAUM (2003) 145
Figura 83 - Modelo da tomada de decisão tática em esportes coletivos 146
Figura 84 - Estrutura da percepção no futsal 147
Figura 85 - Demanda sobre a antecipação no futsal 150
Figura 86 - Relação entre conhecimento e competência tática 155
Figura 87 - Passos para a construção do discurso do sujeito coletivo (DSC) 172

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Sinonímia literal do esporte coletivo	26
Quadro 2 -	A identidade do futsal	31
Quadro 3 -	Subdivisão das regras nos esportes de cooperação-oposição	44
Quadro 4 -	Impacto das regras no jogo de futsal	46
Quadro 5 -	Diferenças entre estratégia e tática	60
Quadro 6 -	Princípios comuns aos esportes coletivos	68
Quadro 7 -	Diferentes tipologias do ataque	73
Quadro 8 -	Tipologia do ataque	75
Quadro 9 -	Desenhos táticos do futsal para o ataque posicional	76
Quadro 10 -	Novas posições e funções dos jogadores de futsal	88
Quadro 11 -	Fundamentos táticos ofensivos	90
Quadro 12 -	Tipologia brasileira de ações ofensivas	95
Quadro 13 -	Tipologia espanhola de ações ofensivas	100
Quadro 14 -	Tipologia dos padrões de jogo	103
Quadro 15 -	Finalidades defensivas para o futsal dos princípios comuns de referência Claude Bayer	111
Quadro 16 -	Fases da defesa em futsal	112
Quadro 17 -	Fundamentos táticos defensivos em futsal	116
Quadro 18 -	Finalidades dos diferentes fundamentos defensivos	123
Quadro 19 -	Características das linhas de marcação em futsal	125
Quadro 20 -	Características da defesa individual em futsal	126
Quadro 21 -	Características da defesa zona em futsal	127
Quadro 22 -	Características da defesa mista em futsal	129
Quadro 23 -	Características da defesa alternativa em futsal	130
Quadro 24 -	Características da defesa múltipla em futsal	131
Quadro 25 -	Relação entre o espaço de quadra e o tipo de marcação em futsal	132
Quadro 26 -	Disponibilidade cognitivo-motora de jogadores experientes	139
Quadro 27 -	Diferenças quando do processamento da informação entre jogadores iniciantes e experientes	142
Quadro 28 -	Exigências da percepção visual do jogador de futsal	148

Quadro 29 -	O treinamento dos processos cognitivos implicados no ato tático	158
Quadro 30 -	O modelo estruturado de ensino-treino	163
Quadro 31 -	Caracterização das idéias centrais e discursos do sujeito coletivo da questão: Que tipos de comportamento tático ofensivo os seus jogadores devem saber empregar para que o ataque como um todo seja eficaz?	174
Quadro 32 -	Caracterização das idéias centrais e discursos do sujeito coletivo da questão: Em sua opinião, haveria algumas trajetórias de deslocamento dos jogadores que facilitaram o jogo de ataque?	178
Quadro 33 -	Caracterização das idéias centrais e discursos do sujeito coletivo da questão: Que tipos de comportamento tático ofensivo você espera dos seus jogadores quando o adversário adota uma postura de marcação que invade a sua quadra?	182
Quadro 34 -	Caracterização das idéias centrais e discursos do sujeito coletivo da questão: Que tipos de comportamento tático ofensivo você espera dos seus jogadores quando o adversário adota uma postura de marcação recuada?	186
Quadro 35 -	Caracterização das idéias centrais e discursos do sujeito coletivo da questão: Você se posiciona favorável à indução do contra-ataque? Por quê?	191
Quadro 36 -	Caracterização das idéias centrais e discursos do sujeito coletivo da questão: O que você ensina para que os seus jogadores induzam o contra-ataque?	193
Quadro 37 -	Caracterização das idéias centrais e discursos do sujeito coletivo da questão: Uma vez em contra-ataque, o que você ensina para que os seus jogadores tenham êxito?	196
Quadro 38 -	Caracterização das idéias centrais e discursos do sujeito coletivo da questão: Que tipos de comportamento tático defensivo os jogadores devem saber empregar para que a defesa como um todo seja eficaz?	200
Quadro 39 -	Caracterização das idéias centrais e discursos do sujeito coletivo da questão: Que tipos de atitude tática você espera dos seus jogadores quando a sua equipe perde a bola na quadra de ataque e o adversário inicia um contra-ataque?	205
Quadro 40 -	Caracterização das idéias centrais e discursos do sujeito coletivo da questão: Que tipos de atitude tática você espera dos seus jogadores quando a sua equipe adota uma postura de marcação recuada?	208
Quadro 41 -	Caracterização das idéias centrais e discursos do sujeito coletivo da questão: Que tipos de comportamento tático você espera dos seus jogadores quando a sua equipe adota uma postura de marcação que invade a quadra do adversário?	211
Quadro 42 -	Caracterização das idéias centrais e discursos do sujeito coletivo da questão: Que tipos de comportamento tático você espera dos seus jogadores quando a sua equipe adota uma postura de marcação que invade a quadra do adversário e este faz um passe para o pivô?	214
Quadro 43 -	Caracterização das idéias centrais e discursos do sujeito coletivo da questão: Em geral, como você procura desenvolver (treinar) esses comportamentos táticos ofensivos e defensivos mencionados?	218

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Traços gerais dos entrevistados	166
Tabela 2 -	Caracterização das idéias centrais, sujeitos e discriminação destes para a questão: Que tipos de comportamento tático ofensivo os seus jogadores devem saber empregar para que o ataque como um todo seja eficaz?	174
Tabela 3 -	Caracterização das idéias centrais, sujeitos e discriminação destes para a questão: Em sua opinião, haveria algumas trajetórias de deslocamento dos jogadores que facilitariam o jogo de ataque?	178
Tabela 4 -	Caracterização das idéias centrais, sujeitos e discriminação destes para a questão: Que tipos de comportamento tático ofensivo você espera dos seus jogadores quando o adversário adota uma postura que invade a sua quadra?	181
Tabela 5 -	Caracterização das idéias centrais, sujeitos e discriminação destes para a questão: Que tipos de comportamento tático ofensivo você espera dos seus jogadores quando o adversário adota uma postura de marcação recuada?	185
Tabela 6 -	Caracterização das idéias centrais, sujeitos e discriminação destes para a questão: Você se posiciona favorável à indução do contra-ataque? Por quê?	191
Tabela 7 -	Caracterização das idéias centrais, sujeitos e discriminação destes para a questão: O que você ensina para que os seus jogadores induzam o contra-ataque?	193
Tabela 8 -	Caracterização das idéias centrais, sujeitos e discriminação destes para a questão: Uma vez em contra-ataque, o que você ensina para que os seus jogadores tenham êxito?	196
Tabela 9 -	Caracterização das idéias centrais, sujeitos e discriminação destes para a questão: Que tipos de comportamento tático defensivo os seus jogadores devem saber empregar para que a defesa como um todo seja eficaz?	199
Tabela 10 -	Caracterização das idéias centrais, sujeitos e discriminação destes para a questão: Que tipos de comportamento tático defensivo você espera dos seus jogadores quando a sua equipe perde a bola na quadra de ataque e o adversário inicia um contra-ataque?	204
Tabela 11 -	Caracterização das idéias centrais, sujeitos e discriminação destes para a questão: Que tipos de atitude tática você espera dos seus jogadores quando a sua equipe adota uma postura de marcação recuada?	208
Tabela 12 -	Caracterização das idéias centrais, sujeitos e discriminação destes para a questão: Que tipos de comportamento tático você espera dos seus jogadores quando a sua equipe adota uma postura de marcação que invade a quadra do adversário?	211
Tabela 13 -	Caracterização das idéias centrais, sujeitos e discriminação destes para a questão: Que tipos de comportamento tático você espera dos seus jogadores quando a sua equipe adota uma postura de marcação que invade a quadra do adversário e este faz um passe para o seu pivô?	214
Tabela 14 -	Caracterização das idéias centrais, sujeitos e discriminação destes para a questão: Em geral, como você procura desenvolver/treinar esses comportamentos táticos ofensivos e defensivos mencionados?	217

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CBFS	Confederação Brasileira de Futsal
DSC	Discurso do Sujeito Coletivo
ECH	Expressões-chave
FIFA	Fédération Internationale de Football Association
FIFUSA	Federação Internacional de Futebol de Salão
IAD	Instrumento de Análise do Discurso
IC	Idéias Centrais
SC	Sujeito Coletivo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 19

1 A IDENTIDADE DO FUTSAL E A ANÁLISE DA SUA LÓGICA INTERNA 25

1.1 Esporte coletivo 25

1.2 Componentes estruturais do esporte coletivo 27

1.3 Classificação dos esportes coletivos 28

1.4 Identidade do futsal 30

1.5 A lógica interna ou a estrutura funcional do futsal 32

1.6 O futsal do ponto de vista do espaço esportivo 33

1.7 O futsal do ponto de vista do tempo esportivo 37

1.8 O futsal do ponto de vista da comunicação 39

1.9 O futsal do ponto de vista das regras 43

1.10 O futsal do ponto de vista da técnica 47

1.10.1 Lacunas da concepção mecanicista para o ensino-treino do futsal 49

1.10.2 Mudança paradigmática da compreensão da técnica nos esportes coletivos 51

1.10.3 Funções estratégicas e comportamento técnico-tático do jogador de futsal 54

1.11 O futsal do ponto de vista da estratégia 57

1.11.1 Estratégia e tática: diferenças e interface 59

2 LEIS E PRINCÍPIOS DO JOGO DE FUTSAL 65

2.1 As fases do jogo 66

2.2 O problema elementar do futsal e os princípios comuns de referência tática 68

2.3 A busca pela superioridade e a organização racional do jogo 69

2.4 Contornos estratégico-táticos ofensivos 71

2.4.1 Organização e tipologia ofensiva 73

2.4.2 Os desenhos táticos: a faceta estática do ataque 76

2.4.3 Os desenhos táticos em superioridade numérica 83

2.4.4 Posições e funções dos jogadores nos diferentes desenhos táticos 86

2.4.5 A faceta dinâmica do ataque: tática individual 89

2.4.6 Tática de grupo: as manobras ofensivas básicas 94

24.7 Tática coletiva: os padrões coletivos de deslocamento 102
2.4.8 O jogo ofensivo não sistemático: contra-ataque 107
2.5 Contornos estratégico-táticos defensivos 111
2.5.1 Fases da defesa 112
2.5.2 Fundamentos táticos defensivos 115
2.5.3 Defesa em sistema 123
2.5.4 Defesa em inferioridade numérica 132
3 PROCESSOS COGNITIVOS OCULTOS NO ATO TÁTICO E O SEU TREINAMENTO 135
3.1 Disponibilidade cognitivo-motora 135
3.2 O ato tático 139
3.3 Processos cognitivos ocultos quando da ação tática 143
3.3.1 A estrutura perceptiva e os processos cognitivos nela envolvidos 146
3.3.2 A estrutura de processamento e os processos cognitivos nela envolvidos 151
3.3.3 A estrutura decisória e os processos cognitivos nela envolvidos 154
3.4.3 O treinamento das habilidades cognitivas 157
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA 165
4.1 Tipo de pesquisa 165
4.2 Amostra 166
4.3 Técnica para a coleta de dados 167
4.4 A elaboração do instrumento de coleta de dados 168
4.5 A entrevista 168
4.6 Aspectos éticos e roteiro para a entrevista 170
4.7 Técnica de interpretação dos dados 170
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO 173
5.1 A eficácia do sistema ofensivo como um todo 173
5.2 As vias de acesso ao bom jogo 177
5.3 O comportamento tático ofensivo contra marcação avançada 181
5.4 O comportamento tático ofensivo contra marcação recuada 184
5.5 O contra-ataque deve ser induzido 190
5.6 Estratégia defensiva para induzir o contra-ataque 192
5.7 Estratégia para contra-atacar com eficácia 195

5.8 A eficácia do sistema defensivo 198
5.9 A defesa do contra-ataque 204
5.10 A defesa na meia-quadra defensiva 207
5.11 A defesa na meia-quadra ofensiva 210
5.12 O comportamento defensivo quando a invasão falha 213
5.13 O procedimento de ensino-treino: a inclinação metodológica 216
CONSIDERAÇÕES FINAIS 223
REFERÊNCIAS 227
ANEXOS 237
APÊNDICES 241

INTRODUÇÃO

O futsal[1] é um esporte comandado no âmbito internacional pela Fédération Internationale de Football Association (FIFA) [2]. O I Campeonato Mundial aconteceu em 1989, na Holanda (FIGUEIRÊDO, 2004). Próximo de completar duas décadas e com seis Copas do Mundo realizadas, há indícios suficientes para se especular que o seu futuro se revela promissor, ainda mais se considerarmos que a FIFA, em particular quando presidida por João Havelange, entre 1974 e 1998, transformou o futebol num espetáculo e na mercadoria mais rentável da "indústria" do lazer (REIS, 2003).

Em se tratando de supremacia mundial, Brasil e Espanha dividem as atenções: esta venceu duas das seis edições (2000 e 2004) e aquela venceu em quatro oportunidades (1989, 1992, 1996 e 2008).

O futsal, seguramente, é o esporte coletivo que mais sofreu alterações regulamentares nos últimos dezoito anos. Para Arestigüi (2001, p.42), procurou-se com isso "[...] favorecer o espetáculo, na medida em que se eliminariam aspectos negativos do jogo e se conseguiria fazer este esporte mais atraente tanto para seus praticantes como para seu público". Questionava-se, à época do futebol de salão, a falta de dinamismo, as áreas proibidas de serem invadidas, o excesso de faltas e a conseqüente carência de um número elevado de gols. De fato, as mudanças impuseram um novo jogo: dinâmico, de alta incidência de gols, de passes acelerados, de repetidos deslocamentos sem bola, de marcação intensa independentemente do local da quadra, de transições rápidas entre o ataque e a defesa, de constante perda e recuperação da posse de bola, de momentos de igualdade e desigualdade numéricas, de alta incidência de bolas paradas (CHAVEZ CHAVEZ; RAMÍREZ AMOR, 1998; DIAS; SANTANA, 2006; SAAD, 1997; SANTANA, 2004a). Por extensão, à semelhança de outros esportes coletivos, o futsal é um esporte rico em diversidade de situações, permeado de imprevisibilidade e de aleatoriedade (GARGANTA, 1997).

Vê-se que suas características gerais revelam, primariamente, que a ação complexa de jogo resulta das interações entre os participantes. Estas últimas aconteceriam a partir

[1] Cf. no Apêndice A um texto sobre a contextualização histórica do futsal, no qual explicamos o motivo de este ser um esporte absolutamente distinto do seu precursor, o futebol de salão.

[2] Em 14/03/1989, numa reunião em Zurique (Suíça), a FIFA muda nos seus estatutos, no artigo 27, para futsal o que antes era tido como futebol jogado em dimensões reduzidas. A partir desse ano é estabelecida uma comissão permanente para tratar do desenvolvimento desse esporte (FIGUEIRÊDO, 2004).

da cooperação dos jogadores de uma das equipes para atacar e, simultaneamente, da cooperação dos jogadores da outra equipe para defender. Acrescente-se que essa interação ou comunicação acontece num ambiente instável, sob pressão de tempo, de espaço, de adversários e de regras. Logo, o jogo de futsal reclamará, persistentemente, um comportamento inteligente de jogadores e de técnicos, isto é, lhes será exigido, de forma contumaz, as capacidades de predizer e de resolver situações-problema.

É exatamente da dimensão inteligente do jogo que este estudo se ocupa. Isso, por um lado, perpassa a ESTRATÉGIA, ou seja, o plano de ação para o jogo, que tem a ver com a disciplina tática, com a adaptabilidade do jogador aos diferentes sistemas empregados pela equipe em diferentes situações de jogo; por outro lado a TÁTICA, que se refere à aplicação da estratégia às condições específicas do confronto, à capacidade de o jogador se adaptar as diferentes e flutuantes situações que o jogo lhe impõe (GARGANTA, 2000; VELASCO TEJADA; LORENTE PEÑAS, 2003). Portanto, seria mais adequado assumir a interface ESTRATÉGICO-TÁTICA, pois claro está que

> O jogo emerge da confluência de uma dimensão mais previsível, induzida pelas leis e princípios, com outra menos previsível, materializada a partir da autonomia dos jogadores, que introduzem a diversidade e a singularidade dos acontecimentos. (GARGANTA, 2006, p. 201).

Embora saibamos que cada técnico tem "[...] certas ideias [...] concede prioridade a certos aspectos do jogo e da preparação [...] procede de uma maneira pessoal aquando da selecção dos jogadores, formação da equipa, estabelecimento da estratégia e da tática do jogo" (BOTA; COLIBABA, 2001, p. 33), estabelecemos como objeto de estudo o pensamento de técnicos campeões da Liga Nacional de Futsal, a mais acirrada competição brasileira. Trata-se de personagens de destaque, isto é, sujeitos excepcionais, com sucesso esportivo, com experiência e reconhecimento na comunidade esportiva (RODRIGUES, 1997).

O objetivo do estudo é lhes descortinar a visão (concepções, idéias, pensamentos, crenças) acerca dos comportamentos estratégico-táticos mais eficazes de serem postos em prática nas diferentes fases do jogo de futsal e, ainda, a que desenhos metodológicos, habitualmente, recorrem para ensiná-los, o que configuraria a sua inclinação metodológica. É preciso salientar que a dimensão estratégico-tática é considerada como a base do sucesso das equipes (TEODORESCU, 1984), com um papel determinante quando do confronto

(GARGANTA; OLIVEIRA, 1996), proporcionando ao esporte coletivo seus traços mais característicos (CASTELO, 1999; SAMPEDRO, 1997). Para tanto, nos propusemos a relevar, especificamente, quais comportamentos táticos individuais e coletivos esses sujeitos consideram mais relevantes para que suas equipes ataquem, defendam e transitem de forma eficaz, isto é, (a) como comportar-se quando atacam contra marcações recuadas e (b) contra as que invadem a sua meia-quadra; (c) se são favoráveis à indução do contra-ataque e, em sendo, (d) o que ensinam para induzi-lo; (e) o que ensinam para os seus jogadores quando contra-atacam; (f) o que esperam dos seus jogadores quando sofrem um contra-ataque, (g) quando defendem no seu próprio campo e (h) também quando o fazem no campo adversário; (i) como costumam treinar esses comportamentos táticos.

Mas, por que perscrutar o pensamento desses técnicos? Porque ao considerarmos que o sucesso no jogo é dependente da qualidade de desempenho dos jogadores para resolver as ações que se apresentam (TAVARES, 1993), nos parece muito oportuno investigar o que pensam aqueles que, diretamente, com suas concepções, tipos de treino, demonstrações e explicações, influenciam os jogadores a resolver problemas.

Significa dizer que o jogo estratégico, isto é, pensado, passa primeiro pelo técnico, que o concebe, planeja, projeta e administra em treinos e competições. É o técnico, ao selecionar conteúdos para o treino, ao explicar e demonstrar o que deseja, ao colocar os jogadores sob certas diretrizes e alguns tipos de atividade, quem "[...] fornece informações relativas às acções táticas do jogador" (TAVARES, 1998, p.42). Por conseguinte, a "leitura" de jogo deste último é influenciada, entre outros fatores, pelos conhecimentos práticos e teóricos adquiridos nos treinos e jogos, cuja fonte, entre outras, é o técnico.

Bota e Colibaba (2001, p.20) explicam que a concepção do jogo, que seria constituída pelas "[...] mais adequadas ideias de jogo [...] capazes de valorizar a plena disponibilidade dos desportistas (equipa) para o alto rendimento, compensar (mascarar) as carências próprias, e explorar as do adversário" tem como fonte, além das tendências do desenvolvimento do jogo em âmbito mundial e do nível de preparação das equipes, a criatividade do técnico. Destacam ainda que as idéias do jogo, na medida em que são racionais, representam as mais eficientes soluções de atuação, levam ao controle do jogo e a ações sinérgicas entre os jogadores. Contudo, salientam que essas idéias devem conservar "[...] a liberdade das acções próprias e a criatividade" dos jogadores.

Projetamos que a exposição do pensamento dessa elite de técnicos beneficie uma outra comunidade, a de técnicos de jovens, em menor evidência midiática, mas muito mais numerosa, na medida em que esta tem dado indícios de que tem lacunas de conhecimento acerca do conhecimento estratégico-tático[3]. Aspiramos que a visão de técnicos experientes reúna condições de se constituir, do ponto de vista do ensino deste âmbito, "[...] como um conjunto de referências fundamentais ao nível do processo de treino e da competição" (PINTO; GARGANTA, 1996, p. 83).

De nossa parte, estimamos o pensamento dessa elite de técnicos como uma contribuição promissora para a formação estratégico-tática de treinadores de jovens, em geral menos experientes e, por conseguinte, de jovens jogadores. Ora, por que a visão de técnicos de sucesso, na medida em que se compromete com a contemporaneidade do jogo mais avançado, que é onde eles estão locados e aonde os jovens esportistas almejam chegar, não se constituiria como um valioso referencial de ensino-treino da dimensão estratégico-tática do futsal?

Por conseguinte, avaliamos que a evolução do treino estratégico-tático não pode desprezar o que professam/adotam/usam seus técnicos consagrados, pois "[...] para o treino ser treino [...] impõe-se uma carta de intenções [...] que funcione como representação dos aspectos que, no seu conjunto, e, sobretudo, nas suas relações, conferem sentido ao processo, fazendo-o rumar na direcção pretendida" (GARGANTA, 2000, p.58). Ora, são eles os que mais entendem do assunto, que têm necessidade de sobreviver à pressão competitiva, que, efetivamente, estão "lá". Como observam Freitas, Henrique e Nolasco (2008, p.1), pesquisas envolvendo *experts* ajudam "[...] a elucidar a sua forma fluida de conceber soluções quando se confrontam com problemas em sua área de atuação [...] [isso é ainda mais significativo] numa área em que prevalece a construção da teoria a partir do conhecimento prático adquirido no trabalho de campo". Igualmente, este estudo se justifica em virtude de o futsal, por conta da sua penetração e, sobretudo, de seu elevado potencial educativo, não permitir o diletantismo.

No corpo desta tese, a fim de ampliar o campo de visão acerca do futsal, descrevemos no CAPÍTULO UM os traços característicos deste esporte. Para tanto, optamos em apresentá-los apoiados na Praxiologia Motriz, ciência que se dedica a estudar a essência dos jogos e esportes. Ao percorrer os seis parâmetros que configuram a sua lógica interna – espaço,

[3] Greco et al (1998), por exemplo, submeteram 159 atletas e 17 técnicos de futsal participantes dos Jogos Brasileiros da Juventude a um conjunto de testes de conhecimento tático e não confirmaram que os últimos têm maior nível de conhecimento tático do que os primeiros.

tempo, comunicação, regras, técnica e estratégia –, foi possível ratificar a premissa praxiológica de que o conhecimento da estrutura interna dos esportes é um dos principais aspectos para a condução adequada do processo de ensino-treino, pois aquela, independentemente dos atores envolvidos, condicionará o comportamento dos jogadores (HERNÁNDEZ MORENO, 1998). Por conseguinte, conhecê-la clarifica o processo de ensino-treino do futsal como um todo.

O CAPÍTULO DOIS foi dedicado à compreensão do volume tático do futsal, aquilo que Sampedro (1997, p.55) denominou como um "[...] conjunto de manobras táticas, combinações e variações que possui a equipe". Ao realizar essa tarefa pudemos ratificar a preocupação de Teodorescu (1984, p. 32) de que "Nos jogos desportivos, o conteúdo da táctica é bastante vasto e difícil de sistematizar e transmitir através de definições". Por extensão, a fim de amenizar a polissemia tática, levantamos um conjunto de pressupostos básicos, que denominamos *pautas estratégico-táticas elementares* e apontamos conteúdos que servem como balizadores do comportamento dos jogadores quando do ataque e da defesa. Os momentos têm o objetivo de enfatizar que o jogo, por se tratar de um confronto, exigirá dos treinadores elevada organização.

O CAPÍTULO TRÊS destina-se a abordagem dos processos cognitivos ocultos na ação tática, mas que não podem passar despercebidos aos treinadores. Certamente, o seu conhecimento ampliará a visão destes últimos e tende a repercutir quando da organização e operacionalização do processo de ensino-treino (RUIZ PÉREZ; AZURRA GABILONDO, 2005).

O CAPÍTULO QUATRO trata de questões metodológicas, no qual caracterizamos o tipo de pesquisa (qualitativa), a amostra (cinco sujeitos, técnicos campeões da Liga Futsal entre os anos de 1996 e 2008), os métodos de coleta e de interpretação dos dados (respectivamente, entrevista semi-estruturada e discurso do sujeito coletivo – DSC).

Isso posto, no CAPÍTULO CINCO apresentamos e discutimos os resultados, que em linhas gerais, evidenciam a visão dos técnicos acerca do comportamento estratégico-tático mais indicado nas diferentes fases do jogo. O ponto de vista destes é explanado ao longo de treze questões, a saber, seis sobre o jogo ofensivo, sendo duas delas sobre a transição ofensiva; seis sobre o jogo defensivo, duas delas sobre a transição defensiva e, por último, uma que aborda a sua inclinação metodológica para ensinar-treinar os comportamentos mencionados.

Convém a ressalva de que em virtude do elevado número de referências bibliográficas na língua espanhola usadas neste estudo, procedemos à tradução livre das citações diretas no corpo do texto, evitando-se, deste modo, uma exacerbação de notas de rodapé.

1 A IDENTIDADE DO FUTSAL E A ANÁLISE DA SUA LÓGICA INTERNA

> Para compreender bem a noção de esporte coletivo, consideramos indispensável enumerar e analisar suas características. Estas definem os esportes coletivos. (BLÁSQUEZ SANCHEZ, 1986, p.22).

1.1 Esporte coletivo

Os esportes coletivos, por sua evolução, desenvolvimento e presença social, ocupam um lugar de destaque na cultura esportiva contemporânea (GARGANTA, 1998; HERNÁNDEZ MORENO, 1999). De particular importância estariam os tidos como clássicos para a sociedade brasileira, como o futebol, o futsal, o basquetebol, o handebol e o voleibol (PAES, 2001; REIS, 1994). Em geral são esses os esportes coletivos estudados nos cursos de Educação Física, ensinados em nossas escolas e clubes, mais repercutidos nacionalmente e mais praticados por sujeitos de distintas idades, em diferentes ambientes e com diferentes objetivos.

Para Teodeorescu (1984, p. 36), essa aprovação social do esporte coletivo no seio da sociedade se deve ao fato de a sua prática "[...] acumular as influências e efeitos positivos do desporto e do exercício físico com as influências e os efeitos *educativos* do jogo". Segundo Bento (2004, p.77), o jogo desportivo se trata de uma rara oportunidade de o homem

> [...] reencontrar e assumir a variedade e naturalidade de acepções do Ser humano. [...] a da humildade resultante do confronto com as dificuldades da sua inabilidade e incapacidade, como fermento para a aceitação de si e dos outros. O jogo desportivo socializa na vitória e na derrota. É uma acção renovadora e enriquecedora, porque permite experimentar acções sem as conseqüências que teriam num acto sério; permite acumular respostas de tipo novo dificilmente atingíveis de outro modo e abordar problemas que normalmente ficariam por tratar [...] O jogo altera e inverte papéis e situações: quem até agora perdeu pode ser em breve o vencedor; quem ganha hoje pode estar seguro de que isso não acontecerá sempre.

Paes e Balbino (2005, p. viii) o vêem como uma "[...] manifestação de múltiplas dimensões do sujeito que joga, originando-se daí metáforas para a vida do cidadão".

Aprovado socialmente e rico simbolicamente, o esporte coletivo tratar-se-ia de

> [...] um processo organizado de cooperação, realizado através da coordenação das acções dos jogadores duma equipa – desenrolado em condições de luta com os adversários – os quais, por sua vez, coordenam as acções para desorganizar a cooperação dos jogadores da primeira equipa. (TEODORESCU, 1984, p.24).

Acrescenta este que essa "luta" traduz uma relação de adversidade típica não hostil (rivalidade desportiva), com a ajuda da bola e manobrada de acordo com regras preestabelecidas. Posição semelhante é sustentada por Garganta (2002, p. 283), para quem os jogos desportivos coletivos seriam aquelas

> [...] actividades desportivas que ocorrem em contextos nos quais os elementos que se defrontam disputam objectivos comuns, lutando para gerir em proveito próprio, o tempo e o espaço, e realizando acções reversíveis de sinal contrário (ataque *versus* defesa) alicerçadas em relações de oposição *versus* cooperação.

Se, por um lado, o seu significado é consensual, por outro lado inexiste, no âmbito internacional, um consenso terminológico a respeito, como demonstrado no QUADRO 1.

QUADRO 1
Sinonímia literal do esporte coletivo

Autores	Datas	Terminologias
Teodorescu	1984	
Bayer	1992	
Oliveira e Tavares	1996	Jogos desportivos coletivos
Garganta	1997	
Bota e Colibaba	2001	
Ardá Suárez e Casal Sanjurjo	2003	
Greco	1998a	Jogos esportivos coletivos
Reis	1994	Jogos coletivos esportivizados
Mahlo	1997	Jogo desportivo
Dietrich, Dürrwächter e Schaller	1984	Jogos esportivos; grandes jogos
Paes	2001	Modalidades coletivas
Rose Junior	2006	Modalidades esportivas coletivas
Blázquez Sánchez	1986	Esportes de equipe
Sampedro	1997	
Gréhaigne	2001	
Bompa	2005	Desporto coletivo
Devis Devis e Peiró Velert	1999	Jogos de invasão

Constitui-se como termo mais recorrente "jogos desportivos coletivos (JDC)". Todavia, excetuando-se as citações literais, usaremos neste estudo a designação esporte coletivo. Esses esportes podem ser analisados sob diferentes perspectivas, desde a sociológica, a energético-funcional, a psicológica, a técnico-tática etc. Contudo, analisaremos sua dimensão estrutural, isto é interna, na medida em que esta se constitui fundamental[4] para o entendimento e a condução do processo de ensino-treino (HERNÁNDEZ MORENO, 1998).

[4] Além da estrutura, Hernández Moreno considera mais dois aspectos fundamentais: as características do indivíduo que aprende e os planejamentos didáticos ou metodológicos.

1.2 Componentes estruturais do esporte coletivo

Dietrich, Dürrwächter e Schaller (1984, p. 1) expressam que "Os jogos esportivos são ações complicadas". Isso se daria, em parte, em função de os esportes coletivos se comporem "[...] de ambiente diversificado em variedades de situações que são proporcionadas pelas regras, delimitação do campo de jogo, técnicas possíveis, elaboração de táticas e estratégias" (PAES; BALBINO, 2005, p. 138) e, igualmente, "[...] porque os jogadores têm que, a um tempo, relacionar-se com a bola e referenciar a situação no terreno de jogo, a posição dos colegas, dos adversários e dos alvos" (GARGANTA, 2004, p.224). Os esportes coletivos trazem em si "[...] interacções que desafiam nossas possibilidades de cálculo; compreende também incertezas, indeterminações, fenómenos aleatórios" (MORIN, 2001, p. 52).

Não obstante essa complexidade, Blázquez Sánchez (1986) refere que a compreensão dos esportes coletivos reclama a identificação e a análise de suas características. Seguramente, Bayer (1992) é um dos autores que melhor explica os componentes estruturais do esporte coletivo. Para ele, antes mesmo do aparecimento do esporte moderno[5] e independentemente da época e da civilização em que se manifestou algum tipo de jogo, seis componentes estruturais (ou invariantes) estiveram presentes: bola, terreno, adversário, meta (para atacar e defender), companheiro e regras. Esses elementos são nomeados por Garganta (1998) de denominadores comuns, num plano geral, dos esportes coletivos. Daolio (2002) atesta que essas invariantes geram a categoria esporte coletivo, na medida em que permitem visualizar uma mesma estrutura de jogo[6] em diferentes esportes (futsal, basquetebol, futebol etc).

Garganta (2002, p. 283) explica que o que "[...] em primeira instância caracteriza os JD é o confronto entre dois oponentes (individuais e coletivos), cujo comportamento é condicionado pelo cumprimento de um regulamento". Esse autor reporta aos esportes coletivos, em particular ao futebol, handebol e basquetebol (e incluiríamos o futsal) as seguintes características:

a) Do ponto de vista energético-funcional, são esportes mistos, ou seja, "[...] fazem apelo a esforços intermitentes, mistos alternados (aeróbico-anaeróbico) e podem ser

[5] Reis (1998) explica que o esporte moderno é um fenômeno sociocultural mundial que surgiu no âmbito da cultura européia, especificamente na segunda metade do século XIX.

[6] Evidentemente que o tipo de bola (peso e dimensão) e a forma de jogá-la, as dimensões e demarcações (linhas) do campo (terreno), o número de adversários e a relação com estes, o tipo de meta (seu local e tamanho), o número de companheiros e a relação com estes e as especificidades das regras serão distintas entre os chamados esportes coletivos.

considerados actividades de resistência, em regime de velocidade, de força" (GARGANTA, 1998, p. 17).

b) Do ponto de vista técnico-tático, "[...] em todos estes jogos existe luta directa pela posse da bola, há invasão do meio campo adversário e as trajectórias predominantes são de circulação da bola" (GARGANTA, 1998, p. 17).

Outros que se preocuparam em listar características dos esportes coletivos foram Teodorescu (1984) e Bota e Colibaba[7] (2001). Para esses autores, aqueles se caracterizam por (1) ser uma disputa competitiva complexa, (2) exigir a presença obrigatória de uma arbitragem neutra, (3) limitar a duração do jogo, (4) apontar critérios de avaliação (gols, pontos), (5) padronizar bolas, equipamentos e as dimensões do campo, (6) abarcar técnica e tática específicas, (7) possuir organização em âmbitos nacional e internacional, (8) contemplar teoria e metodologia do treino geral e específica para cada esporte, (9) proporcionar o espetáculo esportivo (beleza), (10) demandar uma administração esportiva específica.

Evidentemente que os esportes, ainda que coletivos, guardam entre si distinções, o que, inevitavelmente, nos conduz a diferentes classificações.

1.3 Classificação dos esportes coletivos

Hernández Moreno (1998) esclarece que a atitude de classificar os esportes é relevante na medida em que isso permite, do ponto de vista teórico, analisá-los e diferenciá-los e lhes estabelecer definições e delimitações profundas. Do ponto de vista prático, permitiria o encadeamento de estratégias, de projetos de atuação, ou seja, demarcaria caminhos por onde transitar.

Para esse autor, no campo específico, as distintas classificações dos esportes permitem, sobretudo "[...] analisar as distintas estruturas e lógica interna destes e com isso estabelecer quais podem ser seus processos de ensino e de treinamento" (HERNÁNDEZ MORENO, 1998, p. 17). Vê-se, portanto, que para o autor o processo de ensino dos esportes somente poderia ser conduzido adequadamente se a estrutura destes fosse considerada.

Dentre as classificações disponíveis na literatura, a de Hernández Moreno (1998) recebeu influência da *classificação dos jogos desportivos* de Parlebas que, sumariamente,

[7] Esses autores atualizaram a lista de características propostas por Teodorescu (1984).

considera toda situação motora como um sistema de interação global entre um sujeito atuante, o meio físico e o (s) outro (s) eventual (is) participante (s). Por conseguinte, o fator chave presente em toda situação é a noção de incerteza (ou variabilidade), o que dá à dimensão informacional um alto valor nessa classificação. A variabilidade pode estar no meio, que pode proporcionar ao sujeito atuante um elevado grau de incerteza (uma escalada, por exemplo) ou provocar nenhuma incerteza (por exemplo, salto com vara). Quando a variabilidade (ou incerteza) estiver no (s) outro (s), três situações distintas devem ser consideradas: (1ª) se o outro for um adversário, a relação é de oposição (como no judô); (2ª) se o outro for um ou mais companheiros, a relação é de cooperação (como na ginástica rítmica); se o outro for adversários e companheiros, a relação é de cooperação-oposição (como no futsal).

Essa conjectura fez com que Parlebas estabelecesse dois grandes grupos para os esportes: psicomotores (quando a atuação do sujeito é solitária) e sociomotores (quando atuação do sujeito é com outro ou outros).

Hernández Moreno (1998, p.30), com o objetivo de desenvolver os esportes de equipe jogados em espaços padronizados, acrescenta à classificação de Parlebas dois novos critérios: o uso do espaço e a forma de participação dos jogadores, conforme mostra a FIGURA 1.

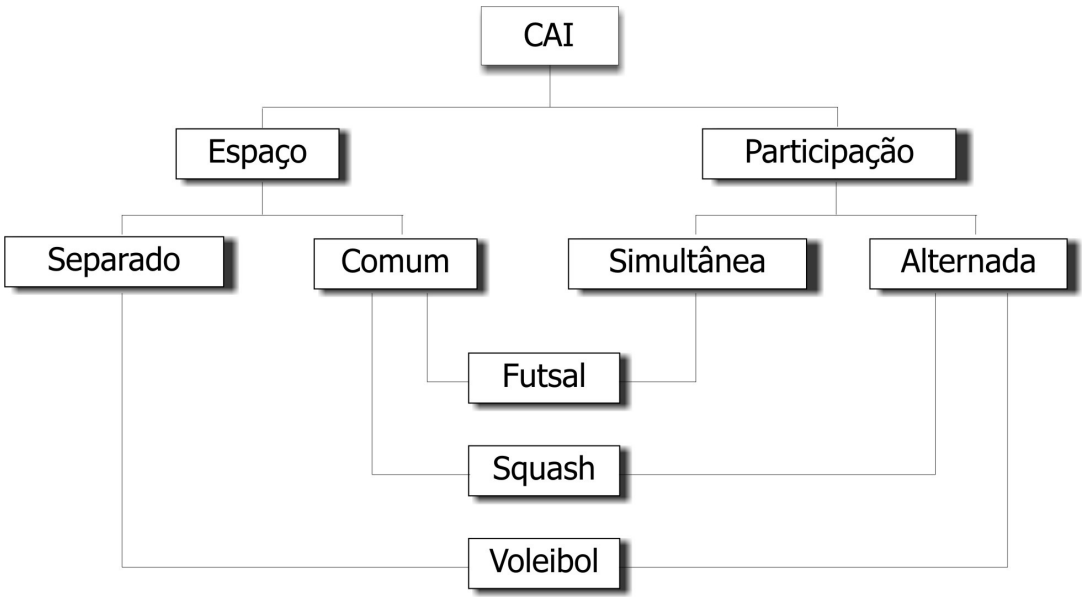


FIGURA 1 – Interação entre companheiros e adversários em esportes de cooperação-oposição quanto ao espaço e à participação.
Fonte: HERNÁNDEZ MORENO, 1998, p. 30.

Vê-se que a aplicação dos novos critérios aos esportes de cooperação-oposição, cuja principal característica está no fato de a ação de jogo ser resultante das interações entre os participantes, coloca o futsal entre os esportes desenvolvidos num espaço comum e com participação simultânea dos jogadores.

Isso posto, passamos a apontar a identidade do futsal.

1.4 Identidade do futsal

A julgar pela classificação de Hernández Moreno (1998), a identidade do futsal ficaria momentaneamente assim constituída: trata-se de um esporte de cooperação-oposição, jogado num espaço comum, com a participação simultânea dos jogadores sobre a bola.

Todavia, julgamos oportuno acrescentar dois traços fundamentais dos esportes coletivos, levantados por Garganta (1998), que se aplicam quando do assentamento de uma identidade para o futsal: o apelo à *cooperação* e à *inteligência*.

No primeiro caso, o autor explica que

> Para cooperar e levar de vencida a oposição dos adversários dever-se-á desenvolver nos praticantes o espírito de colaboração e entreajuda, podendo o jogo constituir-se num campo privilegiado para que os praticantes exprimam sua individualidade, manifestem as suas capacidades e simultaneamente aprendam a subordinar interesses pessoais aos interesses da equipa. (GARGANTA, 1998, p.11).

No segundo caso, entende inteligência (para o esporte) como "[...] a capacidade de adaptação a novas situações, isto é, enquanto capacidade de elaborar e operar respostas adequadas aos problemas colocados pelas situações aleatórias e diversificadas que ocorrem no jogo (noção de adaptabilidade)" (GARGANTA, 1998, p.12). Essa opinião é compartilhada por Mombaerts (2000, p.217), para quem o jogador "[...] sempre enfrenta a altos níveis de incerteza, que deve controlar constantemente, e a modificações que tem que se adaptar".

O traço de inteligência levantado por Garganta pode ser mais bem entendido quando retomamos o fato de o futsal ser um esporte de cooperação/oposição e ter a interação como a principal característica.

Por conseguinte, com

> [...] a finalidade de orientar as suas acções no campo de jogo, os jogadores devem ser capazes de percepcionar de diversas formas a situação do meio [...] e relacioná-las com a sua própria actividade [...] o objectivo de cada adversário é o de produzir acções com a finalidade de transformar, momentânea ou definitivamente, a relação de oposição de forma vantajosa. (TAVARES, 1998, p.35).

De fato, os esportes coletivos "[...] ocorrem num contexto permanentemente variável de oposição e cooperação [...] cuja freqüência, ordem cronológica e complexidade não podem, portanto, ser determinadas antecipadamente" (GARGANTA, 2002, p. 283). Por extensão, seguindo a linha de raciocínio do autor, aqueles devem ser vistos em face dessa complexidade "[...] decorrente não apenas do número de variáveis em jogo, mas também da imprevisibilidade e aleatoriedade das situações que se apresentam aos jogadores".

Infere-se que será exigida dos jogadores uma forte demanda sobre os chamados processos perceptivo-cognitivos, relacionados à percepção, análise e tomada de decisão[8] sobre "o que fazer" numa determinada situação de jogo (MAHLO, 1997; PAULA; GRECO; SOUZA, 2000; TAVARES, 1998). Incontestavelmente, o jogador de futsal "[...] a todo o momento [...] deverá estar tomando decisões em função dos seus companheiros de equipe e de seus oponentes" (RIBAS, 2005, p. 104).

É inevitável sublinhar nos conceitos sobre o esporte coletivo de Bayer (1992), Garganta (1998), Hernández Moreno (1998), Teodorescu (1984) a palavra cooperação (operar junto). Diríamos que esta subsidia suas assertivas. Implica comprender "[…] que todo jogador, no seio da equipe e em função do objetivo comum preestabelecido anteriormente, deve ajudar seus companheiros e se *comunicar* com estes" (BAYER, 1992, p. 55). Parece-nos possível agora, definitivamente, atribuir uma identidade para o futsal.

QUADRO 2
A identidade do futsal

Esporte de cooperação-oposição
Jogado num espaço comum
Exige a participação simultânea dos jogadores sobre a bola
De forte apelo à cooperação e à inteligência

Fonte: Adaptado de GARGANTA, 1998; HERNÁNDEZ MORENO, 1998.

Isso posto, nos cabe avançar para o entendimento da sua lógica interna.

[8] Cf. no capítulo 3 deste estudo os processos cognitivos implicados na ação tática.

1.5 A lógica interna ou a estrutura funcional do futsal

Para dar conta de explicar a estrutura funcional do futsal nos apoiamos na Praxiologia Motriz[9], em virtude de esta ciência se dedicar "[…] ao estudo sistemático das condições e normas que regem a ação ou as práxis humanas" (HERNÁNDEZ MORENO[10], 1998, p. 168). Parlebas (1998, p. 357) refere que os conhecimentos praxiológicos explicam de fato "[...] as modalidades de funcionamento das situações motrizes sujeitas a normas e obrigações de todo tipo". Uma situação motriz, segundo esse autor, comporta um "Conjunto de elementos objetivos e subjetivos que caracterizam a ação motriz de uma ou mais pessoas que, num meio físico determinado, realizam uma tarefa motriz" (PARLEBAS, 1998, p.423). Por conseguinte, uma situação motriz se trata, por exemplo, de um jogo de futsal.

O ponto de partida dessa teoria "[...] consiste em estudar e entender a essência dos jogos e esportes, independentemente dos seus atores e contexto" (RIBAS, 2005, p. 103). Essa essência focaria em particular o estudo e compreensão da lógica interna dos esportes, isto é, dos seus traços característicos. Trata-se, sobretudo, de uma área que "[...] apresenta um criterioso olhar sobre jogos e esportes" (RIBAS, 2005, p. 110).

A lógica interna do futsal pode ser explicada a partir de seis parâmetros configuradores ou estruturas básicas (BLÁZQUEZ SÁNCHEZ, 1986; HERNÁNDEZ MORENO, 1998). O primeiro autor se refere ao espaço de jogo, à estratégia, à comunicação motriz e às limitações regulamentares. O segundo acrescenta a estas, a técnica ou modelos de execução e o tempo desportivo.

Para Blázquez Sánchez (1986, p. 22) todos esses elementos "[...] podem ser úteis para ajudar a construir e regular ações que permitam [...] a compreensão da lógica interna do jogo, assim como ser o ponto de partida para a ação motriz[11]" ou esportiva.

Faremos uma incursão por cada um desses parâmetros relacionando-os com o jogo de futsal. Propositalmente, a seguinte ordem foi estabelecida: espaço de jogo, tempo esportivo, comunicação motriz, regras (limitações regulamentares), técnica e estratégia. O estudo

[9] Ciência idealizada por Pierre Parlebas, no final da década de 1960. Para Ribas (2002), Parlebas foi buscar o objeto de estudo da Praxiologia (a Ação Motriz) na teoria da Ação Social, do sociólogo norte-americano Talcott Parsons. O outro caminho se refere à criação das bases do conhecimento praxiológico que tem a ver com o Estruturalismo (está vinculado a aspectos essenciais de questões de sociologia e antropologia), Semiologia e Linguística. Parlebas quer com isso construir uma "gramática dos jogos".

[10] Segundo Ribas (2002), Hernández Moreno foi quem levou e discutiu as primeiras histórias da praxiologia para a Espanha e também é um dos principais responsáveis pela divulgação deste conhecimento e formação de novos investigadores.

[11] Para Hernández Moreno (1998), o mesmo que ação esportiva, lúdica ou expressiva. Parlebas (1998) exemplifica ações motrizes: a luta entre esgrimistas, manobras aplicadas por um velejador, crianças jogando basquetebol ou o jogo do "caçador".

inicial dos três primeiros parâmetros (espaço, tempo e comunicação) antes de regras, nos permitiu introduzir ao leitor a compreensão parcial destas últimas, na medida em que foi possível explicar algumas de suas particularidades, como as características e dimensões do espaço de jogo, as formas de utilizá-lo, o tempo total de jogo, assim como sua divisão e controle.

1.6 O futsal do ponto de vista do espaço esportivo

No que se refere ao parâmetro espaço, este deve ser compreendido na sua faceta regulamentar e na estratégica. Iniciaremos pela primeira.

Hernández Moreno (1999, p. 293) afirma que a ação de jogo nos esportes "[...] tem a origem de sua organização num espaço definido e limitado que a serve de suporte". O autor qualifica isso de "espaço de jogo esportivo", o qual estaria determinado nos regulamentos esportivos.

No que se refere ao futsal, o espaço de jogo é padronizado, isto é, não se movimenta, não causa incerteza para o praticante. Trata-se de "[...] um espaço rigorosamente quantificado e totalmente conhecido a priori [...] que não representa nenhum tipo de incerteza para o participante" (HERNÁNDEZ MORENO, 1998, p. 63).

Entretanto, sua dimensão pode variar. A quadra, que se trata de um retângulo, deve respeitar o comprimento mínimo de 25 metros e máximo de 42 metros e uma largura mínima de 15 metros e máxima de 22 metros. Porém, para a Liga Futsal e para partidas internacionais, deverá ter um comprimento mínimo de 38 metros e uma largura mínima de 18 metros; para partidas nacionais da categoria adulta, o comprimento mínimo será de 36 metros, mantendo-se a largura mínima de 18 metros; para jogos das categorias Sub-20, Sub-17 e Sub-15, o comprimento mínimo será de 34 metros e a largura mínima de 17 metros.

Suas linhas demarcatórias, na lateral (maiores) e no fundo (menores), independentemente do âmbito, se nacional ou internacional, deverão estar afastadas 01 (um) metro de qualquer obstáculo, como rede de proteção, tela, grade ou parede. Em futsal, essas linhas, que são separações parceladas (HERNÁNDEZ MORENO, 1998), integram e pertencem à quadra de jogo.

Há outras demarcações, como nos mostra a figura 2.

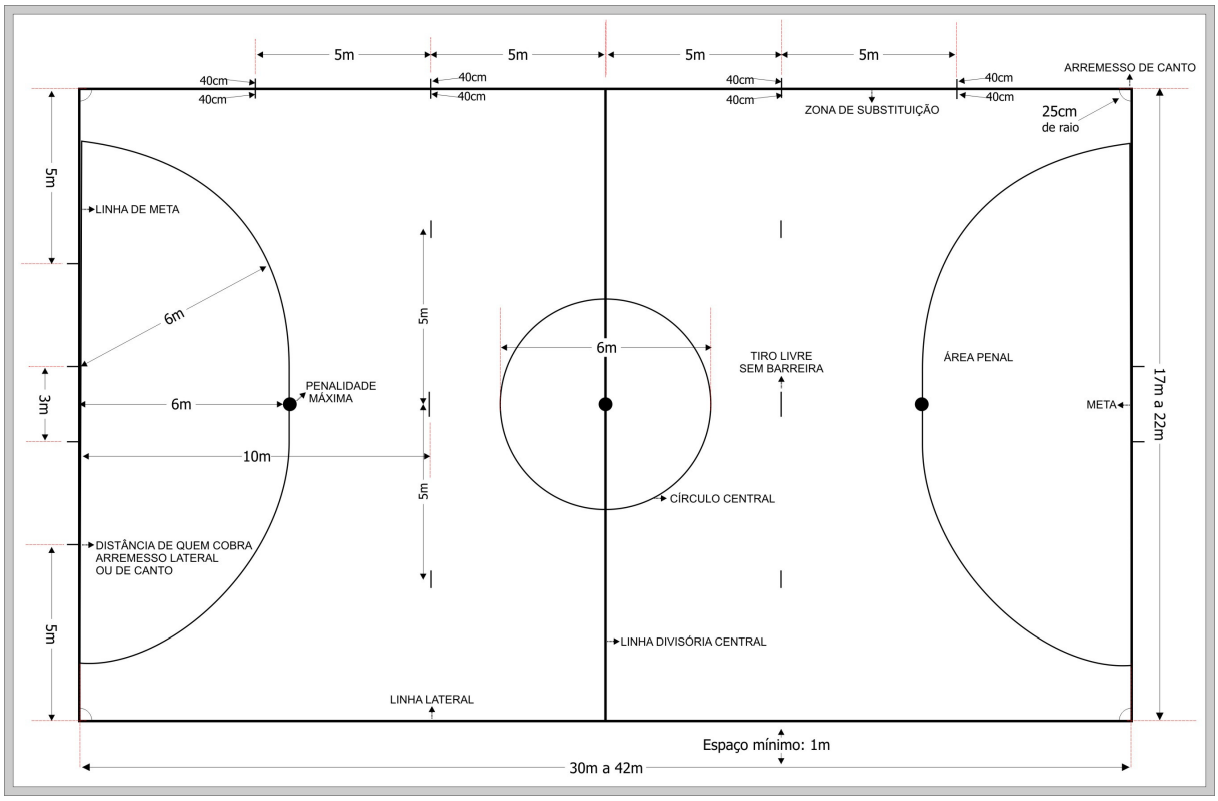


FIGURA 2 – Espaço de jogo do futsal
Fonte: CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL DE SALÃO, 2008, p.53.

Blázquez Sánchez (1986, p. 23) explica que estes subespaços, áreas e zonas "[...] possuem características peculiares que modificarão e determinarão as condutas motrizes dos jogadores". Hernández Moreno (1998, p. 127) argumenta que essas separações parceladas do espaço de jogo "[...] determinam a lógica interna das ações de jogo, já que pré-estruturam em grande medida o campo de percepção e da ação".

Como exemplo de possíveis decorrências das demarcações do futsal sobre a conduta dos jogadores, Ardá Suárez e Casal Sanjurjo (2003, p. 55) destacam que o espaço reduzido sinaliza para iminentes finalizações ao gol, o que, por um lado, "[...] condiciona as dimensões da meta para que o goleiro possa ter êxito em suas ações" e por outro lado exige dos atacantes, "[...] para terem êxito, que o lançamento seja fundamentalmente de precisão".

Resta saber, do ponto de vista regulamentar, de que formas os jogadores de futsal podem ocupar o espaço de jogo:

- Quando da saída de bola para se iniciar e reiniciar o jogo, os jogadores da equipe que tem a posse da bola devem se colocar, todos, na sua meia-quadra. Os adversários devem se posicionar, todos, na sua meia-quadra, fora do círculo central.

- Com a bola em jogo, podem invadir a meia-quadra do adversário.

- Para a reposição de bola quando de laterais, faltas e escanteios, devem respeitar a distância regulamentar de 5 metros.

- Quando da reposição de bola de arremesso de meta, o jogador pode se posicionar onde quiser, porém nenhum jogador poderá tocar na bola, sem que se cometa uma infração[12], enquanto esta não ultrapassar as linhas demarcatórias da área de meta.

Já em relação ao âmbito estratégico-tático do espaço esportivo devemos considerar que "Cada jogador compartilhará este espaço com seus companheiros para lutar contra os adversários na conquista do território destes ou em defesa de seu próprio" (BAYER, 1992, p. 37). Há, portanto, espaços a conquistar e outros para defender, o que implica admitir que em futsal o espaço esportivo seja, simultaneamente, padronizado, comum e dinâmico. Constitui-se comum na medida em que todos podem compartilhá-lo simultaneamente; dinâmico por (a) permitir o deslocamento dos jogadores por todas as direções, inclusive o goleiro, (b) em função de exigir uma disputa territorial e, (c) ao demandar que o jogador atue em interação com os demais[13], gerar decorrências como a aleatoriedade e a variabilidade de ações de jogo.

Bayer (1994, p. 40) explica que dessa forma

> [...] cada jogador se encontra confrontado com espaços dinâmicos funcionalmente reunidos entre eles, que se carregam dum sentido particular trazido por ele em função da evolução e desenvolvimento do jogo e que vão condicionar a sua colocação e a sua situação no terreno, para poder agir.

Vejamos algumas declarações que ratificam o impacto do espaço esportivo na concepção de jogo e, por conseguinte, no comportamento técnico-tático dos jogadores.

Chaves Chaves e Ramírez Amor (1998, p.72) atestam que o fato de o futsal ter como uma de suas principais características a escassez de espaço[14], faz com que o ataque tenha

---

[12] Neste caso, o arremesso de meta deve ser repetido.

[13] Hernández Moreno (1999) qualifica de espaço sócio-motor a combinação do espaço social do território com o espaço multiforme e cambiante da interação motriz.

[14] A princípio, esta afirmação pode soar estranha, pois uma quadra de 40x20 metros, comum em jogos de futsal, traduz 800m^2 de terreno. Porém, a escassez de espaço se dá em função de os jogadores atuarem simultaneamente sobre a bola e em geral compartilhar meia-quadra (de forma recorrente, o campo ofensivo de quem tem a posse de bola). Cf. figura 3.

de primar pela rotação dos jogadores (ataque rotacional[15]), ou seja, a rotação seria o antídoto para a falta de espaço. Desta forma, "A idéia é a de que devemos lutar pelo espaço vazio significativo (pontos de finalização), obrigando aos defensores a reajustar continuamente as marcações e fechar as possíveis linhas de passe". Por outro lado, além da necessária rotação, a falta de espaço condicionaria os jogadores a se posicionarem em geral muito próximos uns dos outros e, consequentemente, incitaria o jogo de transição, pois há um perigo iminente de que aqueles migrem de situações defensivas para ofensivas (contra-ataque) e vice-versa (retorno defensivo).

Castelo (1999) atesta que saber ocupar e explorar o espaço é fundamental para atender à variabilidade das situações momentâneas de jogo, tanto ofensiva quanto defensivamente. Salienta o autor que quando uma equipe se encontra na posse da bola

> [...] a eficácia de execução de suas ações individuais e coletivas para conseguir os objetivos de ataque passa, inevitavelmente, pela criação e exploração dos espaços livres, enquanto que para a equipe sem bola, a eficácia de suas ações individuais e coletivas passa pelo objetivo de restringir e vigiar os espaços vitais de jogo [...] toda dinâmica de execução técnico-tática individual e coletiva que encerra em si a lógica do jogo é focalizada e canalizada nesse elemento estrutural. (CASTELO, 1999, p. 50).

Por sua vez, Ardá Suárez e Casal Sanjurjo (2003) citam como a característica espacial mais pontual do futsal – em função das dimensões reduzidas, do regulamento e da dimensão estratégica – a de que as ações de jogo se desenvolvem, recorrentemente, no mesmo espaço.

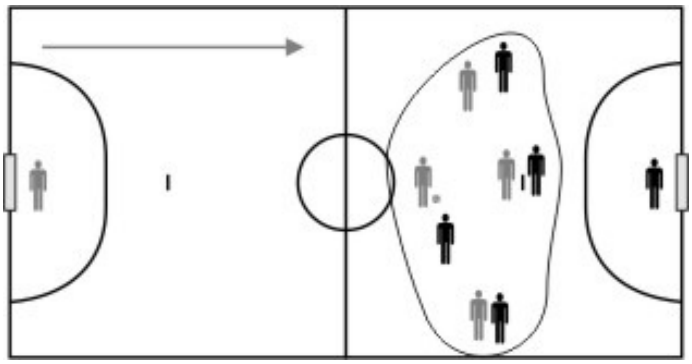


FIGURA 03 – Delimitação do centro de jogo no futsal.
Fonte: ARDÁ SUÁREZ; CASAL SANJURJO, 2003, p. 52.

[15] Trata-se de um ataque realizado 4x4, caracterizando-se por um conjunto contínuo de desmarcações – a troca coordenada de posições entre mais de dois jogadores, no qual são empregados diversos recursos motores para induzir o adversário ao erro.

Quer isso dizer que

> [...] os jogadores sempre estão no centro do jogo, ou seja, a todo instante qualquer jogador tem a possibilidade de intervir sobre a bola; todos os jogadores se encontram num espaço útil e seus comportamentos estão orientados à consecução da finalidade do jogo, marcar o gol. (ARDÁ SUÁREZ; CASAL SANJURJO, 2003, p.51).

Outro ponto levantado pelos autores diz respeito ao fato de o futsal ser jogado numa superfície lisa e regular, o que fomentaria "[...] a utilização do passe de precisão facilitando o domínio coletivo da bola e a construção de um ataque elaborado ou posicional" (ARDÁ SUÁREZ; CASAL SANJURJO, 2003, p.54).

Garganta (1998) acrescenta que a estruturação do espaço, ou seja, a busca pela sua ocupação inteligente, é um dos principais indicadores do nível de jogo dos participantes e, por isso, deve ser considerado desde as fases iniciais do processo de ensino-treino dos esportes coletivos.

1.7 O futsal do ponto de vista do tempo esportivo

Para Hernández Moreno (1998, p. 66), o parâmetro tempo "[...] marca, de alguma maneira, o que o esporte é como estrutura". De que modo isso aconteceria no futsal? Por um lado, é possível analisar a sua faceta "fixa", pois se tratam de medidas regulamentares. De outro lado, é possível deliberar sobre a sua influência sobre as condutas dos jogadores (ARDÁ SUÁREZ; CASAL SANJURJO, 2003), o que configuraria o âmbito estratégico-tático. Iniciaremos por aquela.

O regulamento do futsal prevê para todas as categorias, tanto no masculino como no feminino, que o tempo de duração de uma partida será cronometrado, divididos em dois períodos iguais e com tempo de 10 minutos para descanso entre os períodos[16]. Entretanto, a duração dos períodos é diferente:

- Para a categoria principal (adulto), a Sub-20 e a Sub-17, o tempo será de 40 (quarenta) minutos, dividido em dois tempos de 20 (vinte) minutos.

[16] No caso de tempo suplementar, haverá um período de descanso de cinco minutos entre o final do 2º período e o início da prorrogação, sem intervalo de tempo entre os períodos desta última.

- Para a categoria Sub-15 será de 30 (trinta) minutos, dividido em dois tempos de 15 (quinze) minutos.

- Para as outras categorias, em suas faixas de idade, a federação poderá determinar ou homologar a fixação de tempo especial de duração da partida[17].

Para as bolas paradas, como os arremessos laterais, de canto, de meta, tiros livres diretos e indiretos, penalidades máximas, saída de bola deve ser respeitado o tempo máximo de quatro segundos.

Quando da expulsão de jogador, que é definitiva para este último e temporária para a equipe, o tempo para recomposição de outro jogador é de dois minutos transcorridos ou caso a equipe sofra um gol antes disso. Entretanto, há um conjunto de situações particulares[18] previstas em regra que deve ser respeitado.

Aos treinadores é permitido o pedido de um tempo técnico por período de jogo com duração de 01 (um) minuto; o tempo não pedido pelo treinador quando do 1º período não é acumulativo para o 2º. Em caso de prorrogação, os treinadores não têm direito ao pedido de tempo técnico.

Por outro lado, é possível analisar a dimensão temporal do futsal relacionada ao ritmo das condutas estratégicas, que segundo Castelo (1999, p.56) consiste "[...] no maior ou menor número de ações individuais e coletivas, na velocidade de execução destas e nas zonas do terreno de jogo em que estas se desenvolvem numa unidade de tempo".

Quer isso dizer que o tempo é um condicionante da estratégia/tática, pois intervém "[...] de uma maneira crucial devido fundamentalmente ao fato que a limitação temporal se impõe para que uma conduta tenha eficácia" (HERNÁNDEZ MORENO, 1998, p. 68). O que implica em aceitar o fato de que "[...] quanto mais tempo tenham os jogadores para perceber, analisar e executar suas ações técnico-táticas, menor será a possibilidade de que cometam erros, pois terão encontrado a solução mais adaptada à situação tática" (CASTELO, 1999, p. 55).

---

[17] Por exemplo, no estado do Paraná, os jogos das categorias sub-13, 11 e 9 têm duração de 20 minutos, divididos em dois períodos de 10 minutos.

[18] Se dois da mesma equipe forem expulsos e a equipe sofrer um gol, volta um destes e o outro após dois minutos ou caso a equipe sofra outro tento; se dois da mesma equipe forem expulsos simultaneamente e a equipe não sofrer gols, a recomposição será após dois minutos; quando dois jogadores, um de cada equipe, forem expulsos ao mesmo tempo, as recomposições somente poderão ser após dois minutos; quando um jogador é expulso e antes de a sua equipe sofrer gol ou transcorridos dois minutos, um jogador da outra equipe é expulso, as recomposições somente poderão ser feitas passados dois minutos de cada expulsão; quando quatro jogadores, dois de cada equipe, forem expulsos ao mesmo tempo, as recomposições somente poderão ser feitas passados dois minutos; quando três jogadores, dois de uma equipe e um da outra forem expulsos, a equipe com menos jogadores, caso sofra um gol antes dos dois minutos, pode recompor um jogador. As outras recomposições apenas depois de dois minutos. Porém, se a equipe com mais jogadores sofrer um ou mais tentos, a recomposição somente poderá se realizar após dois minutos.

Por conseguinte, em se tratando do jogo de futsal, que tende a concentrar os jogadores no centro do jogo, isso, de se ter muito tempo para decidir, é realmente pouco provável, pois as ações individuais e coletivas, ainda que não condicionadas na maior parte dos casos[19] a um limite de tempo do jogador com a bola, são freqüentemente rápidas[20]. Outro constrangimento sobre o tempo de decisão dos jogadores é o espaço de dimensões reduzidas, que, estrategicamente, permite às equipes pressionem a bola e os adversários independentemente do local da quadra (CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998).

A narrativa anterior sinaliza para a relação de interdependência entre tempo e espaço, ratificada por Castelo (1999) e Ardá Suárez e Casal Sanjurjo (2003). Logo, quanto maior o espaço, mais difícil de imprimir pressão sobre o adversário e mais tempo para ele decidir o que fazer; quanto menor o espaço, mais fácil de imprimir pressão sobre o adversário e menos tempo para ele decidir o que fazer.

Portanto, se constitui em tarefa da equipe "[...] proporcionar ao jogador a possibilidade de atuar livre no espaço, sem pressão do adversário, isto é, com espaço para que aumente o tempo que dispõe para encontrar soluções ao seu projeto de ação" (ARDÁ SUÁREZ; CASAL SANJURJO, 2003, p. 30). Significa dizer que o tempo, no âmbito estratégico do futsal, é um imperativo e exige, antes de tudo, a atitude de aprender a "[...] atuar com antecedência, ou seja, adiantar-se ao acontecimento antecipando suas conseqüências. Adiantar-se ao tempo do outro" (PARLEBAS, 1998, p. 447).

1.8 O futsal do ponto de vista da comunicação motriz

A comunicação motriz está diretamente relacionada à interação ou relação entre os participantes (HERNÁNDEZ MORENO, 1999). Para Parlebas (1998, p.81), nos esportes coletivos esta operação "[...] iniciada por um ou vários participantes, favorece diretamente a realização da tarefa[21] de outro ou de outros jogadores".

A comunicação trata, portanto, do conceito de "jogar com", uma das características específicas dos esportes coletivos. Isso supõe a adoção por parte da equipe de um

[19] Exceção feita ao goleiro na sua meia-quadra, que tem de respeitar o limite máximo de quatro segundos de posse de bola.
[20] Hernández Moreno (1998) estimou em 14 segundos a média de tempo de pausa e de participação no futsal; Chaves Chaves e Ramírez Amor (1998) monitoraram o tempo de duração do ataque rotacional em equipes espanholas da Divisão de Honra e da Divisão de Prata, de 20 a 40 segundos.
[21] Parlebas (1998, p.441) explica que as equipes de esportes coletivos constituem um grupo com uma tarefa a realizar e que "[...] a eficácia com que elas conseguem fazer isso se 'resume', ao final do encontro, nas pontuações de ambas as equipes".

referencial comum, isto é, de "[...] uma organização colectiva que permite a cada um assinalar-se e situar-se face aos outros, e de comunicar com seus companheiros, o que significa a elaboração duma linguagem comum que vai facilitar a compreensão dos outros" (BAYER, 1994, p. 67).

Blázquez Sánchez (1986, p. 32) acrescenta que a comunicação no seio dos esportes coletivos se trata de uma "[...] comunicação insólita, na medida em que palavras não são utilizadas, nem uma transmissão verbal de informações, mas, sem dúvida, é uma autêntica comunicação".

Hernández Moreno (1998) enfatiza que o comportamento dos jogadores e, consequentemente, as ações de jogo, dependem, em larga medida, da comunicação que o tipo de esporte lhes permite estabelecer. Para este, no caso do futsal, todo comportamento, por exemplo, o passe, um chute no gol, o deslocamento defensivo, é portador de um significado. Por extensão, pode-se afirmar que os jogadores de futsal são "comunicantes", na medida em que

> […] devem estar constantemente ajustando seus comportamentos uns aos outros. Isto os obriga a tratar de prevenir onde estarão e que farão os demais participantes, isso faz que os jogadores tenham que estar em constante antecipação e tenham que prever e predizer, para de esta forma poder responder adequadamente às solicitações de seus companheiros e às ações de seus adversários. (HERNÁNDEZ MORENO, 1998, p. 79).

Ao nosso juízo, há três pontos desta última assertiva que não podem passar despercebidos: (1º) a comunicação não é apenas verbal, como costumeiramente se atribui, mas também não-verbal (gestual). Blázquez Sanchez (1986, p. 32) adverte que "[...] a palavra não é o meio normal de expressão do esportista quando está sobre o terreno de jogo"; (2º) o jogo de futsal exige de quem joga um comportamento ancorado em processos perceptivo-cognitivos, isto é, de percepção, análise (antecipação) e tomada de decisão (BIANCO, 2006; GRECO, 1998a; MAHLO, 1997). Parlebas (1998, p. 448) refere que, por isso, é importantíssimo decodificar "[…] o comportamento do adversário quando este ainda se encontra em seu início. Decodificar os comportamentos dos demais jogadores é tentar ler o futuro"; (3º) De que "[...] partindo do modelo gestual ou verbal, cada jogador pode comunicar-se com todos, dado que os canais de comunicação são todos utilizáveis e por todos os jogadores" (HERNÁNDEZ MORENO, 1998, p.77).

Para Hernández Moreno (1998) e Sampedro (1999), ao se relacionar com os companheiros e com os adversários, os jogadores estabelecem uma comunicação motriz de tipo essencial[22] direta e indireta.

A comunicação direta são as ações claramente observáveis e identificáveis, como as marcações, os passes, chutes etc.

A comunicação indireta diz respeito às ações que preparam ou favorecem a comunicação direta, como as fintas para receber a bola, os gestos que combinam jogadas ensaiadas etc.

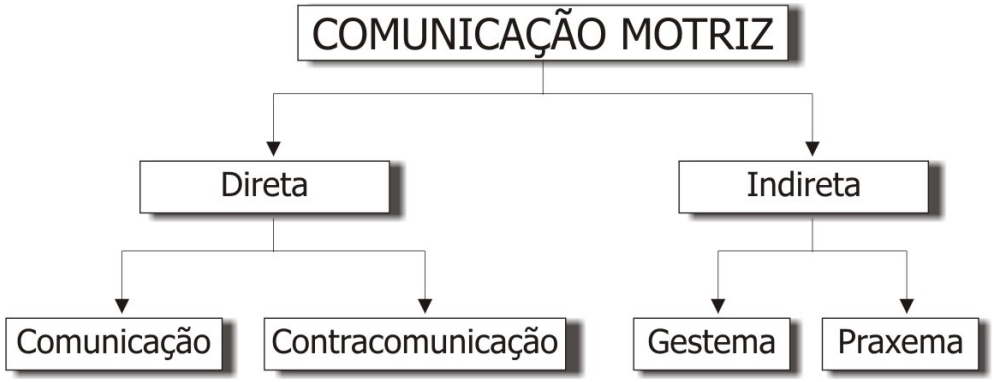


FIGURA 04 – Tipos de comunicação no futsal.
Fonte: Adaptado de HERNÁNDEZ MORENO, 1998.

A comunicação direta constitui as chamadas redes de comunicação[23] e contra comunicação[24]. Tais redes, considerando os dispositivos regulamentares, "[...] constituem uma fonte de discriminação própria do jogo esportivo dado que nos determinam os tipos de interação motriz que podem se dar na ação de jogo" (HERNÁNDEZ MORENO, 1998, p. 78).

A comunicação indireta se materializa a partir da produção de gestemas e de praxemas**.** Esses códigos constituem comunicações do tipo não-verbal. Enquanto os *gestemas* se articulam pela produção de gestos convencionais, como por exemplo, levantar a mão para

[22] Segundo Sampedro (1997), a interação motriz essencial seria toda relação motriz que participa de forma constitutiva para o cumprimento instrumental da tarefa e que é realizada pelos jogadores, respeitadas as regras do jogo. Esses jogadores deveriam estar imersos numa mesma situação motriz, na qual interagissem num espaço e tempo comuns e com uma participação simultânea. Hernández Moreno (1998) refere-se também à interação práxica (ou motriz) não essencial. Por exemplo, as dicas do treinador e a manifestação do público.

[23] Estabelecida entre companheiros de equipe. Por exemplo, um passe. Tratar-se-ia de uma comunicação positiva. (BLÁZQUEZ SÁNCHEZ, 1986).

[24] Estabelecida com o adversário. Por exemplo, um desarme. Tratar-se-ia de uma comunicação negativa. (BLÁZQUEZ SÁNCHEZ, 1986).

solicitar uma jogada ou para pedir a bola, os *praxemas* exigem do jogador um comportamento motor, como por exemplo, desmarcar-se para receber a bola a fim de finalizar a gol. Para Hernández Moreno (1998) é exatamente esta associação entre um significado comportamental (fintar para receber a bola) e um significado tático (objetivo de finalizar a gol) o que constitui um *praxema.*

Num esporte como o futsal, em que os jogadores compartilham o mesmo espaço e podem participar simultaneamente sobre a bola, a comunicação direta, evidentemente, é a mais visível. Porém, os *gestemas* (gestos convencionais, mímicas) e os *praxemas* (comportamento motor com objetivo tático) transformam-se em códigos que têm o poder de influenciar na eficácia da comunicação e da contra comunicação, ou seja, eles devem ser produzidos de modo que "[...] sejam facilmente interpretados por seus companheiros e incompreensíveis ou de difícil interpretação para os adversários" (HERNÁNDEZ MORENO, 1998, p. 81).

Parlebas (1998, p.85) explica que

> A comunicação práxica indireta é muito menos espetacular e frequentemente menos notada que a comunicação práxica direta. Porém, é ela quem faz possíveis e eficazes, mediante a colocação em jogo do conjunto de seus atos de pré-ação (jogo sem bola, condutas de aproximação ou de desvio…), os comportamentos diretos de comunicação e contra comunicação motrizes (passes, lançamentos…).

Garganta (1998) chama a atenção para o fato de que a comunicação, segundo o nível de jogo dos jogadores, sofre uma evolução ao longo do processo de ensino-treino dos esportes coletivos, rumando do abuso da verbalização para a prevalência de uma comunicação motora.

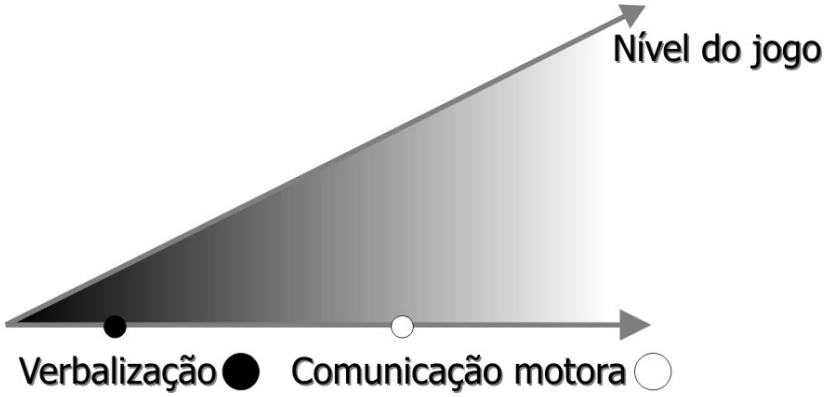


FIGURA 05 – Evolução da comunicação segundo o nível de jogo.
Fonte: Adaptado de GARGANTA, 1998.

Para o autor, o abuso da comunicação verbal denota um fraco nível de jogo. Neste, os jogadores aglomeram-se em torno da bola e a querem somente para si, não procuram espaços para facilitar o passe do colega que tem a bola, não defendem, estão sempre a falar para pedir a bola ou criticar os colegas, não respeitam as decisões do árbitro. Por outro lado, a prevalência da comunicação motora expressa um bom nível de jogo, no qual os jogadores fazem correr a bola, afastam-se do colega que a tem, dirigem-se para espaços vazios no sentido de recebê-la, de posse da mesma lêem o jogo, criam linhas de passe, não esquecem o objetivo do jogo (fazer e evitar gols).

Sampedro (1999) expressa que a comunicação verbal no esporte, muitas vezes, é inconveniente, porque revelaria para o adversário os planos da equipe, sobretudo no ataque. Para o autor, quando da iniciação esportiva, o uso exagerado dessa forma de comunicação enfraquece as relações entre os jogadores.

Nessa direção, é emblemático o depoimento de Blázquez Sánchez (1986, p. 31) de que "Em partidas de jogadores iniciantes é curioso observar o alto grau de linguagem falada que utilizam. Falam entre si, gritam, interpelam-se... A palavra está sempre presente. Em contrapartida, os encontros de alto nível são surpreendentemente silenciosos". Para o autor, esse parâmetro configurador ensina, sobretudo, que há nos esportes coletivos "[...] uma forma de linguagem motora que é preciso decodificar. O jogador deve aprender a decifrar os signos e sinais que se utilizam nos esportes de equipe e que vão servir como meio de comunicação" (BLÁZQUEZ SÁNCHEZ, 1986, p.32).

1.9 O futsal do ponto de vista das regras

Castelo (1999) admite que a definição de um esporte coletivo se inicia pela definição das regras na medida em que estas limitam o grau de liberdade dos jogadores e, consequentemente, estabelecem os requisitos necessários para que estes possam intervir nas situações de jogo e, desse modo, favorecer a continuidade de seus movimentos.

Gréhaigne (2001, p.20) acrescenta que as regras "[...] organizam as condições do enfrentamento, o que significa que distinguem a atividade e dão sentido ao jogo".

Este último conceito é compartilhado por Hernández Moreno (1998, p.53), para quem o regulamento possui uma lógica intrínseca que marca os requisitos necessários para o desenvolvimento da ação de jogo que determina em parte a lógica interna do esporte que regula.

Diz este autor, que "[...] não é possível um esporte sem regras, estas constituem uma dimensão lingüística da qual não se pode escapar e condicionam, em larga medida, a atuação do jogador".

Exatamente por condicionar a atuação do jogador que Blázquez Sánchez (1986) considera que a análise das regras é relevante para guiar e enquadrar a ação pedagógica a ser seguida.

Evidentemente que as regras, ainda que mantenham algumas características comuns, variam segundo os diferentes esportes. Hernández Moreno (1998), ao tratar dos esportes de cooperação/oposição, no qual se encaixa o futsal, explica que as regras podem ser divididas em dois grandes blocos, o de aspectos formais e o de desenvolvimento da ação de jogo, conforme explicitado no QUADRO 3.

QUADRO 3
Subdivisão das regras nos esportes de cooperação-oposição

Bloco dos aspectos formais	Bloco do desenvolvimento da ação de jogo
Características e dimensões do espaço de jogo	Formas de jogar a bola
Descrição da bola e materiais complementares que se usam no jogo	Formas de participação de cada jogador e relação com seus companheiros
Número de jogadores que compõem a equipe	Formas de se relacionar com os adversários
Tempo total de jogo	Formas de utilizar o espaço de jogo
Cerimônias protocolares	Penalidades às infrações das regras
	Formas de intervenção dos atletas no jogo
	Divisão e controle do tempo
	Valor dos tentos e como ganhar e perder

Fonte: HERNÁNDEZ MORENO, 1998, p.54.

Certamente, uma consulta atenta ao livro atual de regras da Confederação Brasileira de Futsal (CBFS) [25] seria suficiente para identificar todas essas especificidades, que, em parte, foram apontadas quando da explicação dos parâmetros espaço, tempo e comunicação.

Por hora, julgamos oportuno esclarecer, por um lado, que desde o surgimento do futsal[26], no início da década de 1990, houve uma constante alteração regulamentar, entre outras, o aumento do tamanho da bola e das dimensões da área de meta, a validade do gol dentro da área, o fato de o goleiro poder atuar fora da área de meta, a preocupação em limitar o contato físico entre os jogadores, se estabelecendo um limite de faltas acumulativas para as equipes, o número ilimitado de substituições.

[25] http://www.cbfs.com.br/new/vis_livro_regras_futsal.asp.
[26] Cf. Apêndice A.

Para Arestigüi (2001, p.42), as mudanças procuraram "[...] favorecer o espetáculo, na medida em que eliminariam os aspectos negativos do jogo e conseguiriam fazer este esporte mais atraente tanto para seus praticantes como para seu público". Por conseguinte, os aspectos negativos do jogo estariam ligados à falta de dinamismo, a áreas proibidas de serem invadidas, ao excesso de faltas e a conseqüente carência de um número elevado de gols que isso gerava (uma herança do futebol de salão).

Por outro lado, convém assinalar que qualquer alteração regulamentar trará implicações técnico-táticas e estratégicas para o jogo de futsal. Por exemplo, consideremos as alterações regulamentares da regra 02, que aumentaram o tamanho da bola. Para Ardá Suárez e Casal Sanjurjo (2003), isso tenderia a favorecer o seu controle e domínio, o que repercutiria na capacidade de a equipe com bola construir o ataque, já que este último depende, em parte, da facilidade com que os jogadores controlam aquela. Igualmente, esse dispositivo regulamentar condicionaria novos modelos de execução técnica – por exemplo, as defesas e o lançamento do goleiro, a predominância de passes rasteiros, a recepção da bola com os pés. Outra implicação derivada da regra 02, segundo os autores, é a de que ao se estabelecer distintas dimensões da bola segundo a faixa etária dos participantes[27] (quanto mais novo o jogador, mais leve e menor deve ser a bola), evitou-se a aquisição de erros técnico-coordenativos nas ações próprias do jogador na sua relação com a bola.

Outro exemplo advém da regra 12, que versa sobre faltas e incorreções. Nesta encontra-se o da proibição ao "carrinho" – "Projetar-se ao solo, deliberadamente, de maneira deslizante, e com uso dos pés tentar tirar a bola que esteja sendo jogada ou de posse do adversário, levando perigo para o mesmo" (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL DE SALÃO, 2008, p.31). Esse dispositivo se constitui numa infração que deverá ser punida com um tiro livre direto. Ora, o que isso condicionou ao longo do tempo? Que os jogadores desenvolvessem a habilidade de marcar com maior equilíbrio e prudência. Não significa que não se lançarão ao solo (afinal, quantos gols são evitados por conta dessa ação), mas que devem evitar tal medida em direção ao adversário, ainda mais quando se sabe que a partir da 6ª falta acumulativa, segundo o que prevê a regra 14, a equipe será punida com tiros livres diretos sem barreira. Logo, jogadores de futsal devem projetar-se ao solo para cortar, tão somente, a trajetória

[27] No Brasil, jogadores de 6-7 anos jogam com uma bola que têm entre 40 e 43 cm de circunferência e entre 250 e 280g de peso. Entre 8 e 13 anos, a bola tem a circunferência de 59 cm no máximo e 55 cm o mínimo e peso entre 350 e 380g. Dos 14 aos 20 e principal a bola deverá ter no máximo 64 cm e no mínimo 62 cm de circunferência e o peso entre 400 e 440 g.

da bola – a idéia inicial de coibir a violência e o iminente perigo de lesões graves surtiu o efeito do aprimoramento da marcação (SANTANA, 2002).

Vejamos outras situações regulamentares e suas implicações para o futsal, apresentadas no QUADRO 4.

QUADRO 4
Impacto das regras no jogo de futsal

Situações regulamentares	Implicações para o jogo
Não há limite para substituições, tampouco é preciso parar o jogo para fazê-las. Exceção feita quando o jogador que está na quadra sofre uma lesão grave comprovada pelo árbitro e confirmada por um médico ou fisioterapeuta (e na ausência destes por um massagista ou atendente).	Permite aos técnicos o revezamento constante de jogadores e, por extensão, a possibilidade de se manter a intensidade (dinamismo) nas ações de jogo durante toda a partida.
Permite-se ao goleiro atuar fora da área penal, desde que este respeite o tempo de quatro segundos (defesa) e livre (ataque).	Surgimento dos desenhos táticos ofensivos com superioridade numérica (1.2.2; 2.1.2 etc.).
O jogador não pode permanecer mais de quatro segundos com bola dentro de sua própria área. A equipe não pode dissimular o ataque e retardar o jogo intencionalmente. Não se pode recuar a bola para o goleiro pela 2ª vez sem que esta tenha ultrapassado a linha central ou tenha sido tocada/jogada por adversário. Não se pode demorar mais de quatro segundos para se cobrar arremesso lateral, de meta, de canto e faltas.	Inibição do jogo passivo. Jogo direto.
Há expulsão temporária de atleta, o que implica em superioridade numérica momentânea para uma das equipes. Penaliza-se a equipe que, em cada período de jogo, cometer mais de cinco faltas. A partir da 6ª falta é vedada formação de barreira, devendo o adversário cobrar a falta, quando esta foi cometida entre a marca dos 10 m e a sua linha de meta (fundo), na marca dos 10 m; quando cometida entre a marca dos 10 m e a linha de meta do adversário, no local onde ocorreu a falta ou na marca dos 10m[28].	Incentivo ao jogo limpo.
A lei da vantagem deve ser aplicada. Prorroga-se a duração de qualquer período da partida para a execução de uma penalidade máxima e de um tiro direto sem barreira, uma vez terminado o tempo regulamentar. O gol é válido diretamente de bola de saída e de arremesso de canto.	Prioriza-se o jogo ofensivo.

Dias e Santana (2006) referem que as decorrências mais pontuais das regras do futsal que, inclusive, se complementariam, seriam o dinamismo[29] e o estímulo à consecução de gols. Para os autores, uma partida de futsal dificilmente terminaria sem que gols fossem

[28] Exceto se a falta foi cometida dentro da área penal, quando se caracterizaria penalidade máxima.
[29] Atividade intensa/velocidade e diversidade das ações de jogo.

assinalados. A Copa do Mundo de 2004[30] ratifica, minimamente, essa assertiva: num total de 40 jogos, houve 238 gols marcados, média de 5,95 gols por partida. Em parte, a consecução de gols pode ser também explicada em virtude da escassez de espaço (ARDÁ SUÁREZ; CASAL SANJURJO, 2003; CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998), o que permite aos jogadores, quando da invasão do campo adversário, estarem próximos à meta e, por isso, com grande possibilidade de finalizar na sua direção (evidentemente que terão de imprimir ações técnico-táticas de ataque que dêem conta disso).

Castelo (1999), mesmo se referindo ao futebol, indica outras possíveis decorrências das regras. Para o autor, embora as regras tenham como características não restringir o deslocamento dos jogadores por qualquer direção, não limitar o seu tempo de posse de bola[31] e tampouco o número de contatos entre aqueles e esta, obrigam, por um lado, que as ações técnico-táticas sejam realizadas com os pés, o que "[...] condiciona claramente a eficiência e a segurança do controle-proteção-progressão da bola no espaço" (CASTELO, 1999, p. 45). Por outro lado, aquelas características revelam duas propriedades fundamentais do jogo: a variabilidade e a modificação constante das situações. O autor explica que a variabilidade (instabilidade), ao obrigar os jogadores a uma concentração constante no jogo, exigiria muito dos mecanismos perceptivos, pois estes seriam decisivos para se realizar uma correta leitura do jogo e para se decidir por uma resposta motora (ação técnico-táctica). Já a modificação constante das situações de jogo determinaria um aumento da complexidade de todos os componentes da estrutura da situação, o que obrigaria "[...] o jogador a cumprir funções (missões táticas) dentro da organização de sua equipe de maior amplitude, derivada de um maior número de opções técnico-táticas disponíveis para eleger" (CASTELO, 1999, p. 46), ou seja, exige-se versatilidade tática (de funções) dos jogadores.

1.10 O futsal do ponto de vista da técnica

Garganta (2002, p. 284) explica que em geral a técnica pode ser compreendida como um "[…] conjunto de processos bem definidos e transmissíveis a que a espécie humana [...] recorre para produzir certos resultados". Neste sentido, ela se constitui num patrimônio cultural

[30] Disputada em Taipei, China.

[31] No caso do futsal, há exceções: o goleiro, com a bola em jogo, tem quatro segundos na sua meia-quadra defensiva (incluindo a área de meta); o jogador de linha não pode ficar mais de quatro segundos com a bola parada dentro ou fora da sua área de meta, com o objetivo de retardar o andamento da partida.

da humanidade, pois representa o produto final de esforços realizados no sentido de se buscar a melhor solução para um determinado problema (TANI; SANTOS; MEIRA JUNIOR, 2006).

Em se tratando do contexto esportivo, os problemas são motores. Daí que a técnica, neste caso, esportiva, se referiria aos "[...] processos desenvolvidos, geralmente pela prática, para resolver mais racional e economicamente" (WEINECK, 1989, p.195) aqueles problemas.

Tani, Santos e Meira Junior (2006) reportam que a técnica é impessoal; trata-se de uma informação, passiva de ser transmitida às pessoas por meio de palavras, a fim de ajudá-las quando da aquisição de uma habilidade. Esta, por sua vez, se trata de uma capacidade pessoal. Assim sendo, jogadores habilidosos são aqueles que executam movimentos de forma refinada. Possivelmente, quando do seu processo de aprendizagem, precisaram das informações (técnicas).

No que pese a técnica se tratar de uma informação que tem o objetivo de refinar o gesto e não de uma habilidade, ela ficou entendida comumente nos esportes coletivos como uma "[…] execução de um elemento isolado (um passe, um controle etc.)" (GRÉHAIGNE, 2001, p.139). Logo, ao nos referirmos à técnica nos referimos ao gesto técnico, bem feito, isto é, "[...] aquele movimento eficiente [...] em termos biomecânicos [...]" (DAOLIO, 2002, p. 102). E, por extensão, ao se falar do bom jogador ou do jogador "técnico", fala-se daquele que domina o gesto, isto é, que o realiza de modo aprimorado, com perfeição.

Por isso, Garganta (2002, p.284) refere que, no seio dos esportes coletivos, a técnica significaria a procura do jogador por "[...] optimizar as condições de realização de determinada tarefa de modo a conseguir o máximo rendimento desportivo". Isso seria realizado, segundo o autor, quando da "[...] execução dos elementos fundamentais do jogo: passe, recepção, drible, e outros, por meio da aplicação dos princípios da mecânica humana, no sentido de tornar eficazes os gestos desportivos próprios da modalidade a que se referem".

Que importância tem sido dada à técnica quando do ensino-treino do esporte coletivo? Elevada. Hernández Moreno (1999, p. 292), por exemplo, argumenta que durante muito tempo esse elemento estrutural foi considerado como

> [...] fundamental e básico na configuração e desenvolvimento da ação de jogo nos esportes coletivos. Era o que primeiro se devia conhecer e dominar para poder praticar e jogar com êxito (…) Ainda hoje em dia segue tendo para muitos treinadores e professores de educação física uma importância capital, tanto que a ação biomecânica é o parâmetro fundamental de desenvolvimento da ação de jogo.

Em particular, alguns estudos (GRECO; GIACOMINI; MOREIRA, 2005; PINTO; SANTANA, 2005; SAAD, 2002; SCAGLIA, 1999; VOSER, 1999) em futsal e futebol ratificam a assertiva de Hernández Moreno (1999) de que os treinadores têm adotado, predominantemente, uma concepção mecanicista de técnica e concebido o ensino-treino "[...] predominantemente como um processo de transmissão das técnicas básicas do jogo, apresentadas de forma descontextualizada e privilegiando os aspectos da realização motora dos gestos" (GRAÇA, 1998, p.27).

Constituir-se-ia numa falha parte dos treinadores e professores recorrer a um processo de ensino-treino mecanicista e privilegiar a dimensão eficiência (forma de realização) dos gestos técnicos? Vejamos.

1.10.1 Lacunas da concepção mecanicista para o ensino-treino do futsal

Teodorescu (1984, p.31) adverte que durante o jogo os procedimentos técnicos[32] "[...] perdem seu carácter invariável devido às situações em constante mudança". Por isso, a técnica em esportes coletivos "[...] não deveria ser entendida como algo em si mesmo, mas sim ligada ao processo de jogo, em interdependência com a táctica e as qualidades motoras" (TEODORESCU, 1984, p. 30).

Garganta (1998) explica que quando se ensina o modo de fazer (técnica) separado do motivo de fazer (tática), isto é, quando se separam gestos e intenções, se priva o jogador "[...] dum conjunto de experiências lúdicas que só o jogo pode proporcionar" (GARGANTA, 1998, p.23), tendo como conseqüências ações de jogo mecanizadas, pouco criativas e comportamentos estereotipados. Assim, "[...] é privilegiada a dimensão eficiência da habilidade (forma de realização), independentemente das dimensões eficácia (finalidade) e adaptação, ou seja, do ajustamento das soluções e respostas ao contexto" (GARGANTA, 2002, p. 286).

Devís Devís e Peiró Velert (1999, p. 334) levantam que essa abordagem da técnica levou a um processo de ensino que desconsiderou aspectos essenciais dos esportes coletivos, como "[...] a complexidade, a adaptabilidade e a incerteza".

---

[32] Levando-se em consideração o conceito de Teodorescu (1984), em se tratando de esportes coletivos clássicos, se refere à manipulação da bola e aos deslocamentos que o jogador faz para poder dar conta disso.

Mesquita (2000, p.74) adverte que o imperialismo da técnica além de marcar "[...] a divisão entre os aspectos de natureza técnica e táctica, a passagem das situações analíticas para as globais é brusca, na medida em que não contempla situações intermediárias, facilitadoras da aprendizagem".

Gréhaigne (2001, p.25) acrescenta que tal concepção estereotipada e dominante da técnica […] mutila, limita e mecaniza", pois desconsidera que a mesma "[...] se encontra submersa no tempo não somente porque se utiliza dentro de coordenadas temporais, mas também porque joga com ele de maneira estratégica, sobretudo recorrendo às variações de velocidade nas relações de oposição".

Pacheco (2001, p.126) defende que o apelo a formas de treino voltadas, exclusivamente, para aspectos técnicos impede que os jogadores tenham "[…] uma compreensão global do jogo nos seus aspectos mais básicos, como a colocação no terreno, a leitura de jogo, a capacidade de antecipação, o entendimento com os colegas de equipa na defesa ou no ataque ou a tomada de decisão correctas".

Antão (2006, p.60) acredita que o ensino que se apóia no método analítico[33] é descontextualizado na medida em que "[...] demonstra a baixa ou inexistente participação de processos de decisão, devido a falta de realismo e de formação, ao intentar solucionar problemas derivados da prática do desporto em questão".

Ré e Barbanti (2006, p.224) reportam que se nos esportes coletivos "[...] cada situação exige um movimento diferente, os conhecimentos produzidos pela análise de um padrão específico de movimento perdem a sua eficácia". Nesse sentido, o aprendizado de habilidades nesses esportes deve considerar a interação com a faceta estratégica e tática.

Mas por que aconteceu de os esportes coletivos assumirem essa concepção mecanicista de técnica e, por conseguinte, perseguirem, desde cedo, o aprimoramento gestual? Para Garganta (1998), Del Castillo e Morcillo Losa (2004) é preciso considerar que os diferentes esportes sofreram influências das correntes de pensamento e do conhecimento advindos de múltiplas disciplinas científicas. Isso, num primeiro momento, impactou o modo de ensinar esportes individuais, como o atletismo e a natação e, posteriormente, houve a equivocada transposição metodológica para os esportes coletivos sem lhes considerar a especificidade estrutural e funcional.

[33] Para Antão (2006, p.59), o método analítico "É um modelo que só tem em conta o factor quantitativo, privilegia o trabalho por separado dos aspectos que influenciam o jogo e anula as tomadas de decisão por parte dos jogadores".

Ao se fazer isso, por um lado, adotou-se "[...] o princípio que a soma de todos os desempenhos individuais provoca um apuro qualitativo da equipa e também que o gesto técnico aprendido duma forma analítica possibilita uma aplicação eficaz nas situações de jogo" (GARGANTA, 1998, p. 13). Por outro lado, relegaram-se a um segundo plano algumas características das mais apreciadas em esportes coletivos e peculiares dos seres humanos, como "[...] os pensamentos abertos, a capacidade para responder a novas situações, a habilidade para refletir em ação e a capacidade de imaginação e de criatividade" (DEVÍS DEVÍS; PEIRÓ VELERT, 1999, p. 334).

Por extensão, esqueceu-se o fato de que os esportes coletivos se constituem a partir de uma configuração complexa e a equipe, como afirma Teodorescu (1984, p. 24), "[...] é um sistema, uma vez que as acções dos jogadores são integradas numa determinada estrutura, segundo um determinado modelo, de acordo com certos princípios e regras", o que faz com que se ratifique a necessidade de se compreender que em esportes coletivos a equipe "Tem um valor superior à soma dos valores individuais de cada jogador devido à organização racional".

1.10.2 Mudança paradigmática da compreensão da técnica nos esportes coletivos

Se por um lado boa parte da narrativa anterior revelou a fragilidade de se perseguir a dimensão eficiência da técnica numa pedagogia do esporte coletivo, por outro lado engendrou, entre autores, a necessidade de uma mudança paradigmática. O que se entende por isso?

Para Mesquita (2000, p. 76), o que impulsionou essa mudança foi o fato de o esporte coletivo demandar do jogador uma "[...] 'dupla tarefa', isto é, o progresso da aprendizagem traduz a capacidade do praticante repartir a atenção entre uma tarefa motora (e.g., drible) e uma tarefa cognitiva (e.g., analisar os deslocamentos dos colegas na situação)".

Essa exigência de desempenhar uma "dupla tarefa", de distribuir atenção, que representa uma lacuna no conceito e treinamento tradicional da técnica, foi preenchida por aquilo que a autora chamou de "técnica situacional", ou seja, a necessária adequação do comportamento técnico do jogador em "[...] função da variabilidade de problemas que ocorrem durante o jogo (MESQUITA, 2000, p. 76)". Garganta (2002, p. 285) se refere à "técnica relacional", em que esta passa a ser

> [...] entendida como um meio da táctica, pois implica uma execução coordenada de todos os sistemas de percepção e resposta do jogador, em relação com as peculiaridades do envolvimento. Deste modo, parte-se do entendimento que técnica e táctica se condicionam reciprocamente, formando uma unidade. (GARGANTA, 2002, p.285).

Surge nos esportes coletivos o conceito técnico-tático, ou seja, por um lado, a necessidade de se realizar "[...] gestos que se apoiam em determinado tipo de condutas (*gestos ou acções técnico-tácticas)*, por outro, de realizar condutas ou acções que se suportam inevitavelmente num ou mais gestos técnicos *(gestos ou acções táctico-técnicas)*" (FERREIRA, 2002, p.37). Esse entendimento repara a dicotomia entre técnica e tática e, de certa forma, possibilita, em teoria, corrigir a distorção metodológica até então dominante quando da pedagogia do esporte coletivo, em que se deveria primeiro aprender as habilidades para depois jogar ao invés de aprendê-las jogando, isto é, associadas às intenções dos jogadores, às dimensões eficácia (finalidade) e adaptação (GRAÇA, 1998).

Sanz e Guerrero (2005, p. 49) ratificam em dada medida o que estamos considerando como mudança paradigmática da técnica no âmbito dos esportes coletivos ao afirmarem que aquela deixa de ser considerada como o principal fator de treinamento, como denunciado por Hernández Moreno (1998), e passa a ser concebida, nas modernas metodologias de ensino-treino, como "[...] um meio a mais dos que são necessários para desenvolver uma ótima capacidade para o jogo".

Nesta direção, Konzag, Döbler e Herzog (2003) destacam que, além da mobilidade com a bola e a destreza técnica, são fatores determinantes para o desenvolvimento da capacidade de jogo, a capacidade de antecipação, a capacidade decisória, a disposição em assumir riscos, a rapidez de atuação, a capacidade de cooperação. A capacidade de jogo se dá, então, "[...] pela interação do desenvolvimento das diferentes capacidades que compõem o rendimento esportivo em uma situação de jogo" (GRECO, 1998b, p.59), como as de cunho físico, técnico, tático e psicológico. Para este autor, aquela somente seria sustentada/desenvolvida, independentemente se em crianças ou em adultos, mediante a "[...] prática de situações de jogo típicas e comuns ao próprio jogo".

Nesta perspectiva, a técnica, em se tratando de esportes coletivos, passa a ter sentido, apenas, "[…] quando se considera o contexto da ação de jogo e se faz partindo das

delimitações regulamentares e com um sentido estratégico (HERNÁNDEZ MORENO, 1998, p. 122)".

Devís Devís e Peiró Velert (1999, p. 336) expressam que "[...] uma habilidade técnica somente tem sentido dentro de um contexto e, portanto, é dentro do qual deve ser aprendida e onde adquire completo significado".

Essas afirmativas evidenciam que a técnica surge do constrangimento que a estrutura funcional – "[...] constituída por um ou mais jogadores que, em situação de jogo, desenvolvem tarefas de ataque ou defesa, conforme a posse ou não da bola" (GRECO, 1998, p.69) – em parte ditada pelas regras e pela estratégia, imprime aos jogadores.

Logo, a técnica surge porque é necessária! É a circunstância o que a reivindica. Portanto, em si mesma, ela é obsoleta. Isso refuta a idéia de que a técnica se configure estática e desassociada de intenções, e ratifica a de que é dinâmica e precedida de intenções. Muito disso se deve ao contexto no qual ela é empregada, que ao se caracterizar pela incerteza, exigirá dos jogadores

> [...] respostas flexíveis, fruto da adaptação e da improvisação que marcam o jogo (…) o contexto de jogo é o que apresenta os problemas aos jogadores e é o ambiente no qual adquirem completo significado. Desta forma, poderíamos concluir que os jogos esportivos possuem uma natureza *problemática* e também *contextual*. (DEVÍS DEVÍS; PEIRÓ VELERT, 1999, p. 336).

A partir dessas idéias sobrevém a faceta dinâmica e adaptativa da técnica (HERNÁNDEZ MORENO, 1998; GARGANTA, 2002), que em parte é explicada pelas diferentes, mas não excludentes interpretações: "A técnica é o elemento operacionalizador da intenção tática" (GRECO, 1998b, p. 66); é a "[...] execução, que se adaptando às características do ambiente, resulta eficaz para o fim que se persegue" (LOZANO CID; NIÑO GUTIERREZ, 2002, p. 9); trata-se do "[...] domínio das possibilidades de movimento ajustados à consecução de um objetivo de jogo" (DEL CASTILLO; MORCILLO ROSA, 2004, p.15); deve ser "[…] imaginativa, adaptada ao contexto e pouco previsível para o adversário" (SANZ; GUERRERO, 2005, p.50).

Em comum às definições, a ratificação de que a técnica surge para atender as demandas do ambiente e o sentido estratégico do jogo, ou seja, "[...] nos esportes coletivos, não é prioritária a execução do modelo ideal de uma técnica; o importante é a adaptação tempo-espacial

e situacional dessa técnica" (GRECO, 1998b, p. 66). Isso exige o raciocínio de que não se deve interpretar a técnica como uma ação isolada, como anteriormente Gréhaigne (2001) e Garganta (2002) denunciaram, mas "[…] em função da situação estratégica, e por isso afirmamos que toda interpretação da mesma deve ser feita tomando como referência o papel estratégico assumido pelo jogador em cada momento" (HERNÁNDEZ MORENO, 1999, p.292).

Por conseguinte, três perguntas complementares nos interessam daqui para frente: quais as funções ou papéis estratégicos assumidos pelo jogador de futsal nos diferentes momentos do jogo, que dariam um sentido ao seu comportamento técnico-tático? Que tipos de comportamento técnico-tático lhes serão exigidos quando "vestidos" dessas funções estratégicas? Quais habilidades/gestos/ferramentas estão à disposição dos jogadores de futsal para manifestar esses comportamentos técnico-táticos?

1.10.3 Funções estratégicas e comportamento técnico-tático do jogador de futsal

A função estratégica se refere "[...] à situação de jogo assumida por um jogador à qual se associam uma série de funções ou ações e decisões próprias do jogo" (HERNÁNDEZ MORENO, 1999, p.296). Quais seriam essas funções em se tratando de futsal? Para esse autor e também para Gréhaigne (2001), os jogadores têm três tipos de funções/situações a desempenhar: (1) jogar com bola, (2) jogar sem bola quando a sua equipe está com bola e (3) jogar sem bola quando a sua equipe não possui a bola.

Hernández Moreno (1998, p.125) acredita que esses diferentes grupos geram

> […] um modelo de comportamento possível do jogador, ao qual se associam uns determinados tipos de ações técnicas, variáveis em função de cada esporte e do regulamento do mesmo, do espaço de jogo, das possibilidades de relação com seus companheiros e adversários em cada instante e da estratégia que se elege.

Em se tratando de futsal, quais seriam esses comportamentos[34], ou seja, o que podem os jogadores fazer quando se encontram "vestidos" das distintas funções estratégicas?

Para Hernández Moreno (1999), consideradas as diferentes funções estratégicas, o jogador de futsal poderá tomar condutas de decisão quando (a) jogar com bola,

[34] Hernández Moreno (1999, p. 296) chama esse comportamento de "subrol estratégico", ou seja, uma "subfunção estratégica". Tratar-se-ia, portando de cada uma das possíveis condutas de decisão que o jogador pode assumir e realizar durante o desenrolar do jogo que estaria na base do comportamento estratégico.

quando (b) jogar sem bola quando a sua equipe tem a bola e quando (c) jogar sem bola quando a sua equipe está sem bola.

O comportamento técnico-tático do jogador corresponde à tática individual, isto é, do emprego da técnica com intenção tática (CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998). Isso "[...] ocorre quando um jogador, por meio da aplicação de uma técnica em uma situação de jogo, visa, com sua ação isolada, atingir a um objetivo determinado" (PAULA; GRECO; SOUZA, 2000, p. 15).

Logo, a tática individual se trata de um "[…] conjunto de ações individuais utilizadas por um jogador em suas interações com seus companheiros e seus adversários, seja no ataque, seja na defesa" (MOMBAERTS, 1996, p.37); constitui-se, para Román Seco (1999), parte fundamental nos esportes coletivos, assumindo em seu conteúdo todo o potencial gerador de riqueza, destrezas e opções de criatividade do processo esportivo. Por isso, Mombaerts (1996) admite que a prioridade quando do treinamento deveria ser o desenvolvimento da "bagagem" tático-técnica do jogador.

FIGURA 06 – Interação entre funções estratégicas e comportamento técnico-tático de jogadores de futsal
Fonte: Adaptado de HERNÁNDEZ MORENO, 1999.

Para comportarem-se técnico-taticamente, os jogadores têm a sua disposição um elenco de habilidades/ferramentas ou gestos motores: dominar, controlar, conduzir, proteger, passar, arremessar, defender, cabecear, chutar a bola; desarmar, bloquear, antecipar, fintar e driblar adversários. A isso chamamos soluções motoras técnico-táticas, porque empregadas para atender, no transcorrer do jogo, na disputa, as intenções dos jogadores, ratificando o raciocínio de que a técnica (a ação, o gesto) e a tática (a intenção, a cognição) estão associadas.

Verifica-se, por extensão, que a técnica […] se situa num contexto muito mais amplo e significativo, afastado em grande medida da interpretação mecânica da ação motriz, situando-se, portanto, no âmbito no qual a comunicação motriz joga um papel primordial (HERNÁNDEZ MORENO, 1998, p. 54).

Destacamos que o comportamento técnico-tático do jogador de futsal se manifesta, sobretudo, sem a bola (SANTANA, 2006a). Para ratificar isso citamos, minimamente, o estudo de Félix (2004), no qual foram observados sete jogos da categoria principal da Copa Rio-São Paulo-Minas. Nestes, verificou-se, por um lado, o tempo médio de permanência em quadra de 14 jogadores, dois em cada jogo, que mais permaneceram em quadra; por outro lado, verificou-se o tempo médio em que estes jogadores permaneceram com posse de bola. Os resultados apontaram o tempo médio de 29, 20±3,10 minutos de permanência em quadra e o tempo médio de 1,25±0,17 minutos de permanência com a bola. Por conseguinte, vê-se que a lógica interna do jogo de futsal, nos seus diferentes parâmetros, condiciona os jogadores a não reter a bola excessivamente, dedicando-se muito ao jogo sem bola.

Bayer (1994, p. 140) acentua a relevância de os professores e treinadores, desde cedo, se inclinarem para o ensino do jogo sem bola; isso porque, segundo o autor, "[...] a maioria do tempo passado durante o encontro é consagrado a este jogo (ou ausência de jogo) sem bola".

Minimamente, o resultado do estudo de Félix (2004) mostra que o jogador de futsal joga muito sem a bola. Igualmente, deixa a herança para os professores e técnicos de que precisam treinar, desde cedo, a dimensão perceptivo-cognitiva. Por quê? Ora, se os jogadores permanecem pouco tempo com a bola, o que fazem sem esta? Diríamos que, independentemente se no ataque (com a sua equipe de posse da bola) ou na defesa (com a sua equipe sem posse de bola), entre outras atitudes, percebem e analisam:

(a) O seu posicionamento e deslocamento em quadra;

(b) O posicionamento e deslocamento dos seus colegas e adversários;

(c) A trajetória e a velocidade que são impressas à bola;

(d) A distância que os separa desses elementos (colegas, adversários e bola) e ainda da meta que atacam e defendem;

(e) Antecipam as intenções/ações de companheiros e adversários, assim como as trajetórias da bola;

(f) Decidem sobre o que é melhor fazer nas diversificadas, distintas e aleatórias situações de jogo.

Uma vez explicados os parâmetros configuradores espaço, tempo, comunicação, regras e técnica, partiremos para a discussão do parâmetro estratégia, culminando com a apresentação de um quadro explicativo dos traços característicos do jogo de futsal, escopo deste capítulo.

1.11 O futsal do ponto de vista da estratégia

Hernández Moreno (1998) afirma que sempre que existe enfrentamento existe estratégia para a sua resolução. Isso porque "[...] a luta esportiva não é e não deve ser, no âmbito competitivo, um simples enfrentamento espontâneo e imprevisto, 'para ver no que vai dar'. Ao contrário, é algo pensado, programado e racionalizado, a fim de responder a qualquer iniciativa contrária" (SAMPEDRO, 1997, p. 52). É exatamente a racionalização do enfrentamento, isto é, o apelo ao que é racional, à atitude de tornar mais eficiente o processo, que exprime a dimensão estratégica. Trata-se do elemento inteligente do jogo, da sua dimensão compreensiva (GARGANTA, 2004), ou nas palavras de Teodorescu (1984, p. 31), "[...] a contribuição activa do factor consciência".

Para Ardá Suárez e Casal Sanjurjo (2003, p. 33) dois conceitos são atualmente utilizados para classificar comportamentos inteligentes: tática e estratégia[35]. Qual a importância desses conceitos no âmbito dos esportes coletivos? Significativa. Teodorescu (1984, p. 32) afirma que na "[...] luta desportiva, a base do sucesso é constituída pela capacidade para raciocinar durante a sua duração"; Garganta e Oliveira (1996, p. 7) argumentam que, por conta do complexo de relações de cooperação e oposição entre jogadores e do conhecimento destes quando do

[35] A origem etimológica de tática vem do grego *taktie* que, por sua vez, deriva do verbo *tasso*, cujo significado é "colocar as coisas em ordem". Estratégia vem do grego *strategón*, que se referia a um tipo particular de chefe militar de alta patente. (SAMPEDRO, 1997).

confronto entre suas equipes, assumem "[...] um papel determinante". Poder-se-ia dizer que estratégia e tática carregam em si os traços mais característicos dos esportes coletivos (SAMPEDRO, 1997), isto é, lhes oferecem seu caráter específico (CASTELO, 1999).

Garganta (1998, p. 13) explica que a construção de uma atitude inteligente "[...] depende obviamente do conhecimento que o jogador tem do jogo". Isso implica em admitir que o jogador jogue ancorado nas suas experiências, ou seja, a sua forma de atuar "[...] está fortemente condicionada pelos seus modos de explicação [...] pelo modo como concebe e percebe o jogo". Portanto, a maestria estratégico-tática do jogador passaria pela convivência com alguns parâmetros de decisão que sempre estariam implicando num resultado positivo ou negativo.

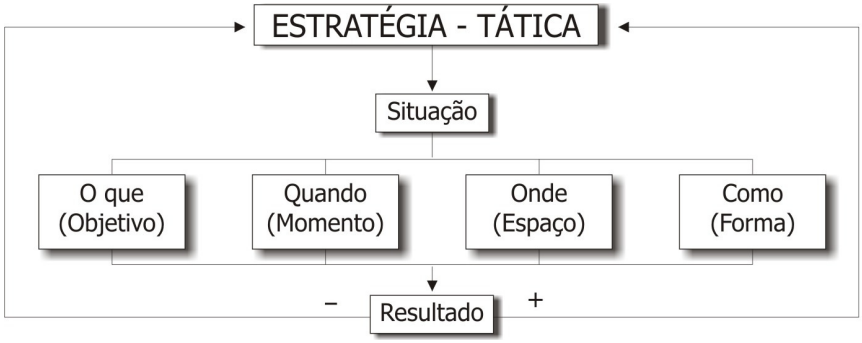


FIGURA 07 – Parâmetros de decisão da maestria estratégico-tática.
Fonte: GARGANTA, 1997, p.25

Neste sentido, o jogador teria de "[...] saber inter-relacionar e organizar informações inerentes às situações de jogo, que incluem decisões do tipo: o que fazer (objetivo), quando fazer (momento), onde fazer (espaço) e como fazer (forma)" (PAULA; GRECO; SOUZA, 2000, p. 13). Essas decisões "[...] constituem parâmetros imprescindíveis para compreensão do jogo, possibilitando ao praticante comportar-se de maneira inteligente durante uma partida".

Para Garganta (1997, 2004) a essencialidade estratégico-tática do esporte coletivo reside:

(1) No tipo e na relação de forças entre os efetivos que se enfrentam.

(2) No contexto imprevisível e aleatório.

(3) Nas características das habilidades motoras[36] para agir neste contexto.

[36] Schmidt e Wrisberg (2001) classificam as habilidades motoras segundo o nível de previsibilidade ambiental, que pode ser baixo ou alto. Quando o contexto é variável e imprevisível, as habilidades são consideradas abertas; quando é estável e previsível são entendidas como fechadas. Portanto, no futsal, as habilidades são consideradas abertas.

1.11.1 Estratégia e tática: diferenças e interface

No que pese a relevância desses conceitos para os esportes coletivos em geral e para a caracterização do futsal em particular, o significado e o emprego de ambos não são consensuais na literatura, isto é, "[...] sempre tiveram contornos pouco claros e imprecisos" (GARGANTA; OLIVEIRA, 1996, p. 9). Isso tem gerado, por um lado, o equívoco de esses conceitos serem utilizados indistintamente (BLÁZQUEZ SÁNCHEZ, 1986) e por outro lado, ao juízo de Garganta (2000), um equívoco ainda maior: o de serem compreendidos, habitualmente, de forma desassociada.

Estratégia e tática são conceitos que não poderiam ser usados indistintamente. Isso porque a estratégia, temporalmente, antecederia a tática[37] (ROMÁN SECO, 1999; TEODORESCU, 1984; TSCHIENE; BARTH, 2004). Por conseguinte, diferenciar-se-iam. Enquanto a tática se refere mais ao conjunto de ações que se desenvolve durante o jogo (ARDÁ SUÁREZ; CASAL SANJURJO, 2003; SAMPEDRO, 1997), mais à capacidade de o jogador de se adaptar as diferentes e flutuantes situações que o jogo lhe impõe (PAULA; GRECO; SOUZA, 2000; VELASCO TEJADA; LORENTE PEÑAS, 2003), como "[...] algo que se refere à forma como os jogadores e as equipas gerem os momentos do jogo, no seu decurso" (GARGANTA, 2000, p. 51), a dimensão estratégica representa o plano de ação para o jogo (GARGANTA, 2000), que tem a ver com a disciplina tática, com a adaptabilidade do jogador aos diferentes sistemas empregados pela equipe em diferentes situações de jogo (VELASCO TEJADA; LORENTE PEÑAS, 2003), com a concepção do jogo (TEODORESCU, 1984)[38].

Teodorescu (1984, p. 37) explica que a elaboração de um "[...] plano táctico especial[39], a preparação da sua aplicação através do treino, bem como outras medidas *anteriores* ao jogo, constituem a *estratégia*". Neste sentido, esta se restringiria "[...] ao que se passa colateralmente ao jogo propriamente dito, e aos aspectos que dependem, sobretudo, da intervenção do treinador" (GARGANTA, 2000, p. 51) e a dimensão tática se referiria à aplicação da estratégia às condições específicas do confronto, ou seja, "[...] como forma de resolução dos problemas que o atleta enfrenta em forma de situações de jogo" (PAULA; GRECO; SOUZA,

[37] Diferentemente, para Blázquez Sánchez (1986) a tática antecederia a estratégia. Isso porque aquela seria um meio de agir preestabelecido e esta seria o que o jogador, no decorrer do jogo, cria e desenvolve. Idéia esta refutada nesta tese.
[38] Para Teodorescu (1984, p. 36) "[...] as particularidades ou características da aplicação da táctica por uma equipa".
[39] O plano tático especial é a elaboração de uma estratégia em função do adversário. "[...] representa também uma concepção de jogo, mas com aplicação temporária (só para *aquele* jogo, contra *aquele* adversário). (TEODORESCU, 1984, p.37)".

2000, p.14). Para os autores, alguns dos componentes que são contemplados pelo atleta e se inter-relacionam na situação de jogo são: tempo, espaço, companheiros, adversários, bola, placar, objetivos e metas a alcançar.

QUADRO 5
Diferenças entre estratégia e tática

Estratégia	Tática
Treinador	Jogador
Plano de ação para o jogo	Execução dos planos de ação
Previsível	Imprevisível
Antes do jogo	No decorrer do jogo
Capacidade de o jogador de se adaptar aos diferentes sistemas da equipe	Capacidade de o jogador de se adaptar às situações de jogo
Concepção do jogo	Gestão dos momentos do jogo
Visão prospectiva (futura)	Ação - resolução de problemas
Relaciona-se com os fins da mudança	Relaciona-se com os meios a utilizar

Fontes: Adaptado de GARGANTA, 2000; 2006; GARGANTA; OLIVEIRA, 1996.

Em consonância com o quadro, constituir-se-iam atitudes estratégicas, por exemplo, estudar o adversário, escolher e treinar um desenho tático ofensivo, um tipo de marcação, jogadas ensaiadas para as diferentes situações de bola parada e em movimento, optar por alguns tipos de ações ofensivas e defensivas em determinadas áreas da quadra para distintos momentos do jogo. Por outro lado, seriam exemplos de tática passar a bola para um colega, obstruir uma linha de passe, deslocar-se para abrir espaços para os colegas, realizar uma infiltração, criar uma linha de passe. Enfim, enquanto a estratégia se refere aos "[...] contornos da actuação táctica do jogador" (GARGANTA; OLIVEIRA, 1996, p.18), a tática tem a ver com a resolução de problemas, isto é, com "[...] possibilidades de tomadas de decisão [...] baseadas em conhecimentos previamente adquiridos, que permitem resolver situações-problema que o atleta encontra numa situação de jogo" (PAULA; GRECO; SOUZA, 2000, p.12).

Embora, a julgar pelo exposto, estratégia e tática possam ser compreendidas distintamente, a separação destas não devia ser sustentada (GARGANTA, 2000; GARGANTA; OLIVEIRA, 1996). Para estes, a dicotomia entre ambas se constitui num obstáculo para o entendimento da dimensão cognitiva da prestação dos jogadores de esportes coletivos. Por quê? Em função de a crescente complexidade das ações e tarefas exigidas dos jogadores conduzirem, inevitavelmente, "[...] à necessidade destes serem capazes de dispor duma crescente autonomia estratégico-táctica, obedecendo embora a planos previamente traçados" (GARGANTA; OLIVEIRA, 1996, p. 19).

Esse ponto de vista encontra ressonância quando se admite que “Somente um atleta crítico e pensante é uma personalidade independente, que está em condições de superar, através de sua ação, situações difíceis do esporte, atuando de forma independente e consciente” (GRECO, 1995, p. 4). Assim sendo, o jogador, ao participar de um jogo racional/pensado, terá, sempre, uma atitude estratégico-tática, isto é, quando do enfrentamento, resolverá problemas (tática) sob os contornos iniciais do técnico (estratégia), ou seja, a atuação tática não está desvinculada do objetivo estratégico, mas, simultaneamente, não está limitada por este.

Além de o jogador ser “contaminado” pela estratégia do técnico, exprimindo-a pelo seu comportamento (GARGANTA, 2004), outros dois fatores levantados por RIERA RIERA (1995) revelam a interface estratégico-tática: (1º) a estratégia tem de levar em consideração os recursos táticos disponíveis e (2º) embora a estratégia anteceda o jogo e defina os contornos para a atuação tática do jogador, ela pode ser mudada no decorrer do jogo, isto é, tornar-se flexível para atender imprevistos situacionais, o que implica em considerar que os resultados da ação tática podem obrigar o técnico a rever a estratégia.

Mediante o exposto, compactuamos a idéia de Garganta e Oliveira (1996, p.17) de que a estratégia trata-se de um plano de ação inicial que “[...] permite [...] encarar um certo número de cenários para a acção, que podem ser modificados segundo as informações que vão chegar no decurso da acção e segundo os imprevistos que vão surgir e perturbar a acção”. Logo, em mudando os cenários, mudar-se-iam as estratégias!

Por conseguinte, ainda que conceitualmente distinta de estratégia, a tática como “[...] a parte executiva da estratégia, isto é, como os meios oportunos que o jogador deve empregar para realizar uma ação ofensiva ou defensiva” (FALKOWSI; FERNANDEZ, 1979, p.25), aparece sempre unida àquela (HERNÁNDEZ MORENO, 1998), pois, num jogo racionalizado, “Não há criatividade no vazio!” (GARGANTA, 2004, p. 228).

Daí compartilharmos a idéia, sustentada por Garganta (2000), Garganta e Oliveira (1996), Riera Riera (1995), de que estratégia e tática, embora compreendidas de forma distinta, se inter-relacionam, estando intimamente ligadas quando do desempenho esportivo.

Pensamos que a interface entre estratégia e tática corresponde ao fato de que

> O jogo emerge da confluência de uma dimensão mais previsível, induzida pelas leis e princípios, com outra menos previsível, materializada a partir da autonomia dos jogadores, que introduzem a diversidade e a singularidade dos acontecimentos. (GARGANTA, 2006, p. 201).

Por extensão, entendemos que embora se possa diferenciar estratégia e tática no plano conceitual, o que é relevante para que estas não sejam usadas indistintamente, não se deveria sustentar, na prática, a sua separação. Para Parlebas (1998, p.217), a posição clássica que concebe a tática como a aplicação correta de uns meios de ação e a estratégia como um esquema preconcebido que constitua a trama, a ação projetada, deixa de ser adequada se saímos "[...] do plano representativo da ação à própria ação no fluxo de seu desenvolvimento concreto". Por quê? Em virtude de a ação do jogador no seio de uma disputa, quando ladeado por outros jogadores, sob pressão de tempo, de espaço, enfim, sob constrangimentos ambientais, não se limitar ao aspecto teórico de escolher uma opção entre outras possíveis, mas se trata de realizar corporalmente tal ação. Logo, a ação extrapolará, sempre, os limites de um conjunto de instruções programadas. O autor refere que "A complexidade da ação que se desenvolve em condições reais, num espaço e num tempo reais, habitualmente extrapola toda exatidão predeterminada e impede as programações seqüenciais absolutas" (PARLEBAS, 1998, p.218).

Parlebas afirma que a decomposição da ação em seqüências programadas vinculadas às condições impostas pelo contexto se aplica com êxito aos esportes desenvolvidos em ambientes estáveis e, de forma alguma, aos esportes, como os coletivos, que primam pela incerteza e instabilidade ambiental. Nestes últimos, as listas de recomendações são ineficazes.

Por conseguinte, o jogador que atua é um jogador que decide. Trata-se de um estrategista, isto é, daquele que faz leituras sobre o que ainda não aconteceu (visão prospectiva). Assim, a seu ver, a distinção clássica entre estratégia (concepção) e tática (execução), oriunda do cenário militar, reforça uma visão dualista que corre o risco de ser uma ilusão no âmbito dos esportes coletivos. O autor sustenta que no lugar de distinguir entre estratégia e tática "[…] pode ser preferível adotar sucessivos níveis de análises que nos levassem ao estabelecimento de algumas subestratégias encadeadas e articuladas numa superestratégia" (PARLEBAS, 1998, p.222). Quer isso dizer que a estratégia, embora traçada pelo treinador e diferente de tática, "[...] vai com o jogador para o terreno de jogo, devendo este ser capaz de desenvolver diferentes estratégias que se inscrevam num quadro estratégico global da equipe (Modelo de jogo[40])" (GARGANTA, 2000, p. 52).

[40] Leal e Quinta (2001) advertem que o modelo de jogo é uma criação do que se pretende atingir e que o jogo é sempre mais complexo. Afirmam os autores que por se tratar de uma realidade móvel, o modelo de jogo (forma de se jogar) não é uma receita, mas uma referência.

A fim de melhor visualizar a lógica interna do futsal, propomos na FIGURA 8 uma síntese dos parâmetros configuradores tratados até este momento.

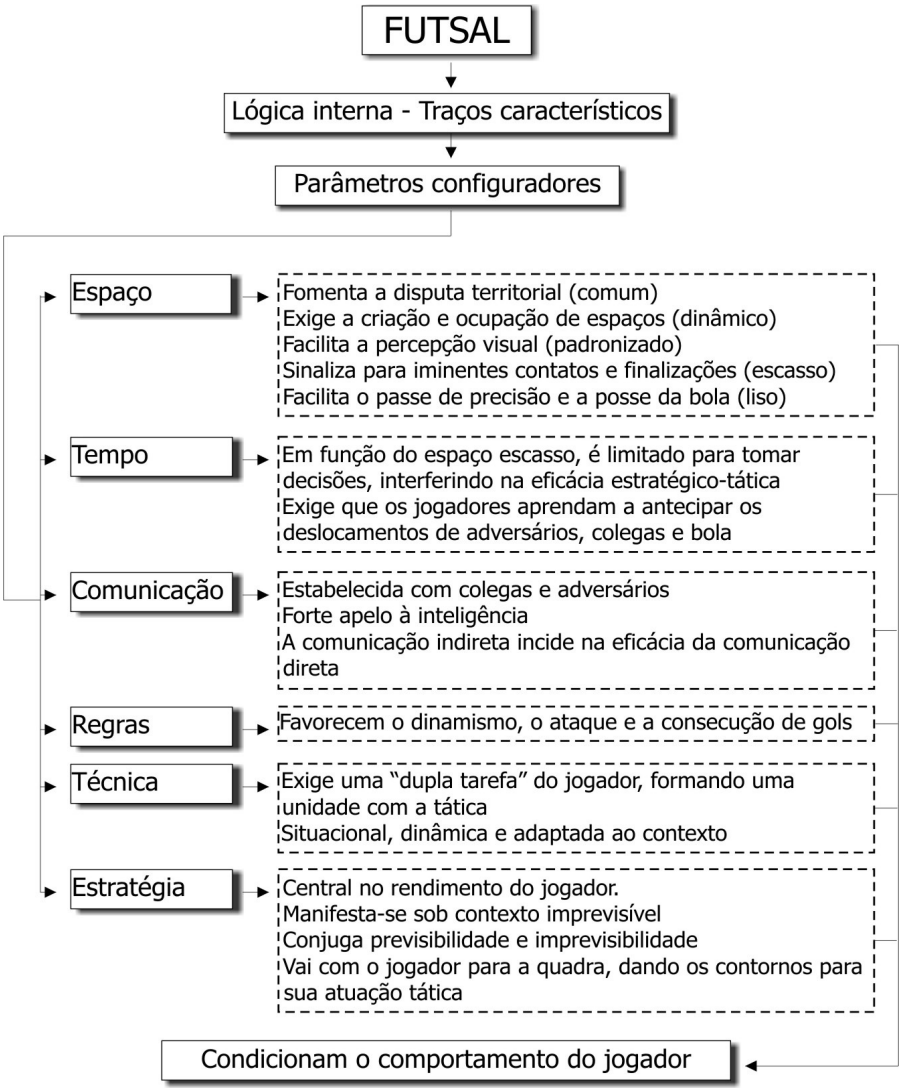


FIGURA 08 –Traços característicos do jogo de futsal
Fonte: Adaptado de BLAZQUEZ SÁNCHEZ, 1986; HERNÁNDEZ MORENO, 1998.

Segundo Hernández Moreno (1998), estes condicionariam o comportamento do jogador. Por conseguinte, compreendemos que devem ser considerados quando da elaboração e da aplicação do processo de ensino-treino do futsal, pois, independentemente de quem joga (desempenho), há uma essencialidade neste esporte que imporá/exigirá certas condutas do jogador.

No próximo capítulo, exploraremos o volume tático que o treinador pode considerar para organizar uma equipe ofensiva e defensivamente.

2 LEIS E PRINCÍPIOS DO JOGO DE FUTSAL

> O esporte não se resume aos momentos decisivos, quando um jogador tem, por exemplo, a bola aos seus pés e precisa decidir se a chuta ao gol ou realiza um passe. Existem as defesas, as armações, toda uma lógica de funcionamento que precisa ser compreendida. Ou seja, há diversas maneiras de agir inteligentemente no esporte [...] Portanto, o papel da pedagogia do esporte é compreender essa lógica e adaptar os procedimentos a ela, aumentando as possibilidades dos jogadores. (FREIRE, 2007).

Este capítulo se dedica à compreensão do volume tático do futsal, aquilo que Sampedro (1997, p.55) denominou como um "[...] conjunto de manobras táticas, combinações e variações que possui a equipe". Tal universo é ofensivo e defensivo, na medida em que são para esses pólos que os treinadores e os jogadores dirigem o seu olhar inteligente, carregado de intenções, de subjetividade e de projetos. Sem dúvida, é neste âmbito, estratégico-tático, que o personagem esportivo "[...] selecciona a sua própria informação, dirige o olhar para a realidade e define suas próprias metas" (MARINA, 1995, p.16).

Ao realizar a tarefa de catalogar o volume tático, pudemos ratificar a preocupação de Teodorescu (1984, p. 32) de que "Nos jogos desportivos, o conteúdo da táctica é bastante vasto e difícil de sistematizar e transmitir através de definições".

Por extensão, a fim de amenizar a polissemia tática, propusemos uma revisão a partir de dois momentos: (1) levantamos um conjunto de pressupostos táticos básicos, que denominamos *pautas estratégico-táticas elementares*. Constituem-nas as fases do jogo, os princípios comuns de referência tática, o problema elementar do jogo, a busca de superioridades e a organização racional do jogo; (2) apontamos conteúdos que servem como balizadores do comportamento dos jogadores quando do ataque e da defesa, pois, em consonância com Garganta (2006, p. 201), acreditamos que "Táctica e estratégia não dependem, portanto, do livre arbítrio", mas acontecem num determinado cenário e a partir de alguns planos e projetos. Trata-se da organização e tipologia para as fases de ataque e de defesa. Chamamos isso de *contornos estratégico-táticos*.

Ambos os momentos têm o objetivo de enfatizar que o jogo de futsal, por se tratar de um confronto, reclamará dos treinadores, de forma contumaz, organização.

2.1 As fases do jogo

Teodorescu (1984, p.33) entende que o jogo esportivo tem duas fases fundamentais: o ataque e a defesa. Estas, segundo Gréhaigne (2001, p.16) "[...] correspondem às relações de oposição evolutivas que expressam em particular a localização dos jogadores, da bola e, sobretudo, a evolução provável que se pode deduzir a partir das trajetórias e das relações de velocidade observadas".

Na perspectiva de Teodorescu (1984, p.33), na fase defensiva, a equipe lutaria para entrar na posse da bola, "[...] com vista ao empreendimento de acções ofensivas, sem cometer infracções e sem permitir que os adversários obtenham pontos". Na fase ofensiva, a equipe se encontra de posse da bola e "[...] cria a possibilidade de empreender acções ofensivas para obter pontos".

Castelo (1999, p.34), igualmente, subdivide o jogo nas fases de ataque e de defesa. Esta última se constitui "[...] uma ação negativa, durante a qual a equipe não poderá materializar o objetivo do jogo […] este processo deverá ser encarado como um tipo de recurso e, posteriormente, quando se recupere a posse da bola, será abandonado". De outro lado, o ataque se constitui numa ação positiva, ou seja, "[...] um fim positivo, pois somente através deste jogo pode existir uma conclusão lógica: o gol".

Diferentemente, Bota e Colibaba (2001) afirmam que os esportes coletivos apresentam uma sistematização interna que contempla quatro fases: defesa, transição ofensiva (passagem da defesa ao ataque), ataque e transição defensiva (passagem do ataque à defesa). Esta opinião, de quatro fases, é compartilhada por Gréhaigne (2001). Porém este autor entende que o esquema de funcionamento dos esportes coletivos contempla quatro configurações momentâneas:

- Fase de realização: quando os atacantes vencem a última resistência defensiva e, perseguidos pelos defensores, dirigem-se à meta adversária para marcar o gol;

- Fase de conservação: quando os atacantes conservam a posse da bola.

- Fase de defesa da meta: quando a defesa (que recuperou a bola) joga em contra-ataque e obriga os atacantes (que se converteram em defensores) a retornarem com rapidez para proteger a sua meta.

- Fase de recuperação da bola: quando a defesa opta em conduzir a bola devagar, permitindo que os atacantes (que se converteram em defensores) recuem para reconstruir uma linha defensiva para conseguir a bola.

Há também quem divida o jogo em três fases distintas. Esse é o caso de Chaves Chaves e Ramírez Amor (1998), para quem o jogo de futsal seria composto:

- Do ataque: quando a equipe tem a posse da bola e objetiva marcar o gol.

- Da defesa: quando a equipe não tem a posse da bola e luta para recuperá-la.

- Da transição: quando a equipe se encontra em mudança de atitude, de função (ataque-defesa/defesa-ataque), reposicionando-se.

Parecem-nos adequadas e não excludentes todas as subdivisões das fases do jogo expressadas anteriormente. Compartilhamos com Teodorescu (1984) e Castelo (1999) a idéia de que o ataque e a defesa são as duas fases fundamentais do jogo esportivo. E que, entre estas, apresentam-se as transições (BOTA; COLIBABA, 2001; CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998), entendidas, portanto, como subfases.

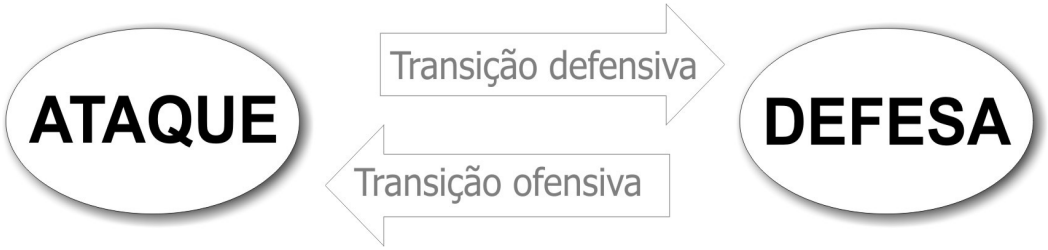


FIGURA 09 – Fases do jogo
Fonte: Adaptado de BOTA; COLIBABA, 2001.

Se considerarmos, como Bayer (1994), que o ataque começa quando a equipe domina a bola e a defesa se inicia quando da perda daquela (ainda que uma boa defesa se inicie quando do ataque[41]), a transição sempre se constituirá, no jogo, num comportamento ligado ao ataque e à defesa. A diferença é que essa fase tende a durar um curto espaço de tempo quando comparada às suas precursoras. A rigor, a transição defensiva dura desde o momento em que a equipe perde a bola até o momento em que consegue estabilizar ou não o ataque. No caso de conseguir estabilizar o ataque, isto é, de obter êxito, passa a ser uma defesa em sistema, com os

[41] Bayer (1994, p.99) explica que a defesa se inicia durante o ataque na medida em que procura "Assegurar o equilíbrio ofensivo por 'suportes', prever as respostas dos adversários [...] para não se cair numa situação de inferioridade operacional, logo que a equipe perca a posse da bola".

jogadores bem posicionados e, em geral, atrás da linha da bola[42]. Se não conseguir estabilizar o ataque, se caracteriza como uma transição mal realizada, isto é, aquela que permitiu o contra-ataque. Já a **transição ofensiva** dura desde o momento em que a equipe recupera a bola até finalizar a jogada (contra-ataque) ou ser estabilizada pela defesa adversária. No caso de ser estabilizada, frustrou-se o contra-ataque; caso contrário, a transição ofensiva foi bem sucedida.

2.2 O problema elementar do futsal e os princípios comuns de referência tática

Independentemente da fase do jogo, se de ataque ou de defesa, compartilhamos a idéia de Garganta (1998) de que os jogadores se depararão com um *problema elementar* (essencial): resolver situações-problema imprevisíveis, na presença de colegas e adversários, com o objetivo de fazer e de evitar gols. Para dar conta disso, como visto anteriormente[43], os jogadores estabelecem entre si distintas interações, de cooperação e oposição, ou seja, comunicam-se. Mas, "[...] para comunicar, é preciso falar a mesma linguagem" (BAYER, 1994, p. 49). Aí está a centralidade da comunicação: como lhe garantir harmonia? De que ponto partir? Preocupado com isso, isto é, com a qualidade da comunicação entre os jogadores, Bayer (1994) apresentou um sistema comum de referência tática dos esportes coletivos. Trata-se de um guia, que serve como ponto de partida para que as equipes "falem a mesma língua" quando das suas pretensões e prestações estratégico-táticas ofensivas e defensivas. O sistema é constituído de três objetivos de ataque e, contrariamente, de três objetivos defensivos:

QUADRO 6
Princípios comuns aos esportes coletivos

Ataque	Defesa
Conservação da bola	Recuperação da bola
Progressão dos jogadores e da bola até a meta adversária	Impedir a progressão dos jogadores e da bola até a minha meta
Atacar a meta adversária	Proteger a minha meta

Fonte: BAYER, 1994, p.47.

Vê-se, por conseguinte, que "No jogo, constantemente, as equipes estão buscando objetivos antagônicos" (LÓPEZ LÓPEZ, 2002, p. 11), segundo a posse ou não da bola.

[42] Trata-se de uma linha imaginária que passa perpendicular às linhas laterais de que serve como marco de referência para que os jogadores compactuem o sistema defensivo (SANTANA, 2004a).
[43] Cf. no item 1.8 do capítulo anterior.

Essa rivalidade não hostil (TEODORESCU, 1984) pode conjugar variadas formações, isto é, não seguem ao "pé da letra" a seqüência exposta no quadro. Bayer (1994, p. 145) alerta que

> [...] é conveniente mostrarmo-nos menos rigorosos e mais matizados no enunciado dos princípios operacionais, que em caso contrário seriam demasiado sistematizados. [...] tentar recuperar a bola, pode também fazer-se para travar progressão do adversário e também aquando da protecção da sua baliza.

Logo, segundo esse autor, os princípios "[...] existem sem ordem hierárquica, nem ordem de ensino" (BAYER, 1994, p. 146). O que importa é que servem para sustentar a ação coletiva, de modo que "[...] jogar com princípios idênticos, utilizando factores idênticos representa ter uma linguagem que vai permitir a compreensão mútua" (BAYER, 1994, p, 49). A nosso ver, os princípios, ao se prestarem para organizar a comunicação dos jogadores, servem, também, para organizar o pensamento estratégico-tático do técnico na difícil tarefa de levar vantagem sobre o adversário.

2.3 A busca pela superioridade e a organização racional do jogo

Partindo da premissa de que o objetivo final do jogo de futsal, caso a equipe tenha a posse da bola, é alcançar o gol e, em caso contrário, é recuperar aquela, Chaves Chaves e Ramírez Amor (1998,p.19) acreditam que

> O engano ou a simulação gestual é a base de um esporte que nasceu escasso de espaço. Entre o atacante e o defensor se estabelece uma luta sobre quem conseguirá forçar ao outro dar um passo equivocado, conquistando assim uma superioridade. Este último conceito leva implícito o de desequilíbrio entre atacante e defensor.

Julgamos oportuno o posicionamento desses autores na medida em que isso salienta a premissa de que em se tratando de futsal, tudo o que se faz nas fases do jogo, isto é, toda sorte de dissimulações, estratégias, atitudes técnico-táticas, comportamentos inteligentes intentam alcançar superioridade sobre o adversário, superando-o e induzindo-o ao erro. Neste sentido, Teodorescu (1984, p. 39) explica que na relação antagônica entre o ataque e a defesa "Cada componente do jogo (ataque ou defesa) tenta romper o equilíbrio existente (teoricamente) e criar vantagens que lhes assegurem sucesso". É aquilo que Bota e Colibaba (2001, p.121) intitulam de "estado de caos", cuja centralidade consiste em "[...] provocar desordem nos

sistemas de ataque e de defesa dos adversários, para os obrigar a jogar diferente do que estão habituados ou preparados [...] para que este não possa valorizar a capacidade de que dispõe".

Para Chaves Chaves e Ramírez Amor (1998), a busca pela superioridade às quais se referiram Teodorescu (1984) e Bota e Colibaba (2001), é alcançada quando a equipe impõe certos constrangimentos ao adversário. Estes podem ser de natureza:

- Psicológica: quando se trata da "[...] imposição ao adversário, possuidor ou não da bola, da opção que mais nos interessa que ele tome" (CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998, p. 19). Por exemplo, o duelo de 1x1, em que a possibilidade de o atacante ser superado sucessivas vezes pelo defensor, forçaria, por parte do treinador deste último, retirá-lo da quadra, substituí-lo, ou seja, alterar o plano inicial de mantê-lo em quadra.

- Posicional: quando se relaciona à disputa territorial: "O adversário, possuidor ou não da bola, é 'obrigado' a tomar uma posição que lhe será incômoda para desenvolver seu jogo, ou que essa posição o levará à perda da bola" (CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998, p. 20). Por exemplo, quando um defensor induz um atacante a conduzir a bola pela lateral da quadra, de modo a levá-lo para uma armadilha, isto é, para um espaço de quadra onde será pressionado por mais um defensor, minando sua força ofensiva.

- Numérica: quando se refere à atitude de superar o contrário, ou seja, "[...] qualquer ação ou procedimento em que deixamos para trás um adversário" (CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998, p.21). Como exemplos: projetar-se nas costas de um adversário e driblar o oponente.

Evidentemente que as vantagens psicológica, posicional e numérica que se buscam sobre o adversário são condições necessárias, mas não suficientes para o êxito da equipe. Pensamos que a busca da superioridade precisa se assentar tanto na inteligência tática como num conjunto de componentes que facilitem às equipes, no ataque e na defesa, a sua concretização. Para Teodorescu (1984, p. 39) esses componentes se constituem na organização das ações individuais e coletivas dos jogadores, o que "[...] pressupõe o desenvolvimento e a coordenação racionais das acções". Por extensão, compreendemos que a busca da superioridade somente será possível se o jogo estiver organizado. Esta organização se expressa "[...] mediante a aplicação dos diferentes sistemas, combinações e variações durante o jogo" (SAMPEDRO, 1997, p. 63). A isso, isto é, à organização racional do jogo, chamaremos contornos estratégico-táticos.

2.4 Contornos estratégico-táticos ofensivos

Para Castelo (1999, p.65), o ponto de partida para a organização da coordenação das ações individuais e coletivas dos jogadores e seus deslocamentos, que ele chama de "subsistema estrutural" [44], seria a racionalização do espaço de jogo e das missões táticas dos jogadores. A primeira tratar-se-ia de uma dimensão estática, traduzida pelo "[...] sistema de jogo […] que representa o modo de colocação dos jogadores sobre o terreno de jogo. Esta colocação de base fundamental [...] restabelece a ordem e os equilíbrios em várias zonas do campo". A segunda tratar-se-ia de uma dimensão dinâmica, "[…] estabelecida pelas diferentes tarefas e missões táticas distribuídas entre os jogadores de uma equipe, que, […] traduzem as regras e os limites orientadores de seus comportamentos técnico-táticos".

Concordamos com o autor: os contornos estratégico-táticos reclamam, antes de tudo, que a equipe opte por determinados posicionamentos (faceta estática) e, a partir destes, desenvolva missões táticas (faceta dinâmica). A junção dessas facetas, na interpretação de Sampedro (1997, p. 64) constitui o sistema de jogo, isto é, a

> [...] organização das ações, tanto comuns como específicas, estando os jogadores distribuídos no terreno de jogo segundo certo padrão. Os sistemas têm como fim a organização do ataque e da defesa, assim como a passagem de um ao outro em ambos sentidos.

Significa dizer que o sistema de jogo, que consiste na "[...] organização da ação dos jogadores, se efetua por todo o campo de jogo e vem associada à mudança contínua da disposição dos jogadores" (MOMBAERTS, 2000, p.63). Daí concebermos um sistema de jogo como um "[...] conjunto de táticas que determinam as ações e características de uma equipe" (DRUBSCKY, 2003, p. 93) nas diferentes fases do jogo, regido por leis e princípios. Assim, compartilhamos da idéia de Sampedro (1997) de que o sistema de jogo se constitui na aplicação prática, na quadra, do sentido estratégico da equipe.

Teodorescu (1984) defende que os técnicos podem optar por diferentes sistemas de ataque e de defesa para construírem a maneira de suas equipes atuarem taticamente. Entretanto, a escolha de um sistema de jogo, que traduzirá o estilo de jogo do técnico, ou seja, a

[44] Para esse autor, a organização do jogo de futebol, que não é o esporte estudado nesta tese, mas que se trata de um dos esportes coletivos, conjugaria, ao mesmo tempo, seis subsistemas interdependentes e complementares: cultural, estrutural, metodológico, de relação, técnico-tático e tático-estratégico.

sua forma de interpretar o jogo, não se constitui numa tarefa fácil. Tal escolha, para Bota e Colibaba (2001, p. 74), "[...] é uma das mais importantes operações que atesta (ou não) a maestria do treinador".

O que contaria quando da eleição de um sistema de jogo? Sampedro (1997, 63) entende que "[...] é imprescindível a introdução de um estilo próprio de jogo, baseado na experiência e nas conquistas alcançadas" pelo técnico. Além disso, "[…] dependerá dos jogadores com os quais conta o treinador, isto é, de suas qualidades[45], procurando tirar o máximo proveito de seus pontos fortes" (BAYER, 1987, p. 303).

Sampedro (1997) identifica três tendências distintas de sistemas de jogo que podem ser adotadas: o 1º modelo teria como principal característica a rigidez, centrado exclusivamente no técnico, que fixaria os contornos estratégicos de antemão. Tratar-se-ia de um sistema de jogo estereotipado, em que se realiza um tipo de jogo sempre com as mesmas características; o 2º modelo seria antagônico ao primeiro na medida em que a responsabilidade de interpretar o jogo e de decidir estratégico-taticamente pertenceria, exclusivamente, aos jogadores e o 3º modelo refutaria tanto a idéia de se centrar o sistema, exclusivamente, num jogo estereotipado, como a idéia de se delegar para os jogadores responsabilidade total. Tratar-se-ia de uma posição intermediária, que estabeleceria um esquema de base inicial (esqueleto) que acompanharia a equipe quando do enfrentamento das situações de jogo.

Por conseguinte, inferimos que não há, a *priori*, um sistema melhor; o que existe é a eleição daquele "[...] que propicia um maior desenvolvimento de teus jogadores, criando as condições idôneas para isso" (SAMPEDRO, 1997, p. 66). Não obstante essa assertiva, verificamos que o terceiro modelo de sistema de jogo é o único que valoriza os papéis do técnico (a estratégia) e do jogador (a tática) e reconhece a interface entre estes.

Em considerando esta última afirmação, exporemos daqui para frente parte dos contornos estratégico-táticos que possibilitam a organização inteligente do jogo futsal nas fases de ataque, de defesa e suas respectivas transições.

[45] O autor se refere à morfologia, às qualidades atléticas, às qualidades motrizes, aos conhecimentos técnicos, ao sentido de jogo e à conscientização.

2.4.1 Organização e tipologia ofensiva

Em concebendo que o jogo de ataque ou processo ofensivo se inicia quando a equipe entra na bola (BAYER, 1994), a organização se refere às posturas (possíveis) que a equipe tomará daí em diante. Ou seja, como ela se organizará a fim de garantir a posse da bola, o avanço desta e dos jogadores pela quadra e a finalização na meta adversária.

Esta organização perpassa um conjunto de conteúdos que propicia tanto a ocupação inteligente da quadra como a criação de espaços. Trata-se de uma organização básica entre jogadores, espaços, funções e posições (LOZANO CID et al., 2002).

Num primeiro momento, convém apontar que o ataque comporta diferentes fases e pode ser articulado de diferentes formas. Num segundo momento, interessa caracterizar a sua faceta estática e a faceta dinâmica.

Como atesta o QUADRO 7, há na literatura diferentes tipologias para o ataque.

QUADRO 7
Diferentes tipologias do ataque

Autores	Datas	Tipologias
Sampedro	1997	Ataque posicional, jogo rápido, contra-ataque e transição
Chaves Chaves e Ramírez Amor	1998	Ataque posicional estático, ataque posicional dinâmico, ataque rotacional, contra-ataque ou transição não-estruturada e transição estruturada
Lozano Cid et al	2002	Contra-ataque, contra-ataque sustentado, transição ofensiva e ataque posicional
Velasco Tejada e Lorente Penas	2003	Jogo rápido ou contra-ataque e jogo posicional
Silva e Calado Filho	2005	Ataque sob padrões ou modelos de jogo, ataque em superioridade numérica e contra-ataque ou ataque não-sistemático

Embora exista certa divergência quanto aos tipos de ataque usados em futsal, salientamos alguns pontos desse quadro:

1º) Dois tipos de ataque foram citados por todos: o posicional e o contra-ataque.

2º) Não há divergência entre os autores acerca do que represente um ataque posicional. Trata-se de um jogo contra uma defesa organizada, isto é, de 4x4. Neste, o tempo não é um imperativo para a equipe. Esta opta por um desenho tático, por um modelo ou padrão de jogo que facilite a manutenção da posse da bola e se presta a criar e ocupar espaços, enfim, a promover a organização das ações ofensivas a fim de envolver/romper a defesa adversária. Para Velasco Tejada e Lorente Peñas (2003, p.245), o jogo posicional "[...] é a antítese do jogo de contra-ataque ou jogo rápido".

Não pode passar despercebido que o ataque posicional ganha o nome de ataque sob padrões ou modelos de jogo em Silva e Calado Filho (2005). Também é dividido em estático[46], dinâmico[47] e rotacional[48] por Chaves Chaves e Ramírez Amor (1998).

3º) Porém, quando se trata de explicar o que não representa o ataque posicional, há convergências e divergências. Para todos os autores, o contra-ataque, na medida em que exige uma conversão da defesa em ataque, se trata de uma transição. De outro lado, não há concordância quanto ao que seria um autêntico contra-ataque: para Sampedro (1997), Lozano Cid et al (2002), Silva e Calado Filho (2005), este aconteceria, apenas, em situação de superioridade numérica, algo sumariamente refutado por Chaves Chaves e Ramírez Amor (1998) e Velasco Tejada e Lorente Peñas (2003), que expressam ser central a velocidade (transição rápida, brusca, vertical) com que se realiza e não a superioridade numérica. Neste sentido, alimentam que o contra-ataque pode ser, também, em igualdade numérica, mas tem de dispor de uma vantagem posicional[49]. Logo, para estes autores, jogo rápido e contra-ataque se equivalem.

Por sua vez, Lozano Cid et al (2002) expressam uma diferença entre o contra-ataque e o contra-ataque sustentado. Esta residiria no fato de que, neste último caso, por algum motivo (tomada de decisão incorreta ou mesmo mérito do adversário), haveria uma perda da vantagem posicional ou numérica inicial (CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998).

A transição estruturada de Chaves Chaves e Ramírez Amor (1998) acontece quando a equipe que ataca não tem vantagem numérica ou posicional, isto é, não está em contra-ataque. Para os autores, esse tipo de transição do campo defensivo para o ofensivo terminará num ataque posicional. Isso equivale ao conceito de transição ofensiva de Lozano Cid et al (2002) e ao conceito de transição ofensiva ou jogo rápido de Sampedro (1997). Este autor acrescenta que a transição, além de rápida, sem vantagem numérica ou posicional, estaria entre o contra-ataque (que para ele se dá apenas em vantagem numérica) e o ataque posicional (4x4).

4º) O ataque em superioridade numérica (SILVA; CALADO FILHO, 2005) não se trata de um contra-ataque, mas sim um jogo de 4x3 (quando a equipe defensora tem um

[46] Para os autores, suas principais características seriam: menor polivalência dos componentes da equipe, movimentos táticos muito restritos e previsíveis e forte determinação de seus componentes para cumpri-lo.

[47] Neste caso, haveria certa mobilidade dos jogadores, permitindo trocas de posições entre dois jogadores. Seria um ataque de maior elaboração; deixaria sobre os jogadores a responsabilidade de seus movimentos e haveria certa liberdade quando da ocupação das funções.

[48] Os autores explicam que esse se desenvolveria mediante o emprego de uma ou várias rotações; seria um conjunto de deslocamentos contínuos através da troca coordenada das posições de mais de dois jogadores.

[49] Para os autores, há igualdade numérica, mas a disposição na quadra dos atacantes leva certa vantagem sobre os defensores.

jogador expulso) ou de 5x4 (quando o goleiro sai da sua área e participa da elaboração do ataque).

Pelo exposto, pensamos que a tipologia mais adequada seria a de Silva e Calado Filho (2005). Ela não exclui o que foi mais incidente nas outras classificações, reduz a polissemia sem perder a essência e, além disso, insere uma novidade. Porém, acrescentaríamos nessa tipologia o fato de o contra-ataque ser, também, realizado em igualdade numérica (CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998).

QUADRO 8
Tipologia do ataque

Momentos	Características e aplicabilidade
Contra-ataque ou ataque não-sistemático	Quando a equipe, ao entrar na bola, encontra uma defesa desequilibrada numérica e/ou posicionalmente. Exige imprimir velocidade e jogar verticalmente. O tempo é um imperativo.
Ataque posicional sob modelos de jogo (4x4)	Quando a equipe, ao entrar na bola, encontra uma defesa equilibrada numérica e posicionalmente. Exige a adoção de um desenho tático e a organização de ações táticas a fim de garantir a posse da bola, o avanço desta e dos jogadores no espaço e a finalização contra a meta adversária. O tempo não é um imperativo.
Ataque posicional em superioridade numérica (5x4; 4x3)	Quando a equipe, ao entrar na bola, encontra uma defesa equilibrada (4x4) ou a encontra desequilibrada (3x4). No primeiro caso, trata-se de acrescentar um jogador ao ataque (5x4); no segundo caso, trata-se de uma situação especial, isto é, um jogador foi expulso (4x3). O tempo não é um imperativo.

Fontes: Adaptado de CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998; SILVA; CALADO FILHO, 2005.

Independentemente do tipo de ataque, Valdericeda (1994), Chaves Chaves e Ramírez Amor (1998), Lozano Cid et al (2002), Silva e Calado Filho (2005) concordam que este último comporta três fases distintas: (1ª) abertura ou posição inicial: é a primeira ação que o ataque realiza depois da recuperação da bola (por exemplo, depois da defesa do goleiro ou da cobrança de um arremesso de meta ou de lateral). Por isso, está associada ao término do ataque do adversário, quando a equipe que defendia se converte em atacante. Seu objetivo é criar um desequilíbrio defensivo inicial e a progressão no espaço de jogo; (2ª) desenvolvimento: seria a exploração desse desequilíbrio inicial. Nesta fase, aplica-se um conjunto de ações (modelo ou padrão de jogo) a fim de manter a conservação da bola e a preparação para a fase final. Trata-se, em geral, de uma fase mais demorada (mas também pode ser curta); (3ª) finalização ou posição final: supõe a consecução do gol ou ao menos a finalização contra a meta adversária.

É preciso discernir que nem sempre o ataque passará por todas essas fases. Por exemplo, se o ataque se iniciar a partir de um arremesso de meta e optar, em função das

circunstâncias, em jogar de forma estruturada (4x4), exigirá uma abertura e um período de desenvolvimento (longo ou curto), mas não há garantia de que finalizará ao gol.

Isso posto, resta saber como se pode organizar o ataque.

2.4.2 Os desenhos táticos: a faceta estática do ataque

Os desenhos táticos referem-se à "Distribuição ordenada dos componentes de uma equipe na quadra" (LUCENA, 1994, p. 79); aqueles dispositivos de ataque que ocupam a distribuição do campo (BOTA; COLIBABA, 2001; CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998).

Trata-se da faceta estática do ataque, cujo objetivo seria facilitar a aplicação de um conjunto de movimentos, ou seja, do desenvolvimento do ataque, que se trata, por conseguinte, da faceta dinâmica. Refere-se ao primeiro passo para a organização ofensiva de um ataque posicional (SILVA; CALADO FILHO, 2005).

Diferentemente de um sistema de jogo (mais amplo), que conjuga a faceta estática e a faceta dinâmica de jogo da equipe, o desenho tático é mais restrito. O QUADRO 9 contempla os mais citados na últimas duas décadas.

QUADRO 9
Desenhos táticos do futsal para o ataque posicional

Autores	Anos	Desenhos táticos ofensivos
Lucena	1994	2.2, 2.1.1, 3.1
Valdericeda	1994	2.2, 1.2.1
Luque Hoyos e Luque Tabernero	1995	3.1, 2.2, 4.0, 1.3
Lozano Cid	1995	2.2, 3.1, 4.0
Santana	1996	2.2, 1.2.1, 3.1
Sampedro	1997	3.1, 4.0, 2.2
Saad	1997	2.2, 3.1, 2.1.1, 1.2.2
Fonseca	1997	2.1.1, 3.1
Chaves Chaves e Ramírez Amor	1998	3.1, 2.2, 2.1.1, 1.1.2
Santos Filho	1998	2.2, 3.1, 1.3, 2.1.1, 1.2.1, 4.0
Souza; Leite	1998	2.2, 2.1.1, 3.1, 1.3
Andrade Junior	1999	2.2, 2.1.1, 3.1, 1.3, 1.2.2
Saad; Costa	2001	2.2, 2.1.1, 3.1, 1.3, 4.0, 1.2.2
Voser	2001	2.2, 2.1.1, 1.2.1, 3.1, 1.3, 4.0, 3.2
Voser; Giusti	2002	2.2, 2.1.1, 1.2.1, 3.1, 1.3, 4.0, 3.2
Lozano Cid et al	2002	3.1, 2.2, 1.2.1, 4.0, 1.3
Mutti	2003	2.2, 3.1, 1.3, 1.2.1, 2.1.1, 4.0, 1.4
Tenroller	2004	2.2, 2.1.1, 1.2.1, 3.1, 4.0, 1.3, 3.2
Apolo	2004	2.2, 2.1.1, 3.1, 1.3, 4.0, 0.4
Santana	2004a	2.2, 2.1.1, 3.1, 4.0, 1.2.2, 2.3 ou 2.1.2
Costa Junior, Souza e Muniz	2005	2.2, 2.1.1, 3.1, 1.3, 1.2.1, 4.0, gol linha
Silva e Calado Filho	2005	3.1 ou 1.2.1, 2.2, 4.0

Observa-se pelo quadro que os desenhos mais recorrentes são o 2.2, o 3.1, o 2.1.1, o 1.2.1 e o 4.0. Nota-se que a partir do final da década de 1990, em função da alteração na regra que permitiu ao goleiro jogar com os pés fora da área de meta, surgem os desenhos táticos com a participação do goleiro, como o 1.2.2 (ou 3.2 ou 1.4 ou gol linha) e o 2.1.2 (ou 2.3), que se trata de ataques em vantagem numérica.

Historicamente, há indícios suficientes de que o surgimento dos desenhos táticos obedeceu a seguinte cronologia: 2.2 e 2.1.1 (década de 50) → 1.2.1/3.1 (década de 60) → 4.0 (década de 80) → 1.2.2 e 2.1.2 (década de 90) (COSTA JUNIOR; SOUZA; MUNIZ, 2005; LUCENA, 1994; SAAD, 1997, SANTOS FILHO, 1998; SANTANA, 2003; TENROLLER, 2004; VOSER, 2001). Salientamos que os desenhos táticos gozam de longevidade temporal. Ratifica isso, por exemplo, um posicionamento pioneiro como o 2.2, que surgiu na época do futebol de salão (LUCENA, 1994), perdurar até hoje.

Isso posto, faremos uma breve contextualização funcional de cada desenho.

O desenho 2.2 exige que dois jogadores se posicionem na meia-quadra defensiva e os outros dois na meia-quadra ofensiva. Em linhas gerais, "[...] as manobras podem ser articuladas com o goleiro, um dos alas ou o fixo, tentando ligar a defesa ao ataque, acionando o pivô ou ala, posicionados ofensivamente" (LUCENA, 1994, p. 82). Silva e Calado Filho (2005, p. 101) explicam que "Os jogadores que ocupam a zona de elaboração, que são simultaneamente fixos e alas, devem ser especialmente habilidosos e rápidos; os dois da zona de finalização, se pode dizer, que atuam como pivôs".

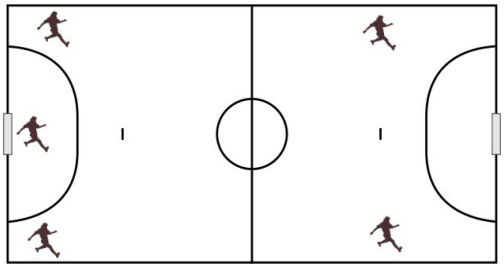


FIGURA 10 – Desenho tático 2.2
Fonte: ANDRADE JUNIOR, 1999, p. 47.

Embora se parta da premissa de que o desenho exija essa ocupação do espaço, entendemos que os jogadores poderão, dependendo do local de marcação do adversário, se posicionar diferentemente no espaço. Por exemplo, se a marcação estiver recuada, optarem em ocupar apenas a meia-quadra ofensiva.

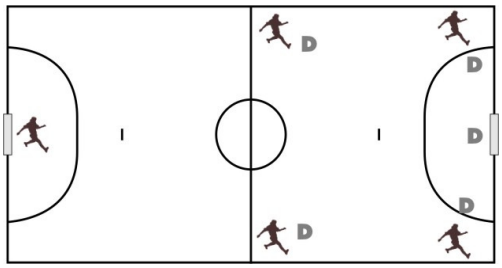


FIGURA 11 – Desenho tático 2.2 na meia-quadra ofensiva
Fonte: SANTANA, 2004a, p. 118.

Caso os defensores marquem a saída de bola, a fim de fugir da pressão, ocuparem apenas a meia-quadra defensiva. Para Lozano Cid et al (2002), esse posicionamento, inclusive, é o mais indicado para a equipe sair da pressão do adversário.

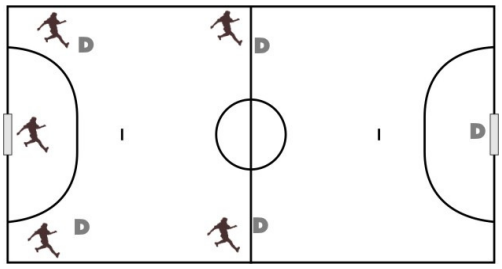


FIGURA 12 – Desenho tático 2.2 na meia-quadra defensiva
Fonte: SANTANA, 2004a, p.96.

Valdericeda (1994), Lozano Cid (1995), Sampedro (1997), Chaves Chaves e Ramírez Amor (1998) e Lozano Cid et al (2002) preocuparam-se em listar possíveis vantagens desse desenho. Em linhas gerais: (a) fácil compreensão, (b) indicado para sair de pressão, (c) indicado para enfrentar posturas defensivas excessivamente recuadas, pois "abre a quadra", isto é, afasta as linhas de defesa, o que permite chutes de meia-distância, (d) transforma-se em vantagem quando a equipe dispõe de um jogador de grande habilidade e segurança com a bola nos pés, pois em caso do duelo de 1x1 se criará uma superioridade numérica, (e) indicado contra equipes que marcam por zona, pois o sistema proporciona espaços nos corredores centrais e laterais, sendo ideal para um jogo rápido e em profundidade; também porque, em particular contra marcações que se posicionam 1.2.1, ao distribuir dois atacantes muito separados, faz uma sobrecarga no último defensor.

De outro lado, para Valdericeda (1994), Lozano Cid (1995) e Sampedro (1997) alguns inconvenientes o acompanham: (a) muito vulnerável quando se apresenta em zonas adiantadas da quadra, favorecendo, no caso de um desarme ou interceptação de passe do

adversário, o contra-ataque, (b) em caso da perda da bola, em função da distância entre os jogadores, há muito espaço para defender, o que dificultas as ajudas e coberturas defensivas, (c) pouca mobilidade, em função de existir entre as duas linhas de ataque (defensores e atacantes) muita distância, o que dificulta as rotações de posições, (d) fica-se em geral com apenas um jogador como apoio à bola. Neste caso, se o adversário pressionar e roubar a bola obriga o último defensor será obrigado a enfrentar o 1x1, (e) falta de espaços livres na zona de finalização, na medida em que concentra jogadores adversários.

Sampedro (1997, p. 76) explica que esse desenho no âmbito do alto rendimento, em função da evolução dos sistemas de ataque, "[...] cada vez se utiliza menos. Prova disso é que somente o temos encontrado em 1% do jogo total".

O desenho 2.1.1 é uma variação do 2.2 (LUCENA, 1994; SAAD, 1997). Consiste em ter três jogadores posicionados na meia-quadra defensiva (um em cada lado da área de meta e o terceiro na lateral, próximo da linha divisória central) e um na meia-quadra ofensiva, entre os 10 metros e o pênalti. Para Costa Junior, Souza e Muniz (2005, p. 32) se trata de um posicionamento muito utilizado quando de arremessos de meta e "[...] tem a vantagem de confundir o adversário, podendo variar para o 2x2 ou para o 3x1". Saad (1997, p. 59) acrescenta que é "[...] muito utilizado contra uma marcação pressão do adversário". Para Lucena (1994, p. 83), o 2.1.1, ao recuar um jogador para o campo defensivo permite tanto o aumento do número de "[...] opções para que se articulem as ações de ataque com o pivô [como] [...] começa a se configurar a formação básica para o 3.1".

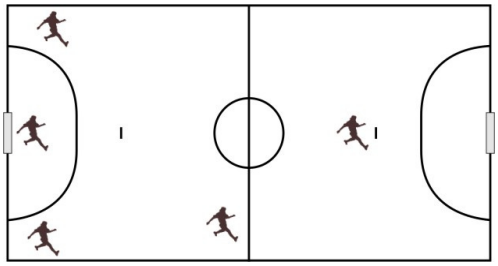


FIGURA 13 – Desenho tático 2.1.1
Fonte: FONSECA, 1997, p. 125.

Valdericeda (1994), Saad (1997), Chaves Chaves e Ramírez Amor (1998), Voser (2001), Saad e Costa (2001), Silva e Calado Filho (2005) entendem que o desenho 3.1 ou 1.2.1 é o mais utilizado no futsal. Sampedro (1997) explica que o 3.1 pode ser lido como 1.2.1 quando o posicionamento do fixo "toma" uma forma mais recuada, opinião compartilhada por

Lozano Cid et al (2002, p. 137), para os quais o 1.2.1 “É igual ao sistema 3.1, mas com os alas mais adiantados, trabalhando em contínuas fintas para ganhar terreno e progredir no jogo”. Esse desenho consiste “[...] em ter o fixo posicionado na altura da marca de penalidade máxima de sua quadra defensiva, com os alas abertos nas laterais um pouco mais à frente, ainda na meia-quadra defensiva, e o pivô posicionado na meia quadra ofensiva próximo à marca de pênalti” (LUCENA, 1994, p. 84).

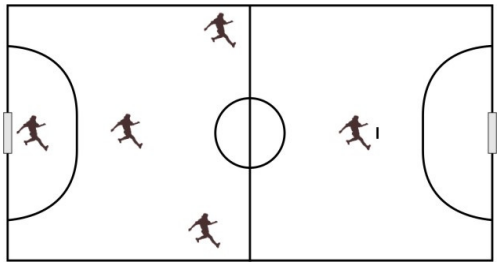


FIGURA 14 – Desenho tático 3.1 ou 1.2.1
Fonte: LUCENA, 1994, p. 84.

A nosso ver, a exemplo do 2.2, em função do posicionamento defensivo do adversário, a equipe poderá se posicionar 3.1 ocupando, apenas, a quadra ofensiva.

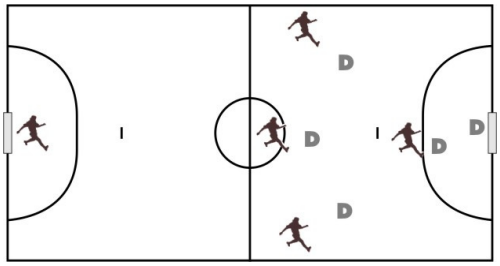


FIGURA 15 – Desenho tático 3.1 ou 1.2.1 na meia-quadra ofensiva
Fonte: SANTANA, 2004a, p. 108.

Lucena (1994), Voser (2001) e Costa Junior, Souza e Muniz (2005) ponderam que esse desenho facilita o deslocamento dos jogadores. Silva e Calado Filho (2005, p. 94) defendem que o jogador que ocupa a posição de pivô “[...] costuma ter um papel determinante, já que de seu posicionamento e mobilidade depende a aplicação dos diferentes padrões de jogo”. Entretanto, Velasco Tejada e Lorente Peñas (2003, p. 268) advertem que “O fato de jogar com um pivô não significa que tenhamos que lhe passar sempre a bola, nem tampouco que não o

façamos nunca. Temos que ensinar a nossos jogadores a observar o jogo e passar a bola ao companheiro mais bem situado para recebê-la".

As vantagens desse desenho, segundo Lozano Cid (1995), Sampedro (1997), Chaves Chaves e Ramírez Amor (1998) e Lozano Cid et al (2002) podem ser resumidas da seguinte forma: (a) simples de realizar, (b) na zona de finalização se dispõem de espaços livres, (c) evita aglomerações no campo ofensivo, (d) em função de exigir uma linha de três jogadores, oferece segurança defensiva em caso de perda da bola, (e) é indicado para se usar contra marcações pressão e recuadas, individuais e por zona, (f) oferece muito mais possibilidades ofensivas do que os sistemas anteriores, como por exemplo, ganhar as costas do adversário, realizar diagonais, paredes com o pivô.

Santos Filho (1998) adverte que esse desenho, em função de exigir movimentações constantes dos jogadores, não deve ser usado por equipes mal preparadas em nível condicional e tampouco em equipes sem jogadores versáteis em atacar e defender.

Lozano Cid (1995) explica que o 4.0 ou quatro em linha foi inventado por um treinador brasileiro[50] e se trata de um posicionamento inovador e criativo. Ao ver de Sampedro (1997), Saad e Costa (2001), Mutti (2003) se trata do desenho tático de futsal mais moderno. Consiste na disposição dos quatro jogadores em linha na meia-quadra ou, ainda, posicionar a todos na armação da jogada.

Por conseguinte, nesse sistema, os jogadores jogam em função do aproveitamento do espaço defensivo do adversário (SAMPEDRO, 1997).

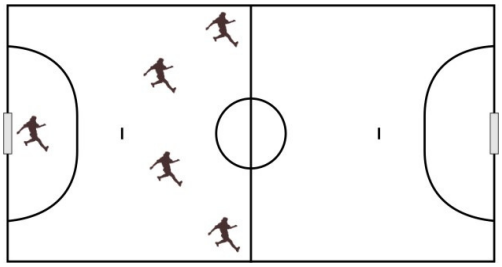


FIGURA 16 – Desenho tático 4.0 ou quatro em linha
Fonte: TATEYAMA; NAVARRO, 2008, p.93.

Velasco Tejada e Lorente Penas (2003, p. 271) ensinam que a característica de se jogar em função do espaço livre transforma o quatro em linha num "[...] sistema de rotação por

[50] De nome Antonio Azevedo, mais conhecido como "Zego". Tateyama e Navarro (2008) reportam que esse sistema foi criado por "Zego" no Brasil, em 1980, na equipe Citrosuco, em Santos (SP). Isso teria acontecido em virtude de a equipe ser mediana e "Zego" ter dado prioridade à posse de bola, o que teria feito o treinador recuar o pivô.

excelência, já que exige um contínuo movimento sem bola dos jogadores com o objetivo de limitar ao máximo a defesa de ajudas e de coberturas". Em função disso, o posicionamento exige dos jogadores que "[...] Sejam rápidos e com uma boa mudança de ritmo que lhes permita ganhar as costas do adversário com facilidade; que tenham capacidade para ler o jogo, o qual requer uma grande inteligência tática, e que, se possível atuem com ambas as pernas". Essa opinião é ratificada por Lozano Cid et al (2002, p. 139), ao sustentarem que se trata de um sistema utilizado na elite, pois (a) exige "Movimento constante com e sem bola e, como conseqüência, uma grande condição física"; (b) "Grande sincronização e automatização entre os jogadores" e (c) exige que estes últimos saibam "[…] jogar a bola com pressão e proximidade defensiva sem medo e com confiança, assumindo riscos".

Sampedro (1997, p. 75) lhe imprime certas características, como por exemplo, (a) "Utiliza passes por cima da defesa, sobretudo ao espaço livre"; (b) "Obriga a defesa a mover-se continuamente e ter que eleger o tipo de marcação"; (c) "Idôneo para jogar com vantagem no placar, já que o adversário deve recuperar a bola".

Velasco Tejada e Lorente Peñas (2003, p. 270) acrescentam que, além desse sistema favorecer que todos os jogadores atuem no ataque, integra três conceitos: o de "criação-ocupação de espaços"; o de "apoio constante ao companheiro que tem a bola" (atacante) e, por fim, conseguir ou alcançar, mediante os movimentos dos atacantes, o desequilíbrio "[…] contínuo da defesa contrária […] que permita finalizar com vantagem, seja posicional ou numérica".

Lozano Cid (1995) cita que esse desenho favorece a criação de espaços livres, ganhar as costas do adversário, deixar o rival sem coberturas e, no caso de fazê-las, proporcionar um jogador livre para servir de apoio e, ainda, se o adversário marcar individualmente, imprimir-lhes um desgaste considerável. Por outro lado, algumas desvantagens precisam ser consideradas (LOZANO CID, 1995; LOZANO CID et al., 2002; VELASCO TEJADA; LORENTE PEÑAS, 2003): (a) inadequado para defesas muito recuadas, em função da pouca existência de espaços livres, (b) desfavorece a recomposição defensiva, em vista de os jogadores se posicionarem em linha, (c) exige muitas horas de treinamento o que, nem sempre, a maior parte das equipes dispõe, (d) exige muita sincronização e preparo físico dos jogadores, na medida em que estes precisam se movimentar muito sem bola, (f) exige um comportamento técnico-tático assentado o máximo possível na ambidestria.

Velasco Tejada e Lorente Peñas (2003, p. 271) têm uma visão interessante do posicionamento quatro em linha que, a nosso ver, o diferencia definitivamente dos anteriores. Para esses autores

> Com esse sistema de jogo não somos nós quem colocamos a cada jogador onde julgamos oportuno, como ocorre, por exemplo, com o sistema anterior[51], senão que são os próprios jogadores quem devem realizar os movimentos que se adaptem melhor às suas determinadas características.

O fato é que nesse sistema, diferentemente dos anteriores, as posições/funções dos jogadores não são definidas previamente, ou seja, não é possível diferenciar, quanto ao espaço de atuação, os fixos dos alas, estes dos pivôs e estes dos primeiros. Logo, o sistema exige "[…] jogadores inteligentes que sejam capazes de reagir diante de situações complicadas e que se afastem da ação mecânica de se mover porque assim diz o treinador" (VELASCO TEJADA; LORENTE PEÑAS, 2003, p. 271).

Tateyama e Navarro (2008) reportam que as seleções do Brasil e da Espanha, as maiores forças do futsal mundial, usam esse sistema atualmente.

2.4.3 Os desenhos táticos em superioridade numérica

Os desenhos 1.2.2 (ou 1.4 ou 3.2) e 2.1.2 (ou 2.3) se aplicam quando o adversário defende com quatro jogadores na linha. Surgiram em função das alterações nas regras, ocorridas na segunda metade da década de 1990, que permitiram ao goleiro atuar fora da área de meta. O sistema 1.2.2 consiste em ter o goleiro posicionado pelo centro na meia-quadra de defesa ou de ataque e os outros jogadores posicionados nas laterais.

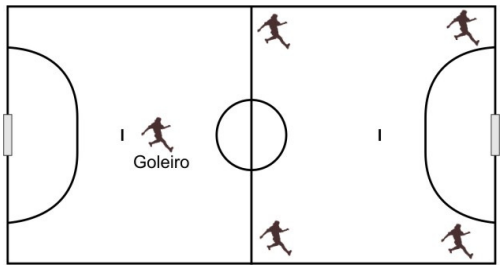


FIGURA 17 – Desenho tático 1.2.2
Fonte: SAAD; COSTA, 2001, p.35.

[51] Os autores se referem ao sistema 3.1.

Voser (2001) alerta que o goleiro pode atuar pelo centro ou em uma das alas. Saad e Costa (2001), Mutti (2003), Silva e Calado Filho (2005) destacam que esse desenho é usado em geral no final da partida, quando a equipe está em desvantagem no placar. Santana (2004a) ressalta que, independentemente do placar, mesmo sob o risco iminente da perda da posse de bola e do contra-ataque adversário, esse posicionamento é indicado contra marcações recuadas e realizadas individualmente, pois, em princípio, o jogador do centro teria maior liberdade. Esse mesmo autor alerta que a opção por um goleiro ou um jogador de linha dependerá da qualidade técnico-tática para se atuar nessa situação, ou seja, quando o goleiro não souber "[...] desenvolver bem o manejo da bola com os pés, é preferível substituí-lo por algum jogador de linha, que, ademais, seja capacitado para atuar como goleiro (um jogador-goleiro)" (SILVA; CALADO FILHO, 2005, p.106).

Mutti (1999), Tenroller (2004) advertem que para o goleiro atuar nesse sistema deverá ter um bom passe, chutes fortes e direcionados, saiba conduzir a bola e tenha noção de cobertura à sua defesa no caso de um contra-ataque. Mutti recomenda que os passes sejam precisos e os chutes altos, não permitindo que o adversário intercepte a bola. Caso contrário, isso possibilitaria ao defensor ativar um contra-ataque e, mediante finalização, encobrir o goleiro. Por outro lado, Silva e Calado Filho (2005, p. 105) aconselham que o goleiro tem "[...] como missão principal de distribuir a bola e, feito isso, deve incorporar-se ao seu posto o antes possível".

Já o posicionamento básico do desenho 2.1.2 exige que o goleiro-linha se posicione em uma das laterais, um jogador se posicione na outra, um terceiro no centro da quadra e os outros dois jogadores mais avançados.

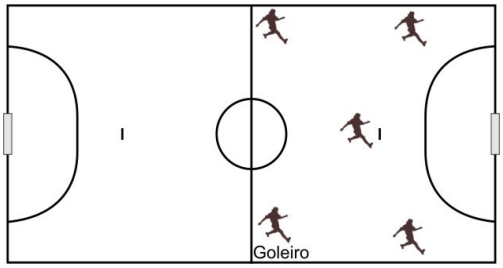


FIGURA 18 – Desenho tático 2.1.2
Fonte: SANTANA, 2004a, p. 117.

Para Santana (2004a, p. 117) esse sistema se aplica contra marcações recuadas e é "Indicado para desarrumar uma marcação em losango".

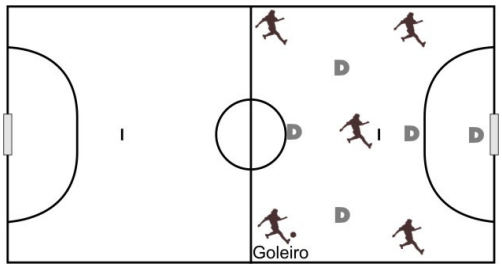


FIGURA 19 – Desenho tático 2.1.2 sob marcação losango
Fonte: SANTANA, 2004a, p. 117.

Tanto para o 2.12 quanto para o 1.2.2 as principais vantagens seriam a de jogar em superioridade numérica de 5x4 (SILVA; CALADO FILHO, 2005) e a de propiciar a posse de bola, o que tenderia a desgastar a marcação adversária (VOSER, 2001). Já as principais desvantagens residiriam no desgaste do goleiro (TENROLLER, 2004) e na vulnerabilidade ao contra-ataque adversário (COSTA JÚNIOR; SOUZA; MUNIZ, 2005; SILVA; CALADO FILHO, 2005; TENROLLER, 2004; VOSER, 2001;).

Para se jogar 4x3, isto é, quando o adversário está momentaneamente com um jogador expulso, Silva e Calado Filho (2005) sugerem que se adotem os sistemas 2.2 e 3.1. No primeiro caso, seria oportuno quando o adversário defende em 1.2.

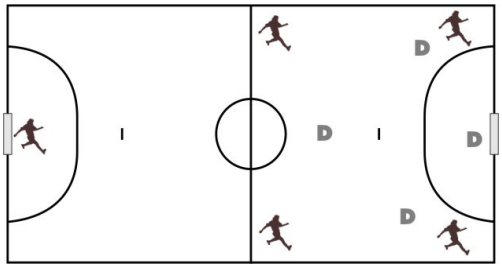


FIGURA 20 – Ataque em superioridade numérica x 1.2
Fonte: SILVA; CALADO FILHO, 2005, p. 105.

No segundo caso, seria oportuno quando o adversário defende em 2.1.

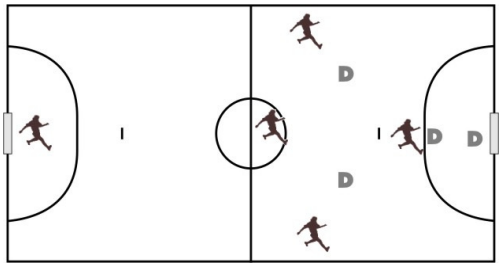


FIGURA 21 – Ataque em superioridade numérica x 2.1
Fonte: SILVA; CALADO FILHO, 2005, p. 105.

Os autores alertam que os ataques em superioridade numérica "[...] devem ser resolvidos o antes possível, buscando rapidamente a melhor situação para finalizar em gol, mas sem precipitar-se, sob pena de se perder a bola" (SILVA; CALADO FILHO, 2005, p.105).

Por várias vezes foram citadas as posições dos jogadores. Contudo, não foram exploradas suas particularidades, o que faremos a seguir.

2.4.4 Posições e funções dos jogadores nos diferentes desenhos táticos

Teodorescu (1984, p. 36) afirma que distribuídos pelo campo de jogo, sob diferentes sistemas, que ele chama de compartimentos, "[...] os jogadores especializam-se no cumprimento das situações específicas (postos)". Tratam-se dos papéis e posições específicas desempenhados pelos jogadores nos diferentes desenhos táticos. Segundo suas posições, os atletas podem ser diferenciados entre jogadores de linha e goleiro. Cabe-nos explicar-lhes as principais características.

O goleiro, a exemplo dos jogadores de linha, independentemente se posicionado dentro ou fora da área de meta, pode ser considerado como um jogador que desempenha uma dupla função (ataque e defesa). O goleiro constitui-se no último defensor e no primeiro atacante da equipe. Essa última função, inclusive, originou uma nova posição em futsal: o goleiro-linha[52].

Quanto aos jogadores de linha, independentemente da posição que ocupam, todos desempenham funções de ataque e defesa. O fixo (ou beque) ocupa uma posição mais recuada no desenho tático[53], em geral o centro de sua meia quadra defensiva[54] (LUCENA, 1994). Para Sampedro (1997, p.72) se trata de uma posição em que é predominante "[...] a função de defesa sobre o atacante finalizador", com o que concorda Fonseca (1997).

O ala, independentemente do seu domínio lateral, se direito ou esquerdo, é um jogador que ocupa em geral as laterais da quadra. Para Sampedro (1997, p. 72) os alas "São especialistas no contra-ataque, já que se caracterizam por sua velocidade com e sem condução de bola, e sabem finalizar bem quando em superioridade numérica". Saad (1997, p. 41) pondera que "Seria ideal ter na equipe alas com características diferentes, sendo um habilidoso com a bola e

[52] Aplicada quando da utilização dos desenhos 1.2.2 e 2.1.2.
[53] Isso ocorre nos desenhos táticos 2.2, 2.1.1 e 3.1, mas não ocorre no sistema 4.0.
[54] Fácil de visualizar no desenho 3.1.

com facilidade de deslocar-se e outro com boa noção de cobertura e marcação". Na opinião desse autor, isso facilitaria a montagem de várias situações de jogo. Lucena (1994) acrescenta que esses jogadores têm a função de articular ações ofensivas que liguem a defesa ao ataque[55], com o que concorda Fonseca (1997).

O pivô, diferentemente dos demais, em geral ocupa uma posição mais avançada nos diferentes desenhos táticos[56], posicionando-se próximo ao gol adversário. Na opinião de Sampedro (1997, p.73) "Predomina seu jogo ofensivo e finalizador. A recepção da bola em qualquer posição, associado ao conhecimento, em qualquer momento, de como protegê-la, lhe assegura ser o seu melhor manipulador". Pode-se dizer que o pivô, pelo menos nos sistemas em que este se posiciona de costas para o gol, quando acionado, é o "Responsável pela preparação das jogadas para a finalização dos alas (FONSECA, 1997, p. 124)" e também do fixo.

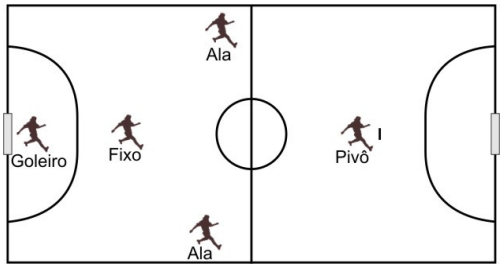


FIGURA 22 – Posições básicas do futsal no desenho 1.2.1/3.1.
Fonte: MUTTI, 2003, p.181.

No que pese as assertivas em relação às posições clássicas e respectivas funções dos jogadores, no futsal moderno, em função da sua identidade, das suas regras e da sua lógica interna em geral, há uma tendência de que os jogadores sejam formados sob o paradigma da versatilidade (MOMBAERTS, 2000; SANTANA, 2004a; SOUZA, 1999). Este reclama dos jogadores características duplas ou múltiplas quanto ao posicionamento e à função; exige que ocupem, qualitativamente, uma e outra posição e desempenhem-nas. Pois em futsal

> [...] todos os atletas deslocam-se constantemente pela quadra de jogo, sendo que dificilmente conseguem permanecer em uma determinada posição. O importante é que o atleta consiga desempenhar na quadra aquela função que a posição que ele esteja ocupando requer. Sendo assim, devemos desenvolver nos atletas qualidades para que eles venham desempenhar todas as funções, logicamente teremos atletas com características mais apropriadas para determinadas funções (posições), nestes casos devemos treiná-los especificamente para a sua posição e para as demais. (SAAD, 1997, p.40).

[55] Porém, no sistema 4.0 os alas e todos os outros, jogam em função do espaço livre.
[56] O que não acontece no sistema 4.0.

Daí sinalizarmos para a ascensão de um novo perfil para os jogadores de futsal quanto à ocupação do espaço e função tática. Perfil que nos parece ter determinado (ou estar determinando) o surgimento de "novas" posições, como fixo/ala, ala/fixo, ala/pivô, goleiro/linha, linha/goleiro. Isso se justifica na medida em que a equipe se qualifica, atendendo às diversas demandas do jogo de ataque e também em função de que "Resulta inconcebível limitar o potencial de um jogador dentro da equipe" (MOMBAERTS, 2000, p. 54). Para este autor, a polivalência de posições se constitui num objetivo básico a ser alcançado pelo jogador.

Santana (2004a) explica as novas posições e funções do futsal atual.

QUADRO 10
Novas posições e funções dos jogadores de futsal

Novas posições	Funções
Fixo/ala	Contrapondo-se à idéia do fixo de função, isto é, de exímio defensor e finalizador de meia-distância, sugere a idéia de um jogador que tenha características de ataque – drible, finalização próxima do gol, criatividade.
Ala/fixo	Caracteriza-se por somar qualidades defensivas às características ofensivas. Uma vez atuando como fixo, de modo mais recuado, terá a mesma eficiência.
Ala/pivô	O ala/pivô é o jogador que transita entre as duas posições. Nesse espaço constrói o seu jogo. É tão bom na retenção de bola quanto no drible e finalização. Ora criando ofensivamente pela ala, ora no pivô, como uma referência, ora compondo o setor defensivo.
Goleiro/linha	Exímio defensor e ainda capaz de fazer o jogo de quadra (recepção, passe e, em alguns casos, drible e finalização). É uma ótima opção ofensiva, pois dá à equipe superioridade numérica e posse de bola.
Linha/goleiro	É o jogador de linha que reúne qualidades de goleiro. Logo, atuará, em determinados momentos, como um jogador de linha no gol. Em muitos casos, na ausência de um goleiro/linha as equipes são obrigadas a utilizar um linha/goleiro.

Fonte: SANTANA (2004a, p.37).

Note-se que o surgimento dessas novas posições está estreitamente relacionado com o fato de o futsal ser um jogo de muita movimentação com e sem posse de bola e de constantes perdas e recuperações de bola. É perfeitamente sabido que contra defesas recuadas, o ataque posicional precisa ser dinâmico para obter êxito (VELASCO TEJADA; LORENTE PEÑAS, 2003). Por conseqüência, os jogadores são exigidos para que atuem em diferentes posições e desempenhem funções múltiplas. Para Riveiro Rodríguez (2000, p. 10) a busca da multifuncionalidade se trata de uma das principais características do futsal e o jogador polifacético seria aquele que pode "[...] ser utilizado em diferentes posições de jogo, potencializando assim as capacidades táticas de conjunto".

Em virtude de as leis e princípios do jogo, segundo Castelo (1999, p.13) não se restringirem "[…] exclusivamente a uma organização em função do espaço de jogo e das missões específicas dos jogadores" e pressuporem "[…] em última instância, a existência de uma concepção unitária para o desenvolvimento do jogo ou, em outras palavras, o tema geral sobre o qual os jogadores estejam de acordo e que os permite estabelecer uma 'linguagem comum'", discorreremos daqui para frente sobre diferentes "[…] atitudes e comportamentos reunidos em um conjunto de combinações, cujos mecanismos assumem um caráter de uma disposição universalmente válida, edificada sobre as particularidades do ambiente (meio)".

Trata-se da faceta dinâmica do sistema de jogo. Iniciaremos essa discussão destacando alguns fundamentos táticos individuais, passando por manobras ofensivas básicas (entre dois ou três jogadores) e culminando com padrões de deslocamentos coletivos (entre três e quatro jogadores).

2.4.5 A faceta dinâmica do ataque: tática individual

Vimos que Bayer (1994) considera que o jogo de ataque se inicia, de fato, quando a equipe entra na bola. Para o autor, a fim de realizar os princípios operacionais de ataque (conservação da posse da bola, progressão à meta adversária e finalização) e dar continuidade a este último, os jogadores deverão atentar para alguns elementos: a posição da bola, os espaços livres de qualquer ocupante, a situação dos companheiros e o objetivo a atacar. Segundo o autor, esses fatores permitiriam ao "[...] jogador, quer seja ou não portador da bola [...] ajustar os seus comportamentos" (BAYER, 1994, p.117).

Parecem-nos adequadas as dicas de Bayer, porém insuficientes quando se pensa em algo tão complexo como ajustar o comportamento do atleta em quadra. A centralidade dessa discussão nos parece a seguinte: o que o jogador tem de fazer, minimamente, para ajustar o seu comportamento em quadra, quando de posse da bola e sem esta, de modo a cumprir os princípios operacionais de ataque? Embora tenhamos visto anteriormente[57] algumas condutas de decisão (HERNÁNDEZ MORENO, 1998), julgamos oportuno, em virtude do alcance, acrescentar algumas atitudes táticas elementares, também compreendidas como fundamentos táticos, sem os quais o jogo de ataque não se sustentaria.

[57] Cf. no item 1.10.3 do capítulo um.

Encontramos, minimamente, oito fundamentos de ataque explanados na literatura, expostos no quadro 11.

QUADRO 11
Fundamentos táticos ofensivos

Jogar à frente da linha da bola
Fugir do campo visual do marcador/ desmarcação
Abrir espaço
Aproximação
Nunca receber a bola parado – entrar na bola
Andar com a bola
Acelerar o passe
Projetar-se nas costas do marcador

Fontes: Adaptado de FERRETTI, 2006; FONSECA; SILVA, 2002; SANTANA, 2006b; VELASCO TEJADA; LORENTE PENAS, 2003.

Jogar à frente da linha da bola significa que o receptor da bola (colega de equipe) deverá posicionar-se à frente do portador da bola. Isso tende a induzir passes verticais e a progressão da equipe no espaço de jogo. Essa atitude assemelha-se àquilo que Santana (2006b, p.2) reportou como investir no jogo direto, isto é, "[...] procurar um jogo [...] vertical [...] e evitar o chamado jogo indireto, burocrático". Porém, o autor alerta que "[...] o jogo direto exclui a idéia de se buscar o gol de 'qualquer jeito', apressadamente e de forma desorganizada".

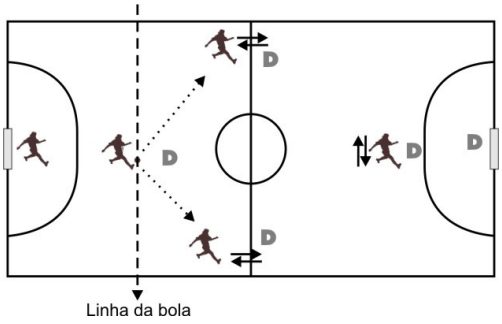


FIGURA 23 – Jogar à frente da linha da bola
Fonte: Adaptado de SANTANA, 2006b; FERRETTI, 2006.

Ferretti (2006), Fonseca e Silva (2002) e Santana (2004a; 2006b) concordam que a atitude de se desmarcar ou sair/entrar no campo visual do adversário se constitui numa das principais ações na busca de um comportamento ajustado de ataque. Isso servirá de suporte para a maior parte dos movimentos coletivos de ataque. Trata-se de um comportamento técnico-tático (HERNÁNDEZ MORENO, 1999) em que a intenção do atacante repousa numa maior "[...]

possibilidade de receber um passe do companheiro" (FONSECA; SILVA, 2002, p.27). Isso facilitará àquele "[...] dar seqüência à movimentação" (ANDRADE JUNIOR, 1999, p.44). Para Santana (2006b, p.2), a atitude de fugir do campo visual do marcador "[...] exigirá do atacante a atitude de passar da linha de marcação do defensor, de modo a deixá-lo em dúvida (O que mantenho no meu campo visual: a bola ou o atacante?); a induzi-lo para algum lugar 'falso' (enganá-lo)", o que tende a facilitar a criação de linhas de passe entre os jogadores. Esta atitude recebe outros nomes como apoio (NINÕ GUTIÉRREZ, 1981), finta (ANDRADE JUNIOR, 2007), troca de direção (VOSER, 2001), vai e vem (LOZANO CID, 1995), balanço (FONSECA, 1997), desmarcação (FONSECA; SILVA, 2002; SANTANA, 1996).

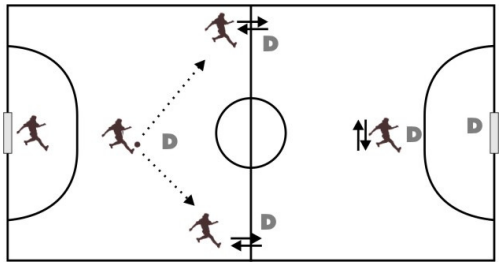


FIGURA 24 – Fugir do campo visual do marcador
Fonte: Adaptado de ANDRADE JUNIOR, 2007.

Velasco Tejada e Lorente Peñas (2003) defendem que quando um jogador está com bola, recai sobre os outros três jogadores a responsabilidade de ajudar o portador da bola. Trata-se de apoiar o passe, ou seja, "[...] buscar espaço na quadra de jogo para receber a bola do companheiro, não o deixando sem opções de passar a bola" (FONSECA; SILVA, 2002, p.27). Para os primeiros autores, isso se chama apoio e pode ser realizado de duas formas: a primeira se traduz na atitude de o jogador desmarcar-se para receber a bola e, portanto, se encaixaria no conceito de sair/entrar no campo visual do adversário. Porém, há um outro tipo de apoio, que se manifesta quando "[...] o movimento se faz com a intenção de abrir um espaço para que seja outro, atacante ou companheiro, quem o aproveite" (VELASCO TEJADA; LORENTE PEÑAS, 2003, p.208), isto é, o jogador abre espaço para o portador da bola, mas não tem a intenção de receber esta última. Para os autores, isso é ainda mais relevante do que a desmarcação e deve ser ensinado com prioridade.

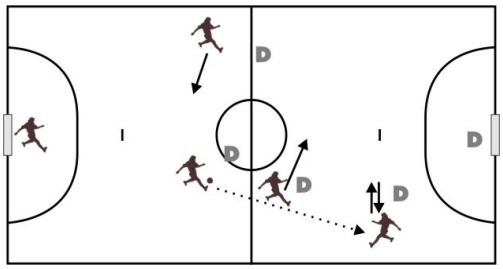


FIGURA 25 – Abrir espaço
Fonte: Adaptado de VELASCO TEJADA; LORENTE PEÑAS, 2003.

Aproximação ou flutuação se dá quando um jogador, percebendo um espaço vazio, se aproxima (ou flutua) em direção de quem tem a posse de bola (SANTANA, 2004a), o que em geral se dá pelo centro da quadra, entre as linhas defensivas.

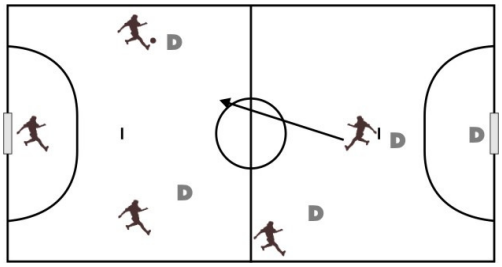


FIGURA 26 – Flutuação ou aproximação
Fonte: SANTANA, 2004a, p.97.

Ferretti (2006) apresenta o fundamento tático de nunca receber a bola parado. Isto é oportuno para o ataque na medida em que a movimentação do jogador indo ao encontro da bola exigirá um deslocamento ou, minimamente, a atenção do adversário, o que lhe inibirá o equilíbrio e dificultará a marcação. Santana (2004a, p. 69) conceituou essa atitude de "entrar na bola", que acontece quando o jogador vai ao encontro da bola, isto é, "[...] quando o jogador de futsal recepciona a bola [...] empurrando-a para frente".

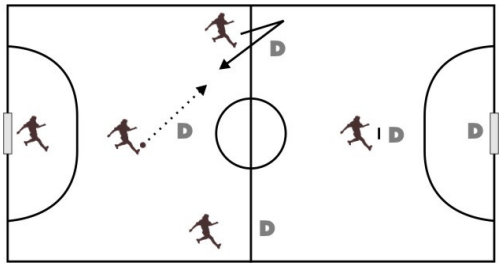


FIGURA 27 – Nunca receber a bola parado
Fonte: Adaptado de FERRETTI, 2006.

Ferretti (2006) anuncia o fundamento andar com a bola, isto é, progredir/deslocar-se com a bola, que se associa ao fundamento anterior, isto é, nunca receber a bola parado. Santana (2004a, p. 69) reporta que "Essa ação desequilibra o jogador adversário e dá seqüência ao jogo de ataque". Não pode passar despercebido que o ataque deve se comportar de modo que a defesa não se equilibre, pois isso facilitaria o combate e a recuperação da posse da bola. Por extensão, a bola, em futsal, não deverá, em hipótese alguma, ficar imóvel.

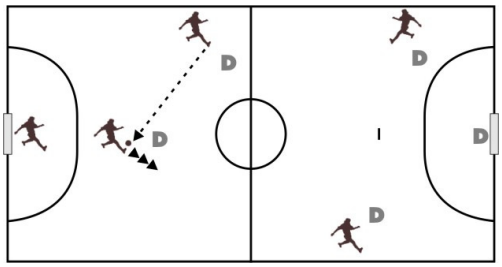


FIGURA 28 – Andar com a bola
Fonte: Adaptado de FERRETTI, 2006.

A velocidade precisa do passe é fundamental na medida em que garante a posse da bola, desgasta o adversário física e emocionalmente e facilita a continuidade de ações defensivas. Santana (2006b, p.2) reforça que atitude de dar velocidade e precisão ao passe, isto é, de acelerar o passe "[...] associada à atitude de fugir do campo visual do marcador, tendem a desequilibrar a defesa adversária!".

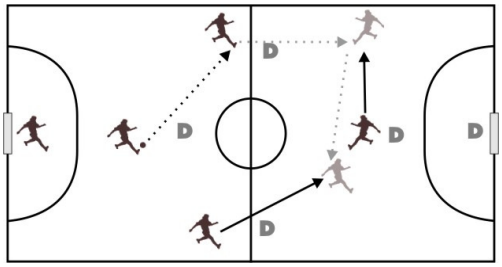


FIGURA 29 – Acelerar o passe
Fonte: Adaptado de SANTANA, 2006b.

Santana (2006b, p.2) se refere à atitude de "[...] se projetar no espaço", isto é, ganhar as costas do adversário. Diferentemente de abrir espaço, ainda que isso em geral seja alcançado, esta atitude tem o objetivo de dar opção de passe para quem tem a bola.

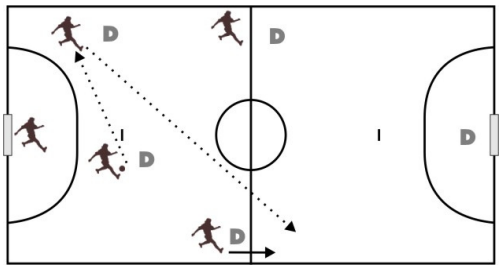


FIGURA 30 – Projeção no espaço
Fonte: SANTANA, 2004a, p.101.

Não se pode perder de vista que estas atitudes se afetam, isto é, compõem um mesmo "tecido" na árdua tarefa de cumprir os princípios ofensivos de Bayer (1994), de conservar a bola, progredir no espaço de jogo e finalizar contra a meta adversária. Santana (2004a, p. 128) nos dá um exemplo da interação entre as atitudes ao afirmar que investir num jogo de ataque "[...] de muita finta (jogar sem bola[58]), com velocidade de passe e domínio da bola em movimento[59] facilitará tanto a manutenção da posse da bola como possíveis chutes contra a meta adversária".

Vê-se que essas atitudes táticas "[...] servem de apoio para que os jogadores de uma mesma equipe interajam para atacar (comunicação)" (SANTANA, 2006b, p. 2), constituindo-se, pois, numa "linguagem de suporte" quando das ações ofensivas entre dois ou três jogadores para criar e ocupar espaços.

2.4.6 Tática de grupo: as manobras ofensivas básicas

Para Greco e Chagas (1992), a movimentação, quando executada entre dois ou três jogadores, caracterizaria uma tática de grupo. Aquilo que Falkowski e Fernandes (1979, p.5) referiram como um "[...] trabalho realizado entre dois ou mais jogadores".

Na literatura de futsal, quando a movimentação é coordenada entre dois ou três jogadores (mais usualmente entre dois), diz-se que se trata de uma manobra básica (LUCENA, 1994). Isso equivale aos movimentos ofensivos (LOZANO CID, 1995) ou movimentos táticos básicos (FONSECA, 1997) ou movimentos ofensivos básicos (SAAD; COSTA, 2001) ou procedimentos táticos coletivos (VELASCO TEJADA; LORENTE PEÑAS, 2003) ou ações ofensivas (CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998; SILVA; CALADO FILHO, 2005).

[58] Fugir do campo visual do adversário.
[59] Entrar na bola.

Trata-se de combinações e trajetórias de deslocamento que facultam aos jogadores movimentarem-se de modo inteligente pelo espaço de jogo. Quando usá-las? Quanto a isso, sabe-se que a sua aplicabilidade é situacional, isto é, "[...] dependendo de cada situação é mais conveniente um procedimento que outros" (VELASCO TEJADA; LORENTE PEÑAS, 2003, p. 56).

As manobras básicas exigem, portanto, a combinação/integração das ações técnico-táticas de um jogador às de outros e são passíveis de serem aplicadas nos diferentes desenhos táticos (3.1/1.2.1, 2.1.1, 4.0 etc.) quando de um ataque posicional estruturado. Nada impediria de se aplicar num ataque em vantagem numérica, mas é desaconselhável em virtude do posicionamento de risco do goleiro, quando da situação de 5x4 e da falta de objetividade de finalização contra a meta, quando da situação de 4x3.

Como exposto no quadro 12, há entre os autores brasileiros uma série de ações ofensivas entre dois ou três jogadores consideradas elementares.

QUADRO 12
Tipologia brasileira de ações ofensivas

Autores	Datas	Ações ofensivas
Saad	1997	Paralela, diagonal, ginga (passe de tempo), vai e vem
Fonseca	1997	Paralela, diagonal, pisada, balanço
Voser	2001	Paralela, diagonal, bloqueio
Saad e Costa	2001	Paralela, diagonal, ginga (passe de tempo), vai e volta
Voser e Giusti	2002	Paralela, diagonal, vai, vem e vai (gato)
Fonseca e Silva	2002	Ponto futuro
Santana	2004ª	Paralela, diagonal, tabela, fugida, aproximação, troca entre ala e pivô, bola de tempo
Costa Junior, Souza e Muniz	2005	Paralela, diagonal
Andrade Junior	2007	Paralela, diagonal, tabela, corta-luz, troca ala e pivô, quebra de marcação, bola nas costas.

Nota-se que a paralela e a diagonal são manobras consensuais entre os autores.

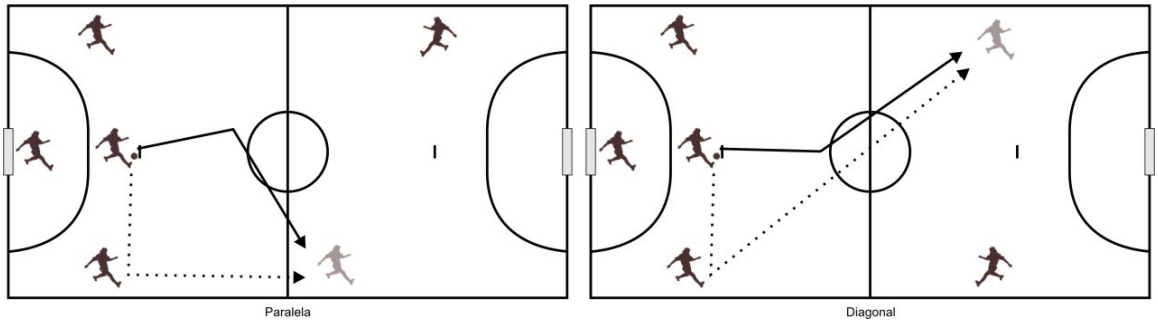


FIGURA 31 – Movimentações básicas: paralela e diagonal
Fonte: SAAD; COSTA, 2001, p.30-31.

A paralela é assim chamada em função de a "[...] trajetória descrita pela bola após o passe ser paralela à linha lateral" (LUCENA, 1994, p.93). Saad (1997, p. 69) sustenta que esse movimento é conhecido como "diagonal quebrada". Isso porque o atleta que se movimenta para receber o passe "[...] desloca-se em diagonal ao atleta de posse da bola e muda de direção (quebra) indo para onde a bola foi passada". A diagonal é assim denominada em virtude de o "[...] deslocamento percorrido pelo atleta e a trajetória da bola realizarem uma diagonal em relação às linhas laterais da quadra" (SAAD, 1997, p. 70). Fonseca (1997, p. 128) argumenta que isso "[...] irá explorar o lado da quadra desocupado pelo pivô, que terá a função de levar o beque adversário para o lado contrário desta movimentação".

Embora não tenham sido citadas por todos, a pisada (FONSECA, 1997; SANTANA, 2004a) e a troca de ala e pivô (ANDRADE JUNIOR, 2007; SANTANA, 2004a;) destacam-se. Trata-se, no primeiro caso, de uma manobra em que "[...] um jogador sem posse de bola aproxima-se do jogador que está de posse de bola, passando por trás, podendo receber a bola com a pisada" (ANDRADE JUNIOR, 2007, p.69), isto é, no momento em que estiverem sobrepostos quem tem a bola pode passar ("pisar") para o outro (FONSECA, 1997).

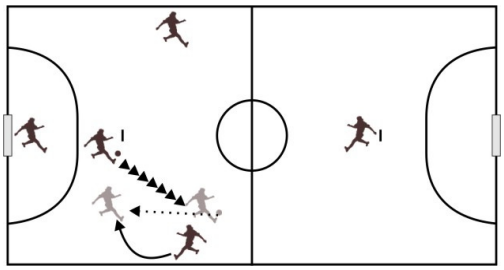


FIGURA 32 – Movimentação básica: pisada
Fonte: FONSECA, 1997, p.127.

E, no segundo caso, de uma manobra em que "[...] o jogador que está na ala se projeta no vazio que o pivô deixou livre para ocupar o espaço onde estava o ala" (ANDRADE JUNIOR, 2007, p.70).

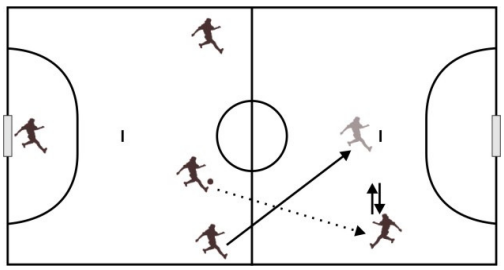


FIGURA 33 – Movimentação básica: troca de ala e pivô
Fonte: SANTANA, 2004a, p.108.

Outras ações, de mesmo significado, são nomeadas diferentemente. Esse é o caso da ação "ponto futuro" e "bola nas costas", na medida em que "[...] o atacante se projeta nas costas do seu marcador para receber a bola" (ANDRADE JUNIOR, 2007, p.70).

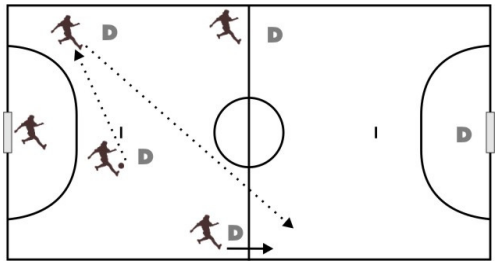


FIGURA 34 – Movimentação básica: bola nas costas
Fonte: FONSECA; SILVA, 2002, p.26.

Igualmente o são a "vai, vem e vai (gato)", pois o "[...] jogador passa a bola [...] desloca-se sem ela [...] para frente a fim de recebê-la [...] retorna ao lugar de origem e, em seguida, desloca-se [...] no espaço vazio" (VOSER; GIUSTI, 2002, p.84) e a "vai e vem (vai e volta)", que exige do jogador "[...] um deslocamento que busca ganhar espaço na quadra de ataque para receber a bola" (SAAD, 1997, p.72).

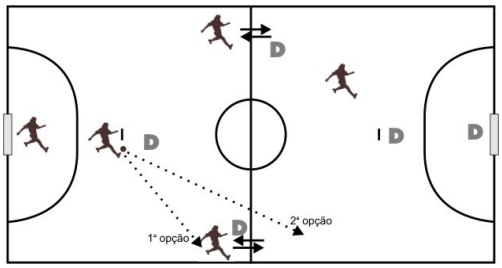


FIGURA 35 – Movimentação básica: vai e vem ou "gato"
Fonte: VOSER, 2001, p.65.

O bloqueio[60] existe "[...] quando um jogador, sem a bola, bloqueia o caminho do jogador adversário para facilitar a função do seu companheiro" (VOSER, 2001, p.66); é o mesmo com o corta-luz, quando "[...] um jogador atrapalha o marcador de um companheiro para que ele leve vantagem no ataque" (ANDRADE JUNIOR, 2007, p.69). Essa movimentação não é bem aceita pela arbitragem brasileira, que a interpreta como infração[61].

[60] Outra modalidade dessa ação seria o bloqueio móvel, "[...] quando, após realizar o bloqueio, o jogador se apresenta para receber a bola do seu companheiro, sendo uma 2ª opção para a jogada" (VOSER, 2001, p.66).

[61] Lê-se na regra 12 que será considerada infração "Quando, sem a posse ou domínio da bola obstruir, intencionalmente, um adversário de maneira a formar um obstáculo em sua progressão".

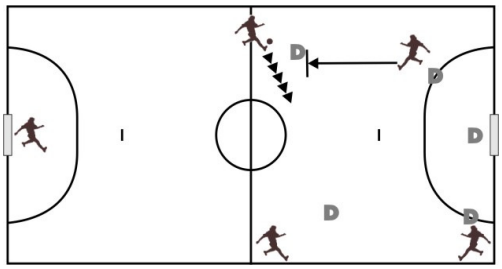


FIGURA 36 – Movimentação básica: bloqueio
Fonte: CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998, p. 120.

Passe de tempo ou bola de tempo ou ginga. Trata-se de uma manobra em que o jogador "[...] após gingar e ganhar espaço sobre a marcação adversária, executa o passe para o pivô por entre a marcação" (SAAD, 1997, p.71).

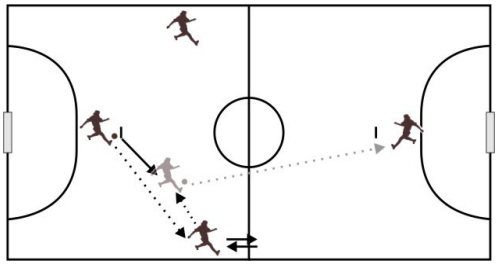


FIGURA 37 – Movimentação básica: bola de tempo
Fonte: SAAD; COSTA, 2001, p. 32.

A tabela estabelece a "[...] troca de passe entre dois ou mais jogadores" (ANDRADE JUNIOR, 2007, p.69). Por exemplo, o jogador posicionado no centro passa a bola para outro posicionado na lateral da quadra e sai no sentido diagonal; depois de dois ou três passos volta-se na direção do jogador que tem bola. Este lhe devolve a bola e se projeta nas costas do marcador (FONSECA, 1997).

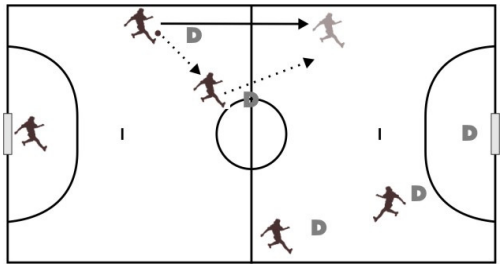


FIGURA 38 – Movimentação básica: tabela
Fonte: SANTANA, 2004a, p.110.

Na quebra de marcação, “Um jogador sem bola se aproxima do jogador que está com a bola, para uma tabela e, imediatamente vai para o espaço vazio” (ANDRADE JUNIOR, 2007, p.70).

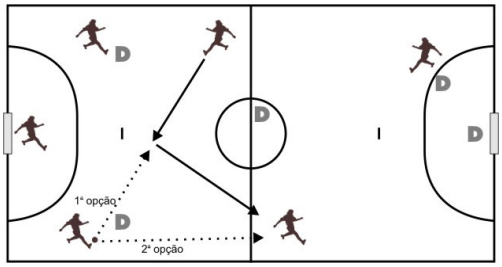


FIGURA 39 – Movimentação básica: quebra de marcação
Fonte: SANTANA, 2004a, p.104.

Nota-se que uma manobra estará permeada de fundamentos táticos individuais. Por exemplo, para a quebra de marcação, o jogador terá de se aproximar de quem tem a bola; a diagonal pode se iniciar, antes de tudo, com um dos jogadores fugindo do campo visual do adversário, depois entrando na bola e culminando com um passe de velocidade; igualmente, quem sai em diagonal poderá trocar de direção, enganando seu oponente; a tabela ou paralela pode se iniciar com a aproximação do jogador sem bola de quem tem a bola; a troca de ala e pivô pode se iniciar com um dos jogadores abrindo um espaço e o outro fugindo do campo visual do adversário para receber o passe; a passe de tempo pode se iniciar com a atitude tática de fugir do campo visual do adversário; a bola nas costas exige o fundamento de projetar-se nas costas do adversário.

Em busca da redução polissêmica da nomenclatura usada em futsal, a FIFA editou um manual para a formação de treinadores de alto nível (SILVA; CALADO FILHO, 2005), cujo escopo se constitui na primeira tentativa de padronizar uma linguagem em âmbito internacional para a modalidade. Entretanto, esta padronização nasceu impregnada da visão espanhola de como se joga futsal, o que limita seriamente, não por méritos, mas por questões culturais, sua aceitação no Brasil. Além disso, o neologismo e a incipiente divulgação constituem-se em sérios obstáculos quanto à sua popularização em território nacional. Brasil e Espanha, indiscutivelmente, são as seleções de maior visibilidade, mas são escolas diferentes. A primeira é mais antiga e, por isso, tem uma terminologia mais enraizada e, em parte, distinta da segunda.

No que pese essa diferença, convém relacionar ações ofensivas da escola espanhola, pois, em dados momentos, é possível encontrar semelhanças com os movimentos táticos brasileiros.

QUADRO 13
Tipologia espanhola de ações ofensivas

Autores	Datas	Ações ofensivas
Lozano Cid	1995	Paralela* , diagonal*, va y viene*, aclarado*, apoyo*, sobreposición, bloqueo*, pared*
Chaves Chaves e Ramírez Amor	1998	Desmarque (apoyo*, ruptura*, flotación), barrido o aclarado*, desdoblamiento o relevo, pared*, sobreposición, cruces, cortina, vaivén*, bloqueo*
Velasco Tejada e Lorente Penas	2003	Sopreposición, pared*, pantalla, cruce, bloqueo*
Silva e Calado Filho	2005	Desmarque (apoyo*, ruptura*, flotación), barrido*, bloqueo*, cruce, cortina, desdoblamiento o relevo, pared*, sobreposición

*Encontram reciprocidade na realidade brasileira.

Os espanhóis adotam onze manobras básicas ofensivas. Trata-se de "[...] ações combinadas entre dois jogadores realizadas com o objetivo de criar superioridade numérica ou posicional que permita aproveitar esta circunstância para o jogo de ataque" (VELASCO TEJADA; LORENTE PEÑAS, 2003, p. 195).

Além da paralela e diagonal, uma parte das manobras encontra equivalência na realidade brasileira: vai e vem, bloqueio[62], *aclarado* ou *barrido* equivale a abrir espaços; desmarque de apoio é semelhante a fugir do campo visual do adversário; desmarque de ruptura tem a ver com projetar-se no espaço vazio; *parede* corresponde à tabela. Por outro lado, há manobras personalizadas. A desmarcação de flutuação ou flutuação ofensiva, por exemplo, é semelhante a fugir do campo visual do adversário, mas é explicitada como "[...] aquelas mini-desmarcações que um jogador realiza, mantendo uma mesma linha de passe possível" (CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998, p. 100).

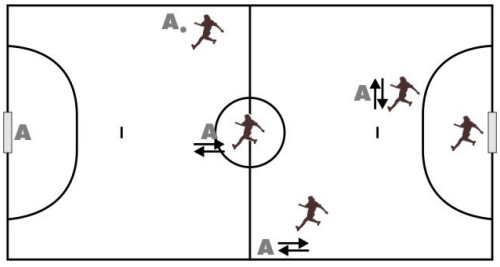


FIGURA 40 – Manobra: desmarcação de flutuação
Fonte: Adaptado de CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998.

[62] Entretanto, adota-se uma subdivisão: estático, dinâmico, visto e cego (VELASCO TEJADA; LORENTE PEÑAS, 2003); diagonal direto, frontal direto e frontal indireto (CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998); direto, indireto, frontal e diagonal (MENEZES DE SILVA; CALADO FILHO, 2005).

A cortina[63] "[...] consiste em interpor o próprio corpo entre o adversário e o companheiro que se pretende ajudar" (VELASCO TEJADA; LORENTE PEÑAS, 2003, p. 198).

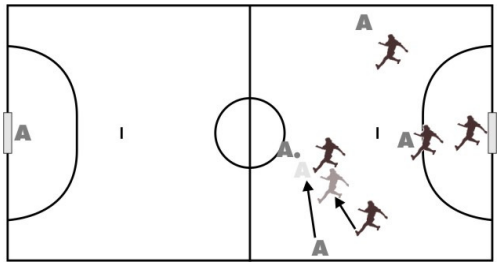


FIGURA 41 – Manobra: cortina
Fonte: VELASCO TEJADA; LORENTE PEÑAS, 2003, p. 198.

A cruz (ou cruzamento) "É a ação combinada entre dois jogadores, um com bola, que avança, e outro sem esta, que se desmarca, passando pela frente ou por detrás da bola, para ocupar uma posição diagonalmente oposta, e mais avançada, à que tinha inicialmente" (SILVA; CALADO FILHO, 2005, p.117).

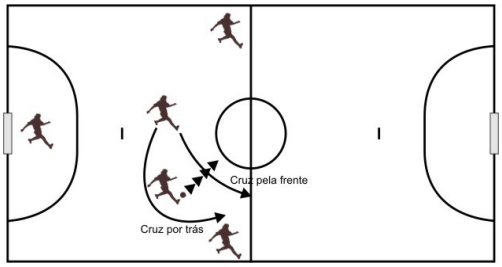


FIGURA 42 – Manobra: cruz
Fonte: SILVA; CALADO FILHO, 2005, p.117.

O *relevo*[64] se trata de uma manobra em que "[…] um jogador toma a posição que um companheiro deixa ao incorporar-se ao ataque" (CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998, p. 102). Trata-se de uma movimentação de ataque com preocupações defensivas, que procura prevenir um contra-ataque quando da perda da posse de bola.

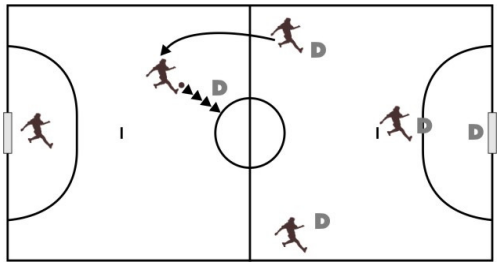


FIGURA 43 – Manobra: relevo
Fonte: CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998, p. 102.

[63] *Pantalla*.
[64] *Desdoblamiento*.

A sobreposição, para Velasco Tejada e Lorente Penas (2003, p. 196) acontece quando "[...] um jogador dobra a posição de outro, que geralmente é o que tem a bola, com o objetivo de criar dúvida nos defensores de ambos". Para estes, a semelhança entre esta manobra e a cruz está no fato de que ambas se iniciam com uma passagem por detrás de quem tem a bola. Mas, no caso da sobreposição os jogadores se deslocam na mesma direção e na cruz em direções opostas. Eles advertem ainda que essa movimentação se use "[...] em menor medida no futsal, já que em geral as distâncias são tão pequenas que o tempo que se leva para passar por detrás do colega pode ser usado pelos dois defensores para, juntos, pressionarem quem tem a bola". É indicada contra marcações recuadas que não pressionam a bola, escanteios, faltas e laterais.

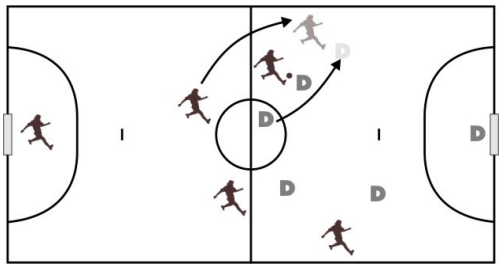


FIGURA 44 – Manobra: sobreposição
Fonte: VELASCO TEJADA; LORENTE PEÑAS, 2003, p. 196.

2.4.7 Tática coletiva: os padrões coletivos de deslocamento

Em futsal, quando uma equipe adota movimentos repetitivos e coordenados entre os quatro jogadores a fim de manter a posse de bola, induzir o adversário ao desequilíbrio e construir a finalização, se trata de um padrão de jogo (BELLO JUNIOR, 1998; MUTTI, 2003; SAAD, 1997). Caracteriza-se a tática coletiva, ou seja, movimentações coordenadas por três ou mais jogadores (GRECO; CHAGAS, 1992; PAULA; GRECO; SOUZA, 2000).

A diferença entre um padrão de jogo e uma manobra básica, além do maior número de jogadores envolvidos, é de que os movimentos do padrão são repetitivos e preestabelecidos. Acredita-se, portanto, que se todos fizerem o combinado, sem pressa, de forma seletiva, o ataque será eficaz. O padrão (ou modelo) de jogo

> […] se compõe de diversos movimentos planificados que têm como objetivo desestabilizar as tarefas defensivas (buscando erros de colocação e de marcação e criando espaços vazios), ao mesmo tempo em que avança o ataque. Estes movimentos são repetitivos [...] até que se consiga o objetivo [...] e tem seu fundamento na aplicação de rotações e trocas. (SILVA; CALADO FILHO, 2005, p.93).

Não podem passar despercebidos os termos rotações e trocas (permutas), pois são estes que dão dinamismo aos padrões de jogo. As permutas são as trocas de posições entre dois jogadores. As rotações são "[...] um conjunto de desmarcações contínuas mediante a permuta coordenada nas posições de mais de dois jogadores" (CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998, p. 72). Aí está: o padrão de jogo assemelha-se a uma coreografia, na qual cada jogador tem o seu movimento padrão.

Saad e Costa (2001, p.38) referem que os padrões de jogo fazem com que "[...] a marcação adversária tenha um comportamento sistemático, condicionando os marcadores a uma movimentação repetitiva, de maneira que se desconcentre e até acomode-se". Para os autores, o padrão de jogo abriria espaços na quadra para a infiltração de jogadores.

Para Chaves Chaves e Ramírez Amor (1998, p. 72), a idéia central do padrão de jogo é "[...] lutar pelo espaço vazio significativo (pontos de finalização), obrigando os defensores a reajustar continuamente os marcadores, e fechar as possíveis linhas de passe". Segundo os autores, o deslocamento simultâneo dos jogadores tenderia a aumentar o nível de incerteza dos defensores. Isso aconteceria em virtude de se colocar no campo visual destes um conjunto maior de estímulos, o que lhes aumentaria o tempo de reação.

Os padrões de jogo exigem um desenho tático, por exemplo, 3.1, 4.0, e são aplicados quando de um ataque posicional (4x4).

QUADRO 14
Tipologia dos padrões de jogo

Autores	Datas	Ações ofensivas
Saad	1997	Padrão de três pela frente, padrão de quatro pelo meio, padrão circular, padrão com troca ala e pivô, padrão 1.2.2 com o goleiro
Bello Junior	1998	Padrão circular ou redondo, padrão quebrado, padrão diagonal, padrão paralela
Mutti	2003	Padrão redondo, padrão "8", padrão pelo meio, padrão invertido, padrão cruzado, padrão X, padrão elástico, padrão com 4, padrão com goleiro
Silva; Calado Filho	2005	Ataque com pivô fixo, ataque circular, ataque lateral, ataque pelo meio, ataque com rotação em "8", ataque cruzado
Andrade Junior	2007	Padrão circular, padrão quatro em linha, padrão de paralela e diagonal, jogo de quina

Todos os padrões de jogo são compostos de deslocamentos e trajetórias preestabelecidas. Alguns são mais dinâmicos que outros, isto é, contemplam mais permutas e maior rotação.

Um bom exemplo de um padrão dinâmico é o circular ou redondo, que se caracteriza pela movimentação circular dos jogadores (SAAD; COSTA, 2001). Esse padrão se inicia com o desenho tático 3.1; exigirá que, após o passe, o jogador se movimente por fora da defesa, isto é, sem entrar no seu interior, deslocando-se no sentido oposto da bola.

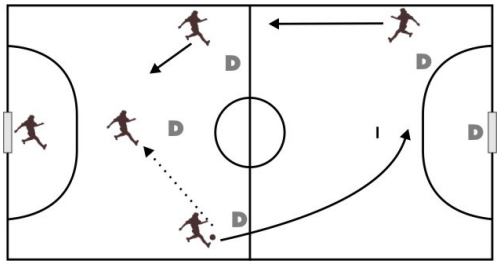


FIGURA 45 – Padrão redondo: após o passe, corre-se por fora da defesa.
Fonte: SAAD; COSTA, 2001, p. 42.

Simultaneamente, há outros três deslocamentos: quem recebeu a bola a conduz na direção de quem fez o passe, o jogador mais adiantado se movimenta, pela lateral, em direção à defesa e o outro jogador se movimenta em direção ao centro. Essa movimentação inicial ou abertura tem o objetivo de desequilibrar a defesa. Ela poderá ser repetida várias vezes (fase de desenvolvimento), mas não se no primeiro movimento conjunto, o ataque já conseguir construir a finalização (fase de finalização).

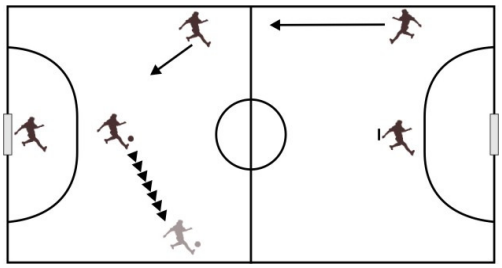


FIGURA 46 – Padrão redondo: comportamento dos outros três jogadores
Fonte: SAAD; COSTA, 2001, p. 42.

Um outro padrão muito comum e dinâmico é o de quatro pelo meio ou ataque pelo meio. Esse padrão se inicia com o desenho tático 3.1 (SILVA; CALADO FILHO, 2005) ou 2.2 (SAAD; COSTA, 2001). A movimentação padrão é a de que após o passe há o deslocamento em diagonal do jogador para a quadra ofensiva.

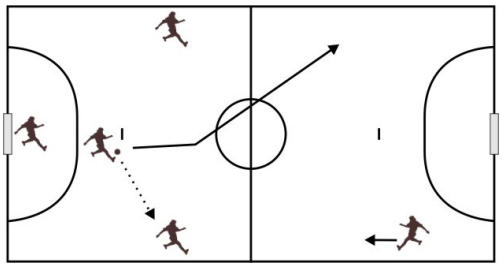


FIGURA 47 – Padrão de meio: passe e deslocamento em diagonal
Fonte: SAAD; COSTA, 2001, p. 40.

Simultaneamente, o deslocamento de quem recebeu o passe para o centro da quadra e do jogador mais adiantado, pela lateral, na direção de quem recebeu o passe.

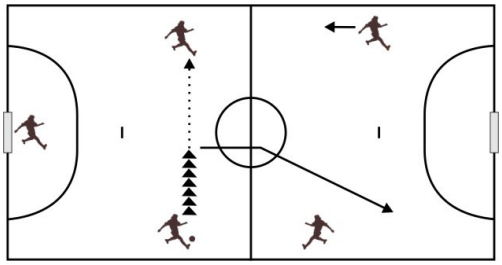


FIGURA 48 – Padrão de meio: o jogador conduz a bola para o centro
Fonte: SAAD; COSTA, 2001, p. 40.

Já o padrão com troca ala e pivô ou cruzado (MUTTI, 2003; SAAD, 1997) exige menos trocas e rotações. Logo, é menos dinâmico. O padrão se inicia com o desenho tático 1.2.1. O jogador que se posiciona na lateral direita da quadra faz o passe para o que está no centro e se desloca em sentido diagonal para o ataque. O jogador mais adiantado (pivô) realiza uma finta e se desloca em sentido à lateral da quadra para receber o passe. Isso caracteriza a troca entre o ala e o pivô.

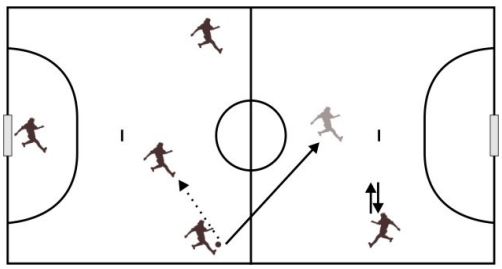


FIGURA 49 – Padrão cruzado: num 1º momento, troca entre o ala e o pivô.
Fonte: MUTTI, 2003, p.213.

A troca entre esses jogadores permite o passe do jogador do centro para a quadra de ataque, em direção ao pivô (1ª opção). Uma 2ª opção de passe é alterar o lado em que se atacará. Nesse caso, quem recebeu a bola reiniciará o padrão de movimentação, ou seja, o jogador tocará a bola no centro e se deslocará para o ataque em diagonal, realizando uma troca com o pivô. Por quanto tempo os jogadores repetirão esse movimento padronizado? Não é possível saber. O que se sabe é que esse movimento abrirá espaços para que os jogadores apliquem manobras básicas, sua criatividade e, até mesmo, jogadas combinadas.

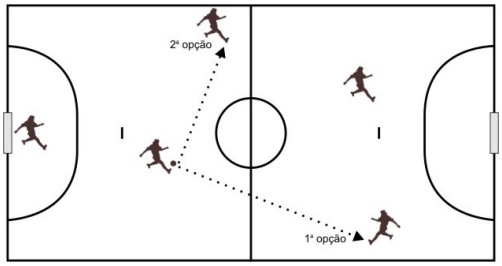


FIGURA 50 – Padrão cruzado: opções de quem tem a bola
Fonte: MUTTI, 2003, p.213.

Santana (2004a) argumenta que os padrões de jogo, com seus movimentos repetitivos, parecem caminhar para o ostracismo no âmbito do futsal de alto rendimento. Isso aconteceria em virtude do próprio desenvolvimento do esporte, que propiciou um intercâmbio sistemático entre as equipes, o que, por sua vez, facilitou o monitoramento tático. Logo, ao insistir em modelos de jogo monitorados, a equipe frustaria o seu projeto ofensivo. Nesse contexto, quanto mais imprevisível a equipe jogar, maior a probabilidade de envolver e ludibriar o adversário. Isso não quer dizer que os jogadores atuarão cada um por si, fora de um plano coletivo de jogo, mas tão somente que devem tomar decisões que desestabilizem os defensores.

Velasco Tejada e Lorente Penas (2003, p. 168) explicam que atuar de forma inesperada ou "não previsível" é um dos principais conceitos de jogo a ser incorporado ao futsal, pois as ações previsíveis em futsal levam normalmente à perda da bola. Por outro lado,

> O caráter de espontaneidade e criatividade para acenar com um jogo "não cotidiano" é, em geral, o que diferencia os melhores jogadores (os chamados jogadores inteligentes) dos demais, e é precisamente este caráter o que devemos tentar que nossos jogadores adotem.

Um outro tipo de deslocamento coletivo muito incidente em jogos de futsal são as jogadas ensaiadas, que podem se desenvolvidas com a bola em movimento, mas, sobretudo,

com a bola parada. Alguns autores, em função dos planos coletivos que se podem traçar previamente, qualificam esse aspecto do jogo como estratégias (LOZANO CID, 1995; VALDERICEDA, 1994). De fato, a jogada combinada "[...] requer muito tempo de treinamento e, como tal, necessitará um grande número de repetições para alcançar a coordenação adequada de grupo no momento de executar ações desse tipo" (VELASCO TEJADA; LORENTE PEÑAS, 2003, p. 242). Não convém neste estudo exemplificar possíveis jogadas combinadas que se encaixariam nas bolas paradas ou nos diferentes padrões de jogo. Tão somente relacionaremos que estas podem, quando paradas, se dar a partir do arremesso de meta, de lateral (ofensivo e defensivo) e de canto; da saída de bola (início e reinício de jogo) e de faltas.

2.4.8 O jogo ofensivo não sistemático: contra-ataque

Sempre que uma equipe entrar na bola e imprimir um sentido vertical ao ataque, em virtude de encontrar uma defesa desequilibrada numérica e/ou posicionalmente, se trata de um contra-ataque. Neste, o tempo é um imperativo.

Há indícios de que esse tipo de ataque tem sido muito usado por equipes de futsal de alto rendimento – Santana e Garcia (2007) observaram uma amostra de 28 jogos da Liga Nacional de Futsal. Catalogaram uma média de 18,61±7,48 contra-ataques por jogo. Isso pode estar associado à incidência de finalizações e/ou de gols que essa situação propicia. Bello Junior (1998) analisou 21 jogos do Campeonato Paulista e encontrou que de um total de 121 gols, 73 (60,33%), originaram-se de jogadas de contra-ataque. Ferreira (2004) estudou em que circunstâncias as três seleções mais bem colocadas (Ucrânia, Rússia e Brasil) do Campeonato Mundial de Futsal Universitário de 1998 finalizaram a gol. O autor observou 09 jogos (03 de cada seleção) e descobriu que de um total de 277 ações 38,26% aconteceram em situação de contra-ataque. Balzano (2000) citado por Voser (2001) analisou a ocorrência e a origem dos gols em 28 jogos de futsal profissional da Liga Nacional de 1999. Encontrou um total de 199 gols; 21,10% originaram-se de contra-ataques. Silva et al (2004) analisaram 04 jogos da Seleção Brasileira de Novos num torneio internacional e verificaram que de um total de 33 tentativas de contra-ataque, 07 gols foram convertidos, sendo a efetividade de 21, 21%.

Outro ponto que chama a atenção é que o contra-ataque tem sido marcado pela participação do goleiro. Santana e Garcia (2007) verificaram que 9,79% de um total de 521 contra-ataques foram assistidos pelo goleiro.

Santana (2004a) salienta que o contra-ataque acontece a partir de quatro situações específicas:

(a) A partir de uma interceptação de passe;

(b) A partir de um desarme;

(c) A partir de uma defesa do goleiro;

(d) A partir de uma reposição rápida de uma bola parada quando de arremesso de meta ou de arremesso lateral defensivo.

Para o autor, o jogo de contra-ataque tem uma relação estreita com a qualidade de jogo defensivo da equipe que pode, inclusive, induzi-lo. Neste caso, como mostram as figuras, a equipe defensora (D) teria de adotar uma linha de marcação[65] recuada, por exemplo, a partir da linha 3 ou 2/4 de quadra ou a partir da linha 4 ou ¼ de quadra, e um tipo de marcação que exercesse pressão sobre o adversário.

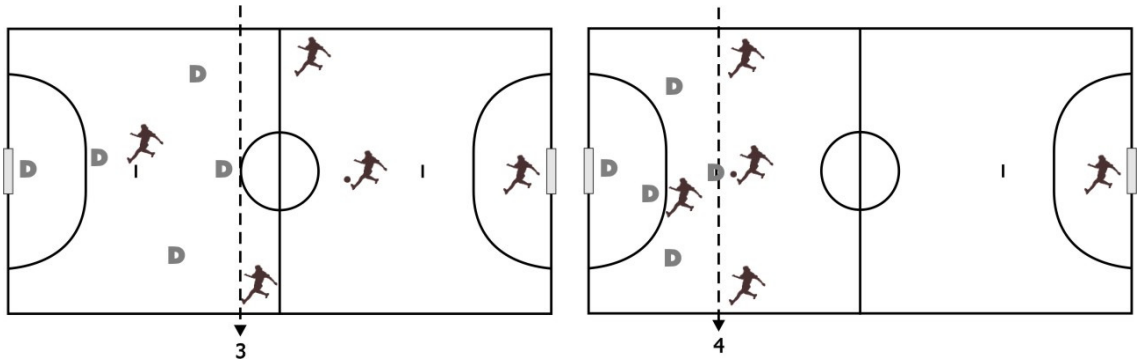


FIGURA 51 – Linhas de marcação recuadas
Fonte: SANTANA; GARCIA, 2007, p. 155.

Andrade Junior (1999) explica que o contra-ataque pode ou não acontecer em superioridade numérica. Por extensão, o mesmo pode ser desenvolvido a partir de algumas possíveis constelações (formações numéricas), como por exemplo, 3x2+goleiro, 3x1+goleiro, 2x1+goleiro, 2x2+goleiro, 1x1+goleiro, 1xgoleiro, 2xgoleiro (o goleiro, em todos os casos citados, se trata de um adversário).

Para Sampedro (1997), essa fase do jogo exigirá habilidades técnico-táticas dos jogadores de linha e do goleiro da equipe. Deste quando do lançamento da bola com as mãos e

[65] Local a partir do qual a equipe inicia a sua marcação.

com os pés; daqueles quando da recepção da bola em movimento, da condução, do passe, do jogo de 1x1 e do chute ao gol. O autor acrescenta que além de uma marcação recuada, favoreceriam contra-atacar as cobranças adversárias de laterais e de escanteios próximas à meta. O favorecimento se daria por dois motivos: (a) uma vez interceptado um passe ou realizado um desarme se teria espaço para contra-atacar (cerca de ¾ de quadra) e (b) quando dessas situações a equipe que defende se encontraria com um jogador a mais em quadra (isso porque o jogador que cobra os laterais e os escanteios se encontraria, momentaneamente, fora da quadra).

Pelo menos dez princípios deveriam ser respeitados nesse tipo de ataque. Santana (2004a) propõem que:

(1º) A bola deve ser conduzida em velocidade sobre o adversário (quando isso for mais propício que o passe), pois tende a dificultar o retorno defensivo e deixar o marcador em dúvida;

(2º) O condutor deve usar de criatividade, com o que concorda Gambier (2000);

(3º) Quando se optar pelo passe, este deve "vencer" o marcador, isto é, o passe não pode permitir ao marcador a possibilidade de recuperação defensiva. Para tanto, é preciso, também, que os receptores entrem em linha de passe com o condutor de bola, isto é, busquem espaços vazios na defesa adversária e que (4º) o passe não seja feito nem para trás, tampouco para o lado (GAMBIER, 2000);

(5º) Quem recebe a bola deve ter o apoio de um companheiro, de modo que possa ter a opção de um segundo passe;

(6º) Quem ataca deve se preocupar em defender, pois a possível perda da bola implicaria no perigoso contra-ataque do contra-ataque. Logo, não se devem avançar todos os jogadores;

(7º) O goleiro, à medida que os jogadores da sua equipe contra-atacam, deve se posicionar adiantado (fora da área de meta) de modo que se a sua equipe perder a bola possa se tornar um possível inibidor do chamado contra-ataque do contra-ataque.

Note-se que os cinco primeiros princípios teriam a finalidade de facilitar ações ofensivas, colocando os possíveis marcadores em dúvida. De outro lado, os dois últimos teriam o intuito de facilitar ações defensivas, como evitar a perda da bola e o contra-ataque do contra-ataque.

Sampedro (1997) refere que (8º) a condução de bola, quando se fizer necessária, deve ser feita pelo centro da quadra, de modo a ampliar a possibilidade de passar a bola.

Niño Gutiérrez (1991) acrescenta que (9º) os outros atacantes devem procurar se posicionar pelas laterais.

Gambier (2000) reporta que (10º) estes devem ficar adiante da linha da bola.

Acerca das tipologias do contra-ataque, Bello Junior (1998) classificou-o em direto e indireto. O direto derivaria de uma defesa do goleiro e passe deste para o jogador de linha que, sozinho, progrediria em direção ao gol adversário para concluir o lance (finalizar). O seria originado de um desarme e haveria a troca de passes entre os jogadores até a conclusão à meta. Voser (2001) propôs outra classificação: sustentado, assistido e lançado. No contra-ataque sustentado o jogador contra-atacaria sozinho, conduzindo a bola até a meta adversária. Já no assistido a conclusão de quem contra-ataca seria assessorada por um passe (o que converge, em parte, com o contra-ataque indireto mencionado). Por sua vez, no de tipo lançado quem contra-ataca receberia um lançamento de longa distância do goleiro ou de outro jogador (convergindo, em parte, com o de tipo direto visto).

Para Santana e Garcia (2007), a classificação de Bello Junior (1998) não contempla o fato de a origem do contra-ataque advir, também de uma interceptação de passe. E a de Voser (2001), além de não considerar este último fato, exclui informações em geral acerca da ação defensiva que originou o contra-ataque. Isso levou os autores a optar por outro tipo de classificação:

- Contra-ataque individual (originado de interceptação de passe ou originado de desarme). Nesse caso, o jogador, após a ação defensiva de interceptar o passe ou desarmar o adversário, conduz e finaliza ao gol sem realizar troca de passes.

- Contra-ataque assistido (por jogador de linha e pelo goleiro). Nesse caso, quando assistido por jogador de linha, a finalização ao gol é precedida de um ou mais passes de jogadores de linha; quando assistido pelo goleiro, a finalização é precedida de passe ou lançamento do goleiro.

Isso posto, passamos à descrição dos contornos estratégico-táticos defensivos.

2.5 CONTORNOS ESTRATÉGICO-TÁTICOS DEFENSIVOS

A defesa "[...] reside na oposição do conjunto de defensores que, pelas suas respectivas colocações e deslocamentos, tentam incomodar ou paralisar as iniciativas e as realizações empreendidas pelo ataque adversário" (BAYER, 1994, p.100).

Em futsal, em virtude de os jogadores se localizarem no centro do jogo, isto é, ocuparem o espaço de modo que, a todo instante, qualquer um possa intervir sobre o destino da bola (ARDÁ SUÁREZ; CASAL SANJURO, 2003), todos os elementos de uma equipe representam sua defesa, ou seja, são defensores.

Quando se inicia a defesa? Para Lozano Cid et al (2002), no ataque, quando a equipe adotaria algumas posturas, como, por exemplo, a cobertura ofensiva, que tem o objetivo de prepará-la para uma possível perda da bola e contra-ataque adversário (CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998). Esse tipo de ação pretende "[...] assegurar o equilíbrio ofensivo por 'suportes', prever as respostas do adversário" (BAYER, 1994, p.99). Entretanto, correntemente, entende-se que a defesa se inicia quando a equipe perde a bola, seja por esta ter sido roubada/interceptada pelo oponente ou em virtude de o ataque ter sido finalizado. A partir daí a defesa preocupar-se-ia em se organizar para marcar um ataque posicional (estruturado) ou um contra-ataque.

Vimos que Bayer (1994) [66] expressou um guia de intenções táticas defensivas. Este teria o objetivo de facilitar a comunicação dos jogadores, isto é, permitir que os jogadores "falassem" uma linguagem comum. Lozano Cid et al (2002) reportam algumas finalidades para cada item desse guia.

QUADRO 15
Finalidades defensivas para o futsal dos princípios comuns de referência de Claude Bayer

Defesa	Finalidades
Recuperação da bola	Converter os defensores em atacantes
	Impor o ritmo da partida
Impedir a progressão dos jogadores e da bola até a minha meta	Manter afastado o perigo de gol
	Estar próximo da meta adversária ao recuperar a bola
Proteger a minha meta	Induzir o adversário a jogar para o seu lado débil

Fonte: LOZANO CID et al., 2002, p.10.

[66] Cf. item 2.2 deste capítulo.

Para atingir essas finalidades, a defesa terá de se organizar. Isso compreende alguns componentes, como as fases da defesa, os fundamentos táticos individuais, as linhas de marcação, a intensidade defensiva e a defesa em sistema.

2.5.1 Fases da defesa

QUADRO 16
Fases da defesa em futsal

Autores	Datas	Tipologia
Chaves Chaves e Ramírez Amor	1998	1ª fase: perda → 2ª fase: estabilização → 3ª fase: recuperação
Lozano Cid et al	2002	1ª fase: balanço defensivo e retorno → 2ª fase: defesa em temporização → 3ª fase: organização defensiva → 4ª fase: defesa em sistema
Silva e Calado Filho	2005	1ª fase: temporização e retorno → 2ª fase: organização defensiva → 3ª fase: defesa em sistema

Constata-se que a classificação mais completa é a proposta por Lozano Cid et al (2002, p.9), ao referirem que a defesa "[...] começa durante o desenvolvimento do próprio ataque e continua com o retorno dos jogadores até à própria meta, para situar-se e organizar-se dentro do conceito de equipe e o desenvolvimento do jogo em sistema".

Nomeadamente, são os únicos autores a frisar, corretamente, que a 1ª fase da defesa começa no ataque[67] a partir do balanço defensivo. Este, no caso de contra-ataque, que em geral conta com a participação de dois ou três jogadores, se traduz quando os jogadores evitam erros de passe, chutes fracos e imprecisos contra a meta adversária, ou ainda, que o adversário intercepte a bola. No caso de ataque posicional, se traduz quando um ou dois jogadores levam em consideração seus posicionamentos na quadra, de modo a se precaverem contra uma possível perda da bola. Os autores acrescentam que o balanço defensivo é uma atitude estratégica que precisa ser adotada também quando de laterais, escanteios e faltas.

Por outro lado, quando se admite a perda da posse de bola, todas as classificações convergem, isto é, todos indicam que se inicia uma fase de transição defensiva, que dura desde o momento em que a equipe perde a bola até o momento em que ela consegue estabilizar o ataque. Para dar conta desta última tarefa, a equipe retorna defensivamente e, em alguns casos, executa uma temporização. Para Chaves Chaves e Ramírez Amor (1998, p.124), essas ações defensivas (retorno e temporização) representam a fase de estabilização, quando a

[67] Embora Chaves Chaves e Ramírez Amor (1998) e Silva e Calado Filho (2005) tenham essa preocupação, mas não ao ponto de promovê-la a uma fase.

equipe procura que "[...] as possíveis vantagens que pudera conseguir a equipe atacante ao provocar a transição, fossem niveladas ou neutralizadas".

O retorno defensivo é a atitude de correr "[...] à máxima velocidade até a meta própria. A corrida deve ser efetuada também de modo que a bola possa ser vista e os deslocamentos do adversário seguidos continuamente" (LOZANO CID et al., 2002, p.13). Para estes autores, o retorno será favorecido pelo balanço defensivo na medida em que este, quando do contra-ataque, assegura a participação do goleiro como último defensor e, no caso do ataque posicional, além disso, contempla o posicionamento de um ou dois jogadores posicionados atrás da linha da bola.

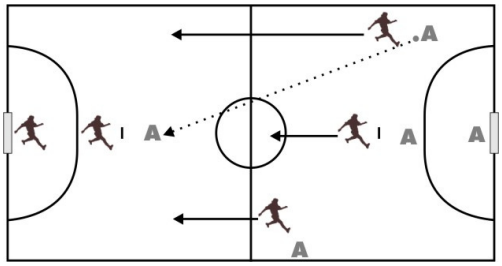


FIGURA 52 – Retorno defensivo
Fonte: SANTANA, 2004a, p.67.

Os autores ainda explicam que a defesa em temporização dura poucos segundos e se aplica em geral quando a equipe marca em inferioridade numérica. Diz-se que há uma temporização quando um jogador simula atacar o portador da bola e se desloca rapidamente para a sua meta, não se decidindo de forma clara nem por uma situação (atacar a bola), nem por outra (retornar à defesa). Ao fazer isso, consegue que os atacantes duvidem do que fazer, e é exatamente isso que permite a organização defensiva de seus companheiros. Segundo esses autores, são ações como essas "[...] que pretendem ganhar tempo para que o resto dos jogadores que atua na defesa ocupe ou volte às suas posições defensivas" (LOZANO CID et al., 2002, p.16). Por extensão, a temporização é a atitude que o "[...] jogador mais próximo ao possuidor da bola realiza para dar tempo a um retorno dos companheiros" (CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998, p.124).

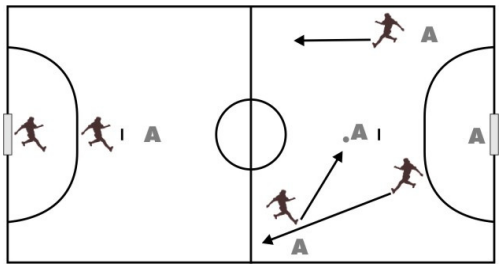


FIGURA 53 – Temporização e retorno defensivo
Fonte: SILVA; CALADO FILHO, 2005, p.81.

Se, por um lado, há certa discordância acerca da fase defensiva em que a temporização entra, por outro lado há concordância de que o retorno defensivo tende a ser distinto segundo a maneira que a equipe perdeu a bola. Ou seja, se houver uma interrupção do jogo de ataque em função de a bola ter sido lançada para fora da quadra, haverá uma paralisação momentânea e a equipe será beneficiada, podendo os jogadores retornar para as suas posições e estabelecer o equilíbrio defensivo, o que se caracteriza como um retorno posicional. Neste caso, segundo Silva e Calado Filho (2005), a temporização geralmente não é necessária. Porém, se o ataque for interrompido porque houve uma recuperação da posse de bola pelo adversário, o retorno se dará pelo caminho mais curto, sem preocupação com as suas posições de origem, o que caracteriza um retorno aposicional. Aqui, a temporização se faz oportuna.

A organização defensiva se trata de uma fase curta que pressupõe que cada jogador, após o retorno, ocupe seu lugar preestabelecido no sistema defensivo. A rigor, esta fase "[...] começa durante o retorno dos jogadores, continua com a defesa de temporização, seguindo depois um intervalo de tempo em que os jogadores situados em uma zona da quadra não preestabelecida se enquadram no sistema defensivo" (LOZANO CID et al., 2002, p. 18). É nessa fase que cada jogador procura o posicionamento mais adequado para que ele componha o sistema em defesa. A organização defensiva dura o tempo transcorrido entre a defesa em temporização e a defesa em sistema.

A defesa em sistema é a fase mais longa. A equipe atuará de forma organizada contra um ataque posicional e terá de definir um tipo de marcação coletiva e um espaço de quadra onde iniciá-la. A defesa em sistema "[...] pode ter um caráter dinâmico, ativo, calmo ou passivo, em função de como atuam os adversários" (LOZANO CID et al., 2002, p.20). Trata-se de uma fase de recuperação, na qual há duas formas de se recuperar a bola: deixar que o adversário a perca ou provocar a sua recuperação (CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998). No caso

de uma defesa menos ativa, estabelecer-se-ão coberturas e trocas de marcação claramente definidas e oferecer-se-á longa posse de bola ao adversário, apostando que este, ao trocar muitos passes, acabará incorrendo em um de imprecisão.

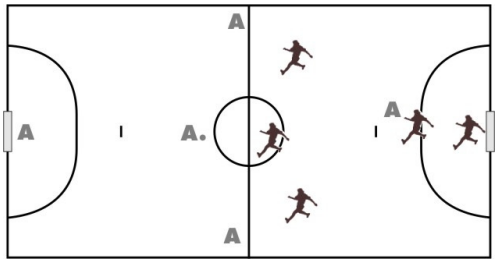


FIGURA 54 – Defesa menos ativa
Fonte: Adaptado de CHAVES, CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998.

No segundo caso, a defesa adotará uma postura defensiva mais arriscada, pressionará o adversário em determinadas zonas, provocando superioridade defensiva em dados setores, de modo a induzir o adversário ao erro.

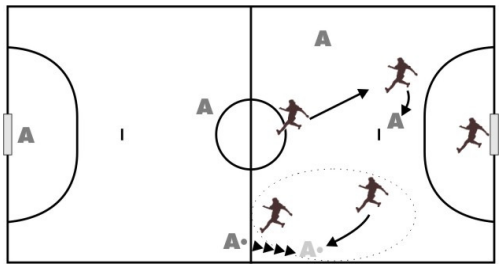


FIGURA 55 – Defesa mais ativa
Fonte: Adaptado de CHAVES, CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998.

2.5.2 Fundamentos táticos defensivos

Para Bayer (1994, p.101), há três maneiras de agir (regras de ação) na defesa que se constituem "[...] essenciais a adquirir e respeitar a todos os níveis[68] [...] que vão subentender a todo momento as atitudes do defensor": (1ª) a marcação deve ser ativa, isto é, o defensor deve impor-se ao atacante e, em hipótese alguma, sofrer passivamente as ações do adversário; (2ª) a marcação deve agir continuamente, ou seja, não pode distrair-se. Ao contrário, deve ter sempre algo a fazer em função da coleta permanente de informações; (3ª) a marcação deve prestar-se à ajuda, isto é, deve se integrar aos planos coletivos, se articular com os demais.

[68] Segundo Bayer (1994, p.101), do "[...] principiante ao campeão confirmado".

Embora pertinentes, porque explicam a necessidade de os jogadores serem ativos e cooperativos quando da defesa, as regras de ação de Bayer, ao nosso juízo, são insuficientes para dar conta da complexidade de atitudes inerentes a essa fase do jogo de futsal. Isso nos leva a acrescentar um conjunto de ações responsáveis pelo desenvolvimento defensivo individual e coletivo. Este coletivo de atitudes representaria os fundamentos táticos de defesa, isto é, aquelas ações "[...] da defesa que executadas tentam obstaculizar ou impedir a progressão da bola e sua recuperação" (CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998, p. 125).

QUADRO 17
Fundamentos táticos defensivos em futsal

Autores	Datas	Tipologia
Lozano Cid	1995	Retorno, ajuda e cobertura, dois contra um, temporização, permutas.
Fonseca	1997	Visualizar bola e jogador, respeitar a linha da bola, voltar para ajudar, pressionar a bola.
Chaves Chaves e Ramírez Amor	1998	Retorno, temporização, vigilância, cobertura, permuta, deslizamento, pressão, interceptação, antecipação, carga, entrada.
Saad e Costa	2001	Respeitar a linha da bola, manter marcador e bola no campo visual, cobertura, cercar o adversário
Fonseca e Silva	2002	Linha da bola, perseguição, cobertura, troca de marcação.
Santana	2004a	Trocas de marcação, marcação de retorno, encaixe da marcação
Silva e Calado Filho	2005	Retorno e temporização (ações de transição defensiva); ajuda, cobertura e permuta (ações de suporte e apoio); marcação, pressão, carga e entrada (ações de marcação); interceptação e antecipação (ações de corte da bola);
Santana	2006b	Marcar atrás da linha da bola, manter o adversário no campo visual, retorno, cobertura.
Futsal	2006	Postura básica, acompanhamento, interceptação ou antecipação, aproximação, abordagem, bloqueio de passes e chutes, troca de marcação, cobertura, ajuda, dobra.
Ferretti	2006	Triângulo, atrás da linha da bola, desarme, acompanhamento, equilíbrio e retomada de equilíbrio.
Andrade Junior	2007	Aproximação e abordagem, indução do passe, retorno, encaixe da marcação, dobra, cobertura, antecipação, marcação atrás do pivô.

Lucena (1994) foi o primeiro autor a abordar a relevância de os jogadores adotarem os fundamentos aproximação e abordagem. A aproximação exige que o jogador se aproxime do seu marcador buscando o equilíbrio adequado para exercer a abordagem, isto é, para tomar-lhe a bola, o que consistiria um tipo de desarme (FERRETI, 2006), ou atrapalhar o passe, cooperando com os outros colegas defensores. Santana (2004a, p.76) explica que o jogador deve se aproximar do adversário simultaneamente ao passe, isto é, "[...] o tempo que a bola leva para chegar ao adversário é o tempo que o marcador deve levar para vencer o espaço que o separa daquele".

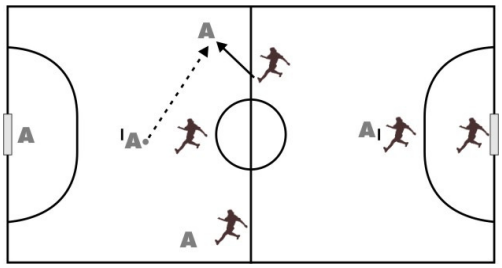


FIGURA 56 – Aproximação defensiva simultânea ao passe
Fonte: Adaptado de SANTANA, 2004a.

Andrade Junior (2007) acrescenta que a abordagem pode ser agressiva ou passiva. No primeiro caso, o marcador atacará o adversário, diminuindo o espaço para lhe tomar a bola. No segundo caso, o marcador se restringe a cercar o adversário. Ainda para o autor, a abordagem pode ter o objetivo de induzir o adversário a passar ou conduzir a bola por um local onde a sua ação de ataque seria mais difícil ou para cima de uma cobertura.

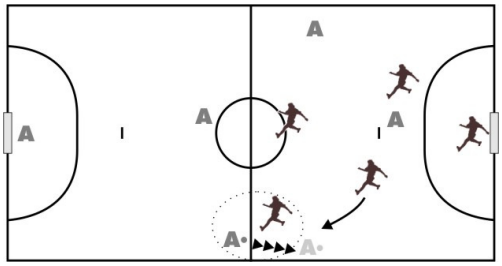


FIGURA 57 – Abordagem que induza a trajetória de ação do adversário
Fonte: Adaptado de ANDRADE JUNIOR, 2007.

A linha da bola se trata de uma linha imaginária que passa sobre a bola em sentido perpendicular à quadra (SAAD; COSTA, 2001). Para Fonseca e Silva (2002, p. 24), este fundamento favorece defender, "[...] principalmente possibilitando ao atleta, durante a função de marcação, observar a bola e o jogador a ser marcado por ele". Para Santana (2006b, p. 2), "[...] quem está atrás da linha da bola ocupa espaços preciosos, que seriam ocupados pelo adversário".

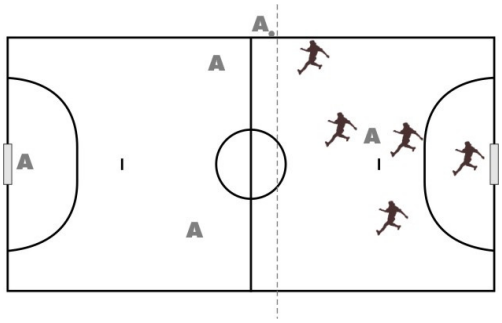


FIGURA 58 – Marcar atrás da linha da bola
Fonte: FONSECA; SILVA, 2002, p.24.

O fundamento de manter o adversário e a bola no campo visual (FONSECA, 1997; SAAD; COSTA, 2001) é chamado de triângulo por Ferretti (2006) e por Luis Gallego e José García (2006), de triângulo defensivo. Segundo estes últimos, o importante nessa atitude é estar atento ao jogador que está com a bola e a quem se marca. Explicam ainda que a distância que se deve manter de quem se marca deve ter relação com o jogo, isto é, quanto maior a possibilidade de o atacante receber a bola, mais próxima será a marcação.

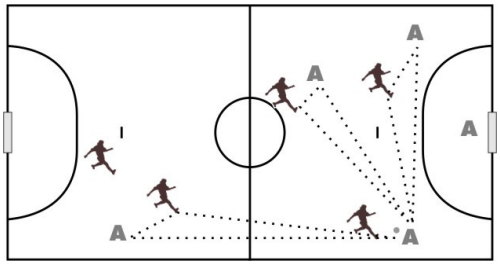


FIGURA 59 – Triângulo defensivo
Fonte: LUIS GALLEGO; JOSÉ GARCÍA, 2006, p.81.

É importante acrescentar que se o atacante passar a bola e se deslocar pela quadra, o marcador deve atentar para este último e não para a bola[69] (LUCENA, 1994; SAAD; COSTA, 2001; SANTANA, 2006b), acompanhando-o. Este acompanhamento exige que o marcador mantenha o adversário no campo visual (SANTANA, 2004a), que se posicione entre aquele e o seu gol e que leve em consideração o posicionamento da defesa como um todo, a fim de estar disponível a ajudar seus companheiros (FUTSAL, 2006). Essa disponibilidade visual e comportamental do defensor denomina-se vigilância (CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998). Uma vez recuperado o equilíbrio, o triângulo defensivo volta a ser exercido.

Silva e Calado Filho (2005) argumentam que quando da marcação propriamente dita, o defensor deverá decidir-se por agir mais ativamente, impedindo que o adversário receba a bola ou menos ativamente. Neste caso, impedindo que aquele avance com a bola que já possui. Naquele caso, deverá posicionar-se na frente do atacante e na trajetória da bola, o que caracterizaria uma marcação de interposição, como se segue.

[69] Evidentemente que se a defesa em sistema for por zona, o atacante deverá ficar atento à bola.

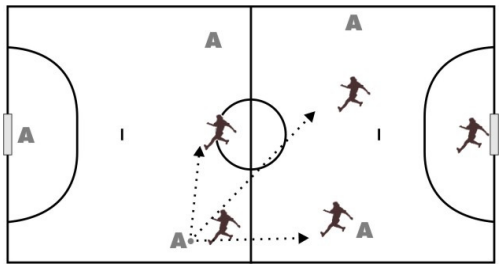


FIGURA 60 – Marcação de interposição (mais ativa)
Fonte: Adaptado de SILVA; CALADO FILHO, 2005.

Diferentemente, quando da marcação de contenção, o jogador deverá posicionar-se entre o adversário e o seu gol.

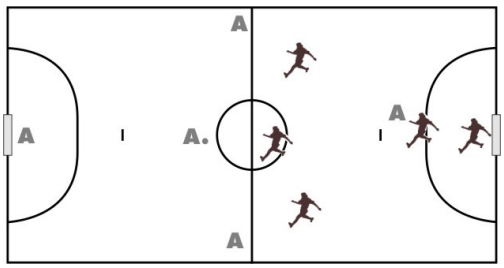


FIGURA 61 – Marcação de contenção (menos ativa)
Fonte: Adaptado de SILVA; CALADO FILHO, 2005.

O retorno defensivo[70] se trata dos movimentos "[...] de retrocesso que realizam os jogadores de uma equipe que perdeu a posse da bola, a fim de voltar às suas posições de origem ou defensivas" (LUIS GALLEGO; JOSÉ GARCÍA, 2006, p.71). Junto com a temporização, que é a atitude de retardar o ataque rival a fim de que os outros jogadores de defesa possam se organizar (LOZANO CID, 1995), constituem os chamados fundamentos de transição defensiva.

Lozano Cid (1995, p. 35) reputa à cobertura a ação de "[...] assistir ao companheiro que pode ser superado pelo contrário que controla a bola". Portanto, esta exigirá que o marcador abandone sua zona de conforto e saia ao encontro de um adversário que venceu seu companheiro. Andrade Junior (2007, p. 62) acrescenta que a cobertura exigirá que o jogador esteja "[...] sempre bem posicionado cobrindo os espaços de infiltrações, principalmente quem está do lado oposto[71] de onde está a bola". Não pode passar despercebido que marcar atrás da linha da bola tende a facilitar coberturas.

[70] O retorno defensivo e a temporização foram exemplificados no item 2.5.2.
[71] Luis Gallego; José García (2006) referem que o lado oposto ao lugar onde se encontra a bola se trata do "lado débil", isto é, o espaço de quadra em que a densidade defensiva é baixa. Por oposição, o lado onde se encontra a bola se chama "lado forte", na medida em que a densidade defensiva é alta.

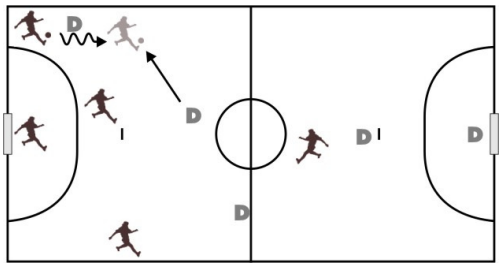


FIGURA 62 – Cobertura
Fonte: Adaptado de LOZANO CID, 1995.

Em geral, um fundamento que vem associado à cobertura é a permuta, que consiste "[...] em que um jogador, uma vez que tenha sido superado pelo rival que possui a bola, ocupe a posição de um companheiro que o ajudou quando da cobertura" (LOZANO CID, 1995, p.39).

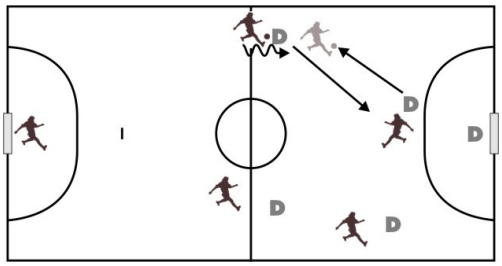


FIGURA 63 – Permuta
Fonte: Adaptado de LOZANO CID, 1995.

O fundamento da dobra (ou dois contra um) exige que o defensor abandone quem marca e vá "[...] ajudar seu companheiro que está marcando outro jogador que tem a posse da bola, fazendo a situação de dois contra um (ANDRADE JUNIOR, 2007, p.62)". Lozano Cid (1995) explica que a dobra, em virtude do risco iminente em caso de fracasso, deve ser um movimento muito rápido e agressivo, coordenado, realizado preferencialmente longe da meta que se defende e sobre o jogador de ataque mais fraco.

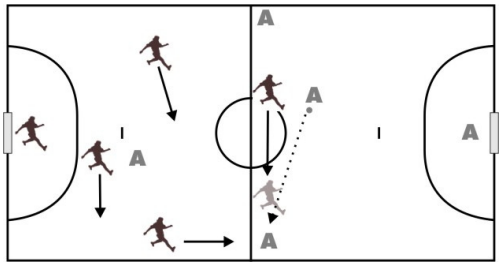


FIGURA 64 – Dobra
Fonte: SANTANA, 2004a, p.89.

O fundamento troca de marcação acontece quando "[...] um jogador percebe que é possível deixar o seu marcador e passar a marcar outro sem que isso implique desvantagem para a sua equipe" (SANTANA, 2004a, p.65). Fonseca e Silva (2002, p.26) explicam que essa ação é indicada quando "[...] ocorre troca de posição, clara e previsível, entre os atacantes". Isso evitaria o desgaste dos defensores na medida em que estes permaneceriam no mesmo espaço de quadra. Tal fundamento reclama que o defensor com melhor visão dos atacantes comunique verbalmente o seu companheiro quando do melhor momento para realizar a troca (FUTSAL, 2006).

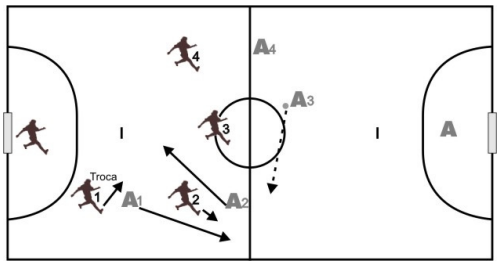


FIGURA 65 – Troca de marcação
Fonte: FONSECA; SILVA, 2002, p.26.

O encaixe da marcação se trata de uma movimentação defensiva na qual o defensor "[...] aborda seu marcador, impedindo-o que receba a bola" (ANDRADE JUNIOR, 2007, p.62). Para Santana (2004a, p.68), isso exigirá que os jogadores, de forma coordenada, encaixem-se (aproximem-se) dos adversários, "[...] de modo que se dificultem as linhas de passe e sua progressão na quadra". É importante que essa atitude seja acompanha de pressão na bola. Logo, em dada medida, esse fundamento se equivale à pressão[72], pois nesta ação defensiva, que pode ser realizada individual e coletivamente, se pressiona o rival que está com a bola e o que não está e, inclusive, a trajetória do passe, de modo que a bola seja recuperada ativamente.

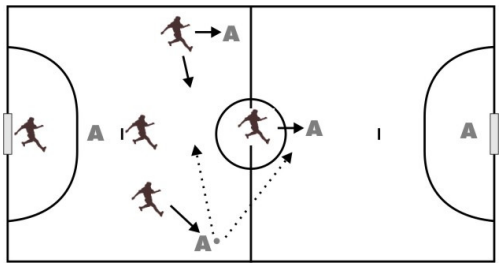


FIGURA 66 – Encaixe de marcação/*pressing*
Fonte: SANTANA, 2004a, p.86.

[72] Chaves Chaves e Ramírez Amor (1998) explicam que se faz pressão (a) sobre o atacante que tem posse de bola a fim de impedir que este desenvolva suas ações livremente, (b) sobre o atacante sem posse de bola, para dissuadi-lo a não receber a bola e (c) sobre as linhas de passe para, efetivamente, interceptar a bola.

A carga se constitui num fundamento que reclama contato físico. Seria “Aquela ação sobre o jogador possuidor da bola que se realiza com o ombro e parte do dorso na luta pelo controle da bola” (CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998, p.135). Semelhante à carga é a entrada. Porém, neste caso, se usam os pés e as pernas para recuperar a bola.

A interceptação e a antecipação constituem-se ações muitas vezes encaradas, de forma errônea, como equivalentes. Interceptar resume-se a cortar um passe/interromper a trajetória da bola, muito comum quando o jogador marca a bola. Por sua vez, a antecipação reclama que o defensor se adiante (tome a frente) do atacante que a receberia. Ambas as ações são bastante usadas quando a marcação é mais ativa (interposição) e podem ser realizadas mediante o desvio, o despejo ou a recuperação da bola (SILVA; CALADO FILHO, 2005).

A ajuda não se materializa para suprir uma ação deficiente da defesa (à semelhança da cobertura), mas sim para criar uma situação de superioridade numérica (como a dobra) (FUTSAL, 2006). Porém, diferencia-se desta pois ocorre mais próxima do gol que se defende, enquanto aquela acontece mais distante deste e exige que o marcador, quando do passe do atacante, acompanhe a trajetória do passe e se “lance”, isto é, continue o movimento para cima do receptor. Em geral, a ajuda é aplicada quando há um passe em profundidade para alguém de costas para o gol. Neste instante, o defensor retornaria para ajudar seu companheiro, fazendo 2x1.

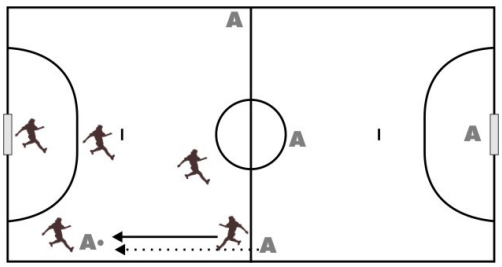


FIGURA 67 – Ajuda
Fonte: SANTANA, 2004a, p.88.

Não obstante essa especificidade, Luis Gallego e José García (2006, p.34) referem que a ajuda se trata mais de um princípio de colaboração entre os jogadores do que de um fundamento, constituindo-se como “[...] toda solução favorável que seus companheiros oferecem a um jogador durante o jogo, em qualquer momento e circunstância”. Portanto, seria difícil excluir qualquer fundamento defensivo desse conceito. Silva e Calado Filho (2005) reportam que há ajuda, por exemplo, quando se faz um 2x1 (dobra), quando se faz uma pressão sobre a bola ou quando se pressiona a trajetória do passe.

Neste tema, destaca-se a divisão proposta por Silva e Calado Filho (2005), contemplada no quadro 18.

QUADRO 18
Finalidades dos diferentes fundamentos defensivos

Fundamentos	Finalidades
Retorno e temporização	Facilitar a transição defensiva
Ajuda, cobertura e permuta	Dar suporte e apoio
Marcação, pressão, carga e entrada	Marcar o adversário
Interceptação e antecipação	Cortar ou recuperar a bola

Fonte: SILVA; CALADO FILHO, 2005, p.79.

No que pese as ações defensivas que alicerçam o comportamento individual, é indispensável atentar para o fato de que a defesa é coletiva, isto é, quando se trata de defender "[...] estamos em 'conjunto', e jogamos 'com', tem-se em conta as dificuldades e as acções empreendidas pelos companheiros, para se articular com eles e ajustar o seu próprio comportamento às contingências do desenvolvimento do jogo" (BAYER, 1994, p.101).

O que, de fato, acontece, é que os jogadores, ao defender, são levados, inevitavelmente, a integrar as suas atitudes às de seus companheiros, segundo as demandas circunstanciais do jogo. Isso se realiza, por exemplo, quando um jogador é superado e outro tem de sair à cobertura, e o que foi superado corre para ocupar o lugar do que lhe cobriu (permuta); ou quando um defensor pressiona o portador da bola (pressão) e outro se aproxima de quem, possivelmente, receberia o passe, de modo a interceptar a sua trajetória (interceptação), podendo, para tanto, tomar a frente do seu adversário (antecipação). À coordenação de ações defensivas, Chaves Chaves e Ramírez Amor (1998, p.125) denominam de procedimentos defensivos, isto é, "[...] a combinação de duas ou mais ações defensivas que coordenadamente executam os componentes de uma equipe em defesa para conseguir a neutralização de um ataque".

Os fundamentos defensivos e suas combinações (procedimentos) se manifestarão dentro do que se chama "defesa em sistema" ou tipos de defesa.

2.5.3 Defesa em sistema

A defesa em sistema é adotada quando a equipe está organizada (equilibrada) e se posiciona contra um ataque posicional. Antes de apontarmos os tipos de defesa mais utilizados no futsal, é relevante destacar a observação feita por Lozano Cid et al (2002) de que,

independentemente disso, dois fatores conjugados são determinantes para o funcionamento defensivo: (1º) o espaço de quadra a se defender; (2º) a intensidade defensiva.

No primeiro caso, trata-se de optar em marcar quadra toda, em ¾ de quadra, a partir da meia-quadra ou em ¼ de quadra. Essas são as chamadas linhas defensivas, que representam as áreas ou locais da quadra onde se inicia a marcação.

No Brasil, convencionou-se chamar essas áreas de linhas de marcação (ANDRADE JUNIOR, 2007; FERRETTI, 2000; SAAD; COSTA, 2001; SANTANA, 2004a).

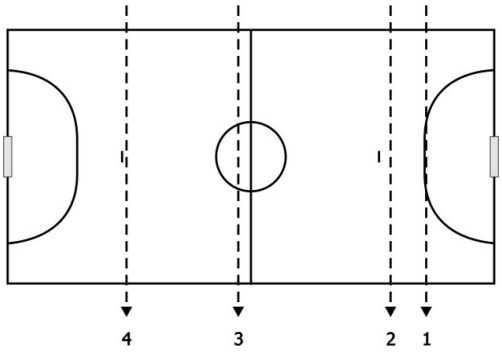


FIGURA 68 – Linhas defensivas no Brasil
Fonte: SANTANA, 2004a, p.65.

Nota-se que as linhas defensivas são estabelecidas a partir de quatro pontos ou áreas da quadra, nomeadamente linha 1 (marca-se no campo do adversário os movimentos iniciais deste), linha 2 (marca-se no campo do adversário, porém se inicia em ¾ de quadra), linha 3 (marca-se no próprio campo e a referência é a linha divisória central) e linha 4 (marca-se no próprio campo e a referência é a linha de 10 metros).

Silva e Calado Filho (2005) propõem que a defesa em sistema considere, igualmente, quatro linhas. Porém, estas devem contemplar outra distribuição pelo espaço de jogo.

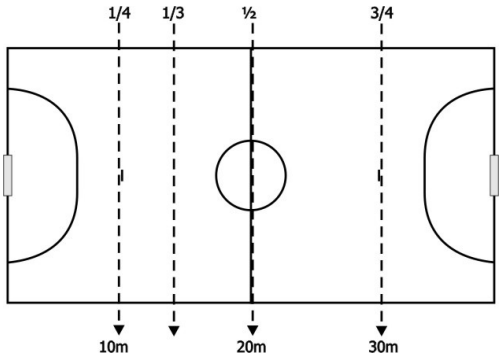


FIGURA 69 – Linhas defensivas na Espanha
Fonte: SILVA; CALADO FILHO, 2005, p.62.

A primeira divergência dessa classificação em relação à anterior é que ela elimina a marcação na quadra toda (a linha 1 "brasileira"), iniciando-se em ¾ de quadra; a segunda é que atribui três linhas defensivas (½ quadra, 1/3 de quadra e ¼ de quadra) no campo defensivo.

Em geral, pode-se atribuir as seguintes características às linhas defensivas, segundo a classificação brasileira:

QUADRO 19
Características das linhas de marcação em futsal

Linhas	Local de início	Diretrizes	Indicada
1	Campo adversário (4/4)	- Libera-se o meio da quadra - Obriga-se o adversário a jogar a bola para frente	- Para buscar o resultado no final de jogo - Contra equipes mais fracas
2	Campo adversário (3/4)	- Fecha-se o meio da quadra - A partir da reposição de bola, marca-se intensivamente, induzindo o adversário ao erro de passe	- Contra equipes do mesmo nível técnico - Para evitar a progressão do ataque
3	Campo próprio (2/4)	- Jogadores próximos uns dos outros	- Para diminuir a velocidade do ataque, dificultar bolas de espaço e potencializar o contra-ataque
4	Campo próprio (1/4)	- Jogadores próximos uns dos outros	- Além do que se viu para a linha 3, indicada para marcar o ataque com "goleiro-linha"

Fontes: FERRETTI, 2000, p. 1; SAAD; COSTA, 2001, p.11; SANTANA, 2004a, p.78.

O segundo fator que daria consistência a uma defesa em sistema é a intensidade defensiva, que seria o quanto os jogadores, individual e coletivamente, são capazes de pressionar o adversário. Lozano Cid et al (2002, p. 152) explicam que o conceito de pressão pode ser entendido como "[...] a ação que realiza um jogador defensor, fazendo presença intensiva sobre o possuidor da bola, para obrigá-lo a jogar precipitadamente, ou originar uma falha e tirar-lhe a bola". Para estes, sete premissas orientariam o sentido da pressão: (1ª) na medida em que pressionar exige diminuir os espaços de jogo do adversário, se deve tomar cuidado diante de equipes de elevado nível técnico; (2ª) nunca se deve realizar a pressão sobre um adversário que tenha a bola dominada completamente; (3ª) quando um jogador perde a bola, a primeira atitude a fazer é retornar defensivamente; (4ª) quando um jogador pressiona os demais também devem fazê-lo; (5ª) se devem imprimir movimentos coordenados entre os jogadores a fim de induzir o adversário com a bola para onde mais interessa; (6ª) a pressão está ligada sempre à organização e

não ao esforço; faz-se para correr menos; (7ª) exige um goleiro capaz de antever os passes do adversário e sair na cobertura.

Em relação às defesas destacam-se a individual, a zona, a mista, a alternativa e a múltipla (LUIS GALLEGO; JOSÉ GARCIA, 2006). Valdericeda (1994) e Sampedro (1997) atestam que a defesa individual, em virtude de exigir do marcador o aprendizado de princípios defensivos, é o alicerce das outras. Por isso, os outros tipos teriam derivado daquela.

QUADRO 20
Características da defesa individual em futsal

Tipo	Características	Vantagens	Inconvenientes	Indicada	Variáveis
INDIVIDUAL	- Marca-se o sujeito prioritariamente e, depois, a bola - Mais versátil que a defesa em zona - Os jogadores devem estar atrás da linha da bola sempre que possível, para ajudar defensivamente - Exige troca de marcação quando o ataque provoca superioridade numérica - Não exclui coberturas	- Menor desgaste mental que a defesa em zona - Incrementa a concentração e a combatividade dos jogadores - Permite ajustar as características do marcador ao atacante adversário - Se pressionante, tende a provocar erros de passe - Pode ser realizada em toda quadra	- Desgastante fisicamente - Provoca espaços livres - Dificulta a ajuda defensiva (cobertura) - Arriscada contra jogadores habilidosos no 1x1 - Desfavorece a comunicação verbal - Frágil quando o ataque aplica manobras ofensivas - Contra-indicada para jogadores lentos - Eleva o número de faltas	- Para recuperar a bola diante de placar adverso	- Individual[73] 4/4 de quadra - Individual em ¾ de quadra - Individual em 2/4 quadra - Individual em ¼ de quadra - Individual com salto e troca de marcadores[74] - Individual com troca de marcação

Fontes: SAMPEDRO, 1997, p.105; CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998, p.160; LOZANO CID et al., 2002, p.154; VELASCO TEJADA; LORENTE PEÑAS, 2003, p.246; SANTANA, 2004a, p.79; SILVA; CALADO FILHO, 2005, p.70; LUIS GALLEGO; JOSÉ GARCÍA, 2006, p.105.

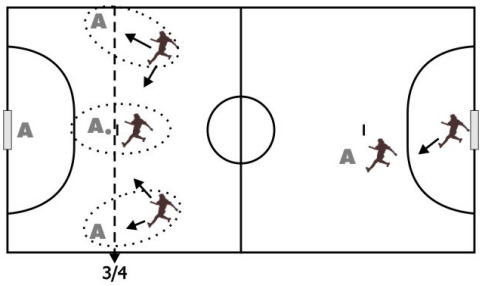


FIGURA 70– Defesa individual em ¾ de quadra com cobertura
Fonte: LUIS GALLEGO; JOSÉ GARCÍA, 2006, p.108.

[73] Luis Gallego; José García (2006) advertem que a defesa individual pode ser sem cobertura, com cobertura, com pressão alternativa, com pressão na bola.

[74] Consiste em induzir a condução de bola do adversário para um espaço de quadra e provocar um "salto" de outro defensor sobre o mesmo. Isso exigirá que os outros dois defensores ajustem seus marcadores (daí a troca de marcação). É chamada também de *blitz*. (LUIS GALLEGO; JOSÉ GARCÍA, 2006).

Nota-se no exemplo de defesa individual que (a) os defensores vigiam seus respectivos atacantes e, simultaneamente, (b) estão disponíveis para realizarem coberturas ao defensor que pressiona a bola, no caso de este ser superado pelo atacante.

Outra defesa clássica é a por zona (ou zonal).

QUADRO 21
Características da defesa zona em futsal

Tipo	Características	Vantagens	Inconvenientes	Indicada	Variáveis
Z O N A	- Marca-se a bola - Pressiona-se o portador da bola - Os defensores ocupam um espaço em particular (porém variável segundo o posicionamento da bola) e responsabilizam-se pelos contrários que entram neste com ou sem bola - Estar permanentemente disponível para ajudar os companheiros - Requer comunicação verbal constante entre os jogadores - Requer jogadores muito disciplinados taticamente	- Favorece o contra-ataque - Mantém a bola constantemente vigiada - Mantém as zonas de finalização protegidas - Facilita o retorno defensivo - Reduz o número de faltas da equipe - Facilita coberturas - Permite usar jogadores com menos predisposição defensiva (lentos)	- Complicadas de entender e de aplicar - Exigem muitas horas de treinamento - Frágil contra equipes de bons passadores (velocidade da bola) - Pode causar problemas se houver mais de um jogador no setor de um defensor - Exige intensidade defensiva (pressão na bola) todo o tempo - Desgasta quem marca na 1ª linha defensiva - Em função do espaço variável, exige que o defensor cubra territórios muito longe do seu setor original - Inibe o jogo enquanto espetáculo	- Contra equipes com passadores fracos e/ou chutadores fracos de meia-distância - Para equipes que tenham defensores lentos - Para mudar o ritmo do jogo - Para provocar a impaciência do ataque - Para marcar quando em inferioridade numérica - Para marcar contra-ataques	- Zona pressionante - Zona em ¾ de quadra ou ofensiva - Zona em 2/4 de quadra ou defensiva - Zona em ¼ de quadra ou defensiva - Rombo (losango) (1.1.2.1) - Quadrado (1.2.2) - Quadrante

Fontes: CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998, p.145; LOZANO CID et al., 2002, p.157; LUIS GALLEGO; JOSÉ GARCÍA, 2006, p.87; SILVA; CALADO FILHO, 2005, p.65 SAMPEDRO, 1997, p.113; SANTANA, 2004a, p.78; PRINCÍPIOS BÁSICOS, 2006; VELASCO TEJADA; LORENTE PEÑAS, 2003, p.255;

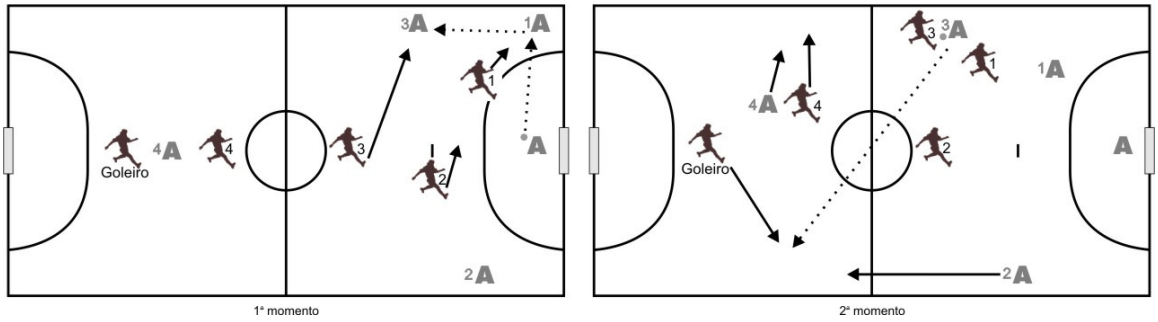


FIGURA 71 – Momentos de uma defesa zona pressionante em ¾ de quadra
Fonte: LUIS GALLEGO; JOSÉ GARCÍA, 2006, p.95.

Verifica-se, no primeiro momento, que o defensor 1 pressiona (induz) o atacante 1 a passar para o atacante 3; simultaneamente, o defensor 2 fecha a linha de passe para o atacante 2 e o defensor 3 desloca-se em direção ao atacante 3. Na seqüência, vê-se algumas outras ações concomitantes: tem-se uma dobra (2x1) sobre o atacante 3, o defensor 2 fechando a linha de passe entre o atacante 3 e o 2, o acompanhamento do defensor 4 sobre o atacante 4, o fechamento da linha de passe do atacante 3 para o atacante 1 e a ação do goleiro sobre o passe do atacante 3 para o atacante 2, que se projeta nas costas do defensor 2.

Apontamos, igualmente, os princípios básicos da marcação quadrante, uma das variáveis da defesa zona atualmente mais usada em território nacional.

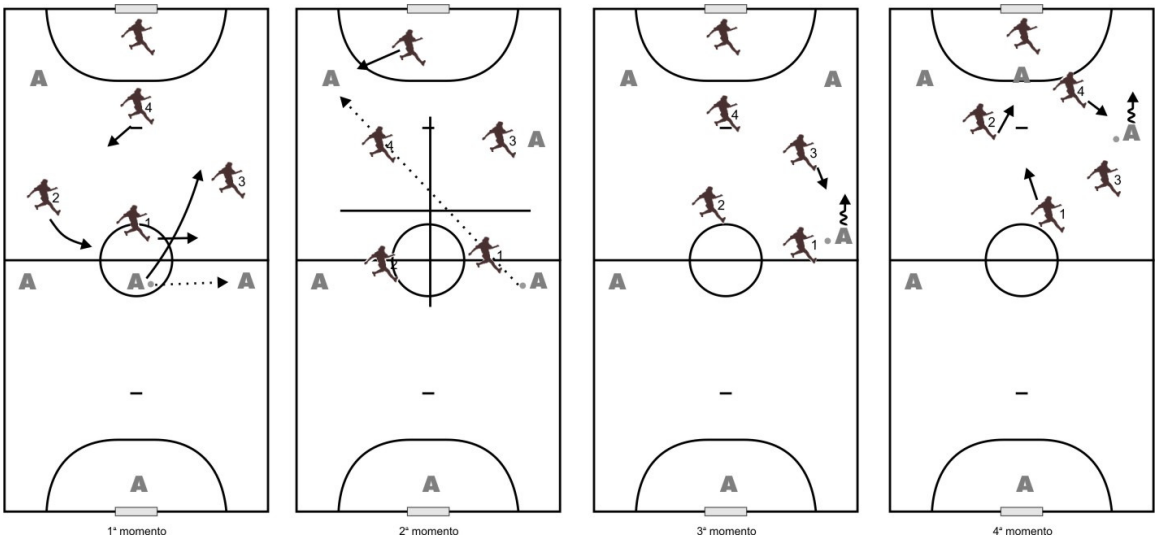


FIGURA 72 – Momentos da marcação quadrante
Fonte: Adaptado de PRINCÍPIOS BÁSICOS, 2006.

No 1º momento, vê-se que o adversário organiza o ataque com três armadores. Quando do passe do atacante do centro para a lateral, duas atitudes devem ser observadas: o marcador do centro (1) não acompanha quem se deslocou para o ataque; o passe lateral determina a direção para a qual a defesa gira, isto é, para onde o 'quadrante' corre. No 2º momento, o quadrante está montado: quem marca o homem da bola (1), fecha exageradamente a diagonal de passe; o homem de dentro da 1ª linha de defesa (2) fecha o passe que tem o objetivo de atravessar a bola; se o passe for pelo alto e em diagonal, o goleiro é quem faz a cobertura. No 3º momento, vê-se que se o jogador da 1ª linha for driblado (1), o jogador da 2ª linha (3) faz a cobertura. No 4º momento, nota-se que se a cobertura (3) for driblada, o jogador de dentro da 2ª linha (4) faz a sua cobertura. Isso configuraria o princípio da "cobertura da cobertura". Salienta-se que nessa

variável as linhas defensivas, independentemente da área de quadra a ser marcada (se ¼, 2/4 ou ¾), não podem se distanciar, ou seja, haveria sempre um espaço para que a cobertura possa atuar.

Isso posto, apresentamos características, vantagens, inconvenientes, indicação e variáveis das defesas menos habituais: mista, alternativa e múltipla.

QUADRO 22
Características da defesa mista em futsal

Tipo	Características	Vantagens Inconvenientes	Indicada	Variáveis
M I S T A	- Aplica-se mais como recurso do que como sistema - Tem em geral, e ao mesmo tempo, um jogador marcando individualmente e os outros três por zona	- Combina as vantagens e os inconvenientes da marcação individual e da por zona	- Quando a equipe adversária tem um jogador excepcional - Surpreender o ataque adversário, já que não está acostumado a esse tipo de defesa - Desestabilizar o balanço defensivo quando de contra-ataques	- Individual e triângulo zonal com vértice no pivô (1.2) - Individual e triângulo zonal com vértice no fixo (2.1) - Individual (3x3) e o fixo por zona

Fontes: CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998, p.169; LOZANO CID et al., 2002, p.170; LUIS GALLEGO; JOSÉ GARCÍA, 2006, p.121; SILVA; CALADO FILHO, 2005, p.70; SAMPEDRO, 1997, p.116; SANTANA, 2004a, p. 79.

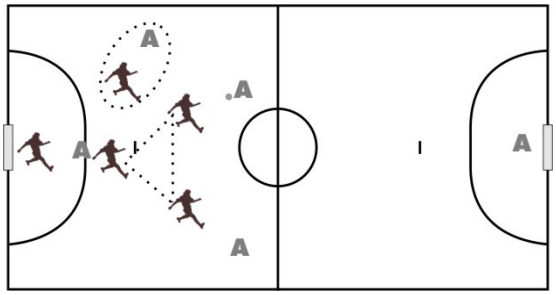


FIGURA 73 – Mista em ¼: individual e triângulo zonal vértice no fixo (2.1)
Fonte: LUIS GALLEGO; JOSÉ GARCÍA, 2006, p.123.

É possível averiguar na figura que há um defensor marcando individualmente o atacante A, ambos situados dentro no círculo, e três defensores, dispostos em triângulo, marcando por zona. Luis Gallego e José García (2006, p.123) recomendam que "O triângulo defensivo zonal deve girar segundo o movimento dos atacantes, ainda que se possa optar, na medida do possível, por um posicionamento estável, mas se perderia versatilidade".

QUADRO 23
Características da defesa alternativa em futsal

Tipo	Características	Vantagens	Inconvenientes	Indicada	Variáveis
A L T E R N A T I V A[75]	- Combina a zonal e a individual no mesmo jogo, isto é, os jogadores iniciam por zona e mudam para individual segundo o deslocamento dos jogadores adversários.	- Costuma romper o ritmo de jogo do adversário. - Muito difícil de ser vencida - Pode ser realizada em qualquer parte da quadra	- Exige sincronismo dos jogadores e profundo conhecimento do que têm de realizar	- Surpreender o adversário, que terá de se adaptar continuamente às mudanças.	- Inicia-se zonal em meia-quadra e, após os movimentos do adversário, insere-se a individual - Inicia-se zonal em ¾ de quadra num primeiro momento e insere-se a individual

Fontes: CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998, p.166; LUIS GALLEGO; JOSÉ GARCÍA, 2006, p. 127; VALDERICEDA,1994, p.66;

Apresentamos a defesa alternativa numa seqüência de três momentos.

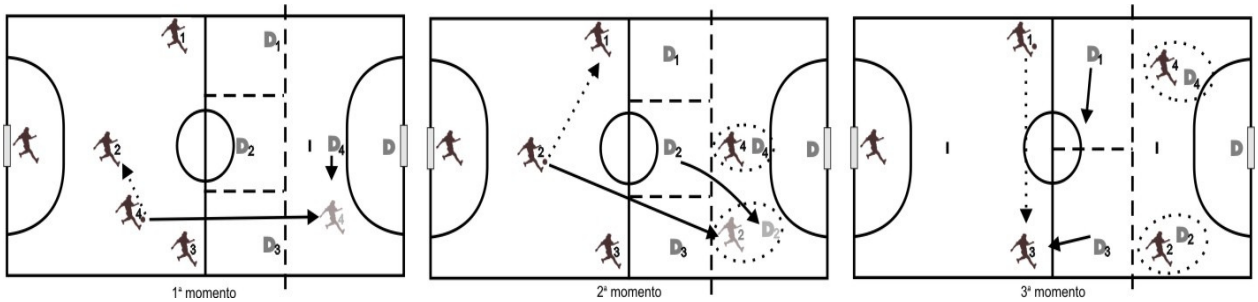


FIGURA 74 – Alternativa: zona em 2/4 de quadra e insere-se a marcação individual
Fonte: LUIS GALLEGO; JOSÉ GARCIA, 2006, p.129.

No 1º momento, a defesa marca por zona. Mas, após o deslocamento do atacante 4 segue-se o acompanhamento do defensor 4 – insere-se, portanto, a marcação individual. No 2º momento, três defensores marcam por zona, mas o deslocamento do atacante 2 é seguido pelo defensor 2. No 3º momento, dois defensores marcam por zona (o 1 e o 3), formando uma barreira móvel, e dois defensores marcam individual (o 2 e o 4). Se, porventura, houvesse um deslocamento de outro atacante ele seria acompanhado individualmente.

[75] Luis Gallego e José García (2006) explicam que a semelhança entre a alternativa e a múltipla é a combinação entre a defesa individual e a zona. A diferença é a de que a alternativa é aplicada contra o mesmo ataque do adversário, exigindo que os jogadores iniciassem marcando por zona, por exemplo, em meia-quadra, e com a aproximação do adversário, segundo o deslocamento de seus jogadores, escolhessem os atacantes e os seguissem individualmente até o final da jogada. Já a defesa múltipla é aplicada a cada dois ou três ataques, isto é, ora se marca por zona, ora individual, mudando a cada certo número de ataques. Por exemplo, quando da reposição de meta, a equipe inicia zona em ¾ de quadra. Porém, quando do próximo arremesso de meta, a defesa será individual em 2/4 de quadra.

Concluindo os tipos de marcação, apresentamos a defesa múltipla.

QUADRO 24
Características da defesa múltipla em futsal

Tipo	Características	Vantagens	Inconvenientes	Indicada	Variáveis
MÚLTIPLA[76]	- Ora se marca por zona, ora se marca individual, mudando a cada certo número de ataques do adversário, segundo a estratégia do técnico.	- Costuma romper o ritmo de jogo do adversário. - Muito difícil de ser vencida - Pode ser realizada em qualquer parte da quadra	- Exige sincronismo dos jogadores e conhecimento profundo do que têm de realizar	- Surpreender o adversário, que terá de se adaptar continuamente às mudanças.	- Zona (¾) de quadra e individual em 2/4 de quadra. - Zona em 2/4 de quadra e individual em ¾ de quadra.

Fonte: LOZANO CID et al., 2002, p.171; LUIS GALLEGO; JOSÉ GARCÍA, 2006, p.131.

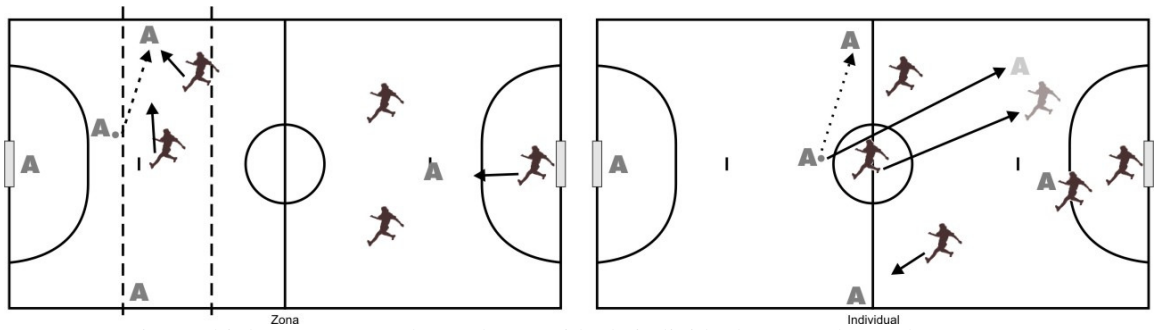


FIGURA 75 – Múltipla: zona em ¾ de quadra seguida de individual em 2/4 de quadra
Fonte: Adaptado de LUIS GALLEGO; JOSÉ GARCIA, 2006.

A marcação por zona adiantada permanecerá, por exemplo, por três saídas de meta do adversário, isto é, três ataques. Porém, a partir da quarta saída de meta, segundo a estratégia do treinador, a defesa migrará para a meia-quadra e marcará individual.

Velasco Tejada e Lorente Peñas (2003) sugerem que a escolha de um sistema defensivo mais conveniente, em se considerando a defesa individual, zona e mista, deveria atentar tanto para as características dos jogadores e o momento do jogo, como para o espaço de quadra. Isso porque, dependendo de onde se marca, se aproximam ou se distanciam os defensores, facilitando ou dificultando as ajudas defensivas e desgastando-se mais ou menos a equipe fisicamente. Para os autores, quanto mais espaço, menos indicada a marcação por zona, sendo as outras mais apropriadas; quanto menos espaço, mais se deveria recorrer à zona e menos às demais.

[76] Lozano Cid et al (2002) nomeiam a defesa múltipla como alternativa.

QUADRO 25
Relação entre o espaço de quadra e o tipo de marcação em futsal

Espaço de quadra	Individual	Mista	Zona
Em toda a quadra	**	***	*
Em meia-quadra	**	***	**
Em ¼ de quadra	*	**	***

Fonte: VELASCO TEJADA; LORENTE PEÑAS, 2003, p.246.

Por sua vez, Lozano Cid et al (2002) reportam que, independentemente do espaço de quadra que se marca e do tipo de marcação, o "risco" sempre estará presente. Entretanto, este último tem caráter subjetivo, segundo a visão de cada treinador. Por exemplo, para certo treinador uma defesa que se inicie no campo adversário contém mais riscos do que uma que se inicie no campo próprio, uma vez que há mais espaços a serem marcados, o que dificultaria aos defensores ajudarem-se mutuamente. Mas para outro treinador, há mais riscos em se marcar no campo próprio, na medida em que se aproximariam os adversários da meta e qualquer erro incidiria numa iminente finalização, para a qual o goleiro, em virtude do aglomerado de jogadores, teria a visão prejudicada.

2.5.4 Defesa em sistema em inferioridade numérica

Trata-se de uma situação que implica em muita dificuldade para a defesa (MELO; MELO, 2007). As duas situações mais comuns são a 5x4 e a 4x3. No primeiro caso, o adversário usa um goleiro-linha. No segundo caso, defende-se com menos um em virtude da expulsão de um jogador. Sugere-se para essas situações especiais a marcação por zona losango ou quadrado (LUIS GALLEGO; JOSÉ GARCÍA, 2006; SILVA; CALADO FILHO, 2005; SAAD; COSTA, 2001).

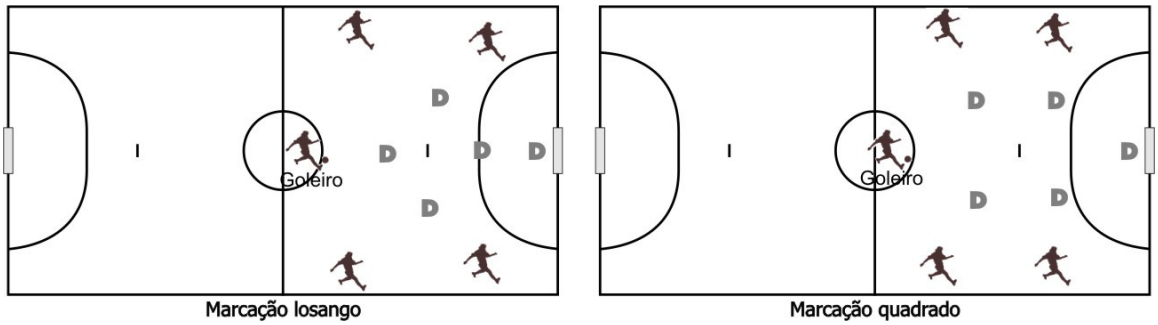


FIGURA 76 – Defesa em inferioridade numérica losango (1.2.1) e quadrado (2.2)
Fonte: SILVA; CALADO FILHO, 2005, p.72.

O que faria com que o treinador optasse por um desses desenhos? Freitas, Henrique e Nolasco (2008) identificaram entre treinadores *experts* que esse tipo de decisão é influenciado pelas características dos jogadores de ataque do adversário. No caso de o goleiro-linha ser menos ofensivo, caracterizando-se, portanto, como passador de bola, os treinadores optaram pela marcação losango como melhor opção. Por sua vez, quando o goleiro-linha é chutador, recorrem à marcação em quadrado. Por outro lado, Melo e Melo (2007) discordam dessas assertivas e citam que a marcação losango seria indicada para marcar o goleiro-linha finalizador e a marcação quadrado para o goleiro-linha passador, com a qual concordamos.

Simões (2004) reporta que a distância do goleiro-linha é determinante para se iniciar um dos dois tipos de posicionamentos defensivos. Para o autor, isso aconteceria quando aquele opta em adiantar-se. Cavalcante (2003) explica que a marcação do goleiro-linha aconteceria quando este estivesse para frente da linha central, na chamada zona de finalização.

No que se refere à defesa quando de um jogador expulso (4x3), há um consenso de que esta poderia ser armada no desenho 1.2 ou 2.1 (LUIS GALLEGO; JOSÉ GARCÍA, 2006; SILVA; CALADO FILHO, 2005; SAAD; COSTA, 2001).

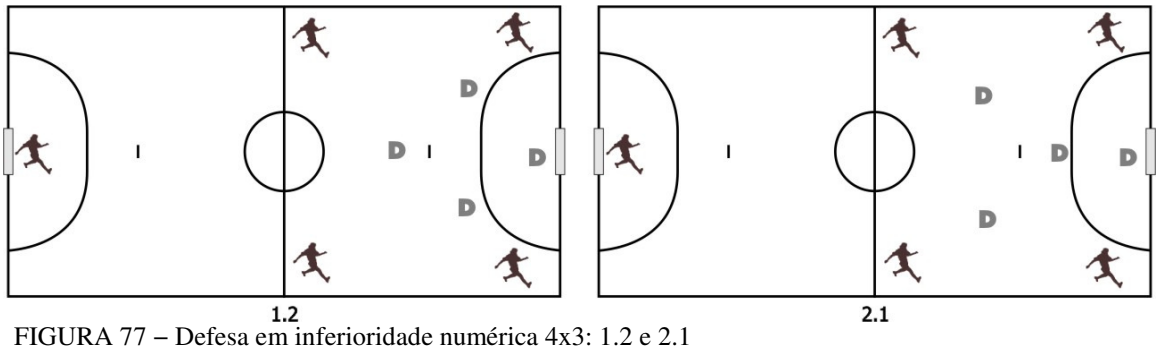


FIGURA 77 – Defesa em inferioridade numérica 4x3: 1.2 e 2.1
Fonte: SILVA; CALADO FILHO, 2005, p.72.

Em ambos os casos, "[...] o '1' se encarrega de uma dupla vigilância, com um alto desgaste físico". (SILVA; CALADO FILHO, 2005, p. 72).

3 PROCESSOS COGNITIVOS OCULTOS NO ATO TÁTICO E O SEU TREINAMENTO

> O jogo existe, portanto, na confluência de uma dimensão mais previsível, induzida por leis e princípios do jogo, com outra menos previsível, materializada a partir da autonomia dos jogadores, que induzem a diversidade e singularidade dos acontecimentos. (GARGANTA, 2006, 201).

Se, por um lado, o capítulo dois revelou o que pode ser planificado e treinado quando da organização estratégico-tática de uma equipe de futsal, ratificando ser o técnico o responsável pela concepção de jogo[77] adotada, por outro lado não abordou os processos cognitivos ocultos quando da tomada de decisão dos jogadores. Entenda-se por processos cognitivos, "[...] os que oferecem ao atleta o reconhecimento e a orientação da ação nas diferentes situações de competição" (GRECO, 1995, p.57), como, por exemplo, a percepção, a atenção, a antecipação e, por tomada de decisão, o processo que leva à escolha de um procedimento de ação frente a uma situação de jogo (seleção da resposta) em que se podem ter diferentes graus de complexidade, dinamismo e incerteza (RUIZ PEREZ; AZURRA GABILONDO, 2005). Para estes autores, é atribuição dos treinadores conhecerem e compreenderem o papel dos diferentes mecanismos que interferem no ato tático do jogador, pois isso tende a repercutir quando da organização e operacionalização do processo de ensino-treino. Este capítulo trata de explicá-los.

3.1 Disponibilidade cognitivo-motora

Konzag, Döbler e Herzog (2003, p.17) referem que a atividade de futebolistas "[...] está determinada por complicadas inter-relações das exigências tanto físicas como psíquicas, locomotoras, táticas e de cooperação. Cada um desses campos participa do rendimento geral do esportista". Logo, a melhora do desempenho esportivo é impulsionada quando o processo de ensino-treino é pensado numa perspectiva sistêmica, investindo no domínio da técnica (vertente gestual), na adaptação do organismo ao esforço requisitado (vertente metabólica e energética), na autonomia estratégico-tática (vertente cognitiva) e na componente psicológica (vertente emocional) (RUIZ PÉREZ; ARRUZA GABILONDO, 2005), pois esses são componentes do rendimento que se inter-relacionam quando da tomada de decisões (seleção da resposta).

[77] Para Teodorescu (1984, p.36) "[...] as particularidades ou características da aplicação tática por uma equipa".

FIGURA 78 – Relação entre os diferentes componentes do treinamento esportivo
Fonte: RUIZ PÉREZ; ARRUZA GABILONDO, 2005, p.36.

Entretanto, dependendo das características do esporte, a importância de cada recurso deve ser avaliada e receber um tratamento específico. Nos esportes coletivos em particular, sabe-se que os jogadores se defrontarão no jogo com um complexo sistema de referência com vários componentes (colegas, adversários, bola, espaço de jogo, metas para atacar e defender etc.). Isso exigirá muito das funções mentais ou cognitivas (COSTA et al, 2002; SISTO; GRECO, 1995; TAVARES, 1993), exigindo dos participantes uma permanente atitude estratégico-tática (GARGANTA, 2000).

Greco (2003, p.42) adverte que o atleta ao se defrontar

> [...] com problemas que exigem soluções num sistema de múltiplas referências, nos quais existem pressões e solicitações fisiológicas e funcionais, condicionam-se e solicitam-se paralelamente também as suas funções psicológicas, especificamente os processos cognitivos.

Não obstante essas evidências, Ruiz Pérez e Sánchez Bañuelos (1997) referem que as atenções do treinador de esporte coletivo têm se direcionado para a eficiência do gesto (recursos técnicos) e do esforço empregado (recursos energéticos), ou seja, para a relação existente entre o nível do resultado obtido e o gasto empregado para se alcançar este resultado. Essa postura é ratificada por Abernethy, Wann e Parks (2000, p.24), para quem, no treinamento das modalidades de técnica aberta[78], como é o caso do futsal, "[...] a prática de elementos técnicos de execução do movimento [...] ocupa um tempo de treinamento excessivamente grande"; também por Faria e Tavares (1996, p. 34), quando reportam que os treinadores de

[78] Tani e Corrêa (2006, p.16) observam que "[...] os sistemas abertos são aqueles que obtêm, utilizam e trocam matéria/energia e informação com seu meio ambiente. Essas trocas permitem que o sistema altere a organização interna".

esportes coletivos, frequentemente, têm transformado o treino "[...] numa mera gestão de processologias técnicas e táticas".

Ao se agir assim se menospreza, erroneamente, a vertente tática, isto é, a capacidade perceptiva e a tomada de decisão (GRAÇA, 1998). O equívoco reside no fato de que, em função das características flutuantes, imprevisíveis e aleatórias que caracterizam o esporte coletivo, essa dimensão ocuparia o núcleo da estrutura de rendimento (GARGANTA, 1997). Por extensão, "[...] a função principal dos demais factores, sejam eles de natureza técnica, física ou psíquica, é a de cooperar no sentido de facultarem o acesso a desempenhos tácticos de nível cada vez mais elevados" (GARGANTA, 1998, p. 13). Isso, segundo este autor, não anularia a importância das demais dimensões, na medida em que um plano tático não poderia ser realizado sem habilidades técnicas, capacidades cognitivas, físicas e psíquicas à altura. Apenas, a seu ver, a "maestria" tática (decidir acertadamente) constitui-se central, uma vez que daria condições de o atleta aproveitar eficazmente, em situação de jogo, os seus recursos técnicos, cognitivos, físicos e emocionais.

FIGURA 79 – Posição nuclear da dimensão tática no esporte coletivo
Fonte: Adaptado de GARGANTA, 1998.

Igualmente, Tani e Corrêa (2006, p.17) destacam a singularidade da dimensão tática para o esporte coletivo ao explicarem que este último, em função da sua natureza aberta, se caracteriza por um "jogo de informação". Logo, "[...] não adianta uma equipe ter jogadores bem condicionados fisicamente se eles não conseguirem lidar com a informação, isto é, criar incerteza no sistema adversário e reduzir as incertezas por ele criadas no seu sistema". Em esportes coletivos, "[...] para ser eficaz não basta chegar mais longe, nem saltar mais alto, nem ser mais

forte. É imprescindível ser mais rápido e melhor a pensar, a encontrar soluções, a perceber o erro, a descodificar[79] os sinais do envolvimento" (GARGANTA, 2002, p.293).

Mombaerts (1996, p.17) concorda com Garganta (1998), pois acredita que os recursos táticos "[...] permitem a utilização inteligente dos recursos técnicos e físicos" e, mais ainda, que as possibilidades de êxito estão muito relacionadas à gestão inteligente da relação de oposição (exploração das situações favoráveis de ataque em relação à defesa e vice-versa).

Por um lado, nota-se nessas assertivas que há, de fato, uma centralidade tática quando da prestação esportiva de um jogador de futsal ditada pelas demandas ambientais, pois o contexto "[...] está cheio de informações que devem ser captadas, selecionadas e interpretadas pelo esportista a fim de que ele possa empregá-las na elaboração de cada projeto motor" (RUIZ PEREZ; ARRUZA GABILONDO, 2005, p. 83). Mas, por outro lado, nos parece, sobretudo, que a complexidade do esporte coletivo, evidenciada pela imprevisibilidade, riqueza, aleatoriedade e variabilidade das situações táticas que se apresentam (GARGANTA, 1998; GRECO, 2003), denuncia que o jogador deve ser treinado, permanentemente, para apresentar uma disponibilidade cognitivo-motora que possa dar conta de resolver possíveis situações-problema que enfrentará no transcorrer de uma partida (BAYER, 1994).

Christina (2005) elucida essa inter-relação (cognição[80]-ação[81]) ao referir que em esportes coletivos ser técnico não garante decidir bem, ou seja, o esportista pode exibir técnicas de execução corretas, mas decidir erroneamente ou ainda demorar-se na escolha do que fazer numa situação de jogo. Do mesmo modo, decidir acertadamente não garante êxito na execução. Por isso, para o autor a chave seria treinar os esportistas para eleger respostas corretas e executá-las corretamente. Nota-se, portanto, uma relação de interdependência entre cognição e ação, intenção e gesto, tática e técnica (FERREIRA, 2002; GRECO, 1999; MESQUITA, 2000).

Greco (1999, p. 125) ratifica a inseparabilidade entre cognição e ação nas ações esportivas, "[...] representando desde 'o que fazer', até a tomada de decisão, à escolha mental entre diferentes opções e alternativas que podem se apresentar numa situação, até o momento da realização, via execução do movimento".

---

[79] Para Tavares (1998, p.41) "[...] quanto mais baixo é o nível de prática dos jogadores, mais as capacidades de descodificação da informação são limitadas. Por isso, os indivíduos experientes identificam e isolam mais rapidamente os índices pertinentes, enquanto os indivíduos menos experientes declaram ver demasiadas coisas e de ficarem confusos".

[80] Para Greco (1999), a cognição abrange a somatória de processos cognitivos que nos permitem adquirir conhecimento para solucionar problemas.

[81] Greco (1999) explica que a ação, em esportes, se refere a um gesto ou movimento que o jogador faz o mais próximo das exigências situacionais (por isso, flexível no seu padrão), sem requisitar alto nível de atenção na fase de execução.

Rink et al (1996) citados por Garganta (2002, p. 295), destacam um conjunto de traços cognitivos e motores que caracterizariam a excelência de jogadores de elite de esportes coletivos.

QUADRO 26
Disponibilidade cognitivo-motora de jogadores experientes

No nível cognitivo	No nível da execução motora
Conhecimento[82] declarativo e processual mais organizado e estruturado	Taxa elevada de sucesso na execução das técnicas durante o jogo
Processo de captação da informação mais eficiente	Maior consistência e adaptabilidade nos padrões de movimento
Processo decisional mais rápido e preciso	Movimentos automatizados, executados com superior economia de esforço
Reconhecimento dos padrões de jogo mais rápido e preciso (sinais pertinentes)	Capacidade superior de detecção dos erros e de correção da execução
Conhecimento tático superior	
Maior capacidade de antecipação dos eventos do jogo e das respostas do oponente	
Conhecimento superior das probabilidades situacionais (evolução do jogo)	

Fonte: GARGANTA, 2002, p. 295.

Vê-se, pelo quadro, que a ação esportiva, uma forma de expressão do comportamento do jogador (SISTO; GRECO, 1995), é sempre sistêmica e tática (GRECO, 2003). Por conseguinte, o seu resultado reflete a soma de processos sensoriais, motores e cognitivos, que sejam necessários para a recepção e elaboração de informações (GRECO, 1995).

3.2 O ato tático

Portanto, compreendemos que atuar de forma inteligente, isto é, lidar de forma adequada com as situações de jogo, é um imperativo para que o jogador "sobreviva" ao caos informativo que lhe é imposto. Essa "sobrevivência" está ancorada na sua capacidade de "[...] analisar e interpretar a situação percepcionada, e de executar a resposta com o máximo de precisão" (TAVARES, 1996).

Por extensão, em esportes coletivos, devido às características flutuantes do confronto, o atleta vê-se obrigado "[...] a decidir e elaborar respostas certas, precisas e velozmente, explicitando seu comportamento cognitivo" (SISTO; GRECO, 1995, p.63). Isso expressa o que se entende por comportamento tático, isto é, quando um jogador, sob competição e de forma intencional "[...] aplica seu conhecimento para tomar decisões, para aproveitar os

[82] Cf. item 3.3.2 deste capítulo.

desvios do comportamento do adversário, sejam ao acaso ou provocados intencionalmente" (PAULA; GRECO; SOUZA, 2000, p.12). Esse conhecimento (tático) está relacionado, segundo Greco (1995, p. 116), com os conhecimentos "[...] adquiridos e memorizados e dependem de rendimento da memória. Quando o nível do atleta é avançado, aumenta a probabilidade e a regularidade (freqüência) de aplicação na competição".

Mahlo (1997, p.17) apresenta um modelo que expressa, em fases, o comportamento complexo do ato tático que "[...] consiste em resolver praticamente, e no despeito de todas as regras em vigor, um grande número de problemas postos pelas diversas situações de jogo; esta situação deve ser simultaneamente rápida e deliberada, visando o maior êxito possível da actividade global".

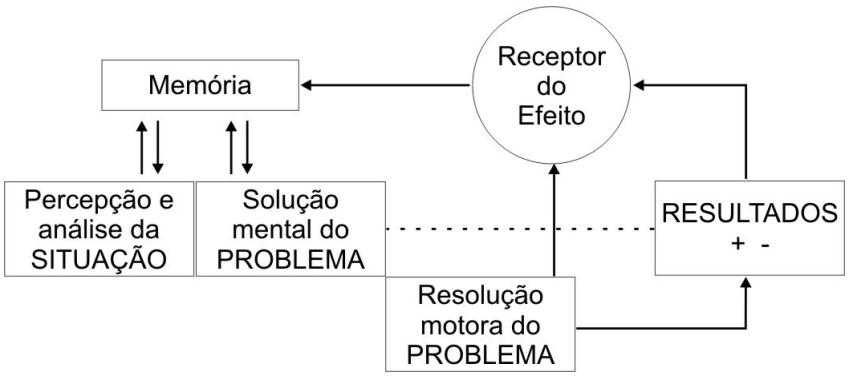


FIGURA 80 – Modelo do ato tático de MAHLO
Fonte: MAHLO, 1997, p.41.

A 1ª fase compreende a percepção e a análise da situação e é influenciada pela memória. Trata-se da captação da informação. Isso proporciona ao jogador o conhecimento da situação, isto é, a identificação do problema que lhe é colocado. A 2ª fase trata da solução mental do problema. Trata-se do tratamento da informação. Isso resultará numa tentativa de solucioná-lo, isto é, elabora-se uma solução (decisão) que se julga mais adequada para a resolução do problema. A 3ª fase expressa a solução motora do problema. Trata-se de executar/responder. É a ação propriamente dita, expressada por um gesto/movimento.

Mahlo (1997) refere que a execução leva a um resultado (positivo ou negativo) que, passando pelo receptor do efeito, em ligação com a própria solução motora, volta, por contra-reação, à memória, onde fica armazenado. É exatamente graças à tomada de consciência do resultado (daquilo que fez) que o jogador pode educar-se taticamente (auto-informação). Por outro lado, o autor destaca que a informação exterior (intervenção pedagógica) suporta e orienta

muito utilmente a auto-informação, ou seja, mediante um processo de explicação, de demonstração, de correções, os treinadores fornecem informações relativas às ações táticas do jogador (TAVARES, 1998), ajudando-os a perceber o que é primordial na situação (VELASCO TEJADA; LORENTE PEÑAS, 2003), elevando assim a educação tática a um nível superior. Nesse sentido, "A aquisição de conhecimentos tácticos é, por um lado, o produto de um acto consciente na actividade concreta do jogo, e é por outro, o producto dum processo pedagógico orientado" (MAHLO, 1997, p.99). Igualmente, a intervenção pedagógica, por exemplo, a advertência que o treinador faz das particularidades táticas desse ou daquele adversário, na medida em que interfere na qualidade da percepção do jogador "[...] abrevia consideravelmente a duração da solução mental" (MAHLO, 1997, p. 75), uma vez que ambas dependem da rapidez com o qual os conhecimentos são atualizados.

Tavares (1996, p.26) reporta que embora se possam detectar nesse modelo fases muito distintas, coloca-se "[...] o problema de se saber se, perante uma tarefa complexa, o atleta segue essa hierarquia rigidamente ou se, pelo contrário, revela capacidade para alterar essa seqüência e adaptar sua resposta à situação apresentada".

Mahlo (1997) explica que embora se possa fasear a ação tática, isso não implica em imobilidade, isto é, o jogador não começa a mover-se apenas após o reconhecimento e encaminhamento de uma solução, mas o faz de forma quase ininterrupta. Isso leva à conclusão de que o jogador "pensa fazendo" e "faz pensando". Entretanto, isso será distinto dependendo da experiência do jogador. Para Freire (2002, p. 376), se, por um lado, "[...] o grande jogador funde de tal maneira pensamento e ação, que não é possível observar um destacado do outro", por outro lado nos jogadores iniciantes ou maus jogadores "[...] pode-se verificar [...] uma boa distância entre pensar e fazer ou, ao contrário, entre fazer e pensar".

Tavares (1993, 1998) explica que essa diferença entre iniciantes e peritos se deve à maneira com que ambos processam a informação. Neste sentido, os iniciantes são menos eficazes do que os experientes, isto é, gastam mais tempo, tratam menos informações e as processam geralmente em série (uma após a outra). Em crianças, isso se deve a dois fatores principais: à sua incapacidade de se manter concentrada por muito tempo e à capacidade das fontes mnésicas[83] que influenciam a eficácia do processamento da informação e, por conseqüência, a performance esportiva.

[83] Armazenamento, conservação e restituição de informações (TAVARES, 1998).

QUADRO 27
Diferenças quando do processamento da informação entre jogadores iniciantes e experientes

Jogadores iniciantes	Jogadores experientes
Lêem o que acontece em ordem cronológica.	Fazem, muitas vezes, uma leitura antecipada do que acontece.
Analisam um grande número de acontecimentos.	Analisam um número restrito de acontecimentos. Apenas o que é fundamental.
O tempo total de análise é elevado.	O tempo total de análise é curto.
Apresentam um longo período de tempo entre a recepção da informação e o desencadeamento da resposta.	A resposta é desencadeada durante a análise da situação.
Respondem, muitas vezes, de maneira inadequada.	Respondem de forma apropriada.

Fonte: TAVARES, 1998, p.39.

Quais seriam as contribuições do modelo de Mahlo para o entendimento do desempenho esportivo? Para Costa et al (2002), sua perspicácia está no fato de revelar um conjunto de capacidades perceptivo-cognitivas que antecedem e influenciam a solução motora de um problema. Igualmente, por reconhecer "[...] o jogador mais como um ser pensante do que como mero executor mecânico" (GARGANTA, 2002, p. 292). Lamas e Seabra (2006, p. 43) referem que esse modelo teve o mérito de formalizar "[...] idéias bastante originais para a época[84], sobre a importância da cognição no desempenho tático e do comportamento motor como concretização da ação de jogo".

Outro ponto que se sobressai é de que a solução motora (o movimento esportivo) é determinada taticamente. Trata-se, por extensão, de uma ação permeada de intencionalidade, fruto da exigência situacional (DEVÍS DEVÍS; PEIRÓ VELERT, 1999; GRECO, 1998; HERNÁNDEZ MORENO, 1999; SISTO; GRECO, 1995). O fato de a demanda situacional justificar a execução motora revela, minimamente, que as habilidades gestuais (técnicas) não deveriam ser treinadas de forma isolada, destituídas de significado. Ao contrário, o treino deveria "[...] privilegiar as situações com uma configuração de problemas semelhantes aos que ocorrem no jogo, destacando os aspectos de adaptação[85] da resposta aos contextos específicos" (TAVARES, 1998, p. 29).

Greco (2003, p.53) explica que no amplo universo de modelos de tomada de decisão existentes na literatura, o de Mahlo se inscreve no grupo modelos de associação[86]. Trata-

[84] Esse modelo foi apresentado na década de 1960.
[85] O autor explica que a dimensão de adaptação da resposta, "[...] tem a ver essencialmente com o ajustamento das soluções e respostas aos contextos variáveis das situações de jogo (TAVARES, 1998, p.28)".
[86] Os outros grupos seriam os "modelos de decisão predeterminada" e os "modelos de antecipação de comportamento". Para efeito deste estudo, não compete o delineamento desses modelos e suas diferenças. Importa-nos destacar os processos cognitivos envolvidos no pensamento tático.

se de um modelo em que o processo é seqüencial e depende da percepção para a elaboração da resposta. Assim sendo, "[...] a execução motora pode ser comprometida por problemas temporais". O autor explica que, nesse modelo, "[...] o conhecimento é fundamental para a tomada de decisão, de forma a sustentá-la, auxiliando a percepção e a elaboração da resposta". Neste sentido, para a obtenção do conhecimento tático, isto é, do pensamento tático que dirige as intenções do atleta nas situações de jogo, o "[...] treinamento dos processos cognitivos é fundamental".

Gréhaigne (2001, p.26) qualifica a abordagem de Mahlo como essencial na medida em que substitui a perspectiva tecnicista e "[...] apresenta precisamente o problema dos elementos de informação que permitem compreender as modificações que se efetuam numa relação de oposição em situação de jogo". Entretanto, o autor alude que esse modelo, apesar de precisar que os diversos componentes do pensamento tático[87] atuam simultaneamente, mas de forma diferente, não dá conta de explicar, precisamente, os processos cognitivos ocultos à tomada de decisão, sobre os quais nos ocuparemos na seqüência.

3.3 Processos cognitivos ocultos quando da ação tática

Distintos autores têm abordado os processos cognitivos percepção, antecipação e tomada de decisão como os mais evidentes quando das situações de jogo (ABERNETHY; WANN; PARKS, 2000; BIANCO, 2006; CANO MORENO, 2001; CASTELLANO GOMES; ALMEIDA MUÑOZ, 2001; KONZAG; DÖBLER; HERZOG, 2003; MAHLO, 1997; MOMBAERTS, 1996; SANZ; GUERRERO, 2005; TAVARES, 1996). Porém, outros processos, como a atenção, a memória, o conhecimento, o pensamento (GRECO, 1995, 1999, 2003; GRECO; ROTH; SCHÖRER, 2004; PAULA; GRECO; SOUZA, 2000; RUIZ PÉREZ; ARRUZA GABILONDO, 2005; RUIZ PÉREZ; SÁNCHEZ BAÑUELOS, 1997) influenciam a tomada de decisão dos atletas.

Baseando-se em Sonnenschein (1987), Greco (2003) reporta que a estrutura do conhecimento em esportes é composta, basicamente, de saber "o que fazer" (capacidade de percepção) e saber "como fazer" (capacidade de decisão).

---

[87] Para Greco (2003, p.48), o pensamento tático traduz a "[...] capacidade do esportista de relacionar uma situação de competição às alternativas e aos planos de ação próprios e do adversário e utilizá-los de forma adequada para obter êxito".

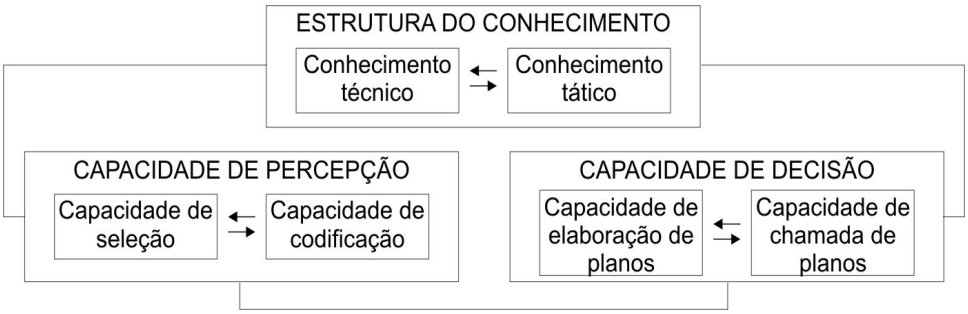


FIGURA 81 – Estrutura do conhecimento em esportes
Fonte: GRECO, 2003, p.46.

É possível observar na figura "[...] a interação entre os conhecimentos táticos e técnicos, que são apoiados pelos processos subjacentes de percepção e tomada de decisão, sendo cada um destes composto por um conjunto de capacidades específicas" (GRECO, 2003, p. 46).

Greco (1995, 1999, 2003) explica que é exatamente a interação desses processos que permitirá aos atletas adquirirem conhecimento técnico e tático para solucionar os problemas do jogo. Portanto, o conhecimento, que pode ser entendido como uma "[...] informação representada mentalmente em um formato definido" (GRECO, 2003, p.45) e que está armazenado na memória, é o que faz a diferença entre um comportamento tático que atenda ou não às demandas situacionais.

Logo, a qualidade da interação dos processos cognitivos, embora não apareça quando do ato tático como um todo (vê-se, tão somente, a ação propriamente dita), na medida em que influencia a elaboração e a escolha do plano a ser adotado por um jogador, sustenta seu comportamento inteligente.

Ruiz Pérez e Arruza Gabilondo (2005, p.66) referem que a tomada de decisão tem uma estreita relação com a competência tática, pois o jogador tático é aquele que decide de forma conveniente diante das situações-problema. E o que suporia essa competência tática? Para os autores, "[...] uma inteligência operativa de caráter perceptivo-cognitivo, baseada em processos de corte psicofisiológico de recepção de informações, transmissão, análise, seleção e elaboração de uma resposta e a execução de uma técnica específica", como mostra o modelo de tomada de decisão de Tenenbaum (2003) citado por Ruiz Pérez e Arruza Gabilondo (2005, p.113).

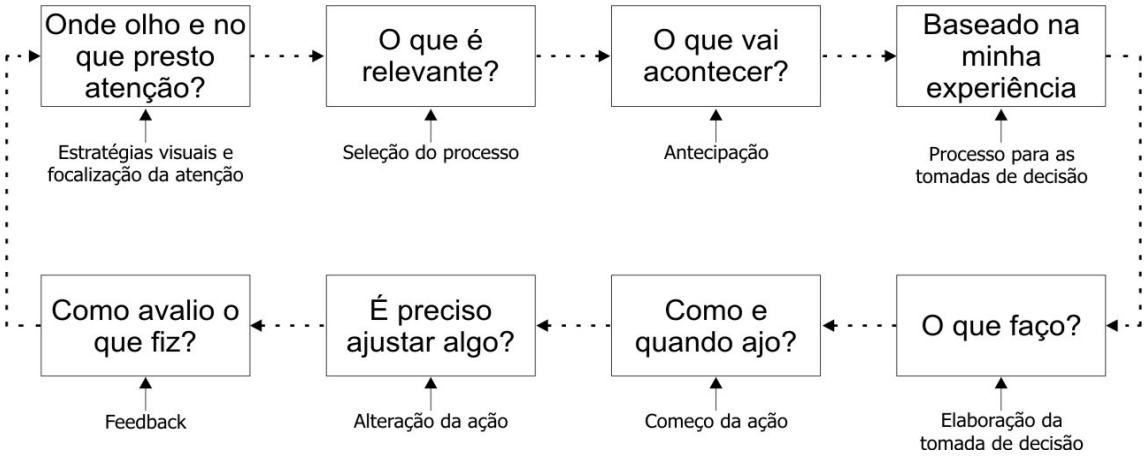


FIGURA 82 – A tomada de decisão e os seus processos segundo TENENBAUM (2003)
Fonte: RUIZ PÉREZ; ARRUZA GABILONDO, 2005, p.113.

Portanto, o comportamento inteligente (tático) de um atleta em situação de jogo implica na interação de três grandes grupos de capacidades: recepção, elaboração e armazenamento de informações (GRECO, 1999; KONZAG; DÖBLER; HERZOG, 2003). Logo, a capacidade de receber, de selecionar e de codificar sinais que chegam quando do decorrer da ação de jogo é primordial para que o jogador proceda "[...] à elaboração de uma tomada de decisão (capacidade de pensamento tático) e uma adequada conversão das hipóteses geradas para solução do problema em uma ação motora, executando para tanto uma técnica específica" (GRECO, 2003, p. 45). Conseqüentemente, trata-se de capacidades que oportunizarão ao atleta sustentar suas decisões durante um jogo.

Para Greco (1999), os processos cognitivos de percepção, atenção e antecipação compõem a estrutura perceptiva do comportamento tático (seleção dos sinais relevantes). Por sua vez, o pensamento, o conhecimento e a memória comporiam a estrutura de processamento da informação (tratamento das informações). A estrutura decisória seria composta pelos processos de elaboração e chamada de planos (seleção da resposta).

O autor reuniu essas fases num modelo de tomada de decisão tática.

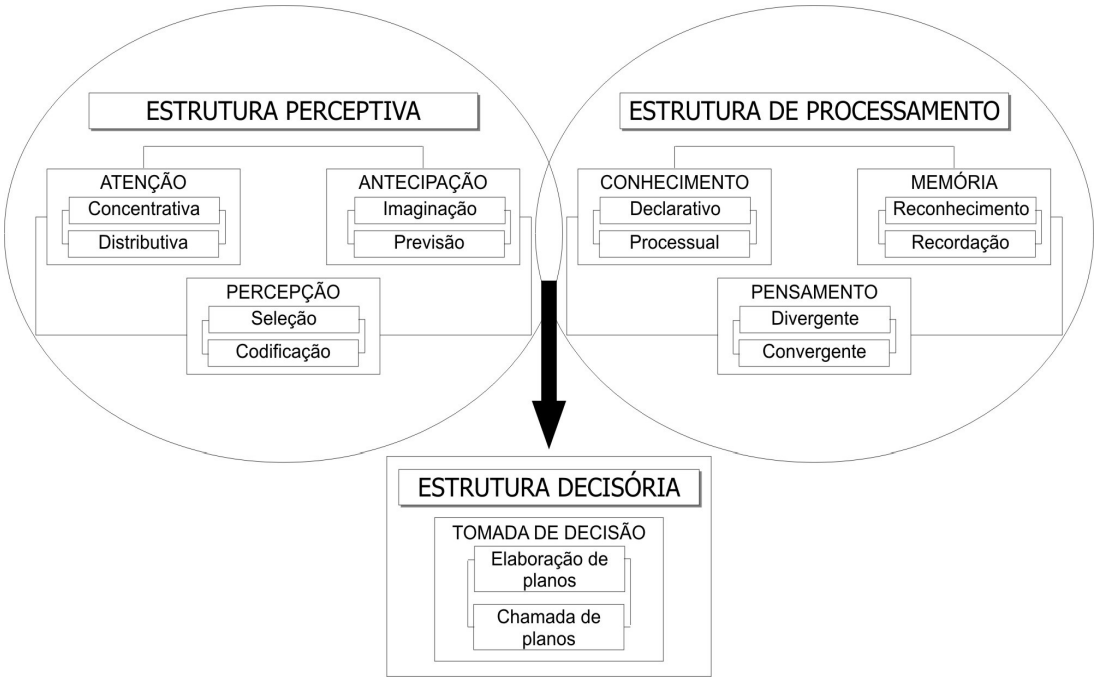


FIGURA 83 – Modelo da tomada de decisão tática em esportes coletivos
Fonte: GRECO, 1999, p.126.

Vê-se que cada uma das estruturas compõe-se de diferentes processos cognitivos. Segundo Greco (1999, p. 127), esse modelo pretende transmitir a idéia de "[...] que a tomada de decisão acontece paralelamente com o decorrer dos outros processos cognitivos participantes, a mesma torna-se visível na concretização do ato motor, da execução da técnica".

Trata-se de um coletivo de subsídios para o conhecimento técnico e tático e, conseqüentemente, para a tomada de decisão.

3.3.1 A estrutura perceptiva e os processos cognitivos nela envolvidos

Para Greco (1999), a estrutura perceptiva do comportamento tático apresenta uma constante interação entre os processos cognitivos de atenção, de antecipação e de percepção.

A **atenção** pode ser entendida "[...] como a focalização da nossa percepção num determinado aspecto ou área do campo perceptivo de forma consciente, que se supõe seja o mais rico em informações" (RUIZ PÉREZ; ARRUZA GABILONDO, 2005, p.93). Para estes, os esportes coletivos exigem que os jogadores manifestem uma atenção mais aberta e processem grandes quantidades de informação de forma seletiva. Logo, uma das chaves do treinamento é conseguir que o esportista seja flexível no manejo de seus processos de atenção, de modo que

seja capaz de mudar de forma competente o foco desta quando seja necessário. O treinamento é importante na medida em que possibilita ao jogador conhecer a probabilidade de que algo possa ocorrer. Reportam os autores que as relações entre atenção e tomada de decisões são de primeira ordem, já que é difícil pensar em um esportista que decide frente uma situação da qual não tenha extraído algum tipo de informação. Neste sentido, Velasco Tejada e Lorente Peña**s** (2003) referem que os treinadores podem ajudar o jogador, dando-lhes informações sobre os seus resultados em treinos e competições e ajudando-os a focar a atenção no que é primordial em cada situação (atenção seletiva).

Para Greco (1999), quando da **atenção** interagem três processos diferentes: a concentração (direcionamento da atenção a um determinado objeto ou ação), a atenção distributiva (que reparte a atenção em várias coisas ou objetos simultaneamente) e alternância da atenção (que confere ao jogador se adaptar veloz e eficazmente a novas situações).

Em definitivo, saber orientar a atenção é um aspecto importante da tomada de decisão esportiva, pois, num confronto, em função do dinamismo e complexidade, "[...] há múltiplas fontes de distração que podem mobilizar a atenção do jogador até fontes irrelevantes e favorecer um rendimento inadequado" (RUIZ PÉREZ; ARRUZA GABILONDO, 2005, p.93).

A **percepção** se trata da capacidade de "[...] reconhecer no mínimo de tempo a situação de jogo em constante mudança como uma unidade complexa ou bem reconhecê-la e poder situar-se no sistema formado pelo campo de jogo, adversários e bola" (KONZAG; DÖBLER; HERZOG, 2003, p. 19). Portanto, as percepções exigidas do jogador de futsal quanto ao espaço e aos movimentos são diferentes e muito variadas.

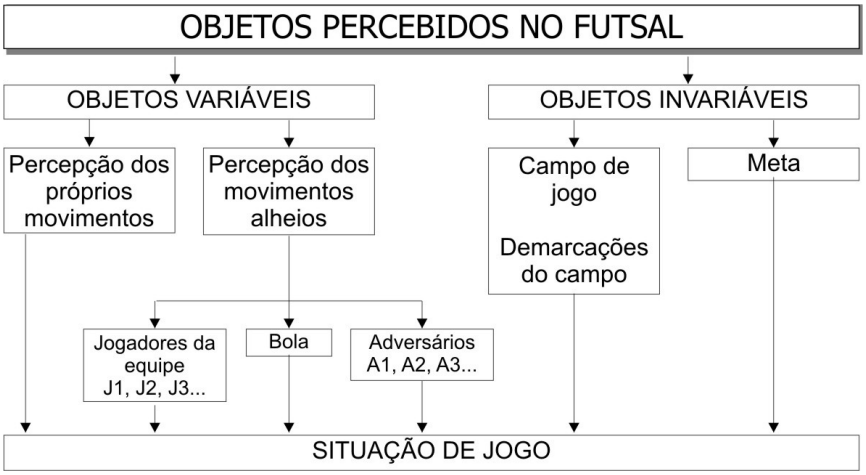


FIGURA 84 – Estrutura da percepção no futsal
Fonte: KONZAG; DÖBLER; HERZOG, 2003, p.19.

Em analisando a estrutura da FIGURA 84, ratifica-se que

> Os processos sensoriais (perceptivos) fornecem as bases pelas quais o atleta é capaz de avaliar o que está acontecendo no ambiente à sua volta, quanto a fatos presentes ou quanto a aspectos e 'previsão', por exemplo, velocidade, localização e direção de movimento de seus colegas de equipe, em relação à bola ou ao vento ou, ainda, em relação aos seus próprios corpos. (ABERNETHY; WANN; PARKS, 2000, p.61).

Mahlo (1997, p.61) explica que a percepção espacial é importante para os jogadores e aqueles que apresentarem carências a esse respeito "[...] nunca conseguirão chegar a poder fazer grandes 'performances' técnicas ou tácticas". Igualmente, a percepção dos movimentos próprios, alheios e da bola "[...] revestem uma importância capital para a actividade em jogo".

QUADRO 28
Exigências da percepção visual do jogador de futsal

Percepções espaciais	Percepções de movimentos próprios e alheios
Características espaciais e distâncias de e entre companheiros, adversários, bola, meta, campo de jogo e linhas do campo	Jogador (movimentos próprios)
Própria posição do jogador com respeito a companheiros, adversários, bola e meta	Companheiros e adversários com ou sem posse de bola Bola Relações constantemente variáveis entre companheiros, adversários e bola

Fonte: KONZAG; DÖBLER; HERZOG, 2003, p.19.

Em considerando que "Perceber é dar significado a um estímulo" (MARINA, 1995, p. 45), Greco (2003, p.51) acrescenta que com a percepção "[...] completamos o observado com o conhecido, damos estabilidade às informações já armazenadas e interpretamos os dados dando-lhes significado". Logo, para dar significado a uma situação é preciso conhecimento (GRECO, 2004). Como isso se realiza? Isso é feito pela interação de duas capacidades: a de seleção da informação (procura de sinais relevantes) e a de codificar de forma eficaz essa informação. Trata-se, como refere Mahlo (1997, p.68), não apenas de "[...] ver muitas coisas; trata-se também de, a partir da percepção de tudo, separar aquilo que é essencial, de abstrair do acessório e de fazer tudo isto no espaço de tempo mais breve possível". Para o autor, o que parece interferir na qualidade da percepção é o conhecimento tático, ou seja, a percepção melhora à medida que os conhecimentos táticos progridem. Por isso que um jogador experiente, em função da sua capacidade de atribuir significado tático às distintas situações de jogo, tem

condições de descartar o que é acessório (não-essencial). O perito "olha e enxerga", como anteriormente mencionado por Tavares (1996), que identificou a seleção visual como uma das mais importantes habilidades cognitivas exibidas por jogadores experientes (peritos) quando comparados aos inexperientes (iniciantes).

Logo, "[...] perceber significa em primeira instância colher informação que nós consideramos importante" (GRECO, 2003, p.50). Ao se fazer isso, isto é, ao escolher para onde olhar, "[...] deixamos que o futuro antecipado pelas nossas metas nos guie" (GRECO, 2003, p.51).

Para Mahlo (1997, p.68), o nascimento dos conhecimentos e experiências táticas será tanto mais promissor quanto mais as aquisições forem conscientes e a sua reprodução freqüente. Isso porque "Toda a percepção significativa deixa marcas na memória". Por conseguinte, "A repetição duma percepção provoca a reprodução desta percepção e também dos pensamentos que a acompanham". O autor adverte que não basta perceber os objetos e movimentos no espaço, mas é preciso antecipar, isto é, a atitude de prever/antever/calcular[88] o movimento. A educação da antecipação, que segundo o autor está na base de um comportamento tático inteligente, deve se iniciar ainda na primeira infância. Nesta direção, os jogos infantis são atividades capazes de educá-la.

Abernethy, Wann e Parks (2000, p.44) qualificam a antecipação, em virtude da "[...] velocidade com que as competições esportivas de alto nível são realizadas e das limitações impostas ao desempenho humano por atrasos inerentes, como o tempo de reação[89]", como uma qualidade essencial para o desempenho esportivo elevado. Igualmente o fazem Greco (1995, p.59), ao esclarecer sua importância para a ação tática, "[...] pois, apesar de que se tenham no jogo ações de deslocamentos veloz, estas, sem a antecipação mental, não poderiam ser executadas, já que o tempo disponível não é suficiente para que sejam efetuadas" e Ruiz Pérez e Arruza Gabilondo (2005, p.98), quando reportam que atuar com precisão em altos níveis de perícia exige, sobretudo, antecipar, pois nesse âmbito "[...] a dinâmica das situações supera as possibilidades de resposta perceptivo-motora".

---

[88] Mahlo (1997) explica que os cálculos são visuais-motores e se referem às distâncias e movimentos da bola, dos adversários e dos colegas coordenados com os movimentos próprios.

[89] Tavares (1993) explica que embora tempo de reação (TR) seja em geral compreendido como o intervalo de tempo que decorre entre o aparecimento de um estímulo e o início de uma resposta voluntária, o mais adequado seria considerá-lo como o tempo que decorre desde o aparecimento do estímulo até à execução da resposta motora apropriada. Isso nos parece mais apropriado, pois inclui a resposta motora eleita para resolver o problema tático.

Konzag, Döbler e Herzog (2003) referem que a antecipação, juntamente com a percepção, são os processos cognitivos (do pensamento tático) condicionantes para que uma decisão seja tomada rápida e adequadamente. Para os autores, a antecipação da situação de jogo impõe exigências ao jogador relacionadas à predição que este, estando com ou sem a posse da bola (no ataque) ou numa ação defensiva (atuando contra quem possui a bola ou contra quem está sem a mesma), pode fazer acerca das intenções de atuar dos companheiros de equipe, dos adversários (movimentos alheios) e dos movimentos da bola.

FIGURA 85 – Demanda sobre a antecipação no futsal.
Fonte: KONZAG; DÖBLER; HERZOG, 2003, p.20.

Greco (1999, p. 127) acrescenta que a antecipação é "[...] um pré-requisito da adequada resposta e tomada de decisão, particularmente em situações onde existe uma grande pressão de tempo e incerteza contextual", como no caso do futsal. Para o autor, a antecipação é composta por dois processos: a previsão e a imaginação. No primeiro caso, se trata de ler antecipadamente a intenção do adversário. No segundo caso, de imaginar o momento, a ação.

Ruiz Pérez e Arruza Gabilondo (2005, p.98) reportam que a capacidade de antecipar exige um elevado conhecimento e experiência e que estes são conquistados quando os jogadores são colocados sob situações esportivas concretas, quando então poderão conhecer e reconhecer o que pode suceder em determinadas circunstâncias. Nesta direção, a fim de favorecer os processos antecipatórios e agregar benefícios aos esportistas, o treinamento deveria "[...] promover a variedade, a aleatoriedade no emprego de recursos técnicos e táticos no lugar da repetição, a surpresa no lugar da monotonia e a emissão de mensagens falsas que induzam o adversário a antecipar e decidir erroneamente".

3.3.2 A estrutura de processamento e os processos cognitivos nela envolvidos

A estrutura de processamento da informação comporta, para Greco (1999), três blocos: o conhecimento, a memória e o pensamento. Estes interagem não somente entre si, mas também com a estrutura anterior, a perceptiva.

No que se refere ao conhecimento, o autor explica que o mesmo tem uma organização diferenciada acerca dos objetos, das relações entre estes e as situações com os quais os objetos se relacionam. Em considerando isso, há como falar de dois tipos de conhecimento: o declarativo e o processual (ou procedimental). O primeiro tipo se trata de um conhecimento que se pode declarar/explicar, mas que nem sempre se sabe fazer. Por exemplo, como se deve realizar uma combinação tática entre dois jogadores ou as estratégias básicas de ataque e de defesa. Trata-se do "conhecer que" (COSTA et al, 2002). Miragaia (2001) explica que esse tipo de conhecimento é relevante, pois é com base neste que os jogadores selecionam as situações mais eficazes, em consonância com os objetivos do jogo. Ruiz Pérez e Arruza Gabilondo (2005) referem que esportistas peritos exibem uma maior quantidade e qualidade de conhecimento declarativo sobre seus esportes do que os não praticantes, pois manifestam redes semânticas mais ricas e complexas. O segundo tipo se trata de um conhecimento que representa o que se faz durante as ações de jogo, mas que dificilmente se consegue explicar. Trata-se do "conhecer como" (COSTA et al, 2002). Greco (1999, p.128) afirma que, frequentemente, o conhecimento processual "[...] não pode ser explicado [...] Assim os grandes atletas muitas vezes não conseguem verbalizar como é que procederam para realizar aquela maravilhosa ação. 'Simplesmente' conseguem fazê-la!". Ruiz Pérez e Arruza Gabilondo (2005, p.109) destacam que "[...] esse tipo de conhecimento permite o emprego dos procedimentos aprendidos para responder de forma adaptada às requisições do ambiente". Relevante é o fato de que o desenvolvimento de formas avançadas de conhecimento declarativo e procedimental (ou processual) está na base da perícia esportiva[90] (RUIZ PÉREZ; SÁNCHEZ BAÑUELOS, 1997).

Acerca da memória, Greco (1999) explica que esta está diretamente ligada ao conhecimento e é a responsável pelo processo de armazenar informações em locais específicos que relacionam diferentes partes do córtex cerebral. Ruiz Pérez e Sánchez Bañuelos (1997, p.155) a qualificam como a "[...] capacidade para aproveitar a experiência". Greco (2003, p.47)

[90] Para os autores, o perito demonstra não apenas a capacidade de realizar movimentos com menor gasto energético, mas também um baixo esforço mental para eleger, organizar e executar esses movimentos.

refere que se trata da capacidade que "[...] permite o indivíduo alterar, variar seu comportamento em função das experiências anteriores".

Ruiz Pérez e Sánchez Bañuelos (1997, p.155) referem que os "[...] esportistas estão constantemente reclamando de sua memória os conhecimentos e habilidades necessárias para melhorar seu rendimento e conseguir os diferentes objetivos estabelecidos". Neste sentido, destacam três compartimentos da memória: a sensorial (a informação pode ser retida por um tempo muito breve), a de curto prazo[91] (capacidade limitada de reter informação, dura segundos) e a de longo prazo (capacidade ilimitada para reter/armazenar informação, dura horas, meses, anos).

Já a recuperação da informação armazenada na memória é feita, segundo Greco (1999), por dois processos: a recordação, que acontece após a ação e implica em processos de busca que acontecem depois de uma tomada de decisão, e o reconhecimento, que acontece durante a ação e implica que o indivíduo decida entre as relações das informações que se lhe apresentam, devendo comparar, recordar se já as viu. Em particular, o autor atribui maior importância em esportes coletivos à memória de reconhecimento, na medida em que esta facilitaria a antecipação.

O exercício do comportamento cognitivo se concretizaria no bloco do pensamento, que se caracteriza "[...] como a elaboração interpretativa e ordenadora das informações que recebemos" (GRECO, 1999, p.129).

Segundo o autor, o pensamento no esporte pode ser de duas formas: convergente e divergente. Enquanto este último é empregado em situações táticas que não apresentam uma clara seqüência de alternativas, isto é, há vários possíveis caminhos para se atingir um objetivo[92], o primeiro se refere a decidir sob situações táticas em que, claramente, há uma seqüência de alternativas e uma hierarquia destas[93].

Ratificando o exposto, Greco, Roth e Schörer (2004, p.159) esclarecem que o pensamento divergente se manifesta naquelas situações em que a "[...] a resposta do atleta é pouco comum, ele é rico em variedades", como "[...] na complexa situação de jogo nos esportes coletivos, que por regra se dão em situações de pressão de tempo". Já o pensamento convergente

[91] Tavares (1998, p.42) explica que as informações relativas às ações tácticas do jogador que os treinadores passam mediante explicações e demonstrações "[...] são retidas na memória de curta duração sob a forma de imagem".

[92] Por exemplo: estar com a bola e ter que se decidir entre (a) passar para um jogador que se aproxima, (b) ou para outro que se projeta para o ataque, (c) ou para outro que se movimenta passando por detrás.

[93] Por exemplo: estar com bola num contra-ataque e ter que se decidir entre conduzir a bola ou passá-la para um colega de equipe.

"[...] adquire significado quando as estratégias de pensamento para solução das tarefas e problemas do jogo precisam levar a uma solução ótima, escolher entre várias alternativas a melhor para responder a situação".

Greco (2003, p.48) esclarece que o pensamento divergente, por ser necessário quando do enfrentamento de "[...] um problema que pode ter várias respostas parcialmente certas, ou não ter uma única resposta correta", está na base da criatividade tática. Esse tipo de pensamento tático, evidente para os esportes coletivos, é mais bem treinado quando se cria um ambiente que oportunize "[...] decisões flexíveis, que sejam fora do padrão comum e que surpreendam os seus adversários".

Greco, Roth e Schörer (2004, p.164) referem que "O desenvolvimento de idéias e soluções originais flexíveis e fluidas se apóia na livre descoberta, nas atividades complexas, bem como naquelas atividades e jogos que solicitem multiplicidade (variedade) de idéias". Nesta direção, os jogadores não "[...] podem ser pressionados, delimitados através de atividades que apresentem soluções preestabelecidas ou com instruções específicas do treinador sobre como decidir, quais as alternativas de tomada de decisão que podem ser aplicadas". Para tanto, "São válidos os jogos que oportunizam a livre experimentação, a quantidade antes da qualidade".

De sua parte, o pensamento convergente, por ser solicitado "[...] para resolver um problema que tem uma resposta correta definida ou uma hierarquia clara de alternativas de solução (GRECO, 2003, p.48)", reporta-se ao conceito de inteligência de jogo.

Greco, Roth e Schörer (2004, p.165) observam que

> Quase todos os métodos de treinamento tático utilizados cotidianamente estão direcionados à melhoria da inteligência de jogo, e geralmente se apresentam no treinamento na forma de jogadas específicas. Também estão presentes nas denominadas 'concepções de jogo', ou na construção de 'regras de comportamento tático'.

Para os autores, nesse tipo de treino, se busca a qualidade no lugar da quantidade. Para tanto, "Em geral, procura-se a centralização da atenção do atleta em um elemento ou grupo de sinais; assim, o treinador procede a organizar as correções na execução [...] as atividades são mais exercícios específicos do que jogos" (GRECO; ROTH; SCHÖRER, 2004, p. 165).

Acerca disso, é relevante compreender que esses processos não são excludentes, interagem entre si e auxiliam-se reciprocamente (GRECO, 1999; 2003; 2004).

Greco, Roth e Schörer (2004) reportam que quando de um processo que vise o planejamento da criatividade em longo prazo, a utilização simultânea dessas formas de pensamento aumenta a produtividade de soluções. Inicialmente, a fim de criar uma hipótese/inovar, há um empenho do pensamento divergente; em seguida, a fim de tomar a decisão, solicita-se o pensamento convergente. Aí está a interdependência entre as formas mencionadas de pensamento: por um lado idéias originais; por outro lado decisões inteligentes!

Ainda quanto ao sistema de processamento da informação, Tavares (1993; 1998) reputa que em geral a criança é descrita como sendo menos eficaz que o adulto, gastando mais tempo, tratando menos informações e processando-as geralmente em série.

3.3.3 A estrutura decisória e os processos cognitivos nela envolvidos

Abernethy, Wann e Parks (2000, p.62) explicam que a tomada de decisão é parte integral do desempenho de alto nível em quase todos os esportes, "[...] embora as restrições de tempo, sob as quais as decisões devem ser tomadas, são muito mais rigorosas em modalidades de técnica aberta", como é o caso do futsal. Para os autores, o processo de tomada de decisão "[...] é a seleção do modo de agir, de acordo com as atuais circunstâncias, com o atual contexto e com as experiências passadas".

Greco (1999, p.130) refere que a estrutura decisória é composta de dois processos que interagem entre si: a elaboração e a solicitação do plano de ação. No primeiro caso, o plano é "[...] arquitetado e reestruturado na medida em que paralelamente decorre o processamento de informações que chegam da estrutura perceptiva e de elaboração". No segundo caso, a fim de solicitar o plano de execução, interagem as capacidades técnicas (saber fazer) e táticas (saber o que fazer).

Abernethy, Wann e Parks (2000, p. 62) referem que a qualidade das decisões tomadas (em termos de velocidade e de precisão) "[...] será obviamente influenciada pela qualidade da informação sensorial recebida, mas também pelo conhecimento do indivíduo acerca do contexto e das expectativas da experiência passada". Configura-se, portanto, uma estreita relação entre conhecimento, tática e decisão (RUIZ PÉREZ; ARRUZA GABILONDO, 2005).

Quer dizer que a tomada de decisão tem uma estreita relação com o conhecimento tático, que se traduz numa base de dados necessária para poder decidir no esporte (GRECO, 2003). Esse conhecimento/experiência, armazenado na memória e acumulado através

de milhares de horas de treinamento, constitui-se, portanto, na reserva e na referência para o jogador decidir. O conhecimento ajuda o jogador a resolver o problema (MAHLO, 1997). É o conhecimento, portanto, o que dá condições de o esportista "[...] configurar a solução (organização) e evocar as ações motoras para a obtenção de êxito (orientação), tomando uma decisão que é exteriorizada num movimento técnico correspondente" (RUIZ PÉREZ; ARRUZA GABILONDO, 2005, p. 66). A partir disso, entrará em ação o controle do efeito (auto-regulação), permitindo processos de auto-avaliação e tomada de consciência.

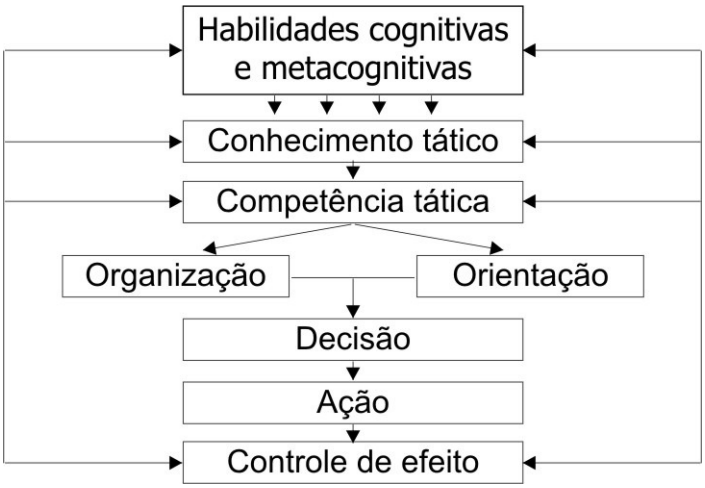


FIGURA 86 – Relação entre conhecimento e competência tática.
Fonte: RUIZ PÉREZ; ARRUZA GABILONDO, 2005, p.67.

Esse comportamento foi nomeado de tático-decisional, que está

> [...] muito condicionado e regulado pelo sistema cognitivo, uma vez que diante das situações que reclamam uma atuação tática concreta, o esportista realiza uma composição de lugar em tempo mínimo, o que implica numa análise espaço-temporal da situação, numa valorização dos próprios recursos para responder a esse desafio e numa tentativa de reconhecer e comparar o que está acontecendo nesse momento com o que conhece. (RUIZ PÉREZ; ARRUZA GABILONDO, 2005, p.66).

Como se vê, decidir bem implica em escolher bem, isto é, exige um elevado potencial intelectual. Por isso, Garganta (1998) refere que o jogador técnico é aquele que, antes de tudo, seleciona o procedimento técnico (gesto) mais adequado diante da situação de jogo. Logo, "Quanto maior o conhecimento (e a experiência) mais fácil é para o atleta caracterizar a seqüência temporal das ações, elaborar expectativas, calcular distâncias, enfim elaborar planos de ação mais acabados e completos (GRECO, 1995, p.66).

Quanto ao desenvolvimento e aperfeiçoamento do conhecimento tático (a base de dados para o jogador escolher/decidir), Greco (2003, p. 55) sugere que seja apresentada uma combinação metodológica (sinergia) entre dois processos de aprendizagem que não se contrapõem: o intencional (formal) e o incidental (informal). No primeiro caso, devem ser elaboradas "[...] situações pouco complexas, ou com poucas regras e comportamentos táticos claros". No segundo caso, deve-se recorrer às "[...] situações complexas, não muito claras".

Julgamos oportuno registrar que os procedimentos de ação técnica não são apenas tributários do processamento informativo, no qual o conhecimento tático acumulado, como reportado, desempenha uma influência decisiva, mas também da dimensão subjetiva e interpretativa, na qual as experiências de êxito e fracasso e a percepção de competência e de risco influem de maneira singular (SEILER, 2000 citado por RUIZ PÉREZ; ARRUZZA GABILONDO, 2005). Significa dizer que o esportista processa informações também acerca de seu estado pessoal, sobre a organização dos impulsos nervosos exigidos para realizar o movimento, sobre o desenvolvimento deste último e de seu resultado, sobre seu estado de ânimo e sentimento de competência. Portanto, há

> [...] diferentes níveis de regulação tanto cognitiva como emocional e social que influenciam nas tomadas de decisão dos esportistas. Esta gestão cognitivo-emocional é a que capacitará o esportista da compreensão da situação e favorecerá que eleja e opte pelo recurso técnico mais adequado para esta situação. (RUIZ PÉREZ; ARRUZA GABILONDO, 2005, p.69).

Em virtude de o processo de tomada de decisão ser conduzido pelos jogadores e, portanto, refletir sua capacidade tática individual, é imprescindível que o processo de ensino-treino esportivo aborde, de forma sistemática, os processos cognitivos implicados no ato tático (GRECO, 2003). De que forma isso poderia ser feito? A partir de um conjunto de intervenções pedagógicas. Significa dizer que "A experiência subjectiva de jogo não basta, por muito grande que seja. Um sistema de conhecimentos e experiências tácticas não se pode desenvolver fora duma intervenção planificada por um professor ou por um treinador". (MAHLO, 1997, p.99).

Esta pode ser organizada a partir de duas idéias, como veremos a seguir.

3.4 O treinamento das habilidades cognitivas

A literatura explica que os processos cognitivos e a melhoria da tomada de decisão dos jogadores podem ser treinados a partir de pressupostos físicos e virtuais (ABERNETHY; WANN; PARKS, 2000; RUIZ PÉREZ; SANCHEZ BAÑUELOS, 1997). Os físicos tratam de preservar "[...] as condições de percepção-ação e elevar a semelhança do processamento cognitivo exigido" (RUIZ PÉREZ; ARRUZA GABILONDO, 2005, p. 142). Os virtuais acontecem mediante simulações computadorizadas e análises de vídeo.

A respeito disso, entende-se que as filmagens (gravações em vídeo) favorecem a tomada de decisão na medida em que, com a diminuição ou detenção da velocidade das imagens, se podem destacar alguns aspectos, o que favoreceria a emissão de *feedbacks*, a análise do desenvolvimento da ação como um todo e a tomada de consciência por parte dos jogadores. Ruiz Pérez e Arruza Gabilondo (2005) observam que a simulação virtual de cenários decisionais de treinamento tende a ser o futuro do treinamento da tomada de decisão, na medida em que se podem reproduzir situações de competição e adicionar surpresas, mantendo em nível elevado a atenção dos jogadores.

Em virtude de os pressupostos físicos constituírem um tipo de treinamento mais compatível com a realidade de muitos treinadores, expôs-se no QUADRO 29 diferentes intervenções pedagógicas, isto é, situações sugeridas por diferentes autores como eficazes para desenvolver as chamadas habilidades cognitivas.

Verificar-se-á que as habilidades mais freqüentes são a percepção, a antecipação e a tomada de decisão, convergindo com o que vem sendo mais referenciado na literatura[94]. Não obstante, são citados outros processos cognitivos como a atenção, a criatividade, o pensamento convergente, o pensamento divergente, a inteligência.

[94] Cf. item 3.3 deste capítulo.

QUADRO 29
O treinamento dos processos cognitivos implicados no ato tático

Autores	Datas	Intervenções pedagógicas	Incidência
Greco	1995	Situações que tenham pressão de tempo	Percepção
Tavares	1996	Situações com uma configuração de problemas semelhantes aos que ocorrem no jogo, destacando os aspectos de adaptação[95] da resposta aos contextos específicos	Tomada de decisão
Mombaerts	1996	Situações de jogo que contemplem a relação colaboração-oposição	Atenção, antecipação, criatividade, tomada de decisão
Mahlo	1997	Jogos com e sem bola	Antecipação
Abernethy, Wann e Parks	2000	Situações que incorporem fintas, na medida em que estas mascaram a situação visual do adversário	Percepção e tomada de decisão
Greco e Souza	1999	Atividades que exijam do jogador conhecer e ordenar sinais relevantes numa dada situação	Percepção
Freire	2002	Situações diversificadas e desafiadoras	Inteligência
Konzag, Döbler e Herzog	2003	Situações de jogo que contemplem companheiros, adversários, bola, espaço de jogo, finalidade da ação.	Percepção, antecipação, tomada de decisão
Greco, Roth e Schörer	2004	Situações complexas que não apresentem comportamentos táticos claros	Pensamento divergente (criatividade)
		Situações com poucas regras, que apresentem comportamentos táticos claros	Pensamento convergente (inteligência tática)
Ruiz Pérez e Arruza	2005	Situações em que o jogador tenha de mudar o foco da atenção	Atenção
Gabilondo		Situações concretas que tenham variedade e aleatoriedade	Antecipação
		Situações inesperadas e variadas; cenários de treino flexíveis e semelhantes aos de competição	Tomada de decisão
Araújo	2006	Tarefas contextualizadas, isto é, que mantenham as funções e as estruturas essenciais que caracterizam a competição	Tomada de decisão

Constata-se, por um lado, que as atitudes de dar atenção para o que é relevante, (de "ler" sinais de adversários e de companheiros), de predizer as intenções dos companheiros e dos adversários e os deslocamentos destes e da bola, de ocultar/dissimular intenções próprias, de lançar mensagens falsas aos adversários e de decidir acertadamente estão longe de serem inatas, como, erroneamente, reportam alguns professores e treinadores. Ao contrário disso, como frisam Freire (2003), Mombaerts (1996), Sanz e Guerrero (2005), Santana (2004) e Scaglia (1999), aprender implica num longo processo de construção cultural, de interação, de intervenção pedagógica. Por conseguinte, exige a elaboração de um cenário de treinamento. A par disso, regra geral, quando se pensa na formação de um jogador inteligente, demandar-se-ia que no lugar de uma prática rotineira e repetitiva se promovesse uma prática variável e desafiadora. Nas palavras

[95] O autor explica que a dimensão de adaptação da resposta, "[...] tem a ver essencialmente com o ajustamento das soluções e respostas aos contextos variáveis das situações de jogo. (TAVARES, 1998, p.28)".

de Ruiz Pérez e Arruza Gabilondo (2005, p. 140), um treinamento "[...] que simule as condições de jogo e de competição".

Portanto, a apresentação de meios de treinos que respeitem a estrutura funcional nos parece o "gatilho" adequado para "disparar" um processo de ensino-treino compatível com as reais exigências situacionais às quais o jogador de futsal é submetido quando da competição. Por isso, concordamos com Christina (1996) e Christina e Alpenfels (2002) citados por Ruiz Pérez e Arruza Gabilondo (2005) quando reportam que a semelhança estrutural das tarefas de treino seria uma das condições especiais que interferem na transferência do treinamento para a competição. Portanto, seria "[...] mais fácil encontrar uma transferência positiva entre o treinamento da tomada de decisão e a competição quando as tarefas que se propõem aos esportistas são estruturalmente similares às que vão encontrar na competição" (RUIZ PÉREZ; ARRUZA GABILONDO, 2005, p.136). Compartilham o mesmo ponto de vista Sanz e Guerrero (2005, p.26), ao afirmarem que "[...] o caráter específico dos elementos que compõem a estrutura do futsal devem ser o ponto de partida no desenho de nossos treinamentos".

Julgamos indispensável essa narrativa quando da elaboração e condução do processo de ensinar-treinar futsal. Por quê? Em virtude de, ao trazer à tona, ao treinamento, suas características mais peculiares, confrontar a idéia mecanicista imperativa (ABERNETHY; WANN; PARKS, 2000; FARIA; TAVARES, 1996; PINTO; SANTANA, 2005; RÉ; BARBANTI, 2006; RUIZ PÉREZ; SÁNCHEZ BAÑUELOS, 1997; SAAD, 2002; SCAGLIA, 1999; VOSER, 1999) do método tradicional que "[...] concede um lugar destaco à técnica na formação de jogadores para um esporte de equipe" (GRÉHAIGNE, 2001, p. 24).

Concordamos com Cano Moreno (2001), Mombaerts (1996) e Sanz Guerrero (2005), quando defendem que os esportes têm estruturas próprias e é por esse prisma que devem ser analisados, compreendidos e ensinados. Esta visão, segundo Hernández Moreno (1998, p.12), cria um novo panorama quando do processo de ensino-treino na medida em que se busca a compreensão de "[...] que não se ensinam tarefas, gestos, fragmentos de habilidades, montagens comportamentais. Ao contrário, se ensinam estruturas, inclusive regras ou princípios organizadores de nossos movimentos".

Sanz e Guerrero (2005) são partidários de que essa forma de pensar e agir do treinador, ao apresentar ao jogador, desde cedo, a estrutura funcional do jogo (lógica interna), almeja a "formação de jogadores inteligentes e o desenvolvimento da capacidade de jogo". Esta

última é entendida como a atitude de o jogador desenvolver um ótimo comportamento individual de acordo com as situações variáveis de jogo, e a inteligência tática consistiria na capacidade de o jogador, quando do enfrentamento, perceber, analisar e decidir adequadamente. Paula, Greco e Souza (2000, p.12) referem que a inteligência tática se trata de "[...] escolhas de alternativas, baseadas em conhecimento previamente adquiridos, que permitem resolver situações-problema que o atleta encontra em situação de jogo".

De acordo com Greco (1998b), Sanz e Guerrero (2005), a capacidade de jogo e a inteligência tática são afetadas, de forma inter-relacionada, por fatores físicos, técnicos, táticos e psicológicos quando da disputa e, por isso, estes deveriam ser apresentados de forma integrada quando do treinamento. Logo, partir-se-ia da hipótese de que o ensino-treino, ao contrário do método tradicional, que investe na memorização e a na repetição de técnicas (BAYER, 1994), fragmentando o ensino do jogo em "[...] exercícios divididos por níveis de dificuldades, do mais simples ao mais complexo e do fácil ao difícil, conhecido também como seqüências pedagógicas (REIS, 1994, p.11)", deveria favorecer a forma de o jogador atuar, repercutindo quando do seu comportamento durante a competição. Trata-se, por conseguinte, de treinar, desde cedo, a "[...] atitude de jogo, comportamento de jogo ou capacidade de jogo" (SANZ; GUERRERO, 2005, p.36).

Estes autores levantam alguns pontos daquilo que consideram como uma metodologia moderna ou alternativa:

(a) O mais importante nesse procedimento é a tomada de decisão mais adequada e a eleição inteligente dos recursos mais apropriados a cada situação;

(b) Os desenhos de treino incidem sobre a tática individual (atitude do jogador);

(c) São apresentadas tarefas globais estruturadas desde a iniciação que requisitem respostas semelhantes às encontradas na competição;

(d) As destrezas técnicas, os conhecimentos táticos, as características psicológicas e as capacidades físicas não devem ser treinadas e avaliadas em separado, pois nenhuma destas se manifesta de forma isolada quando do jogo.

Consoante isso, explicam que ao contrário do que postula o procedimento tradicional, a inteligência tática não é algo hereditário e precisa ser treinada desde as idades mais tenras. Para eles, as situações de treinamento que favoreceriam o desenvolvimento daquela teriam de contemplar uma grande variedade de estímulos perceptivos, a oportunidade de ensaiar e testar-

se num contexto similar ao de competição e a possibilidade de explorar o ambiente com o objetivo de encontrar soluções para problemas que o jogo apresenta.

Na prática, como seria uma sessão de treinamento sob esse paradigma? Iniciar-se-ia com

> [...] um aquecimento mediante formas jogadas de baixa intensidade que deveriam se relacionar com os conteúdos da parte principal, onde serão empregadas de duas a quatro tarefas jogadas relacionadas entre si por um mesmo objetivo tático, incluindo uma partida ou uma tarefa que apresente pequenas modificações sobre o jogo real com o fim de focalizar a atenção sobre algum aspecto anteriormente treinado. No final, se trocariam idéias com os jogadores sobre os objetivos principais e se poderia realizar uma avaliação conjunta sobre os progressos alcançados. (SANZ; GUERRERO, 2005, p.34).

Para os autores, os treinadores que se orientam por esse paradigma costumam adicionar um "treinamento complementar", que abordaria aspectos que não são desenvolvidos mediante os jogos de equipe, como por exemplo, a flexibilidade, a força, o treino de goleiros etc.

A centralidade reside em aprender a jogar mediante situações específicas de jogo (CANO MORENO, 2001; GARGANTA, 1998; GRECO, 1998a, MOMBAERTS, 2000; SANZ; GUERRERO, 2005).

Cano Moreno (2001, p.25) argumenta que é preciso estruturar as situações de treino, isto é, "[...] o conteúdo da situação de treinamento deve proporcionar a funcionalidade específica do jogo". Por exemplo, uma situação estruturada de treino seria jogar 3x2, sendo que o treinador poderia agregar um

> [...] sentido profundo de ataque, chegando às linhas de fundo [...] Dessa forma sabemos até onde atacamos (sentimento de progressão) e os defensores têm referências sobre o que defender (sentimento de proteção) [...] Poderíamos acrescentar que os defensores não podem ficar localizados na mesma zona (sentido de cobertura e de troca de posições entre os jogadores) e que se pode tirar a bola para fora de jogo. (CANO MORENO, 2001, p.26).

Para o autor, nesse momento, se jogaria de forma estruturada, isto é, "[...] o compromisso do participante em ambas as fases de jogo seria maior e, sobretudo, mais ordenado" (CANO MORENO, 2001, p.26).

Mombaerts (2000, p.201) explica que "O treinamento estruturado procura reproduzir, no transcurso de uma sessão, o ambiente que o jogador e a equipe encontrarão na competição". Ao aproximar o treino da realidade competitiva, consegue "[...] integrar no

treinamento um conjunto de tensões (psicológicas e táticas)". Trata-se de "[...] colocar o jogador numa situação global condicionada[96] [...] apresentada, segundo o nível, de modo simples (regras adequadas aos iniciantes), conservando ao mesmo tempo certa complexidade" (MOMBAERTS, 1996, p.19).

Garganta (1998, p.21) reporta que a divisão do jogo "[...] deve respeitar, sempre que possível, aquilo que o jogo tem de essencial, ou seja, a cooperação, a oposição e a finalização" (GARGANTA, 1998, p.21). Na sua proposição, ao fasear o ensino do jogo e dividi-lo em unidades funcionais (estruturação do espaço, comunicação na ação e relação com a bola), rompe com a idéia tradicional de que o jogo, para ser ensinado, deve ser dividido em elementos (passe, chute, etc). Na opinião do autor, em virtude de o jogo e o indivíduo que joga serem o centro da questão pedagógica,

> Importa, sobretudo, desenvolver nos praticantes uma disponibilidade motora e mental que transcenda largamente a simples automatização de gestos e se centre na assimilação de regras de ação e princípios de gestão do espaço de jogo, bem como formas de comunicação e contra comunicação entre os jogadores. (GARGANTA, 1998, p.23).

Verifica-se que há uma convergência metodológica nos diferentes autores: o procedimento de ensino agrega ao treino a realidade do jogo, apresentando ao praticante, mediante jogos menos complexos, a lógica interna ou estrutural funcional do esporte que aprende. Para Hernández Moreno (1998, p. 44), nasce com essa perspectiva a "[...] pretensão de encontrar métodos de ensino mais ativos e globalizadores". E isso se materializa quando a abordagem preconiza que, desde o início, o sujeito deve conviver com os diferentes parâmetros que o configuram, como o espaço, o tempo, a comunicação, as regras, a técnica e a estratégia. Trata-se, portanto, de educar um tipo de jogador para um tipo de jogo (LEAL; QUINTA, 2001); de atender a um conjunto de características imperativas nos esportes coletivos, tão bem expressado por Konzag, Döbler e Herzog (2003, p. 17), ao afirmarem serem

> […] numerosos os fatores produzidos pelos adversários, cujas ações são difíceis de predizer, pelos companheiros igualmente difíceis de controlar, a bola em movimento constante e nada fácil de dominar e seguir, a meta protegida por um goleiro num espaço delimitado, as regras que servem de fronteiras e a limitação de tempo, o que faz que se crie um espaço de atuação relativamente numeroso e extremamente variável, caracterizando o futebol como um dos esportes que atribuem as exigências mais variadas para o jogador.

[96] O mesmo que estruturada.

Em conformidade com o exposto, competiria ao treinador analisar o que o jogo tem de essencial e regulamentar, de lhe compreender a estrutura, para melhor ensiná-lo. Afinal, são essas estruturas básicas (sua lógica interna) que condicionam em parte o comportamento do jogador.

Bayer (1994, p. 71) acrescenta que essa forma de pensar, tanto "[...] facilita a construção do quadro estrutural no qual o jogador vai evoluir, e a construção da lógica interna dos desportos colectivos, a partir da qual serão determinados os princípios operacionais[97] e a didáctica", como "[...] revaloriza o aluno, colocando-o no centro das nossas preocupações, enquanto ser actuante possuindo sua originalidade e responsável pelo seu futuro e do seu progresso como jogador".

Por conseguinte, o modelo estruturado de ensino abarcaria o seguinte perfil:

QUADRO 30
O modelo estruturado de ensino

Características	Metodologia	Conseqüências para o praticante
Jogar desde o princípio	Apresentam-se jogos estruturados, isto é, que contemplem situações específicas de jogo, próximos da realidade da competição.	Elevado nível de motivação
Apresentar, desde o início, a lógica interna ou estrutura funcional		Desenvolvimento da capacidade de jogo
Apresenta-se uma única unidade de aprendizagem		Desenvolvimento da inteligência tática
Ensinam-se estruturas e regras de comportamento tático	Apresentam-se jogos mediante estruturas funcionais	Incidência sobre os mecanismos perceptivos e de tomada de decisão
Os componentes físicos, técnicos, táticos e psicológicos são abordados de forma integrada		Aprendizado das regras de ação ou táticas e das regras regulamentares

Fontes: CANO MORENO, 2001, p.25; HERNÁNDEZ MORENO, 1998, p.12; GRECO, 1998a, p.51; GARGANTA, 1998, p.20; MOMBAERTS, 1996, p.19, 2000, p.201; SANZ; GUERRERO, 2005, p.34.

Ainda que saibamos que durante a última década o ensino do futsal no Brasil tem colocado uma ênfase excessiva na técnica esportiva (GRECO; GIACOMINI, MOREIRA, 2005; PINTO; SANTANA, 2005; SAAD, 2002; VOSER, 1999), nos parece que o ensino-treino de um esporte dinâmico como o futsal, de forte apelo à cooperação e à inteligência, jogado num espaço comum, se quiser contribuir para os processos cognitivos inerentes à ação tática, deveria se libertar de um procedimento tradicional e se apoiar num tipo de pedagogia mais afinada/comprometida com os seus traços característicos, abordados quando da exposição dos

[97] De ataque: conservar a posse da bola, progredir com esta pelo espaço de jogo e finalizar contra a meta adversária. De defesa: recuperar a bola, impedir o avanço desta e dos jogadores pelo espaço de jogo e proteger a meta própria.

parâmetros que configuram sua lógica interna: espaço, tempo, regras, comunicação, técnica e estratégia.

Portanto, nos parece ser o procedimento estruturado, na medida em que preserva a lógica interna nos seus meios (situações) de treino, um caminho pedagógico promissor tanto para o treinamento sistemático dos processos cognitivos implicados no ato tático, como para delinear a sistematização de conteúdos, a definição de objetivos, a construção e seleção de atividades para o ensino e o treino (GARGANTA, 1997) do futsal, independentemente se de jovens ou de jogadores avançados.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

> Por ser toda a responsabilidade do homem determinada pelas suas sensações valorativas, precisa ser combatida a crendice epidemicamente difundida de que apenas o que é contável e mensurável seja real. Tem que ser convincentemente esclarecido que os nossos processos de vivência subjetiva gozam do mesmo grau de realidade como tudo o que pode ser expresso em termos das ciências naturais e exatas. (LORENZ, 1986, p.15).

4.1 Tipo de pesquisa

Lefèvre e Lefèvre (2005) afirmam que a pesquisa qualitativa deve ser usada quando se tem como objetivo apresentar a geração ou construção de qualidades. Neste caso se encaixa o pensamento coletivo[98], objeto deste estudo. Esse tipo de pesquisa se traduz capaz de recuperar e resgatar idéias, crenças, valores, opiniões locadas na "mente" humana. Para estes autores

> De fato, quando se quer conhecer o pensamento de uma comunidade sobre um dado tema, é preciso realizar, *antes de mais nada*, uma pesquisa qualitativa já que, para serem acessados, os pensamentos, na qualidade de expressão da subjetividade humana, precisam passar, previamente, pela consciência humana. (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005, p.09).

Triviños (1987, p.137) refere que "[...] o processo de pesquisa qualitativa não admite visões isoladas, parceladas, estanques", prestando-se assim ao desafio, ao ver de Lüdke e André (1986, p.5), de captar a "[...] realidade complexa e dinâmica do seu objeto de estudo, em sua realização histórica".

Richardson et al (1999, p.90) reportam à pesquisa qualitativa a "[...] tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos".

---

[98] Para Lefèvre e Lefèvre (2005, p.14), dizer que uma pessoa ou uma coletividade tem um pensamento sobre um dado tema, significa dizer que ela "[...] professa, ou adota, ou usa um ou vários discursos sobre o tema". Por extensão, os pensamentos pertencem à família das línguas e linguagens e, portanto à ordem do discurso e do texto. Por isso, "[...] se estará descrevendo muito melhor e muito mais adequadamente os pensamentos de indivíduos e coletividades quando esses estiverem sendo coletados, processados e apresentados sob a forma de discurso".

4.2 Amostra

Procuramos atender às condições mínimas referidas por Triviños (1987) quando da escolha dos informantes – alguém antigo na comunidade, com conhecimento amplo sobre o assunto, que tenha disponibilidade de tempo, capaz de se expressar sobre o fenômeno estudado, com quem o pesquisador tenha facilidade para se encontrar – e às características traçadas por Rodrigues (1997, p. 32), que definiu um treinador de sucesso como um sujeito "[...] excepcional, com sucesso desportivo, com experiência, reconhecido na comunidade desportiva".

Foi assim que selecionamos como amostra deste estudo cinco[99] técnicos de futsal, campeões da Liga Nacional[100], que representam 83,33% da população campeã deste evento. Contemplam-se na TABELA 1 alguns traços gerais dos sujeitos entrevistados. O roteiro da entrevista está locado no anexo I.

TABELA 1
Traços gerais dos entrevistados

	Idade (anos)	Formado em Educação Física	Jogou na categoria principal	Número de títulos da Liga Nacional	Direção de equipes			
					Principal (anos)	Seleção Brasileira	No Brasil	No exterior
S^1	54	Sim	Sim	3	27	Sim	PR/PE/CE/SC/RJ/SP	Sim
S^2	54	Sim	Sim	1	30	Não	RS/SP/SC/PE/RJ	Não
S^3	48	Não	Sim	4	13	Sim	RS/SP	Sim
S^4	46	Sim	Sim	2	15	Não	SP/MG/RS	Não
S^5	61	Sim	Sim	1	38	Não	RJ/SC/SP/RS/PR/ES	Não

A amostra tem média de 52,6±5,9 anos de idade. Juntos, os sujeitos agregam onze títulos das treze edições da Liga, disputadas entre os anos de 1996 e 2008. Trata-se de um coletivo de sujeitos com 24,6±10,5 anos de experiência na direção de equipes na categoria principal.

[99] Lima (2004, p.94) ressalta que o uso da entrevista como método de pesquisa "[...] não pressupõe representatividade estatística do número de entrevistados". Para a autora, a entrevista não atinge "[...] elevado nível de credibilidade em função da quantidade de entrevistas [...] mas em função do nível de amplitude e aprofundamento atingido ao longo do processo de coleta de materiais (LIMA, 2004, p.98)". Igualmente, Richardson et al (1999) argumentam que em virtude de a entrevista proporcionar um riquíssimo material de análise, o pesquisador passará muito tempo analisando-as e, por isso, não deve entrevistar muitas pessoas.

[100] A Liga Futsal é organizada pela Confederação Brasileira de Futsal. Iniciou-se em no ano de 1996.

Vê-se que todos os sujeitos dirigiram equipes em mais de um estado brasileiro. Além disso, dois técnicos estiveram à frente da Seleção Brasileira e trabalharam no exterior. Um desses técnicos não tem curso superior em Educação Física. Minimamente, os dados ratificam que a amostra tem comprovada experiência e êxito no contexto do futsal, até mesmo como jogadora de categoria principal.

4.3 Técnica para a coleta de dados

Optamos pela entrevista, em função de esta ser uma técnica que propicia "[...] uma coleta de materiais profunda e rica em detalhes" (LIMA, 2004, p.97).

Marconi e Lakatos (2003, p. 198) explicam que uma das vantagens dessa técnica é proporcionar "[...] maior flexibilidade, podendo o entrevistador repetir ou esclarecer perguntas, formular de maneira diferente; especificar algum significado". Lima (2004, p.97) aponta-lhe outras vantagens, na medida em que faculta ao pesquisador: "[...] adequar o enunciado da questão no nível de compreensão do contato, de forma a reduzir [...] os ruídos da comunicação estabelecida [...] reunir materiais atuais, de primeira mão, que ainda não foram objeto de descrição, análise e publicação [...] proceder a um tratamento qualitativo do material coletado".

Dentre as modalidades de entrevista, escolhemos a semi-estruturada, que parte

> [...] de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas dos informantes[101]. (TRIVIÑOS, 1987, p.146).

Esta, concomitantemente, "[...] valoriza a presença do investigador [e] oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação[102]". Igualmente, "[...] mantém a presença consciente e atuante do pesquisador e [...] permite a relevância na situação do ator[103]" e, por fim, "[...] apresenta como traço peculiar um poder extraordinário de retroalimentação que depende, naturalmente, do investigador[104]".

---

[101] TRIVIÑOS, A.N.S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.
[102] Ibidem. p. 146.
[103] Ibidem. p. 152.
[104] Ibidem. p. 171.

4.4 A elaboração do instrumento de coleta de dados

Para a elaboração do instrumento de coleta de dados adotamos as etapas sugeridas por Triviños (1987): (1ª) discussão em equipe (pesquisador e orientador); (2ª) submissão/revisão do conteúdo para três especialistas no tema (técnicos de futsal de categoria principal); (3ª) revisão, por um especialista, acerca dos aspectos lingüísticos; (4ª) aplicação do instrumento a uma pequena amostra (projeto piloto[105]); (5ª) formulação definitiva do instrumento.

Igualmente, seguimos a orientação de Lefèvre e Lefèvre (2005) sobre como produzir um discurso. Para os autores, uma vez que o objeto do Discurso do Sujeito Coletivo[106] (DSC) é o pensamento, cuja expressão se concretiza pelo discurso[107], "[...] antes de mais nada [...] é preciso fazer perguntas abertas[108] para um conjunto de indivíduos de alguma forma representativos dessa coletividade e deixar que esses indivíduos se expressem mais ou menos livremente, ou seja, que produzam discursos" (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005, p.20).

4.5 A entrevista

Para a coleta de informações seguiram-se quatro passos básicos: (1º) diálogo como o entrevistado com o objetivo de informá-lo, em linhas gerais, dos objetivos da entrevista e do seu tempo de duração; obter o consentimento do entrevistado; (2º) envio de uma carta, com os respectivos nomes do pesquisador e do orientador, com informações acerca da finalidade do estudo; (3º) ida até o local do encontro. Entrevista com gravação simultânea em gravador e (4º) transcrição da entrevista antes de se partir para outra.

Acerca disso, Richardson et al (1999, p. 217) recomendam que o pesquisador deva se dedicar "[...] ao estudo e à análise do material, imediatamente após a entrevista ter sido realizada". Isso facilitaria certificar-se acerca da qualidade da gravação e fazer uma análise

---

[105] O projeto piloto constituiu-se de entrevistas com dois técnicos de futsal da categoria principal: um sujeito com experiência na direção da seleção brasileira de novos, de seleções estaduais e de equipes da Liga Nacional; outro sujeito com experiência na direção de seleção estadual, de equipe da Divisão Especial do estado do Paraná e de equipes juvenis em Taça Brasil.

[106] A técnica de interpretação de dados aplicada neste estudo. Cf. item 4.7.

[107] Que se trata do "[...] modo como os indivíduos reais, concretos, pensam". (LEFÉVRE; LEVÉFRE, 2005 p.20).

[108] Para os autores, as questões abertas favorecem a expressão de um pensamento, isto é, da subjetividade humana (crenças, idéias, opiniões, valores, representações, percepções sobre um determinado tema) na medida em que esta, para se manifestar, precisa passar pela consciência. De outro lado, as questões fechadas, na medida em que exigem uma adesão a um pensamento preexistente, impedem/inibem que as pessoas produzam discursos (se expressam livremente).

preliminar dos resultados alcançados. Acrescenta-se a isso o fato de que ainda que se conheça o tema, é preciso estudá-lo constantemente, de modo que aquilo que lhe é fundamental possa ser "[...] aprofundado e a cada instante da pesquisa essa informação deve ser aperfeiçoada, sem preconceitos" (TRIVIÑOS, 1987, p. 171).

Quanto ao local, procuramos fugir do ambiente em que o técnico compete, isto é, de ginásios esportivos, de modo a assegurar a sua atenção para com o pesquisador, a interação entre ambos e a eliminação de ruídos sonoros que comprometessem a qualidade da gravação. Previamente definiu-se com os informantes o local e o horário da entrevista que mais lhe conviessem e o tempo aproximado desta. Para Triviños (1987, p. 149), isso "[...] não só permite ao investigador o planejamento de seu tempo, mas também significa um respeito pelas atividades do informante".

Este autor alerta para o fato de que o começo da entrevista estará marcado por incertezas tanto para o informante como para o pesquisador. Logo, quando da elaboração do roteiro da entrevista, decidimos por um elenco inicial de questões[109] que traçasse um perfil do entrevistado (APÊNDICE B) e que permitisse criar um clima de abertura e de simpatia.

Procuramos iniciar a entrevista dando a oportunidade ao informante de responder sobre "[...] aspectos de sua vida que ele conhece de forma ampla e completa [...] descrição das atividades profissionais, da ocupação que desenvolve no meio" (TRIVIÑOS, 1987, p.149). Tentamos garantir, na medida do possível, "[...] um clima de estímulo e de aceitação mútua" (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.34) entre pesquisador e entrevistado. Isso porque concordamos com Triviños (1987, p.150) de que uma vez alcançado "[...] esse nível de simpatia recíproca, de confiança mútua [...] podemos dizer que os dados fornecidos pelo entrevistado são vitais para a pesquisa, porque o informante marca a sua presença com verdadeiro interesse".

Num segundo momento da entrevista, seguimos a regra básica de respeitar "[...] uma seqüência lógica entre os assuntos, dos mais simples aos mais complexos, respeitando o sentido do seu encadeamento [...] evitando saltos bruscos entre as questões" (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.36).

[109] Cf. questões 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7, Apêndice B.

4.6 Aspectos éticos e roteiro para a entrevista

Quando das entrevistas foi entregue para cada sujeito uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO B), registrado no Conselho Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP, número 130008 e aprovado pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, número 244/2007 (ANEXO A).

Compôs o roteiro da entrevista um elenco de 20 questões (APÊNDICE B).

4.7 Técnica de interpretação dos dados

Optamos pela técnica do DSC, que se constitui como uma proposta de organização e tabulação de dados qualitativos de natureza verbal, obtidos de depoimentos. Para os precursores desta técnica, trata-se de uma "[...] uma estratégia metodológica que [...] visa tornar mais clara uma dada representação social[110]" (LEFÈVRE; LEFÉVRE, 2005, p.19[111]).

Tal estratégica busca organizar "[...] sob forma estritamente descritiva, através de procedimentos transparentes e padronizados, os sentidos presentes na matéria-prima discursiva das pesquisas qualitativas de representação social[112]".

Entenda-se por procedimentos transparentes e padronizados o encadeamento de algumas figuras metodológicas que organizam e tabulam os dados, que são as expressões-chave (ECH), as idéias centrais (IC) e o DSC.

As ECH são trechos/pedaços literais do discurso que revelam a essência do depoimento. Trata-se do conteúdo discursivo, que corresponde à questão da pesquisa. As ECH devem ser sublinhadas, iluminadas ou coloridas pelo pesquisador. Para os autores, as ECH "[...] são segmentos de discursos que remetem à idéia central e a corporificam[113]".

As IC representam o tema do depoimento; sua marca. Trata-se do nome ou expressão que descreve da maneira mais sintética e precisa possível "[...] o sentido de cada um dos discursos analisados e de cada conjunto homogêneo de ECH, que vai dar nascimento,

---

[110] A representação social é a "[...] expressão do que pensa ou acha determinada população sobre determinado tema" (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005, p.30). Tal expressão pode ser manifestada por meio do conjunto de discursos verbais emitidos por pessoas dessa população.

[111] LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A.M.C. O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos). 2 ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2005.

[112] Ibidem. p. 30.

[113] Ibidem. p. 25.

posteriormente, ao DSC[114]". As IC permitem reduzir a polissemia dos discursos. Os autores advertem que "[...] a IC *não é uma interpretação, mas uma descrição* do sentido de um depoimento ou de um conjunto de depoimentos[115]".

Com base no que foi apontado pelos autores, infere-se que se as IC são a marca (do sentido) do discurso, as ECH são a essência (do sentido) do discurso. Não existiria, portanto, IC sem ECH; as IC emergem das ECH; as ECH dão forma às IC.

Por sua vez, o DSC é um discurso-síntese redigido na primeira pessoa do singular e composto pelas ECH que têm a mesma IC. O DSC é construído a partir das ECH de todos os sujeitos relativas a uma dada IC. Logo, o encadeamento discursivo das ECH gerará um DSC, isto é, um discurso de todos como se fosse o discurso de um apenas.

São essas figuras metodológicas que possibilitam a produção de um discurso coletivo, embora, neste estudo, tenhamos entrevistado cinco sujeitos. A intenção desta técnica é fazer a coletividade falar diretamente, ou seja, o DSC quer dar visibilidade para o pensamento coletivo, que vem a ser a fala do social[116]. Neste sentido, poderíamos afirmar que o sujeito coletivo (SC) desta tese é o técnico campeão da Liga Nacional de Futsal.

Logo, nesta técnica não se procura destacar as convergências e divergências, por exemplo, entre o sujeito 1 e o sujeito 2 a fim de compará-los. Ao contrário, interessa produzir a fala do sujeito coletivo, que pode trazer ECH correspondentes ou singulares. Cada uma destas será reunida numa IC; cada uma produzirá o seu DSC. Assim, posso ter, para o mesmo tema, discursos distintos. Da mesma forma, posso ter um discurso do sujeito coletivo produzido pelas ECH de um sujeito apenas, ou por dois, ou por três, ou por quatro, ou por cinco. Portanto, o discurso é coletivo porque pertence a uma coletividade, neste caso, a de técnicos, e não porque é, obrigatoriamente, convergente ou produzido por cinco sujeitos.

Porém, o que fazer para que o discurso produzido por cinco sujeitos pareça falado por uma só pessoa? Deve-se[117]:

- "[...] efetuar algumas operações nos pedaços selecionados de discursos 'limpando-os' de particularidades[118]";

[114] Ibidem. p. 17.
[115] Ibidem. p. 17.
[116] A fala do social trata-se de "[...] um discurso-síntese elaborado com material dos discursos individuais (ou parte deles) semelhantes ou complementares enunciado na primeira pessoa do singular (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005, p.28)".
[117] Ibidem. p. 17.
[118] Por exemplo, uma pessoa particular mencionada num depoimento.

- “[...] também, encadear narrativamente os discursos de modo que apresentem uma estrutura seqüencial clara e coerente”;

- “[...] aproveitar todas as ‘peças’, isto é, todas as idéias presentes nos depoimentos para que a figura não fique incompleta; entre as ‘peças’ repetidas ou muito semelhantes, escolhe-se apenas um ‘exemplar’”.

Por extensão, o DSC deve ser construído a partir de quatro passos:

(1º) Ler o depoimento (a resposta dos informantes).

(2º) Encontrar as ECH (trata-se de uma função corporificadora: trechos de frases literais que expressam a substância da resposta à questão).

(3º) Apontar a IC (função identificadora: reunião das ECH que têm um sentido semelhante ou complementar num “arquivo único”).

(4º) Elaborar o DSC (que representa a fala do social, isto é, o pensamento coletivo na primeira pessoa do singular).

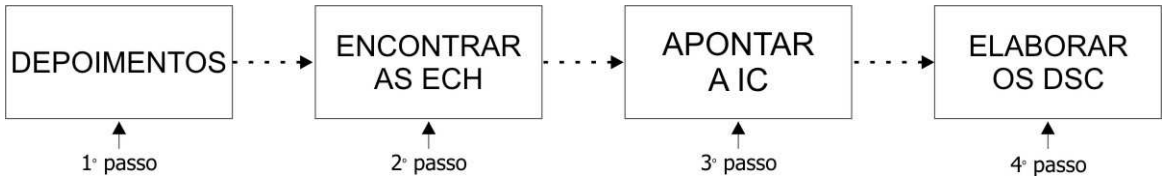


FIGURA 87 – Passos para a construção do DSC
Fonte: LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005, p.37.

Neste contexto, o que é de competência do pesquisador? Cumprir as tarefas de organizar e produzir a fala do social (pensamento coletivo expressado pelos discursos). O pesquisador tem a função de

> [...] produzir o sujeito social ou coletivo do discurso e o discurso coletivo correspondente, fazendo o social falar como se fosse um indivíduo, e isso não por um passe de mágica, nem a partir de uma instância científica transcendente, mas, como manda o rigor científico, utilizando procedimentos explícitos, transparentes e padronizados (passíveis, portanto, de crítica e contestação), construindo-se a fala do social com o material empírico proveniente de falas dos indivíduos, buscando, nas idéias centrais e nas expressões-chave, coincidentes ou semelhantes de discursos efetivamente existentes, um discurso compartilhado. (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005, p.29).

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Optou-se em apresentar os resultados obedecendo para cada tema do roteiro de entrevista (APÊNDICE B), a partir da oitava questão, a seguinte seqüência:

(1º) Apresentação de uma tabela com as idéias centrais (MASSA, 2006), o número de sujeitos (N) e a discriminação destes na questão mencionada.

(2º) Apresentação de um quadro, no qual são contempladas, novamente, as IC (IC1, IC2 e sucessivas), acrescentados os DSC (DSC1, DSC2 e sucessivos) (TEIXEIRA, 2005);

(3º) Discussão dos resultados.

Essa disposição ocultou do corpo do texto a matéria prima com a qual foi construído o DSC de cada tema/questão, isto é, o IAD (Instrumento de Análise do Discurso), locado no APÊNDICE C, que contempla o depoimento integral, as ECH (em caixa) e a etiquetação das IC, segundo sua singularidade, semelhança e/ou complementaridade.

5.1 A eficácia do sistema ofensivo como um todo

A fim de obter um discurso acerca do que os jogadores devem fazer para que o sistema ofensivo seja eficaz como um todo – logo se desconsiderou a atuação contra um tipo de defesa em particular – empregou-se uma questão na qual o SC pudesse se expressar da forma mais ampla possível.

Trata-se, neste caso, de conhecer acerca da faceta dinâmica do sistema ofensivo. Aquilo que Castelo (1999) qualificou como o tema geral sobre o qual os jogadores estejam de acordo e que os permite estabelecer uma "linguagem comum".

Isso posto, no que tange à amostra deste estudo, seguem discriminadas na TABELA 2 as IC abstraídas, o número de sujeitos e a sua discriminação para a questão mencionada.

TABELA 2
Caracterização das idéias centrais, sujeitos e discriminação destes para a questão: Que tipos de comportamento tático ofensivo os seus jogadores devem saber empregar para que o ataque como um todo seja eficaz?

	IC	N	Sujeitos
1	Movimentação constante	4	S1, S2, S3, S5
2	Andar com a bola	1	S1
3	Velocidade precisa do passe	2	S1, S5
4	Sob pressão, quebrar a marcação	1	S2
5	Inteligência para decidir	2	S3, S4
6	Ter jogadas combinadas	2	S4, S5

Em consonância com o APÊNDICE C e as IC abstraídas na TABELA 2, apresentamos no QUADRO 31 os DSC construídos para cada IC.

QUADRO 31
Caracterização das idéias centrais e discursos do sujeito coletivo da questão: Que tipos de comportamento tático ofensivo os seus jogadores devem saber empregar para que o ataque como um todo seja eficaz?

Idéia Central 1	Discurso do Sujeito Coletivo 1
Movimentação constante	Você precisar da bola e se movimentar para recebê-la em condições. O princípio número um, regente do ataque, significa desequilíbrio da defesa. Então, dentro do meu raciocínio, o meu ataque só acontece no momento em que eu consigo botar a defesa em movimento. Aí vão ter todos os mecanismos que o jogo te oferece para poder proporcionar esse desequilíbrio, que são os padrões de movimentação. Espaço a ser deixado e espaço a ser ocupado, sabe? Então, o que a gente quer? Criar o espaço, ocupar o espaço; não recebi no espaço, desocupei o espaço e criei um novo espaço. Precisa ser um sistema altamente manipulador. Eu tenho que manipular peças da defesa, colocá-las aonde quero, certo ou não, e executar o ataque. Então para mim isso é posse de bola. Eu consigo mexer essas peças dessa maneira. Então eu crio espaço, não ocupo, crio, não ocupo, crio, ocupo, movimento-me sem a bola.
Idéia Central 2	Discurso do Sujeito Coletivo 2
Andar com a bola	Você ter a bola e resolve ficar com ela e se movimentar para fazer a sua equipe se movimentar também. Famoso conceito de andar com a bola, ao mesmo tempo em que você desequilibra a equipe adversária.
Idéia Central 3	Discurso do Sujeito Coletivo 3
Velocidade precisa do passe	Tem um conceito que eu chamo de velocidade precisa do passe. Você considera a hipótese de acelerar o passe tirando tempo da defesa, no geral, e do marcador, do marcador que se acerta, no específico. Passe perfeito.
Idéia Central 4	Discurso do Sujeito Coletivo 4
Sob pressão, quebrar a marcação.	Se a marcação está te agredindo ofensivamente, buscando na sua linha de área, é um comportamento: você vai ter as quebras de marcação para essa estrutura de defesa.
Idéia Central 5	Discurso do Sujeito Coletivo 5
Inteligência para decidir	O que é principal é o seguinte: se eu te dou o direito de interromper o movimento, certo ou não, seu próximo deslocamento tem que ser inteligente, porque é o próximo movimento inteligente que está treinado. Então, os outros três jogadores vão corrigir o movimento que você interrompeu. Você está fazendo uma escolha – eu quero uma paralela, uma diagonal, uma bola do mesmo lado, um balanço curto – você faz a sua escolha, a equipe respeita, certo ou não? Uma leitura individual passando a ser coletiva e a partir daí todas aquelas informações que nós colocamos para eles, que estão armazenadas, vão ser colocadas em prática. Raciocínio e poder de decisão.
Idéia Central 6	Discurso do Sujeito Coletivo 6
Ter jogadas combinadas	Então aí você vai partir do primeiro princípio, você vai ter que ter algumas jogadas combinadas, algumas coisas para você sair, para você dar início a jogada, a leitura do jogo, movimentações coletivas, para sair de uma defesa do adversário, de uma dificuldade que você está enfrentando. Você cria as opções, por exemplo, nós vamos fazer as jogadas 1, 2, 3.

Verifica-se que o SC espera que a sua equipe, como princípio primário, se movimente constantemente quando do ataque, criando e ocupando espaços – *"O meu ataque só acontece quando eu consigo botar a defesa em movimento"*. Para tanto, o sujeito espera que seus jogadores primem pela rotatividade – *"Criar o espaço, ocupar o espaço; não recebi no espaço, desocupei o espaço e criei um novo espaço"* –, ratificando que esta se constitui no antídoto para a falta de espaço (CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998). Parte da idéia de que para que isso aconteça a bom termo, a equipe deve manipular o sistema defensivo – *"Eu tenho que manipular peças da defesa, colocá-las aonde quero, certo ou não, e executar o ataque"* –, isto é, lutar por um espaço significativo, que leve a pontos de finalização, o que passa pela ocupação inteligente da quadra. Por extensão, não pode passar despercebido que a estruturação do espaço de jogo, como frisou Garganta (1998), é um dos principais indicadores do nível de jogo dos jogadores e, exatamente por isso, deve ser considerada desde as fases iniciais do processo de ensino.

Mas, a que tipos de atitudes em geral o SC espera que seus jogadores recorram para ocuparem qualitativamente o espaço, ou seja, nesse ponto, quais as funções estratégicas (HENRNÁNDEZ MORENO, 1998; GRÉHAIGNE, 2001) que o jogador poderia assumir quando do ataque? À movimentação para receber a bola – *"[...] se movimentar para recebê-la"* – e, quando da posse, à movimentação com a bola – *"Você ter a bola e resolve ficar com ela e se movimentar para fazer a sua equipe se movimentar também"* – e à aceleração do passe – *"[...] acelerar o passe tirando tempo da defesa"*. Ora, movimentar-se sem a bola, fugindo do campo visual do marcador, se constitui numa das principais ações individuais ofensivas (SANTANA, 2004a; 2006b; FERRETTI, 2006), pois as chances de se receber a bola aumentam (FONSECA; SILVA, 2002), o que é imprescindível para dar seqüência ao ataque (ANDRADE JUNIOR, 1999). Por outro lado, uma vez de posse da bola, é necessário continuar a agir, de modo a desequilibrar a defesa. Por isso nosso SC, acertadamente, reporta-se aos fundamentos andar com a bola, isto é, progredir/deslocar-se com a bola (FERRETTI, 2006) e dar velocidade e precisão ao passe, o que garantiria, simultaneamente, a rotatividade do ataque, a posse da bola e o desgaste físico e emocional do adversário (SANTANA, 2006b).

Igualmente pertinente é a menção do SC à quebra de marcação como um dos comportamentos táticos esperados quando sua equipe sofre pressão do adversário – *"Se a marcação está te agredindo [...] você vai ter as quebras de marcação"* –, pois esta se constitui

numa manobra básica de grupo (realizada entre dois) que exige a aproximação de um do portador da bola, lhe dando um conjunto de opções ofensivas, como a tabela ou um passe para o espaço vazio (ANDRADE JUNIOR, 2007).

Estas quatro últimas atitudes mencionadas configuram-se em condutas de decisão (HERNÁNDEZ MORENO, 1998) que sustentam o jogo de ataque, ajustando o comportamento dos jogadores e favorecendo o desequilíbrio defensivo. Para Mombaerts (1996), a prioridade quando do treinamento deveria ser o desenvolvimento desta "bagagem" tático-técnica do jogador.

No que pese os comportamentos individuais e de grupo que julga mais eficaz, o nosso SC releva a crença de que a equipe como um todo deve respeitar as escolhas dos jogadores – *"Raciocínio e poder de decisão"* – quando de suas tomadas de decisão – *"Eu te dou o direito de interromper o movimento [...] seu próximo deslocamento tem que ser inteligente [...] os outros três jogadores vão corrigir o movimento que você interrompeu. Você está fazendo uma escolha – eu quero uma paralela, uma diagonal, uma bola do mesmo lado, um balanço curto – você faz a sua escolha, a equipe respeita"*. É notória nesse discurso a interface entre estratégia (planos) e tática (execução dos planos), pois os jogadores, embora "contaminados" por alguns planos do técnico, devem ser capazes de dispor de autonomia para decidir (GARGANTA; OLIVEIRA, 1996), reforçando que a complexidade do jogo exigirá que a ação tática extrapole os limites de um conjunto de instruções programadas (PARLEBAS, 1998). Nesta direção, ratificam que a concepção de jogo precisa conservar a liberdade de ações e a criatividade dos jogadores (BOTA; COLIBABA, 2001). Resultado semelhante foi encontrado por Freitas, Henrique e Nolasco (2008), que ao entrevistar quatro treinadores de futsal de alto rendimento, diagnosticaram que estes, embora preocupados com a disciplina tática (estratégias), valorizam a habilidade e a criatividade dos atletas.

Nota-se a crença do nosso SC de que o conhecimento adquirido quando dos treinamentos será usufruído pelos jogadores – *"[...] a partir daí todas aquelas informações que nós colocamos para eles, que estão armazenadas, vão ser colocadas em prática"* – e, por conseguinte, não foge da atribuição de municiá-los com informações competentes que os auxiliem a atuar taticamente (TAVARES, 1998) – é a sua leitura influenciando o jogador. Igualmente, o nosso SC acredita que a tomada de decisão do atleta será influenciada pelas experiências passadas (ABERNETHY; WANN; PARKS, 2000), logo, que o conhecimento,

acumulado através de milhares de horas de treinamento, se traduz numa base de dados necessária para poder decidir bem no esporte (GRECO, 2003; MAHLO, 1997; RUIZ PÉREZ; ARRUZA GABILONDO, 2005).

Por último, o SC recorre às jogadas combinadas como um comportamento ofensivo esperado para mobilizar o ataque e ludibriar a defesa – *"[...] você vai ter que ter algumas jogadas combinadas"*. Entretanto, esclarece de que se trata de uma opção para iniciar movimentos ofensivos – *"[...] algumas coisas para você sair, para você dar início a jogada, à leitura do jogo [...] para sair de uma defesa do adversário, de uma dificuldade que você está enfrentando"*. Isso caracteriza uma compreensão adequada das características do jogo, pois se trata de um tipo de deslocamento coletivo muito incidente em jogos de futsal, com a bola parada e também em movimento (SAAD; COSTA, 2001; VALDERICEDA, 1994).

5.2 As vias de acesso ao bom jogo

Bayer (1994), Parlebas (1998) e Hernández Moreno (1998; 1999) dão particular importância ao parâmetro comunicação motriz, a saber, à maneira de os jogadores se relacionarem no seio de uma disputa, na medida em que isso permite àqueles se situarem uns em relação aos outros.

Em sabendo que se trata de uma comunicação insólita (BLÁZQUEZ SANCHES, 1996), isto é, de predominância motora, ela se dará, sobretudo, a partir dos deslocamentos dos jogadores. Portanto, em futsal, comunicar significa agir, e fazer isso de forma adequada revela um bom nível de jogo (GARGANTA, 1998).

Assim sendo, questionamos o SC para se expressar acerca do deslocamento ofensivo dos seus jogadores. O cerne da questão foi: há modos mais adequados de deslocar-se em quadra? Como frisou Parlebas (1998), o deslocamento iniciado por um jogador tende a favorecer diretamente a tarefa de outros, daí a relevância de detectarmos as trajetórias de deslocamento e elaborar uma possível linguagem comum entre os jogadores que viesse a facilitar a comunicação ofensiva (BAYER, 1994).

Isso posto, no que tange à amostra deste estudo, seguem discriminadas na TABELA 3 as IC abstraídas, o número de sujeitos e a discriminação destes para a questão mencionada.

TABELA 3
Caracterização das idéias centrais, sujeitos e discriminação destes para a questão: Em sua opinião, haveria algumas trajetórias de deslocamento dos jogadores que facilitariam o jogo de ataque?

	IC	N	Sujeitos
1	Deslocar-se inteligentemente	1	S1, S3, S5
2	Contra defesa zonal, infiltrar dois no setor de um	1	S2
3	Deslocar-se para o espaço livre	2	S2, S4
4	Deslocar-se em diagonal	2	S3, S5
5	Deslocar-se pela paralela	1	S3, S5
6	Fazer uma aproximação	2	S3, S4
7	Deslocar-se para apoiar o passe	2	S3, S4

Em consonância com o APÊNDICE C1 e as IC abstraídas na TABELA 3 para as somas dos discursos, apresentamos os DSC construídos para cada IC:

QUADRO 32
Caracterização das idéias centrais e discursos do sujeito coletivo da questão: Em sua opinião, haveria algumas trajetórias de deslocamento dos jogadores que facilitaram o jogo de ataque?

Idéia Central 1	Discurso do Sujeito Coletivo 1
Deslocar-se inteligentemente	Eu ensino eles a correrem de forma harmoniosa em relação ao resto da equipe. Como foi dito aqui antes, o jogador passa a maior parte do tempo sem a bola e é importantíssimo que ele saiba correr de forma estruturada. E aí, para onde ele correr? Para onde está mais fácil de dar continuidade a jogada. Aí nós entramos no versátil. Ele tem que compreender o jogo como se estivesse vendo a movimentação de cima, porque ele vai estar na quadra em qualquer uma das situações. Na maioria das vezes, você tem atletas que jogam lateralmente. Eles são incapazes de, ao receber a bola, já ter uma leitura do que ele precisa fazer com essa bola. Aí, a partir do momento que a bola chega nele é que ele vai pensar o que fazer. A marcação posta e você não consegue jogar.
Idéia Central 2	Discurso do Sujeito Coletivo 2
Contra defesa zonal, infiltrar dois no setor de um	A defesa por zona facilita muito o jogo da infiltração de dois elementos na zona de um, criando a dúvida. Então, eu particularmente, eu gosto muito de jogar contra essas defesas zona, que aí você infiltra dois na zona de um e você acaba criando a dúvida.
Idéia Central 3	Discurso do Sujeito Coletivo 3
Deslocar-se para o espaço livre	Um outro comportamento é passar a jogar sempre num espaço, para tirar a possibilidade da cobertura e, num descuido de marcação individual, você poder chegar nesse espaço livre, sozinho. Para construir um espaço que eu necessito para receber a bola ele pode fazer a fugida.
Idéia Central 4	Discurso do Sujeito Coletivo 4
Deslocar-se em diagonal	Eu quero que você execute os movimentos do futsal de trinta anos atrás. Você tem que saber o que é uma diagonal. Você faz um passe de ala para ala e entra no meio com uma diagonal. O sistema exige que você corra no sentido diagonal.
Idéia Central 5	Discurso do Sujeito Coletivo 5
Deslocar-se pela paralela	Você tem que saber o que é uma paralela, certo? Movimentar-se em direção ao gol, pela lateral.
Idéia Central 6	Discurso do Sujeito Coletivo 6
Fazer uma aproximação	Eu estou na ala, faço um passe de ala para ala e entro, é uma diagonal; se eu venho fazer uma aproximação, é uma diagonal de volta, pois estou voltando na diagonal. Faço a aproximação.
Idéia Central 7	Discurso do Sujeito Coletivo 7
Deslocar-se para apoiar o passe	O cara que constrói o jogo lá atrás ele tem o deslocamento diferente: ele toca e fica por trás; ele pode ser aquele atleta que vai dar a base para a continuidade do ataque, digamos assim, o passe de segurança, o apoio.

Há preocupações distintas na fala do SC. Remete-se às trajetórias de deslocamento ofensivas mais indicadas contra tipos de defesa em particular, como a por zona – "*A defesa por zona facilita muito o jogo da infiltração de dois elementos na zona de um"* – e a individual – "*Um outro comportamento é passar a jogar sempre num espaço, para tirar a possibilidade da cobertura e, num descuido de marcação individual, você poder chegar nesse espaço livre, sozinho"*. No primeiro caso, aponta um comportamento ofensivo adequado contra defesas por zona. Sabe-se que mais de um jogador no setor de um defensor causa problemas nesse tipo de marcação (LUIS GALLEGO; JOSE GARCÍA, 2006; SAMPEDRO, 1997). No segundo caso, igualmente, opina de modo procedente, pois embora a defesa individual não exclua coberturas, as dificulta, sendo um dos seus inconvenientes a provocação de espaços livres (LOZANO CID et al., 2002; VELASCO TEJADA; LORENTE PEÑAS, 2003).

Noutro momento, o SC considera importante que os jogadores se desloquem em diagonal – *"O sistema exige que você corra no sentido diagonal"* –, pela paralela – "*Você tem que saber o que é uma paralela, certo?"* –, fazer uma aproximação – "*Faço a aproximação"* – e servir como apoio – "[...] *ele pode ser aquele atleta que vai dar a base para a continuidade do ataque"* –, configurando, nesse ponto do seu discurso, pelo menos nas três primeiras trajetórias, o seu vínculo com alguns procedimentos realizados em dupla, o que configuraria uma tática de grupo (PAULA; GRECO; SOUZA, 2000) ou, na linguagem corrente do futsal, algumas manobras básicas (LUCENA, 1994). Não pode passar despercebido que uma das trajetórias de deslocamento mencionada pelo SC, o apoio, ganha uma conotação singular e não se encontra na tipologia brasileira e nem espanhola de manobras ofensivas. Nesta última, há uma menção ao apoio, mas se trataria, por um lado, da atitude de o jogador desmarcar-se para receber a bola e, portanto, se encaixaria no conceito de sair/entrar no campo visual do adversário e, por outro lado, da atitude de o jogador se movimentar para que outro colega receba a bola, isto é, abrir um espaço (VELASCO TEJADA; LORENTE PEÑAS, 2003). Portanto, nada similar ao conceito de *"[...] toca e fica por trás (…) digamos assim, o passe de segurança, o apoio"*. O conceito mais próximo que encontramos é citado por Hernández Moreno (1999), que se refere a apoiar a um companheiro como um dos comportamentos técnico-táticos do jogador de futsal na função estratégica de jogar sem a bola quando a sua equipe a tem.

Salientamos a pertinência dessas referências do SC, pois se tratam de combinações e trajetórias de deslocamento que facultam aos jogadores movimentarem-se de

modo inteligente pelo espaço de jogo. Como frisa Hernández Moreno (1998), todo o comportamento é portador de um significado. Por exemplo, um jogador que se desloca em diagonal pode receber o passe, mas também pode abrir um espaço para que outro jogador receba a bola. Um jogador que se aproxima pode receber a bola e fazer uma tabela com o portador desta, mas também pode abrir um espaço para que outro jogador ganhe as costas do seu marcador. Um jogador que se projeta pela lateral (na paralela), em direção ao gol, pode receber o passe e finalizar.

Embora afeito a algumas trajetórias de deslocamento contra defesas em particular e independentemente destas, o SC acredita que os jogadores devem correr de forma harmoniosa, com inteligência, escolhendo a melhor trajetória de acordo com a exigência circunstancial – "*E aí, para onde correr? Para onde está mais fácil de dar continuidade à jogada (…) Ele tem que compreender o jogo como se estivesse vendo a movimentação de cima, porque ele vai estar na quadra em qualquer uma das situações"*. Essa crença converge com o levantado por Velasco Tejada e Lorente Peñas (2003), de que a aplicabilidade das manobras básicas é situacional.

Entretanto, sabemos que se movimentarão inteligentemente os que conseguirem se antecipar aos acontecimentos, lendo o futuro (PARLEBAS, 1998). Por isso, a procedência da preocupação do SC, de que "*Na maioria das vezes, você tem atletas que jogam lateralmente. Eles são incapazes de, ao receber a bola, já ter uma leitura do que ele precisa fazer com essa bola. Aí, a partir do momento que a bola chega nele é que ele vai pensar o que fazer. A marcação posta e você não consegue jogar"*. Em outras palavras, a demora em perceber o envolvimento e de decidir frustraria uma comunicação inteligente, pois em futsal o tempo é um condicionante estratégico-tático, isto é, a limitação temporal se impõe para que uma conduta tenha eficácia (HERNÁNDEZ MORENO, 1998). Logo, não se pode gastar (porque não se tem!) muito tempo para perceber, analisar e decidir, pois isso tende a diminuir a probabilidade de se encontrar a solução tática (CASTELO, 1999). E por que não se tem muito tempo? Pela escassez de espaço, que permite pressionar a bola e os adversários (CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998).

5.3 O comportamento tático ofensivo contra marcação avançada

A marcação avançada acontece quando a defesa invade o campo adversário, marcando intensivamente a partir da reposição de bola, com a intenção de induzir erros de passe (FERRETTI, 2000; SANTANA, 2004a).

Por conseguinte, quanto ao espaço de quadra – um dos fatores destacados por Lozano Cid et al (2002) como determinante para o bom funcionamento defensivo –, trata-se de optar em marcar quadra toda ou em ¾, o que configura, segundo a tipologia brasileira, uma linha defensiva 1, no primeiro caso, e uma linha defensiva 2 no segundo (ANDRADE JUNIOR, 2007; FERRETTI, 2000; SAAD; COSTA, 2001; SANTANA, 2004a).

Como agir diante de defesas agressivas como as citadas? Isso é o que procuramos obter do SC. A pertinência dessa questão é elevada, pois se sabe que o ataque contra defesas adiantadas implica na disposição dos jogadores de assumir riscos, um dos fatores da capacidade de jogo (KONZAG; DÖBLER; HERZOG, 2003; SANZ; GUERRERO, 2005), pois qualquer erro permite ao adversário, em função do local, levar perigo contra a meta que se defende.

Isso posto, no que tange à amostra deste estudo, seguem discriminadas na TABELA 4 as IC abstraídas, o número de sujeitos que a produziram e a discriminação destes para a questão mencionada.

TABELA 4
Caracterização das idéias centrais, sujeitos e discriminação destes para a questão: Que tipos de comportamento tático ofensivo você espera dos seus jogadores quando o adversário adota uma postura que invade a sua quadra?

	IC	N	Sujeitos
1	Executar a quebra da marcação	1	S1, S5
2	Passar em profundidade	2	S1, S2
3	Fazer jogadas combinadas	1	S1
4	Fazer a aproximação	3	S2, S3, S4
5	Movimentar sem a bola	2	S2, S5
6	Sair no espaço vazio	1	S2, S3, S4
7	Driblar o adversário	1	S4
8	Adotar um padrão de movimentação	1	S5

Em consonância com o APÊNDICE C2 e as ICs abstraídas na TABELA 4 para as somas dos discursos, apresentamos os DSC construídos para cada IC:

QUADRO 33
Caracterização das idéias centrais e discursos do sujeito coletivo da questão: Que tipos de comportamento tático ofensivo você espera dos seus jogadores quando o adversário adota uma postura de marcação que invade a sua quadra?

Idéia Central 1	Discurso do Sujeito Coletivo 1
Executar a quebra da marcação	Uma vez pressionado, eu pretendo fazer ações que eu chamo de quebra de marcação, para colocar o adversário para trás – é você desequilibrar a primeira linha de pressão. Eu tenho mostrado para eles que a quebra de marcação mais simples que existe, desde o passe que o goleiro faz com a mão até o passe dos jogadores de linha com os pés, é passe para frente, que desequilibra a marcação. Movimentações sem bola, que permitam ao goleiro colocar essa bola em determinados pontos da quadra de jogo, onde você possa dar seqüência de ataque ofensivo.
Idéia Central 2	Discurso do Sujeito Coletivo 2
Passar a bola em profundidade	Eventualmente uso o recurso do goleiro lançando a bola de área a área, mas isso é uma alternativa, visto que esse jogo para mim não tem muita qualidade. Eu tenho a possibilidade de jogar nas bolas de centro. Passo de primeira para entrar o pivô e vir o apoio.
Idéia Central 3	Discurso do Sujeito Coletivo 3
Fazer jogadas combinadas	Eu espero ações pré-concebidas, que a gente batiza com nomes variados.
Idéia Central 4	Discurso do Sujeito Coletivo 4
Fazer a aproximação	Eu posso ter ali uma aproximação. Pegar os dois da última linha e trazer junto para cá. Colocar numa zona que a gente chama de zona de elaboração, oito jogadores, e deixar para trás um espaço que vai ser ocupado. Então eu acho que o ideal é trazê-los. Eles invadem o seu campo, você invade junto; se aproxima.
Idéia Central 5	Discurso do Sujeito Coletivo 5
Movimentar sem a bola	Eu posso trabalhar dois balanços, ameaço ir e volta, ameaço ir e saio.
Idéia Central 6	Discurso do Sujeito Coletivo 6
Sair no espaço vazio	Eu jogo para o espaço. Você aposta corrida na contramão: eles subindo e você subindo e saio no espaço.
Idéia Central 7	Discurso do Sujeito Coletivo 7
Driblar o adversário	Depende do momento. Uma dessas situações é a que eu te falei: interrompe e sai individualmente.
Idéia Central 8	Discurso do Sujeito Coletivo 8
Adotar um padrão de movimentação	Hoje você tem uma marcação que permite que você jogue e a outra que não permite que você joga. Então você se prepara dessas duas maneiras. Para a que permite, com padrões de movimentação, como eu volto a dizer, no padrão diagonal e no padrão lateral.

O nosso SC desenvolve estratégias diferentes contra marcações avançadas:

1ª) Aproveitar o espaço vazio. Trata-se de atrair todos os jogadores de defesa para o campo próprio – "*Colocar numa zona que a gente chama de zona de elaboração, oito jogadores, e deixar para trás um espaço que vai ser ocupado"*. Para tanto, espera que os seus jogadores apostem em fundamentos táticos básicos, como a aproximação ou flutuação (SANTANA, 2004a) – "*Eu posso ter ali uma aproximação. Pegar os dois da última linha e trazer junto para cá"* – e, a partir disso, um comportamento técnico-tático (HERNÁNDEZ MORENO, 1999), como encaixar um drible – "*[...] sai individualmente"* – e algumas manobras

ofensivas, como a vai, vem e vai (VOSER; GIUSTI, 2002), vai e vem (SAAD, 1997) – "[...] *dois balanços, ameaço ir e volta, ameaço ir e saio"* – e a bola nas costas (ANDRADE JUNIOR, 2007) – "*Você aposta corrida na contramão"* –, que exigiriam a projeção no espaço livre – "[...] *um espaço que vai ser ocupado"*. Com a aproximação dos jogadores para o seu próprio campo, há indícios suficientes para supor que a equipe tenha de se posicionar no desenho tático 4.0, com todos os jogadores na armação da jogada, e joguem em função do aproveitamento do espaço defensivo do adversário (SAMPEDRO, 1997), o que limitaria ao máximo a defesa de ajudas e coberturas (VELASCO TEJADA; LORENTE PEÑAS, 2003). Não pode passar despercebido que essa estratégia, ao mesmo tempo em que favorece a criação de espaços livres (LOZANO CID, 1995), exigirá dos jogadores que saibam jogar sob pressão e proximidade defensiva, assumindo riscos (LOZANO CID et al., 2002).

2ª) Empurrar a linha de marcação do adversário para trás, para, a partir disso, jogar com a bola – "[...] *eu pretendo fazer ações que eu chamo de quebra de marcação, para colocar o adversário para trás [...] é você desequilibrar a primeira linha de pressão [...] onde você possa dar seqüência de ataque ofensivo"*. Trata-se de um tempo ou momento de ataque (FERRETTI, 1998), em que se pretende quebrar a marcação, afastando o adversário e permanecendo com a bola (SANTANA, 2004a). Neste caso, o nosso SC não quer jogar para o espaço livre, mas quer iniciar o desenvolvimento do seu ataque contra uma defesa postada na sua meia-quadra ou linha 3 (SAAD; COSTA, 2001). Trata-se de apostar, inicialmente, na fase de abertura, isto é, em movimentos iniciais que possibilitarão a segunda fase, a saber, o desenvolvimento do ataque posicional contra uma defesa recuada a partir de padrões de deslocamento ou rodízios (SILVA; CALADO FILHO, 2005).

3ª) Passar a bola para o fundo da quadra, em profundidade, que é um raciocínio antagônico à 1ª estratégia (de jogar para o espaço vazio), na medida em que um (ou mais jogadores), no caso o pivô (ou pivôs), se posicionará na quadra ofensiva para servir como referência para o passe, vindo de um jogador de linha – "*Eu tenho a possibilidade de jogar nas bolas de centro. Passo de primeira para entrar o pivô e vir o apoio"* – ou do goleiro – "[...] *uso o recurso do goleiro lançando a bola de área a área"*. Essa estratégia exigirá, portanto, que a equipe aposte em desenhos táticos que reclamem o posicionamento de jogadores no campo ofensivo, como o 3.1/1.2.1, 2.1.1 e 2.2, indicados para sair de marcações pressão (LOZANO CID, 1995; SAAD, 1997; VALDERICEDA, 1994).

4ª) Adotar jogadas combinadas – "[...] *ações pré-concebidas, que a gente batiza com nomes variados"*. Neste caso, não há uma intenção de se jogar, especificamente, para o espaço, como na 1ª estratégia, tampouco de se jogar em profundidade, como na 3ª. Por outro lado, a quebra de marcação, a 2ª estratégia, pode, sim, acontecer a partir de jogadas combinadas (SANTANA, 2004a). Para tanto, poder-se-á usar tanto o espaço como a profundidade, mas não os dois simultaneamente. O desenho tático é o que definirá o que a equipe tem como objetivo. Por exemplo, ao se adotar um desenho ofensivo 2.1.1, 1.2.1/3.1 ou 2.2, ou seja, sistemas que tenham jogadores posicionados em profundidade, a perspectiva é de que esse comportamento seja executado. Por outro lado, se a equipe aproximar todos os jogadores para o seu próprio campo, como num sistema 4.0, a jogada sinaliza para o espaço vazio. Diferentemente das manobras para quebrar a marcação, cujo escopo é ficar com a posse de bola, pode-se usar a jogada combinada com a finalidade de envolver os defensores e terminar o ataque, finalizando-se contra o gol adversário (SANTANA, 2004a).

5ª) Adotar um padrão de deslocamento coletivo. Neste caso, a marcação, embora avançada, ela é menos ativa. Daí a possibilidade de se desenvolver um padrão de jogo – "*Para a que permite, com padrões de movimentação, como eu volto a dizer, no padrão diagonal e no padrão lateral"* –, na medida em que este exige, a partir da repetição de movimentos planificados, mediante rotações e trocas de posições entre os jogadores, conduzir a equipe pela quadra na luta por espaços significativos, culminando com finalização ao gol (CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998; SILVA; CALADO FILHO, 2005).

5.4 O comportamento tático ofensivo contra marcação recuada

A marcação recuada acontece quando a defesa aguarda, em seu próprio campo, o adversário. Esse tipo de defesa, na medida em que aproxima os defensores uns dos outros e da sua própria meta, dificulta as bolas de espaço e potencializa o contra-ataque (FERRETTI, 2000; SAAD; COSTA, 2001).

Logo, quanto ao espaço de quadra, trata-se de optar em marcar 2/4 de quadra ou ¼, o que configura, segundo a classificação brasileira, uma linha defensiva 3, no primeiro caso, e uma linha defensiva 4 no segundo (ANDRADE JUNIOR, 2007; SANTANA, 2004a).

Quanto à fase da defesa, trata-se de uma defesa em sistema (LOZANO CID et al., 2002; SILVA; CALADO FILHO, 2005), quando os jogadores, posicionados atrás da linha da bola, podem optar por um tipo de marcação para recuperar a bola (CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998).

Como comportar-se ofensivamente diante de defesas recuadas, principalmente quando se sabe que o espaço de jogo se tornou ainda mais escasso e há o risco iminente de, a cada bola perdida, derivada de um desarme, de uma interceptação de passe ou mesmo de uma antecipação, se sofrer um contra-ataque? Como agir, quando se sabe que o contra-ataque tem se configurado como uma das fases do jogo que mais tem resultado em gols (BELLO JUNIOR, 1998; SANTANA; GARCIA, 2007)?

Isso posto, no que tange à amostra deste estudo, seguem discriminadas na TABELA 5 as IC abstraídas, o número de sujeitos que a produziram e a discriminação destes para a questão mencionada.

TABELA 5
Caracterização das idéias centrais, sujeitos e discriminação destes para a questão: Que tipos de comportamento tático ofensivo você espera dos seus jogadores quando o adversário adota uma postura de marcação recuada?

	IC	N	Sujeitos
1	Rotatividade ofensiva	4	S1, S3, S4, S5
2	Finalização de média distância	3	S1, S2, S3
3	Gerar vantagem psicológica	3	S1, S3, S5
4	Retirar o pivô do centro e atacar pela	1	S2
5	Investir no duelo de 1x1	2	S2, S5
6	Usar manobras básicas	3	S2, S3, S4
7	Usar o pivô especialista	3	S3
8	Usar o goleiro-linha	2	S4, S5
9	Aplicar jogadas combinadas	1	S4
10	Inteligência do jogador	1	S5

Em consonância com o APÊNDICE C3 e as ICs abstraídas na TABELA 5 para as somas dos discursos, apresentamos os DSC construídos para cada IC:

QUADRO 34

Caracterização das idéias centrais e discursos do sujeito coletivo da questão: Que tipos de comportamento tático ofensivo você espera dos seus jogadores quando o adversário adota uma postura de marcação recuada?

Idéia Central 1	Discurso do Sujeito Coletivo 1
Rotatividade ofensiva	Eu parto do princípio que nesse momento o importante é uma movimentação harmoniosa, que eu chamo de padrão: fazer uma seqüência de ataque, que eu chamo a não-precipitação do chute, ficando com a bola, pra investir na movimentação ao mesmo tempo em que se movimenta; passe deslocamento, passe deslocamento. Eu faço deslocamento para frente, mas faço um para trás. Intensificar movimentos para conseguir envolver a marcação: o tempo todo movimentação sem bola, o homem de posse de bola, no máximo, tempo dois; criando opções de movimentações com tempo um de bola, toca e anda, toca e anda até que, num determinado momento, você consiga descentralizar a marcação que estava bem centralizada.
Idéia Central 2	Discurso do Sujeito Coletivo 2
Finalização de média distância	Evoluir sempre para uma finalização de média. Nós precisamos resgatar o que a gente sempre teve de bom: chutar de fora; nós precisamos de chutador de fora.
Idéia Central 3	Discurso do Sujeito Coletivo 3
Gerar vantagem psicológica	Eu acho fundamental minar a atenção do adversário. Eu acho que você tem que seguir aquele seu conceito tático de tentar manipular os espaços e gerar a impaciência, porque a impaciência vai acontecer de um jogador que seja, ou de dois do adversário, que é aquele cara que toma a decisão de apertar. Aí você escuta alguém lá de trás: tira, tira, tira, tira... Por quê? Porque isso é uma coisa do brasileiro. Ele não gosta de ficar sem a bola. Então ele fica muito tempo marcando, cercando, e os caras estão com a bola. Chega uma hora que alguém é indisciplinado na defesa, e você está esperando esse momento, que esse cara vai subir, e você vai ocupar esse espaço. Num determinado momento você consegue tirar o foco da concentração daquela marcação que está te criando problema para você penetrar.
Idéia Central 4	Discurso do Sujeito Coletivo 4
Retirar o pivô do centro e atacar pela ala	A primeira providência que eu tenho, quando os espaços diminuem, é mudar a referência do pivô. O meu pivô ao invés de ficar na figura 3.1, na cabeça da área, eu levo meu pivô para dentro da área e de dentro da área ele sai para um lado, que aí eu aumento o espaço, para quê? Para o jogo de ala. Então, quando essa defesa recua meu jogo deixa de ser de referência no meio. Eu mudo a referência do pivô primeiro.
Idéia Central 5	Discurso do Sujeito Coletivo 5
Investir no duelo de 1x1	A referência passa a ser num lado da ala para eu poder ter uma opção de 1x1 numa ala; um jogo de característica individual, da criatividade de um determinado jogador, que você pré-elaborou para que isso seja ocorrido. Se eu tenho um jogador com uma característica do 1x1, a minha equipe leva a vantagem numérica de dois contra um ou de três contra dois. Você tentar envolver um sistema de marcação muito bem montado para uma característica da criatividade, da habilidade do jogador. Porque o senso de cobertura é tão forte, o espaço para você penetrar é tão pequeno que só a característica individual vai prevalecer. E em muitos casos acontece.
Idéia Central 6	Discurso do Sujeito Coletivo 6
Usar manobras básicas	Ter a opção de dois infiltrando na ala de um, principalmente com pisada (transposição), cruzamentos, engajamentos. São movimentações que as modalidades, principalmente as modalidade de quadra, modalidades de bola; elas têm seus aspectos próprios, mas tem algumas coisas que você pode explorar; algumas coisas em comum. E o engajamento é um deles, quer dizer, muito utilizado no handebol, onde você procura envolver a defesa, digamos assim, entrando entre os adversários, entre a defesa do adversário, exatamente para gerar dúvida na marcação para você conseguir gerar uma vantagem do outro lado da quadra, está certo? Então você pode começar com isso e trabalhar os cruzamentos também, que são muito comuns – eles vão ao encontro dos marcadores e o companheiro passa por trás, um cruzamento simples, uma pisada, uma bola enfiada em jogador saindo nas costas, um vazio, digamos assim. Isso é uma coisa bastante utilizada que também você gera dúvida em dois marcadores.
Idéia Central 7	Discurso do Sujeito Coletivo 7
Usar o pivô especialista	Então, aí entra o resgate do especialista. Você precisa ter um pivô cravado, um pivô de ofício. Precisa do especialista para resolver problemas desse tipo.
Idéia Central 8	Discurso do Sujeito Coletivo 8
Usar o goleiro-linha	Você usa algumas estratégias, alguns aspectos treinados. Uma vantagem numérica utilizando o goleiro. É uma possibilidade.
Idéia Central 9	Discurso do Sujeito Coletivo 9
Aplicar jogadas combinadas	Entra jogadas combinadas próprias ou adversárias, naquela posição defensiva.
Idéia Central 10	Discurso do Sujeito Coletivo 10
Inteligência do jogador	Por isso você não pode ter mais jogador robotizado, você tem que ter jogador inteligente, jogador de qualidade, de habilidade.

O SC entende, à semelhança de Chaves Chaves e Ramírez Amor (1998), que o antídoto para a falta de espaço é a rotatividade dos jogadores, na medida em que isso obrigaria os defensores a reajustarem, continuamente, as marcações e a fechar as linhas de passe, distribuindo sua atenção. Logo, contra defesas recuadas, acertadamente, sugere um ataque dinâmico (VELASCO TEJADA; LORENTE PEÑAS, 2003) – "[...] *nesse momento o importante é [...] passe deslocamento, passe deslocamento [...] Intensificar movimentos para conseguir envolver a marcação: o tempo todo movimentação sem bola [...] toca e anda, toca e anda até que, num determinado momento, você consiga descentralizar a marcação que estava bem centralizada"*.

Nota-se que essa constante criação, ocupação de espaços e circulação da bola exclui jogar de forma precipitada – "[...] *fazer uma seqüência de ataque, que eu chamo a não-precipitação do chute, ficando com a bola, pra investir na movimentação ao mesmo tempo em que se movimenta"* –, caracterizando, por extensão, uma intenção clara de levar vantagem psicológica sobre o adversário (CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998), lhe impondo um padrão de comportamento que gere impaciência, para daí penetrar com qualidade ofensiva – "*Eu acho fundamental minar a atenção do adversário [...] tentar manipular os espaços e gerar a impaciência [...] Chega uma hora que alguém é indisciplinado na defesa, e você está esperando esse momento, que esse cara vai subir, e você vai ocupar esse espaço"*. Isso se constitui num ataque seletivo, isto é, selecionar a entrada do ataque, desenvolvendo-o sem pressa, de modo que os jogadores mantenham a posse da bola (sem marasmo), a fim de encontrar o melhor momento para terminá-lo (SANTANA, 2004a) – "*Num determinado momento você consegue tirar o foco da concentração daquela marcação que está te criando problema para você penetrar"*.

O raciocínio de que a postura defensiva recuada, que certamente diminui ainda mais os espaços significativos para o ataque, tende a dificultar as penetrações e, por conseguinte, as finalizações próximas da meta adversária (SANTANA, 2004a) encontra reciprocidade na visão do nosso SC – *"Evoluir sempre para uma finalização de média. Nós precisamos resgatar o que a gente sempre teve de bom: chutar de fora; nós precisamos de chutador de fora"*. Isso em parte é corroborado por Ferreira (2004), que encontrou entre seleções universitárias, numa competição internacional, que 64% das finalizações aconteceram de distância média, contra 31% de curta distância. Porém, esse resultado parece não se manter entre equipes profissionais (POPIOLSKI; SILVA; REZER, 2005). Estes últimos autores encontraram que 55,8% do total de gols de uma

edição da Liga Nacional ocorreram de curta distância, sinalizando, portanto, para um jogo de infiltração.

A fim de diminuir a probabilidade de sofrer contra-ataques, o SC usa a estratégia de retirar o pivô do centro da quadra, isto é, da referência. Isso, de fato, fará com que a entrada do ataque passe a ser pelas laterais – "[...] *ao invés de ficar na figura 3.1, na cabeça da área, eu levo meu pivô para dentro da área e de dentro da área ele sai para um lado, que aí eu aumento o espaço [...] Para o jogo de ala [...] quando essa defesa recua meu jogo deixa de ser de referência no meio"*. Daí, com a lateral liberada, pelo menos em tese[119], a possibilidade de se investir no duelo de 1x1 – "[...] *um jogo de característica individual, da criatividade de um determinado jogador, que você pré-elaborou para que isso seja ocorrido"*. Há, nesse ponto do seu discurso, uma sensível intenção de que o seu plano produza uma vantagem numérica (CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998) – "*Se eu tenho um jogador com uma característica do 1x1, a minha equipe leva a vantagem numérica de dois contra um ou de três contra dois"*. Igualmente, revela a crença de que a habilidade do jogador, a sua criatividade, a capacidade de fazer algo incomum, fará a diferença, uma característica do pensamento divergente (GRECO; ROTH; SCHÖRER, 2004) – "V*ocê tentar envolver um sistema de marcação muito bem montado para uma característica da criatividade, da habilidade do jogador"*.

Por outro lado, o SC não despreza posicionar um pivô como referência, o que configuraria a entrada do ataque pelo centro da quadra, e não mais pela ala, mas faz a ressalva de que se exigiria para tanto um especialista, algo que a seu ver, representa uma carência no futsal brasileiro – "[...] *aí entra o resgate do especialista. Você precisa ter um pivô cravado, um pivô de ofício. Precisa do especialista para resolver problemas desse tipo"*. Neste sentido, é preciso compreender que o pivô especialista se trata de um jogador mais avançado, que se posiciona de costas para a meta adversária, exímio protetor de bola e responsável direto em servir os colegas para finalizarem ao gol (FONSECA, 1997; SAMPEDRO, 1997). Há indícios de que a falta de jogadores com essas características tenha se solidificado em virtude de se perseguir a formação de jogadores polivalentes, versáteis ou multifuncionais, isto é, jogadores que ocupem, qualitativamente, mais de uma posição e desempenhem as funções exigidas pelas mesmas (MOMBAERTS, 2000; SANTANA, 2004a). Trata-se, portanto, de um fator paradoxal, ou seja, a versatilidade é bem-vinda, pois potencializaria a tática coletiva (RIVEIRO RODRÍGUEZ, 2000),

[119] A relatividade se dá por conta de boa parte das marcações recuadas, atualmente, jogarem com a cobertura adiantada, como no sistema defensivo denominado quadrante. (PRINCÍPIOS BÁSICOS, 2006).

mas tem descaracterizado a especialidade. Por conseguinte, se trata de um desafio para os treinadores de jovens. É preciso promover um jogador polifacético (versátil) e especialista, ou seja, que atue com maestria em mais de uma posição.

Outra estratégia de ataque seria um conjunto de procedimentos coletivos, ou seja, movimentações entre dois jogadores (ANDRADE JUNIOR, 2007; FONSECA, 1997). Estas se encaixam quando da criação e ocupação de espaços constantes requeridas no ataque rotacional, como por exemplo, a pisada – "[...] *eles vão ao encontro dos marcadores e o companheiro passa por trás, um cruzamento simples, uma pisada"* –, a bola nas costas – "[...] *uma bola enfiada em jogador saindo nas costas, um vazio"* –, a sobreposição – "*Ter a opção de dois infiltrando na ala de um"*. Velasco Tejada e Lorente Peñas (2003) esclarecem que movimentações como a sobreposição, a pisada, isto é, que exigem que um jogador dobre a posição do portador da bola são indicadas contra marcações muito recuadas que não pressionam a bola. Por outro lado, não pode passar despercebido que o SC se refere ao engajamento – "[...] *muito utilizado no handebol, onde você procura envolver a defesa, digamos assim, entrando entre os adversários, entre a defesa do adversário, exatamente para gerar dúvida na marcação para você conseguir gerar uma vantagem do outro lado da quadra"*. Essa manobra não é citada pela literatura nacional e internacional de futsal, mas se trata de um princípio ofensivo do handebol, no qual "O atacante deve progredir em direção à defesa, procurando o espaço livre, entre dois adversários, ameaçando o gol através da tentativa de arremesso (ZAMBERLAN, 1999, p.169)", ou seja, "[...] infiltrar entre os marcadores e passar" (GRECO; RIBAS, 2007, p.239).

O SC não descarta as chamadas jogadas combinadas ou estratégias (LOZANO CID, 1995; VALDERICEDA, 1994), que podem ser aplicadas tanto com a bola em movimento como parada – resguardados os fatos de que mais do que dois jogadores estarão envolvidos e de que todos sabem, previamente, o que se deve executar – "*Entra jogadas combinadas próprias ou adversárias, naquela posição defensiva"*. Para Ferretti (1998), esse plano se constitui num tempo de ataque indicado contra marcações recuadas, quando a equipe tem maior probabilidade de conservar a bola. Portanto, se materializaria na fase de desenvolvimento do ataque, sua etapa mais demorada (SILVA; CALADO FILHO, 2005). Balzano (2000) citado por Voser (2001) encontrou que 23,61% dos gols da 4ª edição da Nacional de Futsal resultaram de jogadas combinadas.

O nosso SC, fiel a um tipo de ataque do futsal atual (SILVA; CALADO FILHO, 2005), compreende que os desenhos táticos em superioridade numérica contribuem para a eficiência do ataque sob marcações recuadas – "*Uma vantagem numérica utilizando o goleiro. É uma possibilidade"*. Trata-se, neste caso, de acrescentar um jogador a mais na linha, que pode ser o goleiro ou outro jogador, a fim de se jogar 5x4. Balzano (2000) citado por Voser (2001) ratifica que essa situação tem sido efetiva entre as equipes desde 1997, quando se permitiu o goleiro sair da sua área de meta e jogar com os pés. Por exemplo, seu estudo mostrou que 14,07% dos gols da 4ª edição da Nacional de Futsal resultaram de jogadas com a participação do goleiro-linha. Santana (2008) acrescenta que, além das vantagens de se jogar em superioridade numérica (VOSER, 2001) e de propiciar a posse de bola, o que tenderia a desgastar a marcação adversária (TENROLLER, 2004), se encontraria uma vantagem posicional, pois sempre haveria, teoricamente, uma linha de passe aberta.

Não obstante os seus planos para o jogo, o SC expressa a sua crença de que necessita de jogadores inteligentes – "[...] *você tem que ter jogador inteligente, jogador de qualidade, de habilidade"*. Implícito neste discurso, que inclusive não expressa um tipo de comportamento tático, mas subsidia a todos, se encontra a idéia de que embora submetidos a planos, pois não há criatividade no vazio, os jogadores precisam de autonomia estratégico-tática (GARGANTA, 2004; GARGANTA; OLIVEIRA, 1996). Ora, não fosse assim, o SC diria que precisa de jogadores que cumpram seus "mandamentos", que executem coreografias. Ao contrário disso, ele conta com a singularidade dos jogadores quando da atuação tática – "*Por isso você não pode ter mais jogador robotizado"* –, relevando que estratégia e tática afetam-se continuamente (RIERA RIERA, 1995) e que a atuação do jogador, em virtude da complexidade da ação, passada num tempo e espaço reais, extrapola, frequentemente, programações seqüenciais absolutas (PARLEBAS, 1998).

5.5 O contra-ataque deve ser induzido

O contra-ataque se encaixa no chamado jogo de transição ofensiva (BOTA; COLIBABA, 2001). Na tipologia ofensiva, se trata de um ataque não-sistemático (SILVA; CALADO FILHO, 2005), isto é, executado contra defesas desequilibradas, na qual o ataque levaria uma vantagem numérica (por exemplo, 2x1, 3x2) ou posicional (por exemplo, 2x2, mas

com uma vantagem territorial ofensiva) (VELASCO TEJADA; LORENTE PEÑAS, 2003). Independentemente do tipo de vantagem, essa situação exige que se imprima um sentido vertical à bola, logo, o tempo é um imperativo, pois caso contrário ocorrerá um equilíbrio defensivo (numérico ou posicional). Por isso, Lozano Cid (1995) sustenta que se trata de um ataque rápido.

O contra-ataque deve ou não ser induzido? Por quê? O que pensa o nosso SC acerca disso é o que está em "jogo" na primeira das três questões sobre o jogo de contra-ataque – nas outras duas, explanadas na seqüência, dirigimos nossa atenção às possíveis estratégias defensivas para a obtenção desse propósito e a como proceder quando aquele é alcançado.

TABELA 6
Caracterização das idéias centrais, sujeitos e discriminação destes para a questão: Você se posiciona favorável à indução do contra-ataque? Por quê?

	IC	N	Sujeitos
1	Sim, porque me dá superioridade numérica.	1	S1
2	Sim, porque me dá vantagem territorial.	1	S2
3	Sim, porque me permite recuperar a bola.	1	S3
4	Sim, porque o contra-ataque decide jogos.	2	S4, S5

Em consonância com o APÊNDICE C4 e as ICs abstraídas na TABELA 6 para as somas dos discursos, apresentamos os DSC construídos para cada IC.

QUADRO 35
Caracterização das idéias centrais e discursos do sujeito coletivo da questão: Você se posiciona favorável à indução do contra-ataque? Por quê?

Idéia Central 1	Discurso do Sujeito Coletivo 1
Sim, porque me dá superioridade numérica.	Treino, treino sim. Eu acho que o contra-ataque pressupõe vantagem numérica. Então você tem que aproveitar ele bem.
Idéia Central 2	Discurso do Sujeito Coletivo 2
Sim, porque me dá vantagem territorial.	Sim, sem dúvida. Para direcionar a linha de ataque para os pontos frágeis da quadra.
Idéia Central 3	Discurso do Sujeito Coletivo 3
Sim, porque me permite recuperar a bola.	Eu acho que no contra-ataque você primeiro precisa treinar recuperar a bola. A recuperação de bola é pensada, mas ela é assim... Eu prefiro acreditar na antecipação, eu acho que o melhor contra-ataque é a antecipação do passe. Acho que essa indução para você receber o ataque onde você quer é um grande passo para recuperar a bola e ter o contra-ataque.
Idéia Central 4	Discurso do Sujeito Coletivo 4
Sim, porque o contra-ataque decide jogos.	Ah sim. O contra-ataque é uma arma nos esportes. Em geral no futsal ele é quase sempre utilizado todo jogo. Sem dúvida nenhuma ele decide muitos campeonatos. Então nós treinamos bastante, sim. Você induz o contra-ataque. O teu contra-ataque é mortal. Isso acontece muito.

O SC se posiciona favorável à indução do contra-ataque – *"Treino, treino sim [...] Sem dúvida"*. Entende, portanto, que não se deve esperar que aquele aconteça – "*Acho que essa indução para você receber o ataque onde você quer é um grande passo para recuperar a bola e ter o contra-ataque"* –, ratificando que a sua defesa "atacará" o adversário (SANTANA, 2004a), lhe impondo constrangimentos territoriais (CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998) – "[...] *direcionar a linha de ataque para os pontos frágeis da quadra"*.

Ao justificar seu posicionamento, o SC, por um lado, revela um comprometimento com estudos que apontam ser o contra-ataque uma situação muito incidente em jogos de futsal de alto rendimento (FERREIRA, 2004; SANTANA; GARCIA, 2007) – "*O contra-ataque é uma arma nos esportes. Em geral no futsal ele é quase sempre utilizado todo jogo"*. Por outro lado, se coaduna com estudos que mostram ser uma situação de elevada efetividade, isto é, que resulta em gols (BELLO JUNIOR, 1998; BALZANO, 2000 citado por VOSER, 2001; SILVA et al., 2004; SANTANA; GARCIA, 2007) – "*Sem dúvida nenhuma ele decide muitos campeonatos [...] O teu contra-ataque é mortal"*.

Não pode passar despercebido que em certo momento da sua fala, o SC refere que o contra-ataque exige superioridade numérica – "*Eu acho que o contra-ataque pressupõe vantagem numérica"*. Essa posição é sustentada, igualmente, por alguns autores (LOZANO CID et al., 2002; SILVA; CALADO FILHO, 2005; SAMPEDRO, 1997), porém refutada por outros (ANDRADE JUNIOR, 2007; CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998; SANTANA, 2004a; VELASCO TEJADA; LORENTE PEÑAS, 2003), para quem a centralidade do contra-ataque seria a velocidade (transição rápida, brusca, vertical) com que é realizado e a vantagem posicional alcançada e não a superioridade numérica, com o que concordamos.

5.6 Estratégia defensiva para induzir o contra-ataque

Evidenciado o fato de que o SC entende que o contra-ataque deve ser induzido, resta saber quais estratégias, ao seu juízo, favoreceriam alcançá-lo. É o que se expressa na TABELA 7.

TABELA 7
Caracterização das idéias centrais, sujeitos e discriminação destes para a questão: O que você ensina para que os seus jogadores induzam o contra-ataque?

	IC	N	Sujeitos
1	A pressionar o homem que tem a bola	1	S1
2	A induzir o adversário para o espaço de que nos interessa	2	S2, S3
3	A conservar o equilíbrio defensivo	1	S4
4	A pressionar o jogador menos habilidoso de posse da bola	1	S5
5	A marcar de forma eficiente menos espaço de quadra	1	S5

Em consonância com o APÊNDICE C5 e as ICs abstraídas na TABELA 7 para as somas dos discursos, apresentamos os DSC construídos para cada IC:

QUADRO 36
Caracterização das idéias centrais e discursos do sujeito coletivo da questão: O que você ensina para que os seus jogadores induzam o contra-ataque?

Idéia Central 1	Discurso do Sujeito Coletivo 1
A pressionar o homem que tem a bola	Acho que defesa boa é aquela que tem um sentido de desarme muito apurado, seja qual for seu desenho tático, ele vai funcionar muito melhor defensivamente se a tua equipe for muito agressiva no homem da bola. Evidentemente que essa agressividade é a boa, não é a agressividade que faz falta.
Idéia Central 2	Discurso do Sujeito Coletivo 2
A induzir o adversário para o espaço que nos interessa	Você tem uma postura de defesa em que você, teoricamente, em algum ponto da quadra que tem a posse, você facilita um pouco mais para a bola entrar. Então você, teoricamente, além do comportamento defensivo você tem aquele comportamento indutivo. Você, pelo teu posicionamento, você acaba o quê? Induzindo o adversário a jogar no espaço que você pretende. Quer dizer, você libera aquele espaço. Teoricamente, ele se apresenta como fácil, mas na realidade ele é de um local onde você vai ter a maior concentração da tua defesa. É aquilo que eu disse para ti, quando a gente leva ele para onde a gente quer, quando eu estou na defesa e eu levo ele para onde eu quero, na perna ruim, eu tenho muito mais chance de recuperar a bola ali do que se ele estiver no lado bom e na perna boa. Quando a gente leva para o quadro e a gente aperta ele com dois aqui, a tendência é ele tentar te driblar, aí você tem dois e ele está com o corpo fora da quadra se você recuperar essa bola você pega ele passando e você tem dois aqui. Aí você vai ligar esse ataque e vai embora, entendeu?
Idéia Central 3	Discurso do Sujeito Coletivo 3
A conservar o equilíbrio defensivo	O equilíbrio defensivo é o primeiro ponto para que você consiga isso. Então você vai optar por essa situação e aí o adversário vai ter um desgaste maior, porque pode estar correndo atrás do resultado e pode gerar um erro. Com a sua marcação bem equilibrada, pode te possibilitar o contra-ataque.
Idéia Central 4	Discurso do Sujeito Coletivo 4
A pressionar o jogador menos habilidoso de posse da bola	Dentro do próprio treinamento de marcação ofensiva e marcação defensiva você cria as opções. Por exemplo: fulano é habilidoso, não adianta eu tentar espetar a marcação dele porque ele vai sair no drible, mas cicrano, de repente, não tem muita habilidade. Ali eu posso apertar e induzir ele ao passe porque ele é mal passador.
Idéia Central 5	Discurso do Sujeito Coletivo 5
A marcar de forma eficiente menos espaço de quadra	Eu desenvolvo um trabalho de uma marcação forte, criando menos espaço para o adversário poder jogar, para que eu possa ter espaço no meu contra-ataque. Porque o contra-ataque, ele precisa do espaço. Então, se eu estou sendo agredido eu estou criando um espaço de contra-ataque. Então eu tenho que ser eficiente na minha marcação atrás para gerar esse contra-ataque, que hoje tem sido o foco de muitas equipes de ponta.

O SC entende que uma das estratégias para se contra-atacar, que chamaríamos de elementar, é apostar numa linha de marcação recuada, como por exemplo, a 3 (2/4 de quadra)

ou a 4 (1/4 de quadra) – "*Eu desenvolvo um trabalho de uma marcação forte, criando menos espaço para o adversário poder jogar, para que eu possa ter espaço no meu contra-ataque. Porque o contra-ataque, ele precisa do espaço"*. O raciocínio é adequado porque ao se marcar menos espaço de quadra, se aumenta o espaço significativo para o ataque rápido (SAMPEDRO, 1997; SANTANA, 2004a). Acrescente-se a isso o fato de que essas linhas defensivas, ao atrair o adversário para o campo defensivo e, consequentemente, aumentarem o espaço para se contra-atacar quando da recuperação da bola (em virtude de uma interceptação ou desarme), aproxima os jogadores uns dos outros (FERRETTI, 2000; SAAD; COSTA, 2001), facilitando as coberturas e fechamento de linhas de passe.

Se, por um lado, essa estratégia é necessária para se provocar contra-ataques, não é suficiente. Ora, atrair o adversário para o seu campo, aproximando-o da sua meta, sem planos que frustrem suas iniciativas, torna-se muito arriscado, embora saibamos que toda defesa contempla riscos independentemente do espaço de quadra a ser marcado (LOZANO CID et al., 2002).

Isso posto, podemos aferir que o SC, além da área a ser defendida, se preocupa com a intensidade defensiva, um fator *sine qua non* para dar consistência ao sistema e provocar erros ofensivos (LOZANO CID et al, 2002).

Para tanto, o SC ensina para seus jogadores:

1ª) A pressionarem o homem que tem a bola – "*Acho que defesa boa é aquela que tem um sentido de desarme muito apurado [...] ele vai funcionar muito melhor defensivamente se a tua equipe for muito agressiva no homem da bola"* –, ratificando a premissa de que a defesa deve ser ativa e jamais sofrer passivamente as ações do adversário (BAYER, 1994).

2ª) A pressionarem, preferencialmente, o jogador menos habilidoso – "[...] *fulano é habilidoso, não adianta eu tentar espetar a marcação dele porque ele vai sair no drible, mas cicrano, de repente, não tem muita habilidade. Ali eu posso apertar e induzir ele ao passe porque ele é mal passador"*. Lozano Cid et al (2002) recomendam, entre as premissas que orientariam o sentido da pressão, a de ter cuidado com equipes que têm jogadores de elevado nível técnico. Precaução similar é encontrada em Santana (2004a), para quem, quando da pressão para se induzir o contra-ataque, o jogador não deve ser driblado.

3ª) A induzirem o adversário para certo espaço de quadra, no caso, para o que mais interessa – "[...] *você facilita um pouco mais para a bola entrar [...] você tem aquele comportamento indutivo [...] você acaba [...] Induzindo o adversário a jogar no espaço que você pretende"*. Configurar-se-ia um constrangimento territorial para se obter uma vantagem posicional, ou seja, obrigar o adversário a fazer o que não pretende. Isso tende a facilitar a recuperação da bola e a interceptação de passes. Percebe-se, por extensão, que a defesa do nosso SC se encaixa nas chamadas mais ativas, isto é, aquelas que adotam uma postura mais arriscada, pressionando o adversário em determinadas zonas, provocando superioridade defensiva em dados setores, de modo a induzi-lo ao erro (CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998) – "[...] *aquele espaço [...] ele se apresenta como fácil, mas na realidade ele é de um local onde você vai ter a maior concentração da tua defesa"*. Para realizar essa estratégia, segundo o que é possível inferir da fala do SC, seus jogadores terão que empenhar procedimentos defensivos (ANDRADE JUNIOR, 2007), como a indução da trajetória de ação do atacante – "[...] *quando eu estou na defesa e eu levo ele para onde eu quero, na perna ruim, eu tenho muito mais chance de recuperar a bola ali do que se ele estiver no lado bom e na perna boa"* – e a dobra – "[...] *a gente aperta ele com dois aqui, a tendência é ele tentar te driblar, aí você tem dois e ele está com o corpo fora da quadra"*.

Pode parecer, à primeira vista, que os possíveis riscos de uma defesa ativa excluem o equilíbrio defensivo, isto é, a organização. No entanto, o SC trata de advertir o contrário – "*O equilíbrio defensivo é o primeiro ponto [...] o adversário vai ter um desgaste maior, porque pode estar correndo atrás do resultado e pode gerar um erro [...] a sua marcação bem equilibrada pode te possibilitar o contra-ataque"* – atendendo o raciocínio correto de que a pressão está ligada sempre à organização (LOZANO CID et al, 2002).

5.7 Estratégia para contra-atacar com eficácia

Compreendidas as estratégias para se induzir o contra-ataque, nos interessou descortinar o que o SC considera relevante fazer para que essa ação ofensiva logre êxito. Em outras palavras, haveria princípios que os jogadores deveriam considerar quando do contra-ataque que potencializariam sua conversão em gol?

TABELA 8
Caracterização das idéias centrais, sujeitos e discriminação destes para a questão "Uma vez em contra-ataque, o que você ensina para que os seus jogadores tenham êxito?".

	IC	N	Sujeitos
1	A conduzir sobre a marcação sem precipitar a decisão	2	S1, S5
2	Quem não tem bola corre em profundidade	1	S2
3	A imprimir velocidade na ação	3	S2, S3, S4
4	A ter quem conduz a bola e outros de opção de passe	1	S3
5	A ler o jogo e decidir	1	S4
6	Quem não tem bola deve entrar em linha de passe	1	S5

Em consonância com o APÊNDICE C6 e as ICs abstraídas na TABELA 8 para as somas dos discursos, apresentamos os DSC construídos para cada IC:

QUADRO 37
Caracterização das idéias centrais e discursos do sujeito coletivo da questão: Uma vez em contra-ataque, o que você ensina para que os seus jogadores tenham êxito?

Idéia Central 1	Discurso do Sujeito Coletivo 1
A conduzir sobre a marcação sem precipitar a decisão	A primeira delas é você não definir rapidamente o passe. Quanto mais você anda pra frente, evidentemente você tem um limite, quanto mais você anda pra frente, melhor seu contra-ataque, melhor seu contra-ataque. Então eu digo para o meu atleta que quanto mais ele levar a bola, mais perigoso o contra-ataque é. De posse da bola, a leitura, a tranqüilidade de posicionar essa bola para o meu companheiro; ter essa tranqüilidade para te achar ali e ir para o passe. Isso é fundamental na organização do contra-ataque.
Idéia Central 2	Discurso do Sujeito Coletivo 2
Quem não tem bola corre em profundidade	Quem não tem bola, profundidade. A opção do passe não pode torcer pelo passe. Tem que dar profundidade para equilibrar na recepção.
Idéia Central 3	Discurso do Sujeito Coletivo 3
A imprimir velocidade na ação	Quem tem bola, no máximo dois toques. O contra-ataque não é com posse, o contra-ataque é com passe. Ter um contra-ataque acelerado, evitar a posse excessiva de quem retém a bola. Usar a velocidade por dentro, dar troca de passe de primeira. Então, acho que uma coisa muito importante é treinar contra-ataque com um toque, um toque. Não exclui a condução quando necessário no contra-ataque, pois a condução excessiva de bola vai ocasionar um retorno da defesa, está certo?
Idéia Central 4	Discurso do Sujeito Coletivo 4
A ter quem conduz a bola e outros de opção de passe	Nós estamos acostumados a ter um homem condutor, o da bola, e ter os que estão passando. Então assim: nós estamos acostumados a o cara fazer o passe já para finalizar ou para ter só mais um passe; usamos a velocidade "aberta".
Idéia Central 5	Discurso do Sujeito Coletivo 5
Que o jogador deve ler o jogo e decidir	Leitura, leitura. Eu sou contra, totalmente contra ao robô, a mecanizar puramente o atleta. Eu sou totalmente contra você estar querendo fazer com que o seu atleta jogue vídeo game, que você seja aquele cara que está atrás do joy stick ali, do manete, movimentando o jogador, certo? Então ele vai sair com contra-ataque, está 2x1, tem que ver o que esse "1" vai fazer para ele agir, para ele reagir, está certo? Não quer dizer que 2x1, obrigatoriamente, tenha que sair o passe. Depende. E se o cara está interceptando o passe? Se o teu companheiro não entrou na linha de passe para você, certo? O atleta tem que ler, tem que perceber. E não só o atleta. Os atletas, muitas vezes, que estão participando desse contra-ataque.
Idéia Central 6	Discurso do Sujeito Coletivo 6
Quem não tem bola deve entrar em linha de passe	O meu companheiro me oferecer condições de eu passar essa bola. O posicionamento da recepção é fundamental.

O SC parte de uma premissa: quando do contra-ataque, teremos de ter alguém que conduza a bola e outros que o acompanhem – "*Nós estamos acostumados a ter um homem condutor, o da bola, e ter os que estão passando"*. Igualmente, indica que o passe do condutor, habitualmente, deixa quem o assiste em situação de definição do ataque – "[...] *nós estamos acostumados a o cara fazer o passe já para finalizar ou para ter só mais um passe"*. Logo, se deve evitar passar para o lado ou para trás (GAMBIER, 2000).

É notória a preocupação do SC em orientar seus jogadores. Ele ensina que quem tem a posse de bola deve conduzir sobre a marcação, sem precipitar a decisão – "*A primeira delas é você não definir rapidamente o passe. Quanto mais você anda pra frente [...] melhor seu contra-ataque [...] quanto mais ele levar a bola, mais perigoso o contra-ataque é";* ensina que o condutor deve imprimir velocidade à ação – "*Ter um contra-ataque acelerado, evitar a posse excessiva de quem retém a bola";* ensina que sem a bola os jogadores devem correr em profundidade – "*Quem não tem bola, profundidade";* ensina que quem acompanha deve entrar em linha de passe com o condutor – "*O meu companheiro me oferecer condições de eu passar essa bola"*. Constituem parte dos princípios referenciados pela literatura (GAMBIER, 2000; NIÑO GUTIÉRREZ, 1991; SAMPEDRO, 1997; SANTANA, 2004a).

Não obstante, à primeira vista, as orientações para quem tem a posse da bola (o condutor) podem parecer antagônicas. Porém, convém sermos cautelosos, pois o discurso emite significados engenhosos. Vejamos. Embora o SC expresse que se deva conduzir a bola, refuta que isso extrapole ao ponto de frustrar o contra-ataque – "[...] *evidentemente você tem um limite"*. Ainda que fale para o passe ser rápido, não exclui a condução – "*Não exclui a condução quando necessário no contra-ataque"*. O que isso significa? Minimamente, que as tomadas de decisão sobre conduzir e passar, as habilidades técnico-táticas mais exigidas da linha nessa fase do jogo (SAMPEDRO, 1997), se constituem nos desafios a serem vencidos pelos jogadores para que a equipe tenha êxito: conduzir ou passar? Em conduzindo, até onde? Quando passar? Quando conduzir é mais indicado do que passar e vice-versa?

Se, por um lado, o SC parece incerto em definir qual o padrão de comportamento a ser seguido pelo condutor de bola quando do contra-ataque, por outro lado está convicto de que essa decisão não lhe pertence – "*Eu sou totalmente contra você estar querendo fazer com que o seu atleta jogue vídeo game [...] ele vai sair com contra-ataque, está 2x1, tem que ver o que esse "1" vai fazer para ele agir, para ele reagir, está certo? Não quer dizer que*

2x1, obrigatoriamente, tenha que sair o passe. Depende. E se o cara está interceptando o passe? Se o teu companheiro não entrou na linha de passe para você, certo? O atleta tem que ler, tem que perceber". Aí está: embora orientado pelo treinador, é o jogador quem decide se vai conduzir ou passar a bola, pois é ele quem convive com os parâmetros de decisão tática sobre o que fazer (objetivo), quando fazer (momento), onde fazer (espaço) e como fazer (forma) (PAULA; GRECO; SOUZA, 2000). Daí, inclusive, resultará sua maestria estratégico-tática. Por isso, o apelo à leitura de jogo – "*De posse da bola, a leitura, a tranqüilidade de posicionar essa bola para o meu companheiro; ter essa tranqüilidade para te achar ali e ir para o passe. Isso é fundamental na organização do contra-ataque".*

5.8 A eficácia do sistema defensivo

Uma das características do futsal é a de que os defensores, em função da escassez de espaço, podem pressionar a bola e os atacantes independentemente da área de quadra que elegem para marcar (CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998). Logo, por mais que os atacantes executem estratégias, como por exemplo, a de "alongar a quadra", distanciando-se uns dos outros com o objetivo de afastar as linhas de defesa e dificultar as coberturas, ou "encurtar a quadra", aproximando-se uns dos outros, a fim de criar espaços livres nas costas dos marcadores e, novamente, dificultar a ajuda, a quadra, se bem ocupada defensivamente, "coopera" com os defensores. Estes poderão ajudar-se mutuamente mediante procedimentos táticos, como o retorno defensivo, a temporização, as coberturas, as permutas etc. Por isso, se diz, hoje, no meio futsalonista, que "a defesa têm prevalecido sobre o ataque".

O fato é que em futsal se criará, inevitavelmente, um centro de jogo, isto é, os jogadores ocuparão o espaço de modo que, a todo instante, qualquer um possa intervir sobre o destino da bola (ARDÁ SUÁREZ; CASAL SANJURO, 2003). Esse fato implica em assumir que, em futsal, independentemente da posição do jogador, todos são, todo o tempo, defensores. Isso exigirá que os jogadores "insistam" em se posicionar, sempre que possível[120], atrás da linha da bola (FONSECA; SILVA, 2002).

[120] Duas considerações são relevantes: (1ª) quanto mais a bola se aproxima da meta que se defende, menos é possível que todos os defensores respeitem a linha da bola; (2ª) marcações de interposição, por exemplo, quando se marca por zona, exigem que algum jogador se posicione a frente da linha da bola.

Um outro constrangimento defensivo derivado da escassez de espaço e, por conseguinte, da pressão que se pode exercer no adversário, é o tempo limitado que este terá para decidir (HERNÁNDEZ MORENO, 1998). Portanto, o encadeamento pouco espaço → pressão na bola → pouco tempo para decidir, tende a facilitar o jogo de defesa, que consiste, basicamente, no objetivo de restringir e vigiar os espaços vitais do jogo (CASTELO, 1999).

Isso posto, iniciamos a apresentação e discussão de uma série de quatro questões relativas ao jogo de defesa. Interessou-nos explorar a visão do SC acerca do comportamento defensivo mais indicado:

- (1) no geral;
- (2) quando do contra-ataque;
- (3) quando decide marcar no campo próprio (de forma recuada);
- (4) quando elege marcar na quadra do adversário (de forma avançada).

A TABELA 9 contempla as IC abstraídas, o número de sujeitos e a discriminação destes para a questão mencionada.

TABELA 9
Caracterização das idéias centrais, sujeitos e discriminação destes para a questão: Que tipos de comportamento tático defensivo os seus jogadores devem saber empregar para que a defesa como um todo seja eficaz?

	IC	N	Sujeitos
1	Pressão no homem da bola para desarmar	5	S1, S2, S3, S4, S5
2	Acompanhar e/ou realizar troca de marcação	2	S2, S4
3	Manter a bola no campo visual	1	S1
4	Marcar em equilíbrio corporal	3	S1, S2, S4
5	Pressão no homem da bola para desequilibrar o passe	1	S4
6	Induzir o sentido do ataque	2	S2, S4
7	Aplicar a dobra e a ajuda	2	S2, S4
8	Senso de cobertura	4	S2, S3, S4, S5
9	Retorno defensivo	2	S3, S4
10	Executar permutas	1	S4
11	Alguém que faça a leitura do ataque e oriente os outros	1	S5

Em consonância com o APÊNDICE C7 e as ICs abstraídas na TABELA 9 para as somas dos discursos, apresentamos os DSC construídos para cada IC:

QUADRO 38

Caracterização das idéias centrais e discursos do sujeito coletivo da questão: Que tipos de comportamento tático defensivo os jogadores devem saber empregar para que a defesa como um todo seja eficaz?

Idéia Central 1	Discurso do Sujeito Coletivo 1
Pressão no homem da bola para desarmar	Primeiro conceito, talvez o mais importante, a determinação para desarmar. Eu acho que não existe defesa boa se a tua equipe não é suficientemente agressiva no homem da bola. Acho muito determinante apostar na abordagem, pois a defesa, hoje, em se tratando de Brasil, ela tem o problema do 1x1. Os jogadores que se apresentam são muitos ruins na marcação ativa, o desarme, a agressividade na marcação individual. Eu tenho que ser agressivo, porque senão eu entro e meu adversário entra numa zona de chute.
Idéia Central 2	Discurso do Sujeito Coletivo 2
Acompanhar e/ou realizar troca de marcação	Eu ensino meu jogador a acompanhar de forma relativa o adversário, às vezes uma boa troca de marcação, um bom comando que vem de trás. Saber a função de acompanhar ou de fazer uma troca, porque as coisas se misturam, as funções se misturam, mas tem de saber quando fazer uma troca.
Idéia Central 3	Discurso do Sujeito Coletivo 3
Manter a bola no campo visual	Não perder o contato visual com a bola em detrimento de você deixar o seu oponente alguns momentos com a forte impressão de que ele está livre é importantíssimo.
Idéia Central 4	Discurso do Sujeito Coletivo 4
Marcar em equilíbrio	Sobretudo, retomar o equilíbrio enquanto você corre atrás dele, porque o acompanhamento pressupõe um deslocamento atrás do adversário para voltar a desarmar. Eu entendo que a defesa, o princípio básico da defesa está diretamente ligado à técnica de marcar. Então, conceitualmente, a gente não tem o hábito de ensinar o nosso atleta a marcar na ótica do individual, estando atento lá aos requisitos básicos de aproximação buscando o equilíbrio, diminuindo o centro de gravidade para poder ter as transferências de apoio bem fundamentadas para não facilitar esse desequilíbrio. Quem marca a bola não define a marcação, não define no individual, então ela tem que ser uma marcação oportunista. Depois do equilíbrio, você vai ver aonde você está para você começar marcar, para você marcar, aí sim, coletivamente.
Idéia Central 5	Discurso do Sujeito Coletivo 5
Pressão no homem da bola para desequilibrar o passe	Uma vez equilibrado, tomar a iniciativa da abordagem. E essa iniciativa da abordagem ela não tem objetivo de brigar pela bola, porque quando você tem a abordagem brigando pela bola pode desequilibrar dos dois lados. O objetivo da minha primeira atuação de defesa não é roubar a bola, é desequilibrar o passe, para que esse passe saia picotado ou sem qualidade.
Idéia Central 6	Discurso do Sujeito Coletivo 6
Indução do sentido do ataque	Eu induzo o passe para um determinado ponto da quadra; eu abordo num ponto frágil da defesa, quando há desequilíbrio do passe, não é verdade? A figura do fixo dando espaço para tentar a antecipação, isso é uma manobra de defesa na medida em que eu induzo o quê? A bola entrar na referência quando eu abro um pouco mais o meu espaço de marcação ofensiva. São manobras que direcionam o ataque a jogar no espaço que você quer; principalmente a indução para onde você quer para você ter possibilidade de fazer uma dobra; a marcação tem que induzir.
Idéia Central 7	Discurso do Sujeito Coletivo 7
Aplicar a dobra e a ajuda	A dobra é uma manobra. O marcador da primeira linha de armação vem tirando a linha do passe de devolução, quem estava marcando no fundo dividindo na inferioridade numérica aproxima, eu crio a dobra ou, no caso de quando entra no pivô, um caixote, que nós chamamos no futsal, ou então, quando você escolhe fazer em algum outro lugar, a dobra.
Idéia Central 8	Discurso do Sujeito Coletivo 8
Senso de cobertura	A cobertura. Hoje, o cara precisa, na minha opinião, ter uma noção de cobertura muito grande, porque a gente acabou criando, certo ou não, um momento da defesa onde a cobertura ela adianta um tempo. Então, quando você fala em quadrante, é cobertura adiantada. Então, o cara precisa ter essa noção, precisa ter esse tempo de não fazer a cobertura depois do jogador batido. O jogador nem foi batido ainda, ele adianta um tempo da cobertura, mas isso é um tempo, é um feeling. O cara precisa ter isso, hoje, por quê? Porque ele tem que acreditar que o amigo não vai ser driblado, mas se for driblado ele está adiantado, sabe ou não? Então, ele não está deixando de confiar, mas ele está auxiliando por trás. A cobertura é fundamental. Eu chamo de marcação homem-bola, você nunca está marcando só um jogador, você marca e ocupa um espaço em quadra já também lendo o ataque do adversário e antevendo a possibilidade do ataque, para você estar atuando como cobertura, certo? O senso de cobertura é fundamental na defesa.
Idéia Central 9	Discurso do Sujeito Coletivo 9
Retorno defensivo	Tem o problema da recomposição: o retorno é ruim. Então, você gasta muito tempo para reequilibrar a sua defesa quando você não consegue terminar bem um ataque. Você vai retardar o ataque do adversário; você vai ter que fazer esse retorno de marcação, vai ter que ir para o equilíbrio da defesa.
Idéia Central 10	Discurso do Sujeito Coletivo 10
Executar a permuta	A recuperação individual. Você foi driblado, você tem que ter a sua recuperação, você tem que ter! Você não vai desistir do lance nunca, até porque você faz parte de um processo defensivo. Então, se você foi driblado, alguém foi te cobrir, você tem que reencaixar essa defesa em algum ponto, certo?
Idéia Central 11	Discurso do Sujeito Coletivo 11
Alguém que faça a leitura do ataque e oriente os outros	Liderança dentro da quadra. É preciso que você tenha no grupo alguém de sua confiança, que faria dentro da quadra aquilo que você faria se estivesse jogando. Então isso é fundamental. Essa liderança é motora e é verbal. Seria você dentro da quadra. O que você gostaria realmente, se você estivesse ali? Como é que você iria se inserir dentro daquele esquema? Por que, às vezes, o que acontece? Pela falta de comando, pela falta de liderança, que é fundamental numa equipe (faz um sinal negativo com as mãos), aquele homem de confiança – não teu xerife, ele não é teu xerife –, mas ele é o teu líder dentro da quadra, ele é aceito pelo grupo. Esse homem coordena, é o inteligente do teu time, é aquele homem que está com a leitura do jogo, que sabe para onde a bola pode andar, quem tem que fazer essa cobertura de um lado, quem vai cobrir pelo outro, ele orienta esses jogadores. Então, essa liderança é fundamental para que haja a cobertura de todos os espaços.

O SC apresenta um conjunto de onze procedimentos defensivos ou fundamentos táticos (CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998) a fim de que a sua defesa seja eficaz. Segundo a divisão proposta por Silva e Calado Filho (2005), nos é possível subdividir essas atitudes, segundo a finalidade específica:

- Para marcar o adversário: (1) marcar em equilíbrio – "[...] *aproximação buscando o equilíbrio, diminuindo o centro de gravidade"*; (2) desequilibrar o passe – *"[...] minha primeira atuação de defesa não é roubar a bola, é desequilibrar o passe, para que esse passe saia [...] sem qualidade"* – ; (3) induzir o sentido do ataque – *"[...] manobras que direcionam o ataque a jogar no espaço que você quer"* – ; (4) acompanhar e/ou realizar a troca de marcação – *"[...] Saber a função de acompanhar ou de fazer uma troca"*. Os dois primeiros fundamentos expressados pelo SC reportam às idéias de Lucena (1994), de que a marcação eficiente iniciar-se-ia com uma aproximação do adversário em equilíbrio corporal, seguida da atitude de atrapalhar o passe na sua origem, o que facilitaria a recuperação da bola. A terceira menção se trata de um comportamento prévio de quem quer recuperar a bola levando o atacante para cima de uma cobertura (ANDRADE JUNIOR, 2007). Daí a fala do SC *"[...] para você ter possibilidade de fazer uma dobra"*. O último procedimento dessa série se remete a um comportamento exigido quando se acompanha o adversário, ou seja, ele não tem a bola, cuja situação demanda tomar a decisão acerca de segui-lo ou abandoná-lo. Neste último caso, aplicar-se-ia a troca de marcação, que traz a vantagem de evitar o desgaste dos defensores (SANTANA, 2004a). Para tanto, como salientado pelo SC, quem acompanha o atacante deveria esperar *"[...] um bom comando que vem de trás"*, que se trata de uma orientação elementar nesse fundamento (FUTSAL, 2006). Não pode passar despercebido que as trocas de marcação são atitudes exigidas quando do sistema individual, em particular quando o ataque provoca a superioridade numérica (SAMPEDRO, 1997).

- Para cortar ou recuperar a bola: (5) pressão no homem da bola para desarmar – *"[...] a determinação para desarmar [...] apostar na abordagem [...] a agressividade na marcação individual"*. Essa atitude remonta ao desarme propriamente dito, quando o jogador se aplicaria na recuperação ativa da posse da bola, atacando o adversário para lhe tomar a bola (ANDRADE JUNIOR, 2007). Para tanto, ele aplicaria cargas (usando parte do dorso e ombros) e entradas (usando pés e pernas) (CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998). Já a atitude de (6) manter a bola no campo visual – *"Não perder o contato visual com a bola em detrimento de*

você deixar o seu oponente alguns momentos com a forte impressão de que ele está livre [...]" remete à idéia de uma defesa de interposição, isto é, que invista nas possíveis trajetórias de passe, o que, certamente, seria facilitada pela pressão na bola (SILVA; CALADO FILHO, 2005).

- Para dar suporte e apoio: (7) senso de cobertura – *"[...] você nunca está marcando só um jogador, você marca e ocupa um espaço em quadra já também lendo o ataque do adversário e antevendo a possibilidade do ataque, para você estar atuando como cobertura [...]"*; (8) aplicar a dobra – *"[...] eu crio a dobra [...]"* – e a (9) ajuda – *"[...] quando entra no pivô, um caixote [...]"* – ; (10) executar permutas – *"[...] se você foi driblado, alguém foi te cobrir, você tem que reencaixar essa defesa em algum ponto [...]"*. A cobertura servirá para acudir quem foi superado (ANDRADE JUNIOR, 2007; SANTANA, 2006b) e a permuta se trata da retribuição de quem foi superado a quem lhe socorreu (LOZANO CID, 1995). A ajuda exige que se corra para trás, para cima de quem recebeu a bola em profundidade, provocando uma superioridade numérica (FUTSAL, 2006). A dobra ou 2x1, o mais arriscado deles, e por isso, preferencialmente realizado, longe da meta e em cantos da quadra (VELASCO TEJADA; LORENTE PEÑAS, 2003), exigirá que o defensor abandone o seu respectivo atacante e se lance sobre o jogador marcado pelo seu companheiro. Todas essas atitudes, embora distintas, encaixam-se, como reportam Luis Gallego e José Garcia (2006), num princípio de colaboração entre os jogadores, pois favorecem o companheiro.

- Para facilitar a transição defensiva: (10) retorno defensivo – *"[...] quando você não consegue terminar bem um ataque [...] você vai ter que fazer esse retorno de marcação, vai ter que ir para o equilíbrio da defesa [...]"*. Junto com a temporização, que não foi levantada pelo SC neste momento, o retorno defensivo se constitui num fundamento da chamada transição defensiva (LOZANO CID, 1995). Trata-se de um procedimento basilar, pois permite aos jogadores retrocederem às suas posições de origem a fim de iniciarem uma defesa em sistema (LUIS GALLEGO; JOSÉ GARCÍA, 2006) e em virtude de ocupar espaços preciosos antes de os atacantes o fazerem (SANTANA, 2006b).

O SC acrescenta que uma defesa eficaz exige, ainda, alguém que faça a leitura do ataque e oriente os outros – "*É preciso que você tenha no grupo alguém de sua confiança, que faria dentro da quadra aquilo que você faria se estivesse jogando [...] Seria você dentro da quadra [...] às vezes [...] pela falta de liderança* [faz um sinal negativo, polegar para baixo] *[...]*". Ao se referir à liderança, é visível que o SC se remete mais a uma virtude de comandar as ações

táticas da equipe do que à capacidade de o líder mediar conflitos internos do grupo, compreendendo as intenções, motivações e desejos dos seus colegas de equipe. Associa-se, neste sentido, à idéia de que o líder é a "Pessoa que pode efetivamente organizar, controlar e dirigir o trabalho dos outros" (BARBANTI, 2003, p. 368). Trata-se, portanto, de uma habilidade interpessoal, que se manifesta na capacidade de um dos seus jogadores de se relacionar de modo adequado com outras pessoas, orientando-as "[...] nas ações coletivas da equipe, tornando o espírito coletivo um conceito de jogo". (BALBINO, 2005, p.100).

Parreira e Gonzalez (2006, p.79) expressam que o "[...] técnico não joga, mas é preciso que alguém tome decisões durante o jogo"; Rezende (2006, p.62), referindo-se a uma atleta, reporta que "A mensagem que se lia em suas ações, e não em suas palavras, era a de não desistir e seguir em frente, apesar dos resultados". Vê-se, por conseguinte, que a crença de que toda equipe deve ter um líder em quadra, que sirva de exemplo para os demais, povoa a crença de treinadores.

Pensamos ser coerente, por um lado, a visão do SC de que é preciso liderança ("atitude") para que os planos estratégicos sejam mantidos. É a ratificação de que a inteligência está dentro e fora da quadra (FREIRE, 2002), de que estratégica e tática se inter-relacionam (RIERA; RIERA, 1995). É imprescindível que os jogadores se comuniquem verbal e motoramente (GARGANTA, 1998), a fim de que o jogo flua e os ajustes sejam feitos quando da disputa, ainda mais quando se sabe que os treinadores de esportes coletivos, em situação de competição, preocupam-se em transmitir conteúdos específicos mais nos pedidos de tempo técnico do que no decorrer do jogo. Nesta situação, sua conduta é mais afetiva do que técnico-tática (RODRIGUES, 1997). Parlebas (1998) chega a admitir que a pontuação alcançada no final de um jogo atesta a eficácia ou a ineficácia da capacidade de os jogadores se comunicarem. Mas, por outro lado, nos parece simplista delegar essa atribuição para um único jogador (*"[...] Esse homem coordena, é o inteligente do teu time, é aquele homem que está com a leitura do jogo, que sabe para onde a bola pode andar, quem tem que fazer essa cobertura de um lado, quem vai cobrir pelo outro, ele orienta esses jogadores [...]"*. Ao nosso juízo, seria mais compatível com as características do jogo (dinâmico, intenso, de substituições ilimitadas etc.), e até mesmo com a fala anterior do SC, que elegeu onze procedimentos táticos, que a equipe dispusesse de "líderes"/jogadores inteligentes que detivessem a leitura do jogo, ajudando, em consonância com Rezende (2006, p.115), "[...] o treinador, ou o gestor, a conduzir seu time (ou projeto) pela

estrada do planejamento até alcançar a meta desejada". Como explicita Hernández Moreno (1999), quando da função estratégica de jogar sem bola quando o adversário tem a posse, caberia a conduta de decisão de orientar o jogo.

É indispensável atentar para o fato de que a defesa é coletiva, isto é, quando se trata de defender "[...] estamos em 'conjunto', e jogamos 'com', tem-se em conta as dificuldades e as acções empreendidas pelos companheiros, para se articular com eles e ajustar o seu próprio comportamento às contingências do desenvolvimento do jogo (BAYER, 1994, p.101).

5.9 A defesa do contra-ataque

Marcar o contra-ataque adversário incide no chamado jogo de transição defensiva, considerada como uma fase do jogo (BOTA; COLIBABA, 2001; CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998) e também como uma fase da defesa (LOZANO CID et al., 2002). Quanto tempo perduraria isso? Desde a perda da bola até o momento em que a equipe consegue ou não estabilizar o ataque. No caso de êxito, entrar-se-ia noutra fase, a defesa em sistema. No caso de fracasso, isto é, de permitir a consecução do contra-ataque, a transição houve, mas foi mal realizada.

Salientamos que se o contra-ataque é muito incidente em jogos de futsal (SANTANA; GARCIA, 2007), o emprego da defesa que tenta impedi-lo tem valor inestimável, tanto mais quando se sabe que há uma efetividade daquele tipo de ataque (BALZANO, 2000 citado por VOSER, 2001; BELLO JUNIOR, 1998; SILVA et al., 2004).

Isso posto, seguem discriminadas na TABELA 10 as IC abstraídas, o número de sujeitos que a produziram e a discriminação destes para a questão mencionada.

TABELA 10
Caracterização das idéias centrais, sujeitos e discriminação destes para a questão: Que tipos de comportamento tático defensivo você espera dos seus jogadores quando a sua equipe perde a bola na quadra de ataque e o adversário inicia um contra-ataque?

	IC	N	Sujeitos
1	Retorno defensivo e temporização	4	S1, S3, S4, S5
2	Pressionar a bola para provocar um erro	2	S2, S3
3	Retorno defensivo	3	S3, S4, S5
4	Fazer a falta	1	S5

Em consonância com o APÊNDICE C 8 e as ICs abstraídas na TABELA 10 para as somas dos discursos, apresentamos os DSC construídos para cada IC:

QUADRO 39
Caracterização das idéias centrais e discursos do sujeito coletivo da questão: Que tipos de atitude tática você espera dos seus jogadores quando a sua equipe perde a bola na quadra de ataque e o adversário inicia um contra-ataque?

Idéia Central 1	Discurso do SC 1
Retorno defensivo e temporização	Bom, essa é a famosa marcação de retorno que eu espero da minha equipe. Eu costumo dizer que a equipe tem que atrasar o momento do cara que tem a bola, exatamente como eu citei antes, na situação diversa, quando eu estava contra-atacando: que o jogador em desvantagem numérica tem que ficar entre quem tem a bola e quem pode, eventualmente, recebê-la. Você vai compor o triângulo lá atrás e deixar um atacar. O jogador que estiver mais próximo tenta fazer esse retardamento de contra-ataque para o restante da defesa voltar e se equilibrar. Um corre para frente, corre para a bola. Quem está mais próximo, no meu conceito. Ele atrasaria o ataque, certo? É o homem que flutua. Ele não agride, por que senão sai dois contra um. Então essa recomposição, ela é feita a partir do homem que está flutuando.
Idéia Central 2	Discurso do SC 2
Pressionar a bola para provocar um erro	Quando eu estou atacando e perco a posse, ao invés de recuar, eu continuo agredindo para poder, não roubar a bola, matar o tempo do contra-ataque, tentar desequilibrar o primeiro passe do contra-ataque. Se eu perco a bola e recuo eu dou toda a chance do defensor organizar o seu ataque ou com a posse ou com passe acelerado. Na medida em que eu perco a bola e continuo agredindo ele, eu não quero a bola de volta. Eu só quero matar o tempo dele de acionar um contra-ataque de velocidade. Você vai continuar atacando lá na quadra ofensiva e provocar um erro.
Idéia Central 3	Discurso do SC 3
Retorno defensivo	Eu espero que os quatro elementos, com a mesma velocidade, possam efetuar o retorno, o mais rápido possível. Eu espero que o retorno seja muito veloz. Você vai retornar os quatro e reequilibrar a defesa primeiro e depois atacar a bola. O principal é a velocidade do retorno. Primeiro passo é retornar atrás da linha da bola. Às vezes, ele atrasar o contra-ataque é ele se posicionar simplesmente, não agredir a bola. Reposição de marcação e não retomada de bola. Porque quase todas retomadas de bola são originarias de falta, quase todas. Então reposição de marcação, recompor defesa, não ataca a bola. Recompôs defesa, aí você marca, porque senão eu vou marcar errado, vou marcar errado. Então a gente apregoa, nem sempre consegue, mas se trabalha para que se recomponha a marcação para depois marcar.
Idéia Central 4	Discurso do SC 4
Fazer a falta	Neutralizar com falta, que é o que normalmente acontece quando você tenta retomar a bola. Normalmente, o árbitro dá como se você tivesse calçado.

Os planos iniciais da fala do SC nos parecem pertinentes. O último, em virtude de um dispositivo regulamentar, é passível de contra-argumentação. Iniciamos por aqueles:

(1ª) Ao perder a bola, retornamos e, recuperado o equilíbrio, investimos na recuperação da bola – "*Eu espero que os quatro elementos, com a mesma velocidade, possam efetuar o retorno, o mais rápido possível"*. Ao apostar no retorno defensivo grupal, que exige dos jogadores retornarem à máxima velocidade para o campo próprio (LOZANO CID et al., 2002;

LUIS GALLEGO; JOSÉ GARCÍA, 2006), a estratégia é se equilibrar para, depois, recuperar a bola – "[...] *Você vai retornar os quatro e reequilibrar a defesa primeiro e depois atacar a bola [...] Reposição de marcação e não retomada de bola"*. Nota-se que não há uma menção ao tipo de retorno, se posicional ou aposicional. Logo, nos parece que o discurso se afinaria mais com este último, ou seja, o retorno dos jogadores se daria pelo caminho mais curto, sem preocupação com as suas posições de origem (SILVA; CALADO FILHO, 2005).

(2ª) Ao perder a bola, ao mesmo tempo em que retornamos, temporizamos – "[...] *Eu costumo dizer que a equipe tem que atrasar o momento do cara que tem a bola [...] que o jogador em desvantagem numérica tem que ficar entre quem tem a bola e quem pode, eventualmente, recebê-la [...] O jogador que estiver mais próximo tenta fazer esse retardamento de contra-ataque para o restante da defesa voltar e se equilibrar"*. Essa estratégia é convergente com o pensamento de Lozano Cid (1995), na medida em que envolve os dois fundamentos da transição defensiva: o retorno e a temporização. Este último consiste numa simulação do defensor, que não se decide de forma clara por atacar a bola ou retornar à defesa. Trata-se de uma ação para ganhar tempo e permitir que os outros jogadores retornem (LOZANO CID et al, 2002). Isso deve ser feito pelo jogador mais próximo da bola (CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998) – "[...] *Quem está mais próximo [...]atrasaria o ataque, certo? É o homem que flutua. Ele não agride, por que senão sai dois contra um [...]essa recomposição [...]é feita a partir do homem que está flutuando"*.

(3ª) Ao perder a bola, não recuamos; ao contrário, atacamos a bola – *"[...] ao invés de recuar, eu continuo agredindo para poder [...] matar o tempo do contra-ataque, tentar desequilibrar o primeiro passe do contra-ataque"*. Essa estratégia remonta à idéia de Bayer (1994) de que a defesa deve ser ativa sempre e também à de Lucena (1994), de que o defensor deve se aproximar do portador da bola a fim de desequilibrar o passe, pois vejamos que não é a bola que se pretende recuperar (ainda que isso esteja implícito, pois os jogadores não recuam!) – *"[...] eu não quero a bola de volta. Eu só quero matar o tempo dele de acionar um contra-ataque de velocidade"*. Por conseguinte, o retorno imediato dos jogadores à quadra defensiva é descartada – "[...] *Você vai continuar atacando lá na quadra ofensiva e provocar um erro"*.

A quarta estratégia, de fazer a falta – *Neutralizar com falta, que é o que normalmente acontece quando você tenta retomar a bola"* –, embora se constitua numa das possíveis condutas de decisão do jogador na sua função estratégica de jogar sem bola quando a

sua equipe está sem bola (HERNÁNDEZ MORENO, 1999), tornar-se-ia uma estratégia perigosa. Ora, ao considerarmos o dispositivo regulamentar que determina a vedação de barreira a partir da 6ª falta acumulativa, cuja repercussão é um tiro livre à distância de 10 metros ou menos da meta, haveria um perigo iminente de gol para o adversário, ainda mais sendo o contra-ataque freqüente no jogo. Portanto, as faltas não bastariam para impedir o contra-ataque sem que isso expusesse a equipe a algo ainda mais perigoso. Exatamente por condicionar a atuação do jogador, a análise das regras é relevante para guiar e enquadrar a ação pedagógica a ser seguida (BLÁZQUEZ SÁNCHES, 1996).

5.10 A defesa na meia-quadra defensiva

Quando a equipe marca na sua própria quadra (não apenas nesta!) com todos os jogadores atrás da linha da bola (FONSECA, 1997), de forma organizada, encontra-se na fase defensiva mais longa, defendendo-se em sistema (LOZANO CID et al., 2002).

Isso se concretizará contra um ataque posicional (SILVA; CALADO FILHO, 2005). Sobressaltam-se duas exigências estratégicas elementares: por um lado, definir um tipo de defesa (por exemplo, individual ou zona); de outro, um espaço de quadra limite no qual se iniciará essa defesa (por exemplo, ¼ ou 2/4 de quadra).

Provavelmente, a defesa optou por esse sistema em virtude de o ataque, ao recuperar a bola, ter conduzido a bola devagar, permitindo que os defensores recuassem para reconstruir uma linha defensiva (GRÉHAIGNE, 2001) ou em função de ter terminado o ataque de forma equilibrada. Trata-se, portanto, de uma fase de recuperação da bola (CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998).

Exposto isso, como o SC orienta sua equipe a marcar? De forma mais ou menos ativa? A partir de quais procedimentos? De que forma, enfim, organiza sua defesa recuada? É o que podemos contemplar na TABELA 11.

TABELA 11
Caracterização das idéias centrais, sujeitos e discriminação destes para a questão: Que tipos de atitude tática você espera dos seus jogadores quando a sua equipe adota uma postura de marcação recuada?

	IC	N	Sujeitos
1	Exercer a marcação quadrante	1	S1
2	Defender desarmando	2	S2, S3
3	Empurrar o ataque para o campo de defesa	2	S2, S4
4	Induzir o atacante a jogar para o lado fraco	1	S3
5	Cobrir espaços	1	S5

Em consonância com o APÊNDICE C 9 e as ICs abstraídas na TABELA 11 para as somas dos discursos, apresentamos os DSC construídos para cada IC:

QUADRO 40
Caracterização das idéias centrais e discursos do sujeito coletivo da questão: Que tipos de atitude tática você espera dos seus jogadores quando a sua equipe adota uma postura de marcação recuada?

Idéia Central 1	Discurso do Sujeito Coletivo 1
Exercer a marcação quadrante	Eu espero uma marcação, como eu já te disse antes isso tem muito a ver com a fundamentação, super equilibrada e determinada para desarmar. A gente tem usado aí, já há alguns anos, há três ou quatro temporadas, com muito sucesso, a nossa equipe, falam isso, expressam isso, a marcação quadrante, que é uma marcação que privilegia o equilíbrio. Porque uma vez estando equilibrada, ela pode desarmar bastante.
Idéia Central 2	Discurso do Sujeito Coletivo 2
Defesa que procura desarmar	A gente valoriza muito a cultura do desarme. A gente está sempre falando no ouvido dos atletas que a defesa, a boa defesa, está intimamente ligada com o número alto de desarme numa partida. Eu sempre gostei da marcação de confronto, da marcação de contato, brigando, vibrando, não é verdade? Na medida em que eu puder agredir, eu vou agredir o tempo todo. Primeiro não ter medo de ser driblado. Se eu for driblado, eu pelo menos tentei roubar a bola. O duro é você ser driblado cercando, cercando, cercando, cercando e o cara te drible porque você não foi nem ao menos agressivo. Então a minha defesa ela precisa ser extremamente agressiva. O que não pode é a defesa tomar gol sem tentar recuperar a bola. Pelo menos eu tento!
Idéia Central 3	Discurso do Sujeito Coletivo 3
Empurrar o ataque para o campo de defesa	Eu costumo adotar que na forma mais rápida de reequilibrar é voltar a empurrar essa linha de armação. De que forma? Empurrando a posse, empurrando a opção e o fundo vindo para frente. Nós temos que achar um bom momento para empurrar o adversário daquele lugar.
Idéia Central 4	Discurso do Sujeito Coletivo 4
Induzir o atacante a jogar para o lado fraco	Que a tomada de decisão dele seja agressiva pelo lado certo. Então, como a gente ataca a perna, que ele ataque a perna tentando roubar a bola. Você toma a iniciativa de enquadrar ele na perna, a aí meu amigo: vai! Sempre atacar o desarme da perna boa do jogador. Sempre isso, ou seja, se ele é um canhoto e está na ala contrária, eu ataco a perna dele para o caso de eu ser driblado só posso ser driblado para a perna ruim dele. Se ele não me driblou, mas conduziu a bola, que ele conduza bola para a perna ruim dele. Nunca deixando ele conduzir para a perna boa ou se deslocar para um espaço que beneficie a perna dele. Exemplo: o cara é canhoto. Ele está atacando o que está na ala direita, certo ou não? Está na ala esquerda. Se ele vai pela esquerda, ele finaliza na perna boa. Então, ali fecho a perna esquerda, ataco a perna esquerda e ele entra conduzindo, ele entra conduzindo com a perna direita. Se ele faz um passe de ala para ala, o deslocamento dele, normalmente, se é paralela, já vai com a perna ruim. Se ele puxa diagonal, eu estou fechando a perna do outro para a diagonal também. Então são conceitos. Eu sempre levo ele para um lugar aonde ele me ofereça pouco perigo, pouco perigo. É o único lugar que ele pode ir.
Idéia Central 5	Discurso do Sujeito Coletivo 5
Cobrir espaços	Então, a cobertura é fundamental. Quando não há cobertura, fica no jogo do um 1x1. Aí vai prevalecer o quê? A habilidade. Você cria situações pra que os espaços dentro da sua marcação atrás seja o mínimo possível para o adversário. Para que você possa cobrir esses espaços.

As declarações de que a defesa (1) deve procurar o desarme – "[...] *A gente está sempre falando no ouvido dos atletas que [...] a boa defesa está intimamente ligada com o número alto de desarme [...] Eu sempre gostei da marcação de confronto, da marcação de contato, brigando, vibrando [...] Na medida em que eu puder agredir, eu vou agredir o tempo todo"* – (2) empurrar o ataque – "*Eu costumo [...] empurrar essa linha de armação. De que forma? Empurrando a posse, empurrando a opção e o fundo vindo para frente"* – (3) induzir o atacante a constrangimentos territoriais – "[...] *a gente ataca a perna [...] se ele é um canhoto e está na ala contrária, eu ataco a perna dele para o caso de eu ser driblado só posso ser driblado para a perna ruim dele. Se ele não me driblou, mas conduziu a bola, que ele conduza bola para a perna ruim dele. Nunca deixando ele conduzir para a perna boa ou se deslocar para um espaço que beneficie a perna dele"* –, evidenciam a opção por uma defesa mais ativa, na medida em que se provoca a recuperação da bola no lugar de se esperar que o adversário a perca; arrisca-se mais; pressiona-se o adversário em determinadas zonas; provoca-se a superioridade defensiva em dados setores; induz-se o adversário ao erro (CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998).

A maior prova da agressividade defensiva é a opção por uma marcação quadrante – "*Eu espero uma marcação [...] 'super' equilibrada e determinada para desarmar [...] a marcação quadrante, que é uma marcação que privilegia o equilíbrio [...] uma vez estando equilibrada, ela pode desarmar bastante"*. Em analisando esse tipo de defesa, uma variante zonal (PRINCÍPIOS BÁSICOS, 2006), verifica-se que ela aposta, inicialmente, quando um dos três atacantes da linha de armação passa a bola e se infiltra, numa troca de marcação, pois "não se acompanha quem se deslocou para o ataque"; num segundo momento, numa indução de trajetória de passe, pois "quem marca o homem da bola fecha exageradamente a diagonal de passe e o homem de dentro da 1ª linha de defesa fecha o passe que tem o objetivo de atravessar a bola". Logo, trata-se de uma marcação de interposição, pois o defensor age mais ativamente, impedindo que o adversário receba a bola, posicionando-se na frente do atacante e na trajetória da bola (SILVA; CALADO FILHO, 2005).

Por outro lado, a fim de assegurar o equilíbrio defensivo, manter as zonas de finalização protegidas, a bola constantemente vigiada e a cobertura favorecida, atributos da defesa por zona, o SC remete-se a cobrir espaços (LUIS GALLEGO; JOSÉ GARCÍA, 2006; SAMPEDRO, 1997; VELASCO TEJADA; LORENTE PEÑAS, 2003), isto é, à ajuda constante que os jogadores devem se prestar para que o sistema seja eficaz (BAYER, 1994) – "[...] *a*

cobertura é fundamental". Constitui-se, igualmente, num princípio defensivo da marcação quadrante, pois se "o jogador da 1ª linha for driblado, o jogador da 2ª linha faz a cobertura" e que "se este for driblado, o jogador de dentro da 2ª linha faz a sua cobertura". Logo, as linhas defensivas, independentemente da área de quadra a ser marcada (se ¼, 2/4 ou ¾), não podem se distanciar, ou seja, haveria sempre um espaço para que a cobertura pudesse atuar (PRINCÍPIOS BÁSICOS, 2006) – "*[...] Você cria situações pra que os espaços dentro da sua marcação atrás seja o mínimo possível para o adversário"*.

5.11 A defesa na meia-quadra ofensiva

Quando a equipe invade a quadra adversária, independentemente do tipo de marcação escolhida (zona, individual etc.), sabe-se que, quanto ao espaço de quadra, adotar-se-á as linhas defensivas 1 ou 2 (FERRETTI, 2000; SAAD; COSTA, 2001). A diferença elementar entre essas linhas é a extensão de quadra que se pretende marcar. Enquanto a linha 1 determina que se marcará 4/4 de quadra, a linha 2 encerra ¾ (ANDRADE JUNIOR, 2007). Outra diferença é que ao se marcar na linha 1, os jogadores liberam o meio da quadra, pressionando os atacantes, lhes causando constrangimentos para receber a bola, enquanto que na linha 2 há uma preocupação em fechar o meio, o que criará uma linha de passe inicial entre aqueles, porém, após a reposição da bola, todos serão novamente pressionados (SANTANA, 2004a). Portanto, a intensidade da marcação é elevada, procurando levar o portador da bola ao erro de passe, ao jogo precipitado (LOZANO CID et al., 2002).

Quando se deve usar uma defesa mais avançada? A linha 1 é indicada para buscar o resultado no final de jogo e também contra equipes mais fracas, enquanto que a linha 2 se aplicaria contra equipes de nível técnico similar e para evitar a progressão do ataque (ANDRADE JUNIOR, 2007; SAAD; COSTA, 2001).

Em considerando as possíveis propostas de jogo, a estratégia de marcar na quadra do adversário indica que o técnico pretende "jogar no ataque", pois se dispõe a recuperar a bola o mais rápido possível (SANTANA, 2004b).

A TABELA 12 expõe a visão estratégico-tática do SC quando de uma marcação avançada.

TABELA 12
Caracterização das idéias centrais, sujeitos e discriminação destes para a questão "Que tipos de comportamento tático você espera dos seus jogadores quando a sua equipe adota uma postura de marcação que invade a quadra do adversário?".

	IC	N	Sujeitos
1	Pressionar a bola	1	S1, S2, S5
2	Induzir a ação de quem tem a bola	2	S2, S5
3	Quem estiver no fundo antecipa o adversário	1	S2
4	Encaixar o tempo de marcação	1	S2, S4, S5
5	Devem se compactar	1	S3, S4
6	Quem for vencido, corre para trás e se reposiciona	1	S3

Em consonância com o APÊNDICE C 10 e as ICs abstraídas na TABELA 12 para as somas dos discursos, apresentamos os DSC construídos para cada IC:

QUADRO 41
Caracterização das idéias centrais e discursos do sujeito coletivo da questão: Que tipos de comportamento tático você espera dos seus jogadores quando a sua equipe adota uma postura de marcação que invade a quadra do adversário?

Idéia Central 1	Discurso do Sujeito Coletivo 1
Pressionar a bola	Ela tem que batalhar muito pela bola. É fundamental que quem vá marcar a bola tenha a preocupação em diminuir, tirando a linha do passe da perna boa, o passe de profundidade. Sem espaço para que esse jogador que está de posse de bola possa organizar a jogada. Ou então não suba!
Idéia Central 2	Discurso do Sujeito Coletivo 2
Induzir a ação de quem tem a bola	Induzir o passe sempre para o lado ou então induzindo ele para tentar o quê? O drible. Marcação ofensiva em dois do time deles para passar de cabeça baixa. Indução. Não deixar jogar. Obrigo o time todo a trabalhar de cabeça baixa para induzir o passe errado, na quadra deles.
Idéia Central 3	Discurso do Sujeito Coletivo 3
Quem estiver no fundo antecipa o adversário	O fundo já vem para frente, para que o armador quando levanta a cabeça procurando o pivô e vê a figura da defesa, ele optar em reter a bola, perfeito?
Idéia Central 4	Discurso do Sujeito Coletivo 4
Encaixar o tempo de marcação	Quem marca o espaço ligado na alavanca do passe vai poder encaixar o tempo e evitar que a marcação bata a cabeça; liga na posse no momento da alavanca. Quando a alavanca arma, aí eu inicio meu deslocamento, pois o comportamento de base não muda. Programou vai executar. Se tentar abortar, vai perder eficiência nesse passe. O principal erro que se comete, muitas vezes, é quando você decide marcar pressão ou agredir e falta coletividade. Então se um jogador aperta e outro flutua você abre um buraco na sua defesa. Encaixe de marcação. Exatamente isso: você está marcando e ao mesmo tempo você está protegido. Você está sendo agressivo e você está protegido. Marcação encaixada, homem a homem.
Idéia Central 5	Discurso do Sujeito Coletivo 5
Devem se compactar	Na minha maneira de ver a defesa só é solidária se ela consegue se compactar. Todo mundo fala em reequilibrar a defesa. Eu prefiro usar o termo compactar. Por que isso? Porque quanto mais próximo os quatro jogadores de defesa estiverem, mais eles serão solidários, menos espaço haverá e mais agressiva é a 1ª linha. Estão todos próximos, estão muito próximos, compactados, então a cobertura acontece com mais velocidade e eles ganham muita força, muita moral, muita sabe, muita. Não é moral o termo. Eles ganham muita confiança para agredir a 1ª linha. Compactação principalmente. A marcação, ela tem que estar falando junto, eles tem que estar falando junto. Então, eu subo com todo mundo.
Idéia Central 6	Discurso do Sujeito Coletivo 6
Quem for vencido, corre para trás e se reposiciona	Quando a 1ª linha for vencida, sobreposição de cobertura. Você precisa determinar onde ele entra no retorno. Corre para trás, vence as linhas e passa a ser a última. Sobrepõe cobertura. Não olha ninguém para dentro. Por quê? Porque quando você reequilibrar, a função dele é do local onde ele está, da zona que ele ocupou.

O SC expressa seis regras de ação (de como agir) defensivas para uma defesa avançada, que podem ser integradas à classificação de Silva e Calado Filho (2005), respeitada sua finalidade específica.

- Para marcar o adversário: (1) encaixar o tempo de marcação – *"[...] Marcação encaixada, homem a homem"*. Esse tipo de fundamento defensivo exige que os jogadores aproximem-se, coordenadamente, dos adversários (SANTANA, 2004a). Por isso, a preocupação do SC – *"[...] O principal erro que se comete, muitas vezes, é quando você decide marcar pressão ou agredir e [...] um jogador aperta e outro flutua"*. Caso contrário, em virtude do local onde estão concentrados, que abre espaços livres nas costas dos marcadores para eventuais projeções dos atacantes, dificultando coberturas, é contra-indicado subir. Como frisou o SC, *"[...] Então se um jogador aperta e outro flutua você abre um buraco na sua defesa"*. Esse movimento defensivo harmônico equivale ao *pressing* (SILVA; CALADO FILHO, 2005); (2) induzir a ação de quem tem a bola – "*Induzir o passe sempre para o lado ou [...] para tentar [...] O drible [...] Obrigo o time todo a trabalhar de cabeça baixa para induzir o passe errado, na quadra deles"*. Configura-se, neste caso, a estratégia explícita de conduzir o adversário ao que mais interessa para a defesa, de modo a se alcançar vantagem territorial (CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998). Trata-se, portanto, de uma abordagem ativa, a fim de induzir o adversário a passar ou conduzir a bola por um local onde a sua ação de ataque seria mais difícil (ANDRADE JUNIOR, 2007)

- Para cortar ou recuperar a bola: (3) pressionar a bola – *"[...] É fundamental que quem vá marcar a bola tenha a preocupação em diminuir, tirando [...] o passe de profundidade"*. O fato é que o *pressing* (a marcação encaixada) exige pressão na bola, a fim de recuperá-la ativamente (SILVA; CALADO FILHO, 2005). No caso de permanecerem distantes, além do iminente perigo de se tomar uma bola nas costas, soma-se o de se quebrar a marcação, decorrente de um passe de profundidade; (4) quem estiver no fundo antecipa o marcador – *"O fundo já vem para frente, para que o armador quando levanta a cabeça procurando o pivô e vê a figura da defesa, ele optar em reter a bola"*. A antecipação, que se trata de o defensor se adiantar (tomar a frente) do atacante que receberia a bola, é indicada quando a marcação é mais ativa (interposição) e pode terminar num desvio ou até mesmo a recuperação da bola (SILVA; CALADO FILHO, 2005). Logo, se a equipe avança, deve encaixar, induzir, pressionar, antecipar. Trata-se de pressionar o atacante que tem posse de bola a fim de impedir que este jogue,

induzindo-o ao erro; pressionar o atacante sem posse de bola, para dissuadi-lo a não recebê-la; interceptar e as linhas de passe. Caso contrário, como disse o SC: *"[...] não suba!*".

- Para dar suporte e apoio: (5) devem se compactar – *"[...] quanto mais próximo os quatro jogadores de defesa estiverem, mais eles serão solidários, menos espaço haverá e mais agressiva é a 1ª linha [...] a cobertura acontece com mais velocidade"*. O SC, à semelhança da sua visão para a situação particular de defesa recuada, estabelece um princípio de colaboração entre os jogadores (LUIS GALLEGO; JOSÉ GARCÍA, 2006). Ora, em percebendo que, no caso de falha (por exemplo, uma superação numérica originada de um drible), a cobertura estaria prejudicada, aproxima seus jogadores. Trata-se, portanto, de estar atento ao desfecho entre o portador da bola e o marcador, entre o portador da bola e o próximo passe, de modo que a ajuda seja eficaz. Como toda ação é portadora de um significado (HERNÁNDEZ MORENO, 1998, 1999), o SC sentencia que a defesa "[...] *tem que estar falando junto"*; (6) quem for vencido, corre para trás e se reposiciona – "*Quando a 1ª linha for vencida, sobreposição de cobertura [...] Corre para trás, vence as linhas e passa a ser a última"*. A julgar pela fala do SC, a marcação chegaria ao almejado equilíbrio, ratificando que a pressão está ligada sempre à organização e não ao esforço, que ela é feita para se correr menos. Não pode passar despercebido que quem foi superado não deve perseguir o adversário e sim realizar uma permuta (cobrir quem saiu para lhe cobrir).

5.12 O comportamento defensivo quando a invasão falha

Quando uma equipe sofre uma marcação avançada, duas estratégias ofensivas são habitualmente empregadas para vencer a pressão: (1ª) ou os jogadores aproximam-se uns dos outros, concentrando-se, todos, na meia-quadra de defesa ou (2) opta-se pela manutenção de alguns nesta metade e de outro (ou outros) na meia-quadra ofensiva. Essas estratégias comportam objetivos distintos. No primeiro caso, ao se retirar a referência (pivô), elimina-se a bola de profundidade (passe para o fundo) e se investe na bola de espaço (passe para o vazio). No segundo caso, ao se manter a referência, ainda que não se elimine a bola de espaço (apenas a dificulta), se aposta na bola de profundidade, isto é, num passe para o jogador posicionado no fundo da quadra.

O fato é que entrar na quadra do adversário é sempre arriscado (LOZANO CID et al., 2002), sobretudo se o nível técnico for parelho. Por isso, como expressado anteriormente, há a demanda de uma série de regras de comportamento (encaixar, pressionar, induzir, antecipar, compactar, reposicionar); ações que deverão ser empregadas a fim de evitar a progressão do adversário (que se daria em função de manobras, como por exemplo, a bola nas costas, a tabela, e/ou de atitudes técnico-táticas, como o drible, o passe de profundidade etc.).

Em particular, quando os atacantes mantêm-se afastados, isto é, posicionam um (pivô) no fundo da quadra a fim de ser acionado para a equipe sair da pressão e atacar, qual seria o comportamento defensivo subseqüente no caso de êxito ofensivo? É isso o que segue discriminado na TABELA 13.

TABELA 13
Caracterização das idéias centrais, sujeitos e discriminação destes para a questão: Que tipos de comportamento tático você espera dos seus jogadores quando a sua equipe adota uma postura de marcação que invade a quadra do adversário e este faz um passe para o seu pivô?

	IC	N	Sujeitos
1	Que façam o retorno defensivo	5	S1, S2, S3, S4, S5
2	Que o beque marque o pivô	2	S1, S2
3	Que se ajude na marcação do pivô	2	S2, S4

Em consonância com o APÊNDICE C 11 e as ICs abstraídas na TABELA 13 para as somas dos discursos, apresentamos os DSC construídos para cada IC:

QUADRO 42
Caracterização das idéias centrais e discursos do sujeito coletivo da questão: Que tipos de comportamento tático você espera dos seus jogadores quando a sua equipe adota uma postura de marcação que invade a quadra do adversário e este faz um passe para o pivô?

Idéia Central 1	Discurso do SC 1
Que façam o retorno defensivo	Como ela invadiu a quadra adversária e os homens estão bastante distantes uns dos outros, a marcação está bastante espaçada e sem grande chance de cobertura, que cada um vai dar essa volta no seu. A primeira preocupação é eliminar possibilidade do apoio ao pivô. Então quem vai marcar retorno esquece a bola e tenta matar o tempo de aproximação. Você vai ter que interromper e começar a correr para trás. A bola entrou é o retorno que tem que acontecer, o retardamento do ataque deles. É feita a marcação de retorno. Compactua.
Idéia Central 2	Discurso do SC 2
Que o beque enfrente o pivô	Eu parto do pressuposto que o beque vai tratar do pivô que acabou de receber. Vamos tentar deixar que o fundo fique o quê? No 1x1, beleza? No 1x1.
Idéia Central 3	Discurso do SC 3
Que se ajude na marcação do pivô	O oposto, na medida em que a aproximação vem vindo, ele vem acompanhando até um determinado ponto. A partir dali, ele vai já vai abandonar essa marcação de retorno e vai funcionar como o quê? Apoio a essa postura de defesa. Ajuda na marcação quando possível.

Verifica-se que o comportamento defensivo esperado quando o passe de profundidade encontra o pivô adversário é o retorno defensivo – "*Como [...] os homens estão bastante distantes uns dos outros, a marcação está bastante espaçada e sem grande chance de cobertura [...] é o retorno que tem que acontecer"*. Ao fazerem isso, sobretudo se o deslocamento for simultâneo ao passe para o pivô, os jogadores ocupam a meia-quadra de defesa antes do adversário, agrupando-se para proteger a meta (SANTANA, 2006b) e, por extensão, dificultando a seqüência do ataque (SANTANA, 2004a) – "[...] *A primeira preocupação é eliminar possibilidade do apoio ao pivô"*. Esse retorno da marcação é aposicional (CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998), na medida em que não há uma preocupação em se ocupar a posição defensiva de origem – *"[...] cada um vai dar essa volta no seu"*.

Não obstante a compactação, o SC se expressa acerca de como os jogadores devem proceder em relação ao pivô adversário que, neste caso, detém a bola: (1) ou o beque marca o pivô – "*Eu parto do pressuposto que o beque vai tratar do pivô que acabou de receber. Vamos tentar deixar que o fundo fique [...]1x1"*; (2) ou há ajuda na marcação do pivô – "*O oposto, na medida em que a aproximação vem vindo ele vem acompanhando até um determinado ponto. A partir dali, ele já vai abandonar essa marcação de retorno e vai funcionar o [...] Apoio a essa postura de defesa"*. Portanto, ao contrário do retorno defensivo, que se constitui para o SC uma manobra absoluta, a postura defensiva seguinte (a ajuda) é relativa, circunstancial – *"[...] Ajuda na marcação quando possível"* – o que demandará ler o jogo e decidir pela ação mais ajustada.

No caso de o beque marcar o pivô, investe-se na capacidade daquele de desarmá-lo ou de não ser driblado. Apostar-se-á, por conseguinte, no contato físico, na luta pelo controle da bola, na carga e na entrada (CHAVES CHAVES; RAMÍREZ AMOR, 1998). No caso de se auxiliar na marcação do pivô, em virtude de este se encontrar próximo do gol que se defende, estaríamos diante de uma ajuda, isto é, da criação de uma situação de superioridade numérica (2x1) e não de uma ação, como por exemplo, a cobertura, que procura suprir uma deficiência defensiva (FUTSAL, 2006). Igualmente, a menção ao "oposto" deve ser esclarecida. Trata-se do jogador que ocupa o lado oposto ao lugar onde se encontra a bola, isto é, o espaço de quadra em que a densidade defensiva é baixa; o "lado débil" (LUÍS GALLEGO; JOSÉ GARCÍA, 2006).

5.13 O procedimento de ensino-treino: a inclinação metodológica

Explanada a visão estratégico-tática do SC para distintas fases do jogo, focamos a sua inclinação metodológica, isto é, como ele, habitualmente, prepara o seu cenário de treino para ensinar e/ou aprimorar os conteúdos mencionados.

Salientamos que se trata de um recorte metodológico. Para mais que isso, teríamos de acompanhá-lo por certo tempo, registrar/classificar suas atividades de treino, considerando o período da preparação (por exemplo, preparatório, competitivo etc.), o que não extrapolaria o objetivo deste estudo, mas as possibilidades circunstanciais deste pesquisador.

Por que desvelar a sua tendência metodológica? Para averiguar se a sua prática coaduna-se com o seu discurso. Sim, porque em seis dos doze discursos[121], o SC empregou falas explícitas que estimam a singularidade, a inteligência, a autonomia e a criatividade do jogador:

- "[...] *seu próximo deslocamento tem que ser inteligente";*

- *"Raciocínio e poder de decisão";*

- *"[...] você faz a sua escolha, a equipe respeita";*

- *"Uma leitura individual passando a ser coletiva";*

- *"Ele tem que compreender o jogo como se estivesse vendo a movimentação de cima";*

- *"[...] você não pode ter mais jogador robotizado [...] tem que ter jogador inteligente";*

- *"Eu sou contra, totalmente contra ao robô, a mecanizar puramente o atleta. Eu sou totalmente contra você estar querendo fazer com que o seu atleta jogue vídeo game, que você seja aquele cara que está atrás do joy stick ali, do manete, movimentando o jogador";*

- *"Esse homem coordena, é o inteligente do teu time, é aquele homem que está com a leitura do jogo [...] é ele que vai comandar as ações de marcação".*

Nas demais menções, ao longo dos doze itens de seu discurso[122], há semelhante demanda, pois se tratam de atitudes, de tomadas de decisão, de regras de ação, de execução de estratégias.

---

[121] Cf. itens 5.1, 5.2, 5.4, 5.7, 5.8, 5.10 deste capítulo.
[122] Cf. quadros 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42.

- "[...] precisar da bola e se movimentar para recebê-la";

- "[...] jogar sempre num espaço, para tirar a possibilidade da cobertura";

- "[...] passe para frente, que desequilibra a marcação";

- "[...] Intensificar movimentos para conseguir envolver a marcação";

- "[...] indução para você receber o ataque onde você quer";

- "[...] não definir rapidamente o passe";

- "[...] apostar na abordagem";

- "[...] o jogador em desvantagem numérica tem que ficar entre quem tem a bola e quem pode, eventualmente, recebê-la";

- "[...] empurrar essa linha de armação";

- "[...] tirando a linha do passe da perna boa";

- "[...] Você vai ter que interromper e começar a correr para trás".

Vejamos, pois, se o seu treino respeita as características ambientais, como a imprevisibilidade e a instabilidade; se estimula a criatividade; se desenvolve a inteligência tática; se associa intenção e gesto; se, a aqui denominada inclinação metodológica, compreende que atuar de forma inteligente, isto é, lidar de forma adequada com as situações de jogo, é um imperativo para que o jogador "sobreviva" ao caos informativo que lhe é imposto.

Isso posto, seguem discriminadas na TABELA 14 as IC abstraídas, o número de sujeitos e a discriminação destes para a questão mencionada.

TABELA 14
Caracterização das idéias centrais, sujeitos e discriminação destes para a questão: Em geral, como você procura desenvolver/treinar esses comportamentos táticos ofensivos e defensivos mencionados?

	IC	N	Sujeitos
1	Situações semelhantes às de jogo	4	S1, S2, S4, S5
2	Situações que exercitem a obediência tática	3	S1, S2, S5
3	Situações com formações numéricas distintas	3	S1, S2, S3, S5
4	Situações de elevada demanda cognitiva	3	S2, S3, S4

Em consonância com o APÊNDICE C 12 e as ICs abstraídas na TABELA 14 para as somas dos discursos, apresentamos os DSC construídos para cada IC:

QUADRO 43

Caracterização das idéias centrais e discursos do sujeito coletivo da questão: Em geral, como você procura desenvolver (treinar) esses comportamentos táticos ofensivos e defensivos mencionados?

Idéia Central 1	Discurso do SC 1
Situações semelhantes às de jogo	A gente procura tá sempre criando situações em que o atleta vivencie no treinamento a situação que ele vai encontrar durante a partida. Você cria situações em que o atleta tem que obedecer uma conduta, mas com liberdade pra criar. Ele tem liberdade pra variar a ação. Eu tenho jogos que também treinam contra-ataque. Eu tenho jogos que criam situações exatas de contra-ataque, quer dizer, habituando no treino e trazendo pro treino, a especificidade do movimento do contra-ataque. Eu tenho um jogo chamado o "jogo da volta eletiva". Eu faço a bola entrar no pivô e mostro para o meu atleta qual a melhor maneira de marcar. Eu procuro dimensionar o meu trabalho em relação às solicitações prementes do jogo. Eu trabalho dentro da intensidade, da necessidade do jogo. Essa tem sido a minha metodologia e eu tenho ficado satisfeito com ela. Você prioriza aquilo que você quer atingir como meta principal do treino que está sendo executado, mas você também trabalha a outra equipe. Então, se você está querendo o ataque, você também está treinando a sua defesa, também corrigindo a sua defesa em várias situações que ocorrem durante o treinamento. Normalmente os jogos, eles acontecem com freqüência nos treinamentos, porque ali você está trabalhando a parte de fundamentos também. Você também está trabalhando as valências físicas, por que é ataque e contra-ataque o tempo todo. Você está trabalhando a parte de concentração. Você está trabalhando a criatividade que em muitos momentos há no jogo individual, de 1x1, de 2x1.
Idéia Central 2	Discurso do SC 2
Situações que exercitem a obediência tática	A gente procura fazer os exercícios dos padrões. São movimentações que buscam o desequilíbrio pra, afinal, você chutar de média distância alternando com as bolas de profundidade, com as bolas no segundo pau e com os passes de aproximação mais pra dentro da área. Uma equipe precisa ter o quê? Uma saída de marcação para uma marcação ofensiva; ela tem que ter uma saída de marcação para uma marcação de espera na linha de três metros do voleibol; ela precisa ter uma saída para uma marcação na linha de 10; ela precisa ter uma bola lateral defensiva... Então, todas as nuances do jogo, eu construo de forma pedagógica. Aí tem as manobras com a utilização do goleiro quando a marcação sobe, tem as manobras de utilização dos jogadores de linha quando ela está na espera ou quando ela sobe. Então eu crio essa seqüência e a partir dela eu vou estabelecendo os conteúdos. Então tem o goleiro se articulando com as alas ou com o pivô, a linha se articulando com as alas ou jogando para espaço. Tu cria toda uma seqüência pedagógica de ensino que eu vou distribuindo ao longo da minha temporada de forma conjunta. Eu trabalho de forma coletiva. Quando você faz o trabalho em conjunto, você está fazendo um trabalho de obediência tática. É a aplicabilidade daquilo que você fez no trabalho de criatividade, no trabalho individual. Aquela consciência que você desenvolveu e você consegue reunir esses pequenos grupos num grupo maior, procurando dar a ele essa consciência da responsabilidade de cada um. Muitas vezes nós pecamos e perdemos jogos por não termos essa consciência de obediência tática. Como eu vou sair se a marcação avançada tiver atuando dessa maneira? No momento da partida, por exemplo, você marca, hoje, o goleiro-linha no losango? Você marca o goleiro-linha em quadrado? Como sair do losango para o quadrado e voltar para o losango novamente? Isso é a dificuldade que o jogador tem. Então, você tem que fazer isso nos treinamentos.
Idéia Central 3	Discurso do SC 3
Situações com formações numéricas distintas	Situações de vantagem numérica, a partir de uma determinada formação. A dinâmica do meu trabalho está sempre voltada para as ações de ataque combinando com contra-ataque, combinando com a defesa, combinando com as superioridades e inferioridades numéricas. Atividade sempre com vantagem ou desvantagem numérica de acordo com o que você quer atingir. Numérica ou de momento, de alguma situação. Alguma desvantagem no seu ponto principal do treino tem que estar levando para você conseguir fazer com que esse atleta crie um mecanismo de superação. Aí você vai criar uma desvantagem momentânea e a defesa tem que se recompor. Por exemplo, quando você faz um trabalho de 1x1, é a criatividade de um atacar e outro defender e vice-versa. A partir do momento que ele perde essa posse de bola ele está sendo atacado e o outro está criando. São pequenos e grandes jogos que você trabalha de 1x1, de 2x2, 3x2, 4x3, 4x4 e, até, de repente, de situações que você pode colocar o próprio goleiro trabalhando numa situação de realidade.
Idéia Central 4	Discurso do SC 4
Situações de elevada demanda cognitiva	É a cognição que a gente exercita. Então eu acho que para minha estrutura de jogo apregoado, o jogador se não tiver uma cognição elevada, um intelecto aguçado, ele vai ter dificuldade de jogar comigo. Porque o tempo todo eu estou solicitando que ele jogue e pense. Eu tenho uma fala que diz o seguinte: jogar é fácil, todos jogam. Jogar e pensar, poucos. Daí as diferenças entre as competências. A minha metodologia é bem essa mesmo. Você não tem mais tempo de treinar apenas um fundamento. Você, hoje, junta tudo, e esses treinos atendem isso e atendem uma outra dinâmica que é a leitura de defesa, a leitura da marcação do jogador contrário. No futsal, você tem condições de dar aos jogadores, todos que estão na quadra, essa visão de leitura de defesa. Os aplicativos dos sistemas que eu utilizo atualmente são baseados nisso. Eu acredito, e faço isso já há bastante tempo, que a única maneira de você acelerar a tomada de decisão, acelerar o raciocínio dele dentro da quadra, dentro da competição, é criar no treinamento um atraso na tomada de decisão. Esse atraso não existe no jogo, então eu interponho um fator, certo ou não? Por exemplo, duas bolas no jogo e duas situações para cada bola onde ele tem que tomar decisão. Então eu interponho entre a tomada de decisão dele e o que eu quero um atraso, que não existe no jogo. Então eu obrigo ele a, durante o movimento, durante o recebimento da bola, ou durante o deslocamento, a pensar antes de tomar a decisão, que no jogo não existe esse atraso, no jogo ele toma a decisão. Então, os resultados têm sido muito bons em relação a esse tipo de treinamento, baseado pelos meus resultados nos últimos anos em clubes como treinador Você pode aí criar uma série de coisas de sair do centro da quadra, por exemplo, de grupado; você pode colocar do centro da quadra, você pode colocar de dentro da sua área, certo? Você agrupa a sua defesa e coloca o ataque saindo livremente; você dá ordem para soltar a bola e a sua defesa tem que se recompor – é uma possibilidade. Outra são jogadores saindo sentados, a defesa sair sentada em pontos estratégicos da quadra, os atacantes próximos e aí o atacante recebe a bola de um lançamento, ou da sua mão ou do goleiro, certo?.

Verifica-se que o SC procura atrair para o seu treino situações semelhantes às encontradas no jogo, na competição – *"A gente procura tá sempre criando situações em que o atleta vivencie no treinamento a situação que ele vai encontrar durante a partida (...) Eu procuro dimensionar o meu trabalho em relação às solicitações prementes do jogo. Eu trabalho dentro da intensidade, da necessidade do jogo."* Dentre os procedimentos de ensino-treino, a concepção do SC se encaixaria no modelo estruturado, na medida em que este procura reproduzir, no treino, o ambiente que o jogador e a equipe encontrarão na competição (MOMBAERTS, 2000). Ao fazer isso, o SC revela uma inclinação para um método de ensino ativo (que valoriza a iniciativa) em oposição ao método tradicional (que investe na repetição) (BAYER, 1994).

Não pode passar despercebido que não se trata de jogar apenas, mas de jogar de forma estruturada, isto é, vivenciam-se tarefas jogadas baseadas em situações específicas de jogo (SANZ; GUERRERO, 2005) – *"Eu tenho jogos [...] que criam situações exatas de contra-ataque [...] Eu tenho um jogo chamado o 'jogo da volta eletiva' [...] você faz um trabalho de 1x1, de 2x2, 3x2, 4x3, 4x4 [...] Situações de vantagem numérica, a partir de uma determinada formação [...] ações de ataque combinando com contra-ataque, combinando com a defesa, combinando com as superioridades e inferioridades numéricas. Atividade sempre com vantagem ou desvantagem numérica de acordo com o que você quer atingir".* O jogador treinado pelo SC, jogando, aprende a conviver com os diferentes parâmetros que configuram o futsal, como o espaço, o tempo, a comunicação motriz, as regras, a técnica e a estratégia (HERNÁNDEZ MORENO, 1998).

Inevitavelmente, ao se inclinar para as situações específicas, o SC treinará a capacidade de jogo de seus jogadores, que é sustentada por situações comuns e típicas do próprio jogo (GRECO, 1998b) – *"Normalmente os jogos [...] acontecem com freqüência nos treinamentos, porque ali você está trabalhando a parte de fundamentos [...] as valências físicas, porque é ataque e contra-ataque o tempo todo [...] a parte de concentração [...] a criatividade que em muitos momentos há no jogo individual, de 1x1, de 2x1".* Configura-se, portanto, uma única unidade de aprendizagem (SANZ; GUERRERO, 2005), na qual é desenvolvida a mobilidade com a bola, a destreza técnica, a capacidade de antecipação, a capacidade decisória, a disposição em assumir riscos, a rapidez de atuação, a capacidade de cooperação, a interação das diferentes capacidades que compõem o rendimento esportivo em uma situação de jogo (GRECO,

1998b; KONZAG, DÖBLER; HERZOG, 2003). Para um jogador indivisível, uma situação indivisível; para um jogo indivisível, um treino indivisível.

Ser treinado pelo SC é ter de aprender a "sobreviver" aos constrangimentos ambientais! Ora, a inteligência, que é a capacidade de se adaptar (FREIRE, 2002) (ou não se "sobrevive") e, no esporte, de resolver problemas (GARGANTA, 1998), está ancorada na diversidade (FREIRE, 2002) e não na repetição. Trata-se de situações de elevada demanda cognitiva – *"[...] você vai criar uma desvantagem momentânea e a defesa tem que se recompor"; "[...] eu obrigo ele a, durante o movimento, durante o recebimento da bola, ou durante o deslocamento, a pensar antes de tomar a decisão"; "[...] criar no treinamento um atraso na tomada de decisão"; "Alguma desvantagem no seu ponto principal do treino tem que estar levando para você conseguir fazer com que esse atleta crie um mecanismo de superação"*. O SC compreende que seu jogador, em virtude de um coletivo de capacidades perceptivo-cognitivas que antecedem e influenciam a execução motora de um problema, como por exemplo, a percepção, a antecipação, a tomada de decisão (MAHLO, 1997), se trata mais de um ser pensante do que de um mero executor (COSTA et al., 2002; GARGANTA, 2002). São esses e outros processos ocultos que apóiam a interação entre conhecimentos táticos e técnicos que, por sua vez, são os que solucionam os problemas no jogo (GRECO, 1995, 1999, 2003).

Logo, ao admitir que o jogador atue cognitivo-motoramente ou tático-tecnicamente ou intencional-gestualmente (BAYER, 1994; CHRISTINA, 2005; FERREIRA, 2002; GRECO, 1999; MESQUITA, 2000), a sua intervenção pedagógica apóia o desenvolvimento dos processos cognitivos, como a atenção, em que o jogador tenha de mudar o foco da atenção (RUIZ PÉREZ; ARRUZA GABILONDO, 2005) – *"[...] duas bolas no jogo e duas situações para cada bola onde ele tem que tomar decisão"*; como a antecipação, a criatividade, a tomada de decisão, ao manter tarefas contextualizadas, que mantenham as funções e as estruturas essenciais que caracterizam a competição (ARAÚJO, 2006), mediante situações de colaboração-oposição que contemplem companheiros, adversários, bola, espaço de jogo, finalidade da ação (KONZAG, DÖBLER; HERZOG, 2003; MOMBAERTS, 1996) – *"Você agrupa a sua defesa e coloca o ataque saindo livremente; você dá ordem para soltar a bola e a sua defesa tem que se recompor";* como a percepção, na qual há pressão de tempo (GRECO, 1995) – *"[...] jogadores saindo sentados, a defesa sair sentada em pontos estratégicos da*

quadra, os atacantes próximos e aí o atacante recebe a bola de um lançamento, ou da sua mão ou do goleiro".

Igualmente, a pedagogia do SC municia a memória dos jogadores com imagens eficazes – *"No futsal, você tem condições de dar aos jogadores, todos que estão na quadra, essa visão de leitura"*. Ao se preocupar com esse tipo de informação, que é armazenada na memória, o SC vai contribuindo para a base de conhecimento dos jogadores, que é o que fará a diferença entre um comportamento tático que atenda ou não às demandas situacionais (GRECO, 2003).

Vê-se uma sinergia entre o desenvolvimento da criatividade, exigida nos jogos, nos quais não há uma clara seqüência de alternativas e a resposta do atleta é pouco comum – "*Você cria situações em que o atleta tem [...] liberdade pra criar. Ele tem liberdade pra variar a ação"* – e da inteligência tática, reclamada nos exercícios, em que, claramente, há uma seqüência de alternativas e uma hierarquia destas, onde se procura centrar a atenção do jogador em um elemento ou grupo de sinais – *"A gente procura fazer os exercícios dos padrões [...] movimentações que buscam o desequilíbrio pra, afinal, você chutar de média distância alternando com as bolas de profundidade, com as bolas no segundo pau e com os passes de aproximação mais pra dentro da área; [...] Uma saída de marcação para uma marcação ofensiva [...] para uma marcação de espera na linha de três metros do voleibol [...] para uma marcação na linha de 10 [...] uma bola lateral defensiva [...] as manobras com a utilização do goleiro quando a marcação sobe [...] dos jogadores de linha quando ela está na espera ou quando ela sobe [...] o goleiro se articulando com as alas ou com o pivô, a linha se articulando com as alas ou jogando para espaço [...] Como [...] sair se a marcação avançada tiver atuando dessa maneira [...] marca, hoje, o goleiro-linha no losango? [...] em quadrado? Como sair do losango para o quadrado e voltar para o losango novamente?"*.

Configura-se, portanto, o desenvolvimento do pensamento divergente, base da criatividade tática (GRECO, 2003), forjado sob pressão de tempo, em contextos flexíveis e situações ricas em variedade e o pensamento convergente, que remonta à inteligência de jogo, estimulado em tarefas que precisam levar a uma solução ótima, à melhor alternativa para responder a situação (GRECO, ROTH; SCHÖRER, 2004). Processos estes que não são excludentes, mas auxiliam-se mutuamente (GRECO, 1999; 2003).

Igualmente, nota-se que o SC não se apega à idéia mecanicista de técnica, pois a integra à intenção, ao contexto de jogo – "*Você não tem mais tempo de treinar apenas um*

fundamento". Mostra-se, neste caso, menos conservador que os treinadores de crianças e de adolescentes, que têm concebido o ensino-treino[123], predominantemente, como um processo de transmissão das técnicas básicas do jogo, apresentadas de forma descontextualizada e privilegiando os aspectos da realização motora dos gestos (GRAÇA, 1998). Ao contrário, dá demonstrações que compreende estar o jogador diante de uma tarefa dupla, que reclamará deste repartir a atenção entre um gesto e uma intenção (GARGANTA, 2002; MESQUITA, 2000) – *"[...] eu obrigo ele a, durante o movimento, durante o recebimento da bola, ou durante o deslocamento, a pensar antes de tomar a decisão"*. Indica entender que a habilidade somente tem sentido dentro de um contexto, onde será exigida (DEVÍS DEVÍS; PEIRÓ VELERT, 1999) – *"Você, hoje, junta tudo, e esses treinos atendem isso e atendem uma outra dinâmica que é a leitura de defesa, a leitura da marcação do jogador contrário"*.

Ora, se os jogadores atuam segundo a sua percepção e concepção do jogo (GARGANTA; OLIVEIRA, 1996) e se estas são diretamente influenciadas pela concepção dos treinadores, que por sua vez, é materializada nos tipos de treino, qual seria a herança do jogador treinado pelo SC? Minimamente, desenvolveria criatividade, inteligência e um ótimo comportamento individual e coletivo de acordo com as situações variáveis de jogo. O nosso SC não se furta a selecionar conteúdos para o treino, a explicá-los, a demonstrar o que deseja; coloca os jogadores sob certas diretrizes e alguns tipos de atividade; fornece informações relativas às suas ações. Cumpre, pois, a sua atribuição (TAVARES, 1998).

Na "porta do vestiário do SC, que dá acesso à quadra", lê-se a seguinte frase: *"Jogar é fácil, todos jogam. Jogar e pensar, poucos. O jogador, se não tiver uma cognição elevada, um intelecto aguçado, vai ter dificuldade de jogar comigo. Porque o tempo todo eu estou solicitando que ele jogue e pense"*.

[123] Cf. capítulo 1, item 1.10.1.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Confessamos que estudar questões estratégico-táticas exigiu deparar com um tema que, por longa data, constituiu a atividade profissional deste pesquisador, abandonada em pleno vigor em função das demandas da capacitação profissional. Vimos, por um lado, algumas idéias daquele técnico de futsal, estudante contumaz da maneira de agir dos entrevistados nesta tese, serem ratificadas. Mas, especialmente, lacunas de conhecimento preenchidas.

Com base nos resultados deste estudo, afirmaríamos que os objetivos de descortinar a visão do sujeito coletivo técnico campeão da Liga Nacional de Futsal acerca dos comportamentos estratégico-táticos mais eficazes de serem postos em prática nas diferentes fases do jogo e de desvelar a sua inclinação metodológica foram atingidos. Especificamente, em relação ao sentido do pensamento do sujeito coletivo técnico, verificamos que:

(a) O ataque eficaz é o que o jogador e a bola se movimentam constantemente; o passe é preciso e veloz; sob pressão, recorre às quebras de marcação; demanda jogadores inteligentes; dispõe de um elenco de jogadas combinadas.

(b) As vias de acesso ao bom jogo ofensivo incluem as atitudes de se projetar no espaço, sair em diagonal, puxar uma paralela, fazer uma aproximação, apoiar o passe, provocar a superioridade numérica em determinado setor. Porém, a leitura do jogo decide o deslocamento mais adequado.

(c) O ataque contra a defesa avançada contempla aproveitar o espaço vazio, o que exigiria concentrar os oito jogadores no campo defensivo. A partir disso: realizar aproximações, bola nas costas, balanços e dribles. Por outro lado, ao se optar em correr menos riscos, aplicar a quebra da marcação, afastando os defensores. Outro plano é manter um pivô no fundo e passar a bola em profundidade. Entretanto, sob defesa menos agressiva, adotar um padrão coletivo de deslocamento. Todos os planos de ação comportam as jogadas combinadas.

(d) O ataque contra defesa recuada precisa exercer rotatividade, mas sem precipitação. O ataque seletivo quer gerar vantagem psicológica sobre os defensores. Atitudes esperadas: investir em chutes de média distância, retirar o pivô do centro e entrar pela ala a fim de se evitar o contra-ataque, investir no duelo de 1x1, posicionar um pivô especialista, usar manobras básicas, apostar no jogo do goleiro-linha, incluir as jogadas combinadas. Demanda um jogador inteligente.

(e) O contra-ataque deve ser induzido, pois dá superioridade numérica, oferece vantagem territorial, permite a recuperação da bola e decide jogos.

(f) Para induzir o contra-ataque: deve-se marcar menos espaço de quadra, pressionar o homem que tem a bola, de preferência o menos habilidoso, induzir o adversário para o espaço que nos interessa e conservar o equilíbrio defensivo.

(g) Quando se contra-ataca, o condutor de bola deve levá-la sobre a marcação sem precipitar a decisão ou passá-la rapidamente – logo, é o jogador quem deve ler o jogo e tomar a decisão mais adequada. Quem não tem a bola deve correr para frente, em profundidade, e entrar em linha de passe com o condutor.

(h) A defesa de contra-ataque acolhe os seguintes planos: retornar, todos, e se iniciar a defesa em sistema; ou realizar o retorno e a temporização simultaneamente; ou não recuar e atacar a bola, de modo a frustrar o tempo do contra-ataque. Há, ainda, o recurso da falta.

(i) A defesa eficaz é, sobretudo, ativa. Quando da marcação do adversário: prima pelo equilíbrio, desequilibra o passe, induz o sentido do ataque, acompanha e/ou realiza a troca de marcação. Para cortar ou recuperar a bola: exerce pressão em quem está de posse a fim de desarmar e mantém a bola no campo visual. Para dar suporte e apoio: faz cobertura, dobra, ajuda, executa permutas. Para facilitar a transição defensiva: retorna defensivamente. Além disso, exige um líder, que daria o tom da marcação.

(j) A defesa recuada é de interposição. Neste sentido, procura o desarme, empurra quem tem a posse de bola, induz o atacante a jogar para o lado débil e realiza coberturas. Uma opção é defender em quadrante, isto é, com cobertura adiantada.

(k) A defesa avançada exige que os jogadores se compactem, encaixando o tempo de marcação. Pressiona-se a bola, induz-se a ação de quem tem a posse, quem estiver no fundo antecipa o adversário e quem for superado, corre para trás e se reposiciona.

(l) Quando se falha na defesa avançada, se deve retornar para o campo defensivo. É a leitura da situação o que definirá se haverá ajuda ao fixo na marcação do pivô ou se o mesmo ficará no 1x1.

(m) A metodologia de ensino inclina-se para o procedimento estruturado, pois inclui situações semelhantes às de jogo, com formações numéricas distintas, de elevada demanda cognitiva. Configura-se, portanto, o desenvolvimento do pensamento divergente, base da criatividade tática, forjado sob pressão de tempo, em contextos flexíveis e situações ricas em

variedade. Seus treinos também desenvolvem o pensamento convergente, que remonta à inteligência de jogo e à obediência tática, estimulado em tarefas/exercícios que precisam levar até uma solução ótima, à alternativa melhor para responder a situação.

Em virtude do exposto, concluímos que o ensino-treino do futsal demanda um conjunto de conhecimentos de elevada especificidade. A visão dos técnicos aponta para uma intervenção absolutamente especializada, isto é, direcionada para o treino de situações particulares em cada fase do jogo. Ora, não pode passar despercebido dos treinadores de jovens que pelo treino "[...] procura-se transmitir/assimilar, activamente, uma cultura de jogo, materializada num conjunto de regras de ação e princípios de gestão em relação com os diferentes cenários acontecimentais e, sobretudo, com as respectivas probabilidades de evolução" (GARGANTA, 2005, p.184). É exatamente a revelação desse conjunto de conhecimentos, associada a um caminho metodológico para treiná-lo, o que proporcionará uma cultura específica de jogo aos jovens e que se constitui, ao nosso juízo, a singularidade desta tese. Logo, não vemos como possível conduzir bem o processo ensino-aprendizagem, desde o início da especialização em futsal, desconsiderando a visão dos técnicos expressada neste estudo.

O pensamento do SC foi exposto. Os discursos organizados. A fala social produzida. Se, como afirmou Mahlo (1997, p.99), "Uma formação tática programada em todos os jogos desportivos coletivos implica, portanto, uma elaboração metodológica dum sistema de conhecimentos táticos", procurou-se, neste estudo, produzir tal sistema. Portanto, estimamos que este estudo se constitua num material de consulta e aplicação para aqueles que atuam na formação de jogadores; que possa ser legitimado pela sua utilidade. Esperamos ter contribuído para uma teoria que seja útil aos "práticos", à gente que, cotidianamente, tem sobre si o desafio de ensinar bem futsal.

Daí concordarmos com Matos (2006), de que em pedagogia do esporte é preciso insistir nos interesses do conhecimento prático e na observação dos processos sociais reais, pois se trata de uma área de intervenção! Por extensão, a teoria que se produziu aqui "[...] tem de ser capaz de abalar a prática [pois a pedagogia do esporte] não só deve teorizar a ação desportivo-pedagógica, como ajudar a produzir essa mesma ação". (MATOS, 2006, p. 161).

Mesmo cientes de que a visão estratégico-tática se trata de uma realidade móvel, pois o jogo é dado a novidades, diríamos que, ancorados na visão dos *experts*, os treinadores de jovens sabem, daqui em diante, o que treinar e como, essencialmente, treinar.

REFERÊNCIAS

ABERNETY, B.; WANN, J.; PARKS, S. Treinamento das habilidades perceptivo-motoras no esporte. In: ELLIOTT, B.; MESTER, J. **Treinamento no esporte:** aplicando ciência no esporte. São Paulo: Phorte, 2002, p.21-97.

ANDRADE JUNIOR, J. R. **O jogo do futsal, técnico e tático, na teoria e na prática**. Curitiba: Expoente, 1999.

ANDRADE JUNIOR, J. R. **Futsal: aquisição, iniciação e especialização**. Curitiba: Juruá, 2007.

ANTÃO, N.V. **A visão dos treinadores na formação de futebol**. Porto: Papiro, 2006.

APOLO, A. **Futsal:** metodologia e didática da aprendizagem. São Paulo: Phorte, 2004.

ARAUJO, D. Para uma abordagem da tomada de decisão "de corpo inteiro" do desporto: discussão geral. In: ARAÚJO, D. **Tomada de decisão no desporto**. Cruz Quebrada: Faculdade de Motricidade Humana, 2006, p. 297-323.

ARDÁ SUÁREZ, T.; CASAL SANJURJO, C. A. **Metodologia de la enseñanza del fútbol**. Barcelona, Paidotribo, 2003.

ARESTIGÜI, A. Las Reglas del juego en el fútbolsala. In: MANUEL IEGA, J. **El fútbolsala:** pasado, presente y futuro – La evolución de las reglas, la técnica y los sistemas de juego. Madrid: Gymnos, 2001. p.41-57.

BALBINO, H.F. **Pedagogia do treinamento: método, procedimentos pedagógicos e as múltiplas competências do técnico nos jogos desportivos coletivos**. 2005. 262f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

BARBANTI, V.J. **Dicionário de educação física e esporte**. 2. ed. São Paulo: Manole, 2003.

BAYER, C. **La enseñanza de los juegos deportivos colectivos**. Barcelona: Hispano Europea, 1992.

_____. **O ensino dos desportos colectivos**. Lisboa: Dinalivro, 1994.

_____. **Técnica del balonmano:** la formación del jugador. Barcelona: Hispano Europea, 1987.

BELLO JUNIOR, N. **A ciência do esporte aplicada ao futsal**. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

BENTO, J.O. **Desporto: discurso e substância**. Porto: Campo das Letras, 2004.

BIANCO, M.A. Capacidades cognitivas nas modalidades esportivas coletivas. In: ROSE JUNIOR, D. **Modalidades esportivas coletivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p.24-39.

BLÁZQUEZ SÁNCHEZ, D. **Iniciación a los deportes de equipo**. Barcelona: Martinez Roca, 1986.

BOMPA, T.O. **Treinando atletas de desporto coletivo**. São Paulo: Phorte, 2005.

BOTA, I, COLIBABA, D. **Jogos desportivos colectivos:** teoria e metodologia. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

CANO MORENO, O. **Fútbol:** entrenamiento basado en la interpretación del juego. Sevilla: Wanceulen, 2001.

CASTELLANO GOMES, L.; ALMEIDA MUÑOZ, J. **Entrenamiento del fútbol base según la esencia del juego**. Cádiz: Wanceulen Editorial Deportiva, 2001.

CASTELO, J.F.F. **Fútbol:** estructura y dinámica del juego. Barcelona: INDE, 1999.

CAVALCANTE, Flávio. **O goleiro linha**. 2003. Disponível em: <http://www.ferrettifutsal.com.br>. Acesso em: 19 jan. 2003.

CHAVES CHAVES, J.L.; RAMÍREZ AMOR, J.A. **Táctica y estratégia en fútbol sala:** situaciones de ataque y defensa. Barcelona: Hispano Europea, 1998.

CHRISTINA, R.W. Prólogo. In: RUIZ PÉREZ, L.M.; ARRUZA GABILONDO, J. **El proceso de toma de decisiones en el deporte**: clave de la eficiencia y el rendimiento óptimo. Barcelona: Paidós, 2005, p.15-18.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL DE SALÃO (Brasil). Livro nacional: regras de futsal 2008. Fortaleza, 2008.

COSTA, João C. et al. Inteligência e conhecimento específico em jovens futebolistas de diferentes níveis competitivos. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 2, n. 4, p. 7-20, 2002.

COSTA JUNIOR, E.; SOUZA, S.C.; MUNIZ. A.C.P. **Futsal**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Sprint, 2005.

DAOLIO, J. Jogos desportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos - modelo pendular a partir das idéias de Claude Bayer. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 10, n. 4, p. 99-104, out. 2002.

DEVÍS DEVÍS, J.; PEIRÓ VELERT, C. Enseñanza de los deportes de equipo: La comprensión en la iniciación de los juegos deportivos. In: BLÁZQUEZ SANCHEZ, D. (org.). **La iniciación deportiva y el deporte escolar**. 4 ed. Barcelona: INDE, 1999, p. 333-350.

DIAS, R.R.; SANTANA, W. C. Tempo de incidência dos gols em equipes de diferentes níveis competitivos na Copa do Mundo de futsal. **Lecturas en el Educación Física y Deportes. Revista Digital,** Buenos Aires, n.101, oct. 2006. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd101/futsal.htm>. Acesso em 10 mai. 2008.

DIETRICH, K.; DÜRRWÄCHTER, G.; SCHALLER, H.J. **Os grandes jogos:** metodologia e prática. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1984.

DRUBSCKY, R. **O universo tático do futebol**. Belo Horizonte: Health, 2003.

FALKOWSKI, M.M.; FERNANDEZ, E.E. **Táctica y sistemas de juego.** Vol. II – Táctica ofensiva colectiva. Madrid: Esteban Sanz, 1979.

FARIA, R.; TAVARES, F. O comportamento estratégico. Acerca da autonomia de decisão nos jogadores de desportos colectivos. In: OLIVEIRA, J.; TAVARES, F. (ed.) **Estratégia e táctica nos jogos desportivos colectivos**. Porto: FCDEFUP, 1996, p. 33-38.

FÉLIX, V. **O tempo de posse de bola de jogadores de futsal na Copa Rio-São Paulo-Minas**. 2004. 30f. Monografia (Graduação em Educação Física)-Universidade Norte do Paraná, Londrina, 2004.

FERREIRA, A.P. Ensinar os jovens a jogar... A melhor solução para a aprendizagem da técnica e da táctica. **Revista Treino Desportivo**, Lisboa, ano IV, n. 20, p. 35-41, out. 2002.

FERREIRA, Pedro. **Caracterização da finalização em equipas de futsal**. 2004. Disponível em: <http://www.futsalportugal.net/monografia.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2004.

FERRETTI, F. **Futsal**. Londrina: Unopar, 2006. Apostila.

FERRETTI, Fernando. **As linhas da defesa**. 2000. Disponível em: <http://www.ferrettifutsal.com.br>. Acesso em: 08 set. 2000.

FERRETTI, Fernando. **Tempos de ataque**. 1998. Disponível em: <http://www.ferrettifutsal.com.br>. Acesso em: 08 set. 1998.

FIGUEIRÊDO, V. **A história do futebol de salão:** origem, evolução e estatísticas. Fortaleza: IOCE, 1996.

_____. **A seleção brasileira através dos tempos**. Fortaleza: edição do autor, 2004.

FONSECA, G.M. **Futsal:** metodologia do ensino. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.

FONSECA, G.M.; SILVA, M.A. **Jogos de futsal:** da aprendizagem ao treinamento. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

FREIRE, J.B. Questões psicológicas do esporte. In: MOREIRA, W.W.; SIMÕES, R. (Org.). **Esporte como fator de qualidade de vida**. Piracicaba: Editora Unimep, 2002. p. 363-377.

_____. **Pedagogia do futebol**. Campinas: Autores Associados, 2003.

_____. **Jogar se aprende jogando**. Londrina: Unopar, 2007. Apostila.

FREITAS, D.C.; HENRIQUE, J.; NOLASCO, R.C. Aspectos técnicos, táticos e regulamentares do futsal sob a ótica de treinadores experts. **Lecturas en el Educación Física y Deportes. Revista Digital**. Buenos Aires, año 13, n. 125, out. 2008. <http://www.efdeportes.com/efd125/aspectos-tecnicos-taticos-e-regulamentares-do-futsal-sob-a-otica-de-treinadores-experts.htm>. Acesso 13 out 2008.

FUTSAL: manobras defensivas. Direção: Pablo Ramon Coelho de Souza e Marcelo Vilhena da Silva. Belo Horizonte: Canal 4 - Videocomunicação, [2006?]. 1 DVD (50min.), son., color.

GAMBIER, Paulo. **Os princípios do contra-ataque**. 2000. Disponível em <http://www.ferrettifutsal.com/artigos3.htm>. Acesso em: 23 mar. 2000.

GARGANTA, J. (Re) fundar os conceitos de estratégia e táctica nos jogos desportivos colectivos, para promover uma eficácia superior. **Revista Brasileira de Educação Física.** São Paulo, v. 20, n. especial, suplemento 5, p. 201-203, set. 2006.

_____. A formação estratégico-táctica nos jogos desportivos de oposição e cooperação. In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. **Desporto para crianças e jovens:** razões e finalidades. Porto Alegre: Editora da UFRS, 2004. p. 217-233.

_____. Dos constrangimentos da acção à liberdade de (inter)acção, para um futebol com os pés... e cabeça. In: ARAÚJO, D. (ed.). **O contexto da decisão:** a acção táctica no desporto. Lisboa: Visão e Contextos, 2005. p. 179-190.

GARGANTA, J. **Modelação táctica do jogo de futebol**. 1997. 292f. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto) - Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, Porto, 1997.

_____. O treino da táctica e da estratégia nos jogos desportivos. In: GARGANTA, J. (Ed.). **Horizontes e órbitas no treino dos jogos desportivos**. Porto: FCDEFUP, 2000, p. 51-61.

_____. O treino da táctica e da técnica nos jogos desportivos à luz do compromisso cognição-acção. In: BARBANTI, V. et al. (Org.). **Esporte e atividade física:** interação entre rendimento e saúde. São Paulo: Manole, 2002. p. 281-306.

_____. Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. **O ensino dos jogos desportivos**. 3. ed. Porto: FCDEFUP, 1998. p. 11-25.

_____.; OLIVEIRA, J. Estratégia e táctica nos jogos desportivos colectivos. In: OLIVEIRA, J.; TAVARES, F. (ed). **Estratégia e táctica nos jogos desportivos colectivos**. Porto: FCDEFUP, 1996. p. 7-23.

GRAÇA, A. Os comos e os quandos no ensino dos jogos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. **O ensino dos jogos desportivos**. 3 ed. Porto: FCDEFUP, 1998. p. 27-34.

GRECO, P.J. Cognição e ação. In: SAMULSKI, D.M. **Novos conceitos em treinamento esportivo**. Brasília: INDESP, 1999, p. 119-153.

_____. ; CHAGAS, M.H. Considerações teóricas da tática nos jogos esportivos coletivos. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 47-58, jul./dez. 1992.

_____. ; GIACOMINI, D.S.; MOREIRA, V.J.P. Estruturação dos treinos segundo o processo metodológico de ensino-aprendizagem-treinamento nas categorias de base do futsal. **Revista Mineira de Educação Física**, Viçosa, edição especial, n,2. p. 457-465, 2005.

_____. ; RIBAS, J. Handebol. In: GRECO, P.J. (org). **Iniciação esportiva universal 2:** metodologia da iniciação na escola e no clube. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007. p. 203-246.

_____. ; ROTH, K.; SCHÖRER, J. Ensino-aprendizagem-treinamento da criatividade tática nos jogos esportivos coletivos. In: GARCIA, E.S.; LEMOS, K.L.M. (Org.). **Temas atuais IX**: Educação Física e esportes. Belo Horizonte: Health, 2004. p. 52-63.

_____. Congi(a)ação: conhecimento, processos cognitivos e modelos de ensino-aprendizagem-treinamento para o desenvolvimento da criatividade tática. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 4, n. 2 (suplemento), p. 56-59, 2004.

_____. Da capacidade de jogo ao treinamento tático: a capacidade de jogo. In: GRECO, P.J. (org). **Iniciação esportiva universal 2:** metodologia da iniciação na escola e no clube. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998b. p. 57-75.

_____. **O ensino do comportamento tático nos jogos esportivos coletivos:** aplicação no handebol. 1995. 224f. Tese (Doutorado em Educação)-Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

_____. Processos Cognitivos: dependência e interação nos Jogos Esportivos Coletivos. In: GARCIA, E.S.; LEMOS, K.L.M. (Org.). **Temas atuais VIII**: Educação Física e Esportes. Belo Horizonte: Health, 2003. p. 41-59.

GRECO, P.J.; SOUZA, P.R.C. Iniciação esportiva universal e o treinamento da percepção no futsal. In: GARCIA, E.S.; LEMOS, K.L.M.; GRECO, P.J. (Org.). **Temas atuais IV**. Belo Horizonte: Health, 1999, v. 1, p. 209-222.

GRECO, Pablo. et al. Análise do nível de conhecimento tático. In: INSTITUTO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DO DESPORTO. **Resultado da avaliação dos Jogos da Juventude 1997**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1998. p.83-102.

GRÉHAIGNE, J.F. **La organización del juego en el fútbol**. Barcelona: INDE, 2001.

HERNÁNDEZ MORENO, J. **Fundamentos del deporte**: análisis de las estructuras del juego deportivo. 2 ed. Barcelona: INDE, 1998.

_____. La diversidad de prácticas. Análisis de la estructura de los deportes para su aplicación a la iniciación deportiva. In: BLÁZQUEZ SANCHEZ, D. (org.). **La iniciación deportiva y el deporte escolar**. 4 ed. Barcelona: INDE, 1999. p. 287-310.

KONZAG, I.; DÖBLER, H.; HERZOG, H.D. **Entrenarse jugando:** Un sistema completo de ejercicios. 4 ed. Barcelona: Paidotribo, 2003.

LAMAS, L.; SEABRA, L. Estratégia, tática e técnica nas modalidades esportivas coletivas: conceitos e aplicações. In: ROSE JUNIOR, D. **Modalidades esportivas coletivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 40-59.

LEAL, M.; QUINTA, R. **O treino do futebol:** uma concepção para a formação. Braga: APPACDM, 2001.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A.M.C. **O discurso do sujeito coletivo:** um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos). 2 ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2005.

LIMA, M.C. **Monografia:** a engenharia da produção acadêmica. São Paulo: Saraiva, 2004.

LORENZ, K. **A demolição do homem**: crítica à falsa religião do progresso. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LÓPEZ LÓPEZ, J. **1380 juegos globales para el entrenamiento de la técnica**. Sevilla: Wanceulen, 2002.

LORENZ, K. **A demolição do homem**: crítica à falsa religião do progresso. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LOZANO CID, J. **Futbol Sala:** experiências tácticas. Madrid: Real Federación Española de Fútbol, 1995.

LOZANO CID, J.; NIÑO GUTIERREZ, S. **Técnica en alta competición.** Madrid: Federación Madrileña de Futbol-Sala, 2002.

LOZANO CID, Javier. et al. **Táctica en alta competición**. Madrid: Federación Madrileña de Futbol-Sala, 2002.

LUCADO, M. **3:16**: a mensagem de Deus para a vida eterna. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2007.

LUCENA, R. **Futsal e a iniciação**. Rio de Janeiro: Sprint, 1994.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LUIS GALLEGO, A.; JOSÉ GARCÍA, A. **Fútbol sala**: táctica defensiva. Barcelona: Paidotribo, 2006.

LUQUE HOYOS, F.; LUQUE TABERNERO, F.J. **Futbol Sala:** apuntes de táctica. Madrid: Gymnos, 1995.

MAHLO, F. **O acto táctico no jogo**. 2. ed. Lisboa: Compendium, 1997.

MARCONI, E. V.; LAKATOS, M. A. **Fundamentos de metodologia cientifica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARINA, J.A. **Teoria da inteligência criadora**. Lisboa: Caminho, 1995.

MARTINEZ CHAVES, F.H. Fútbol: caracterización de los modelos de enseñanza. Una oportunidad para el aprendizaje significativo. **Lecturas en el Educación Física y Deportes. Revista Digital.** Buenos Aires, año 7, n. 36, mai. 2001. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd36/futbols.htm>. Acesso em 10 jul. 2008.

MASSA, M. **Desenvolvimento de judocas brasileiros talentosos.** 2006. 198f. Tese (Doutorado em Educação Física)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MATOS, Z. Contributos para a compreensão da pedagogia do desporto. In: TANI, G.; BENTO, J.O.; PETERSEN, R.D.S. (ed.). **Pedagogia do desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 154-184.

MELO, R.S.; MELO, L.B.S. **Ensinando futsal**. Rio de Janeiro: Sprint, [2007?].

MESQUITA, I. A modelação do treino das habilidades técnicas nos jogos desportivos. In: GARGANTA, J (Ed.). **Horizontes e órbitas no treino dos jogos desportivos**. Porto: FCDEFUP, 2000. p. 73-89.

MIRAGAIA, C.M.P. **Conhecimento declarativo e tomada de decisão em futebol**: estudo comparativo da exactidão e do tempo de resposta de futebolistas seniores pertencentes a equipas da I, II liga e 2ª Divisão "B". 2001. 72f. Dissertação (Mestrado em Treino de Alto Rendimento Desportivo)-Universidade do Porto, Porto, 2001.

MOMBAERTS, E. **Fútbol:** Del análisis del juego a la formación del jugador. Barcelona: INDE, 2000.

MOMBAERTS, E. **Fútbol:** entrenamiento y rendimiento colectivo. Barcelona: Hispano Europea, 1996.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 3 ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

MUTTI, D. **Futsal:** da iniciação ao alto nível. 2 ed. São Paulo: Phorte, 2003.

_____. **Futsal:** da iniciação ao alto nível. São Paulo, edição do autor, 1999.

NIÑO GUTIÉRREZ, S. Táctica. In: ESCUELA NACIONAL DE ENTRENADORES DE FUTSAL. **Curso de monitores de futsal**. Madrid: FEFS, 1991. p. 29-36.

PACHECO, R. **Futebol de 7:** um jogo de iniciação ao futebol de 11. Porto: Edição do autor, 2001.

PAES, R.R. Esporte competitivo e espetáculo esportivo. In: MOREIRA, W. W.; SIMÕES, R. (org.). **Fenômeno esportivo e o terceiro milênio.** Piracicaba: UNIMEP, 2001. p. 33-39.

PAES, R.R.; BALBINO, H.F. **Pedagogia do esporte:** contextos e perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

PARLEBAS, P. **Juegos, deportes y sociedades**: léxico de praxiología motriz. Barcelona: Paidotribo, 1998.

PARREIRA, C.A.; GONZALEZ, R. **Formando equipes vencedoras**: lições de liderança e motivação: do esporte aos negócios. Rio de Janeiro: BestSeller, 2006.

PAULA, P.F.A.; GRECO, P.J, SOUZA, P.R.C. Tática e processos cognitivos subjacentes à tomada de decisão nos jogos esportivos coletivos. In: GARCIA, E.S.; LEMOS, K.L.M. (org.). **Temas atuais V:** educação física e esportes. Belo Horizonte: Health, 2000. p. 11-27.

PINTO, F.S; SANTANA, W.C. Iniciação ao futsal: as crianças jogam para aprender ou aprendem para jogar? **Lecturas en el Educación Física y Deportes. Revista Digital**. Buenos Aires, año 10, n. 85, jun. 2005. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd85/futsal.htm>. Acesso em 15 jun 2007.

PINTO, J.; GARGANTA, J. Contributo da modelação da competição e do treino para a evolução do nível do jogo no futebol. In: OLIVEIRA, J.; TAVARES, F. (org.). **Estratégia e táctica nos jogos desportivos colectivos**. Porto: FCDEFUP, 1996. p. 83-94.

POPIOLSKI, Eder José.; SILVA, Diogo Chiossi.; REZER, Ricardo. **Análise do gol na Liga Futsal 2004**. 2005. Disponível em: <http://www.ferrettifutsal.com.br>. Acesso em: 16 jun. 2005.

PRINCIPIOS BÁSICOS da marcação quadrante. Produção de Fernando Ferretti. Rio de Janeiro: PROJECT MULTIMÍDIA, [2006?]. 1 DVD (9 min), son., color.

RÉ, A.H.N.; BARBANTI, V.J. Uma visão macroscópica da influência das capacidades motoras no desempenho esportivo. In: RIGOLIN, L.R. (Ed.). **Desempenho esportivo: treinamento com crianças e adolescentes**. São Paulo: Phorte, 2006. p.219-240.

REIS, H.H.B. **Futebol e sociedade.** 1998. 127f. Tese (Doutorado em Educação Física)-Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

REIS, H.H.B. Futebol e sociedade: uma análise histórica. **Revista HISTEBDR**. Campinas, n. 10, jun. 2003. Disponível em: <URL: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/rev10.html>. Acesso em: 31 mar. 2005.

_____. **O ensino dos jogos esportivizados na escola.** 1994. 68f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1994.

_____.; ESCHER, T.A. **Futebol e sociedade.** Brasília: Líber Livros, 2006.

REZENDE, J.B. **Transformando suor em ouro**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

RIBAS, J. F.M. **Contribuições da praxiologia motriz para a educação física escolar – ensino fundamental.** 2002. 241f. Tese (Doutorado em Educação Física)-Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

_____. Praxiologia Motriz: construção de um novo olhar dos jogos e esportes da escola. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 11, n. 2, p. 103-110, mai./ago. 2005.

RICHARDSON, Roberto J. et al. **Pesquisa social:** métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RIERA RIERA, J. Estratégia, táctica y técnica deportivas. **Apunts**, Barcelona, n. 39, p. 45-56, 1995.

RIVEIRO RODRÍGUEZ, J.E. **La preparación física del fútbol sala**.Sevilla: Wanceulen, 2000.

RODRIGUES, J. **Os treinadores de sucesso:** Estudo da influência do objectivo dos treinos e do nível de prática dos atletas na actividade pedagógica do treinador de voleibol. Lisboa: FMH, 1997.

ROMÁN SECO, J.D. La acción del juego en el deporte: la táctica e la estrategia. In: SAMPEDRO, J. **Fundamentos de táctica deportiva:** análisis de la estrategia de los deportes. Madrid: Gymnos, 1999. p. 17-19.

RUIZ PÉREZ, L.M.; ARRUZA GABILONDO, J. **El proceso de toma de decisiones en el deporte: clave de la eficiencia y el rendimiento óptimo**. Barcelona: Paidós, 2005.

_____.; SÁNCHEZ BAÑUELOS, F. **Rendimiento deportivo: chaves para la optimización de los aprendizajes**. Madrid: Gymnos, 1997.

SAAD, M.A. **Estruturação das sessões de treinamento técnico-tático nos escalões de formação do futsal.** 2002. 101f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

_____. **Futsal: iniciação técnica e tática:** sugestões para organizar a sua equipe. Santa Maria: Editora da UFSM, 1997.

_____.; COSTA, C.F. **Futsal:** movimentações ofensivas e defensivas. Florianópolis: Bookstore, 2001.

SAMPEDRO, J. **Fundamentos de táctica deportiva:** análisis de la estrategia de los deportes. Madrid: Gymnos, 1999.

_____.**Fútbol sala:** las aciones del juego – Análisis metodológico de los sistemas de juego. Madrid: Gymnos, 1997.

SANTANA, W.C. **Futsal:** apontamentos pedagógicos na iniciação e na especialização. Campinas: Autores Associados, 2004.

_____. **Futsal:** metodologia da participação. Londrina: Lido, 1996.

_____.; GARCIA, O.B. A incidência do contra-ataque em jogos de futsal de alto rendimento. **Revista Pensar a Prática**, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 153-162, jan./jun. 2007.

_____. **A estratégia do goleiro-linha**. 2008. Disponível em: < http://www.pedagogiadofutsal.com.br/texto_055.asp>. Acesso em: 10 set. 2008.

_____. **Atitudes táticas elementares para atacar e defender em futsal**. 2006b. Disponível em: <http://www.pedagogiadofutsal.com.br/texto_036.asp>. Acesso em: 17 set. 2008.

_____. **Noções de sistemas ofensivos**. 2003. Disponível em: <http://www.pedagogiadofutsal.com.br/texto_023.asp>. Acesso em: 12 nov. 2006.

_____. **O tempo de posse de bola do jogador de futsal**. 2006a. Disponível em:<http://www.pedagogiadofutsal.com.br/texto_039.asp>. Acesso em: 10 out. 2006.

_____. **Os técnicos de futsal e suas propostas de jogo**. 2004b. Disponível em: <http://www.pedagogiadofutsal.com.br/texto_033.asp>. Acesso em: 17 set. 2008.

SANTOS FILHO, J.L.A. **Manual de futsal**. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

SANZ, A.; GUERRERO, A. **Futbol sala:** tarefas significativas para el entrenamiento integrado - Del entrenamiento tradicional al moderno. Madrid: Gymnos, 2005.

SCAGLIA, A.J. **O futebol que se aprende e o futebol que se ensina.** 1999. 242f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

SCHMIDT, R.A.; WRISBERG, C.A. **Aprendizagem e performance motora:** uma abordagem da aprendizagem baseada no problema. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SILVA, Marcelo et al. Ações ofensivas no futsal: uma comparação entre as situações de jogo organizado, de contra-ataque e de bola parada. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, ano 4, n. 2, p. 199. 2004. (Suplemento).

SILVA, R.A.M.; CALADO FILHO, C.M. **Formación de entrenadores de futsal de máximo nivel:** técnica y táctica. Espanha: FIFA, 2005.

SIMÕES, Carlos Henrique. **Jogando contra o goleiro-linha:** como reverter essa desvantagem numérica. 2004. Disponível em: <http://www.futsalbrasil.com.br/artigos/artigo.php?cd_artigo=97>. Acesso 14 out. 2007.

SISTO, F.F.; GRECO, P.J. Comportamento tático nos jogos esportivos coletivos. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 63-68, jan./jun. 1995.

SOUZA, P.R.C. Proposta de avaliação e metodologia para o desenvolvimento do conhecimento tático em esportes coletivos: o exemplo do futsal. In: **Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto.** I Prêmio INDESP de literatura desportiva. Brasília: INDESP, 1999, p. 289-340.

_____ .; LEITE, T.M.F. Futsal. In: GRECO, P.J. (org.). **Iniciação esportiva universal 2:** metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998, p. 171-203.

TANI, G.; CORREA, U.C. Esportes coletivos: alguns desafios quando abordados sob uma visão sistêmica. In: ROSE JUNIOR, D. (org.). **Modalidades esportivas coletivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 15-23.

_____.; SANTOS, S.; MEIRA JÚNIOR, C.M. O ensino da técnica e a aquisição de habilidades motoras no desporto. In: TANI, G.; BENTO, J.O.; PETERSEN, R.D.S. (ed.). **Pedagogia do desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 227-240.

TATEYAMA, M.S.; NAVARRO, A.C. A eficiência do sistema de ataque quatro em linha no futsal. In: NAVARRO, A.C.; ALMEIDA, R. (Org.). **Futsal**. São Paulo: Phorte, p. 89-99.

TAVARES, F. **A capacidade de decisão táctica do jogador de basquetebol**: estudo comparativo dos processos perceptivo-cognitivos em atletas seniores e cadetes. 1993. 147f. Tese (Doutorado)-Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, Porto, 1993.

_____. Bases teóricas da componente táctica nos jogos desportivos colectivos. In: OLIVEIRA, J.; TAVARES, F. (Ed.). **Estratégia e táctica nos jogos desportivos colectivos**. Porto, FCDEFUP, 1996. p. 25-32.

_____. O processamento da informação nos jogos desportivos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. **O ensino dos jogos desportivos**. 3. ed. Porto: FCDEFUP, 1998. p. 35-46.

TEIXEIRA, J.J.V. O significado da fé religiosa na vida do paciente idoso com câncer e na rotina médica. Os olhares do sujeito coletivo médico. In: LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A.M.C. **O**

discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos). 2. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2005. p. 61-75.

TENROLLER, C.A. **Futsal:** ensino e prática. Canoas: Editora da ULBRA, 2004.

TEODORESCU, L. **Problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos**. Lisboa: Livros Horizontes, 1984.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TSCHIENE, P.; BARTH, B. Preparación para la competición. In: THIES, G.; TSCHIENE, P.; NÍKEL, H. **Teoría e metodología de la competición deportiva**. Barcelona: Paidotribo, 2004. p. 69-125.

VALDERICEDA, F. **Futbol sala:** defensa, ataque, estrategias. Madrid: Gymnos, 1994.

VELASCO TEJADA, J.; LORENTE PEÑAS, J. **Entrenamiento de base en fútbol sala**: fundamentos teóricos e aplicaciones prácticas. Barcelona: Paidotribo, 2003.

VOSER, R.C. **Análise das intervenções pedagógicas em programas de iniciação ao futsal.** Pelotas: edição do autor, 1999.

_____. **Futsal:** princípios técnicos e táticos. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.

VOSER, R.C.; GIUSTI, J.G. **O futsal e a escola:** uma perspectiva pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2002.

WEINECK, J. **Manual de treinamento desportivo**. 2. ed. São Paulo: Manole, 1989.

ZAMBERLAN, E. **Handebol**: escolar e de iniciação. Londrina: Treinamento Desportivo, 1999.

ANEXOS

ANEXO A – Aprovação no Comitê de Ética e de Pesquisa

FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

www.fcm.unicamp.br/pesquisa/etica/index.html

CEP, 09/10/08. 2ª VIA
(Grupo III)

PARECER CEP: N° 244/2007 (Este n° deve ser citado nas correspondências referente a este projeto)
CAAE: 0175.0.146.000-07

I - IDENTIFICAÇÃO:

PROJETO: **"A VISÃO ESTRATÉGICO-TÁTICA DE TÉCNICOS CAMPEÕES DA LIGA NACIONAL E A PEDAGOGIA DO FUTSAL".**
PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Wilton Carlos de Santana
INSTITUIÇÃO: Faculdade de Educação Física / UNICAMP
APRESENTAÇÃO AO CEP: 03/05/2007
APRESENTAR RELATÓRIO EM: 25/09/08 (O formulário encontra-se no *site* acima)

II - OBJETIVOS

Levantar a partir do depoimento de técnicos campeões da Liga Nacional de Futsal, um conjunto de indicadores estratégico-táticos desse esporte e apontar um eixo metodológico que possa sustentar um processo de ensino-aprendizagem comprometido com a visão estratégico-tática desses técnicos.

III - SUMÁRIO

É uma pesquisa qualitativa, onde 6 técnicos campeões da Liga Nacional de Futsal de (1996-2006) serão entrevistados.

IV - COMENTÁRIOS DOS RELATORES

Projeto adequado. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido adequado. Esquema de recrutamento e entrevista adequado Roteiro de entrevista adequado.

V - PARECER DO CEP

O Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, após acatar os pareceres dos membros-relatores previamente designados para o presente caso e atendendo todos os dispositivos das Resoluções 196/96 e complementares, resolve aprovar sem restrições o Protocolo de Pesquisa, bem como ter aprovado o Termo do Consentimento Livre e Esclarecido, assim como todos os anexos incluídos na Pesquisa supracitada.

O conteúdo e as conclusões aqui apresentados são de responsabilidade exclusiva do CEP/FCM/UNICAMP e não representam a opinião da Universidade Estadual de Campinas nem a comprometem.

Comitê de Ética em Pesquisa - UNICAMP
Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126
Caixa Postal 6111
13084-971 Campinas – SP

FONE (019) 3521-8936
FAX (019) 3521-7187
cep@fcm.unicamp.br

FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
www.fcm.unicamp.br/pesquisa/etica/index.html

VI - INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS 196/96 – Item IV.1.f) e deve receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (Item IV.2.d).

Pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. CNS Item III.1.z), exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade do regime oferecido a um dos grupos de pesquisa (Item V.3.).

O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS Item V.4.). É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.

Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projeto do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial (Res. 251/97, Item III.2.e)

Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, de acordo com os prazos estabelecidos na Resolução CNS-MS 196/96.

VII - DATA DA REUNIÃO

Homologado na IX Reunião Ordinária do CEP/FCM, em 25 de setembro de 2007.

Profa. Dra. Carmen Sílvia Bertuzzo
PRESIDENTE DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
FCM / UNICAMP

Comitê de Ética em Pesquisa - UNICAMP
Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126
Caixa Postal 6111
13084-971 Campinas – SP

FONE (019) 3521-8936
FAX (019) 3521-7187
cep@fcm.unicamp.br

ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Educação Física
Rua: Érico Veríssimo, 701- Caixa Postal 6134 - Cep. 13083-851
Barão Geraldo/Campinas-SP
Tel (019) 3521-6603 Fax 3289-3697

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Campinas, 05 de Maio de 2007.

Prezado Colaborador da Pesquisa

O tema da minha tese de doutorado é **"A Visão Estratégico-Tática de Técnicos Campeões da Liga Nacional e a Pedagogia do Futsal",** em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação "*Strictu Sensu"* da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação da Prof[a.] Heloisa Helena Baldy dos Reis, na área de concentração Educação Física e Sociedade.

A sua escolha se deu em função de você ser um dos seis técnicos detentores do título da Liga Nacional de Futsal das treze edições disputadas. Logo, acreditamos na sua influência quando do aprendizado estratégico-tático dos jogadores mais evoluídos em particular e em geral de professores e técnicos que ensinam esse esporte. Este estudo se justifica por nos permitir o levantamento de indicadores estratégico-táticos que possam balizar o ensino do futsal para jovens, favorecendo a comunidade brasileira de professores e treinadores.

O estudo objetiva (1) traçar, a partir do depoimento de técnicos campeões da Liga Nacional de Futsal, um conjunto de indicadores que configure a visão estratégico-tática destes para diferentes situações de jogo e (2) apontar, a partir desse mesmo depoimento, uma inclinação metodológica para desenvolver/treinar os indicadores mencionados. Esperamos que o seu depoimento possa servir como balizador quando do processo ensino-aprendizagem desse esporte

Para tanto, o roteiro de entrevista conta com um total de 20 questões, com o tempo de duração estimado em 60 minutos. A entrevista será gravada num gravador de voz. Frisamos que não vai haver nenhuma forma de reembolso de dinheiro, já que com a participação na pesquisa você não vai ter nenhum gasto.

Para evitar desconfortos, realizaremos a entrevista uma única vez, em consonância com a sua agenda, assim como lhe preservaremos o anonimato (confidencialidade). Além disso, uma cópia deste TCLE lhe será dada pelo pesquisador em mãos quando da entrevista e, assim que transcrita, lhe será enviada uma cópia na íntegra desta última. A negativa em responder a quaisquer questões não implica em riscos e represálias para você. Desta forma, contamos com a sua relevante colaboração como respondente e pedimos a sua autorização para publicarmos as respostas, comprometendo-nos a retornar os resultados da pesquisa ao final da mesma.

Cordialmente,

_____

Wilton Carlos de Santana

Pesquisador e aluno do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UNICAMP

Telefone: (43) 3028 8752 E-mail:wilton@pedagogiadofutsal.com.br

Eu,_____, autorizo o pesquisador a me entrevistar e publicar os dados desta pesquisa, desde que o anonimato (confidencialidade) das respostas me seja garantido.

Dados do Comitê de Ética da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp

Endereço: Faculdade de Ciências Médicas
Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
Cidade Universitária "Zeferino Vaz"
Campinas - SP - Brasil - CEP: 13083-970
Cx. Postal: 6111
Telefone: (19) 3521-8936
E-mail: cp@fcm.unicamp.br

APÊNDICES

APÊNDICE A – Contextualização histórica do futsal

Iniciamos por uma assertiva essencial: futsal não é futebol de salão. Assim sendo, é possível admitir que os primeiros passos do futebol de salão aconteceram na década de 1930. Evidentemente que nada parecido com o que se viu na década de 1980, isto é, um esporte aceito internacionalmente, jogado sob regras institucionalizadas. No seu início, foi mais um futebol jogado na quadra. Mas onde surgiu o futebol de salão? Existe certa discordância sobre isso. Figueirêdo (1996) explica que, para uma corrente, a uruguaia, este país seria o berço do futebol de salão, mais precisamente a ACM de Montevidéu, onde o professor Juan Carlos Ceriani, em 1933, criara as primeiras regras. Sustenta-se a idéia de que alguns jovens[124] brasileiros foram até lá e, em retornando, trouxeram aquelas. Outra corrente, defendida por Luis Gonzaga de Oliveira Fernandes[125], acredita que foi no Brasil, na ACM de São Paulo, onde fora praticado por jovens a título de recreação – posicionamento sustentado, inclusive, pela CBFS[126]. No que pese a divergência paternal, é inegável que os brasileiros são os maiores responsáveis pelo seu crescimento, expansão e organização (LUCENA, 1994; SAAD, 1997).

Nas décadas posteriores, observa-se um crescimento vertiginoso da modalidade. O futebol de salão é praticado e divulgado (década de 1940), reconhecido e regulamentado (década de 1950), surgem federações nacionais (ainda na década de 1950), a Confederação Sul-americana (década de 1960), Brasileira e a Federação Internacional de Futebol de Salão (FIFUSA) (década de 1970). O esporte ganha então o continente e o mundo, internacionalizando-se e despertando, na década de 1980, o interesse da FIFA em tê-lo sob seu domínio.

Em 1989 acontece um fato decisivo: a FIFA passa a reger o, agora chamado, futsal. Pouco tempo depois, em 1990, a CBFS desliga-se da FIFUSA e filia-se oficialmente à FIFA. Tal mudança não significou qualquer perda de autonomia da CBFS. Ao contrário, tornou-a

---

[124] João Lotufo, Asdrúbal Monteiro, José Rothier (LUCENA, 1994).

[125] Expoente salonista brasileiro; foi presidente da Federação Paulista de Futsal por mais de 19 anos (de 1958 a 1977); foi quem primeiro, no mundo, lançou um livro de regras da modalidade, em 1956; foi um dos fundadores e o primeiro presidente da Confederação Sul-americana de Futsal; foi secretário geral da FIFUSA. Falecido em 1992, em Amparo (SP), aos 81 anos de idade (FIGUEIRÊDO, 1996).

[126] http://www.cbfs.com.br.

ainda mais forte em todo o território nacional, afinal, quem não gostaria de ter a poderosa FIFA como parceira? Basta lembrar o que ela fez pelo futebol[127].

O quadro seguinte destaca, sinteticamente, algumas características e fatos emblemáticos que clarificam a gênese do futebol de salão até o surgimento do futsal.

QUADRO 1
Gênese do futebol de salão até a afirmação do futsal

Características das décadas	Fatos emblemáticos
1930: surge o futebol de salão	Discordância sobre a paternidade; supostamente surgem as primeiras regras da modalidade, no Uruguai, em 1933.
1940: prática e divulgação do futebol de salão	As ACM do Rio de Janeiro e de São Paulo lhe dão popularidade; o mesmo chega aos clubes esportivos e escolas.
1950: regulamentação e oficialização do futebol de salão e o surgimento das federações.	Surgem as federações carioca (54), paulista (55), gaúcha (56), cearense (56) e paranaense (56); em 1958 a CBD[128] oficializa a sua prática; promove-se o I Campeonato Brasileiro de Seleções.
1960: expansão pela América Latina	Nasce, em 1969, a Confederação Sul-americana de Futebol de Salão; promove-se o primeiro Sul-americano[129].
1970: surgem a FIFUSA e a CBFS	Funda-se no Rio de Janeiro, em 1971, a Federação Internacional de Futebol de Salão[130] e em Fortaleza, em 1979, a Confederação Brasileira de Futebol de Salão[131].
1980: internacionalização do futebol de salão e o surgimento do futsal	Promovem-se o I Pan-Americano[132] (1980) e o I Mundial[133] (1982) de seleções. Além deste último, a FIFUSA promoveu os Mundiais[134] de 1985 e 1988. A FIFA promoveu em 1989 seu I Campeonato Mundial[135]; a FIFA passa a comandar o futsal[136].
1990: afirmação do futsal	A CBFS desliga-se oficialmente da FIFUSA [137]. A FIFA promove os Mundiais[138] de 1992 e 1996. Surge no Brasil, em 1996, a Liga Nacional de Futsal[139]
2000: desenvolvimento do futsal feminino	A FIFA promove os Mundiais[140] de 2000, 2004 e 2008. Fomenta-se o desenvolvimento em geral do futsal feminino[141]. O futsal é contemplado no Pan-Americano 2007[142]. O Brasil é a sede da VI Copa do Mundo de Futsal.

[127] Reis (2003) considera que a FIFA, em particular na era de João Havelange, entre 1974 e 1998, transformou o futebol num espetáculo e na mercadoria mais rentável da "indústria do lazer".
[128] Confederação Brasileira de Desportos.
[129] O 1º Campeonato Sul-americano foi no Paraguai e o Brasil foi campeão.
[130] O primeiro presidente foi João Havelange.
[131] O primeiro e também atual presidente é Aécio de Borba Vasconcelos.
[132] No México, com vitória da Seleção Brasileira.
[133] Em São Paulo, com vitória da Seleção Brasileira.
[134] O Brasil venceu na Espanha e o Paraguai venceu na Austrália.
[135] Na Holanda e o Brasil foi o campeão.
[136] Em 14/03/1989 a modalidade passa a ser regida em âmbito mundial por uma comissão permanente da FIFA (FIGUEIRÊDO, 2004).
[137] Mais precisamente em 02/05/90 (FIGUEIRÊDO, 2004).
[138] O Brasil vence em Hong Kong (1992) e na Espanha (1996).
[139] É o campeonato mais divulgado e representativo da modalidade; celebra, em 2008, sua 13ª edição.
[140] A Espanha vence na Guatemala (2000) e na China (2004); o Brasil venceu no Brasil (2008).
[141] Em 2001 reúne-se, pela primeira vez, uma seleção brasileira; em 2002 é promovido o I Brasileiro de Seleções, em 2004 o II e em 2006 o III; em 2005, em São Paulo, é promovido o I Sul-americano de Seleções; o Brasil foi campeão; em 2007, na Colômbia, foi bicampeão.
[142] O Brasil foi campeão.

Observa-se que em geral, até a década de 1950, se jogava futebol de salão sem muito rigor, isto é, sequer havia uma concordância acerca das regras. A partir daí, com a uniformização das regras[143], o esporte desenvolveu-se de fato. Outro ponto merece atenção: se considerarmos o enlace com a FIFA, em 1989, que projetou definitivamente esse esporte em âmbito mundial, o futsal não teria duas décadas completadas[144]. Mas a rigor mesmo, há toda uma história antes disso, aqui brevemente contada, que não pode ser desprezada, que sugere ser o futebol de salão diferente do futsal, porém seu precursor.

[143] O primeiro livro de regras data de 1956, redigido por Luis Gonzaga de Oliveira Fernandes (FIGUEIRÊDO, 1996).
[144] Corroborando com o que se encontra em http//www.fifa.com, site oficial da FIFA.

APÊNDICE B – Roteiro da entrevista

Questões	Objetivos
1. Qual a sua cidade natal e data de nascimento?	
2. Há quanto tempo você atua como técnico de categoria principal?	
3. Hoje você trabalha em que estado brasileiro?	
4. Você trabalhou em algum outro estado como técnico de categoria principal? Quais?	Obter traços gerais dos entrevistados
5. Você foi jogador de futsal de categoria principal?	
6. Quais são as suas principais conquistas como técnico?	
7. Você é formado em Educação Física?	
8. Que tipos de comportamento tático ofensivo os seus jogadores devem saber empregar para que o ataque como um todo seja eficaz?	Obter discurso sobre a eficácia do sistema ofensivo
9. Em sua opinião, haveria algumas trajetórias de deslocamento dos jogadores que facilitariam o jogo de ataque?	Obter discurso sobre o deslocamento ofensivo dos jogadores
10. Que tipos de comportamento tático ofensivo você espera dos seus jogadores quando o adversário adota uma postura de marcação que invade a sua quadra?	Obter discurso sobre o comportamento tático ofensivo contra defesa avançada
11. Que tipos de comportamento tático ofensivo você espera dos seus jogadores quando o adversário adota uma postura de marcação recuada?	Obter discurso sobre o comportamento tático ofensivo contra defesa recuada
12. Você é favorável à indução do contra-ataque? Por quê?	Obter discurso sobre a indução do contra-ataque
13. O que você ensina para que os seus jogadores induzam o contra-ataque?	Obter discurso sobre o comportamento defensivo para induzir o contra-ataque
14. Uma vez em contra-ataque, o que você ensina para que os seus jogadores tenham êxito?	Obter discurso sobre o comportamento dos jogadores quando em contra-ataque
15. Que tipos de comportamento tático defensivo os jogadores devem saber empregar para que a defesa como um todo seja eficaz?	Obter discurso sobre a eficácia do sistema defensivo
16. Que tipos de atitude tática você espera dos seus jogadores quando a sua equipe perde a bola na quadra de ataque e o adversário inicia um contra-ataque?	Obter discurso sobre o comportamento tático defensivo sob contra-ataque
17. Que tipos de atitude tática você espera dos seus jogadores quando a sua equipe adota uma postura de marcação recuada?	Obter discurso sobre o comportamento tático defensivo quando da marcação recuada
18. Que tipos de comportamento tático você espera dos seus jogadores quando a sua equipe adota uma postura de marcação que invade a quadra do adversário?	Obter discurso sobre o comportamento tático defensivo quando da marcação avançada
19. Que tipos de comportamento tático você espera dos seus jogadores quando a sua equipe adota uma postura de marcação que invade a quadra do adversário e este faz um passe em profundidade para o pivô?	Obter discurso sobre a transição defensiva
20. Em geral, como você procura desenvolver (treinar) esses comportamentos táticos ofensivos e defensivos mencionados?	Obter discurso sobre a metodologia de treino da dimensão estratégico-tática

APÊNDICE C: Instrumento de Análise do Discurso (IAD)

Instrumento de Análise de Discurso referente ao conteúdo de respostas da questão: Que tipos de comportamento tático ofensivo os seus jogadores devem saber empregar para que o ataque como um todo seja eficaz?

	Expressões-chave (ECH)	Idéias Centrais (IC)
S1	Situações de ataque. Por exemplo, como você precisar da bola e se movimentar para recebê-la em condições (1ª). Você ter a bola, e resolve ficar com ela, e se movimentar para fazer a sua equipe se movimentar também, famoso conceito de andar com a bola, ao mesmo tempo em que você desequilibra a equipe adversária (2ª). Tem um conceito que eu chamo de velocidade precisa do passe. Você considera a hipótese de acelerar o passe tirando tempo da defesa, no geral, e do marcador, do marcador que se acerta, no específico. Então do ataque, fundamentalmente é isso.	1ª – Movimentação constante 2ª – Andar com a bola 3ª – Velocidade precisa do passe
S2	Beleza. O princípio número um, regente do ataque significa desequilíbrio da defesa. Então, dentro do meu raciocínio o meu ataque só acontece no momento em que eu consigo botar a defesa em movimento (1ª). Então, eu, de certa forma, tento passar para meus jogadores que não adianta atacar com uma defesa saindo da inércia por deslocamento, porque quando ela sai da inércia por deslocamento você dá condição às linhas de cobertura a atuar. Então o ataque fica o quê? Previsível. Na medida em que você cria toda uma ação combinada de forma que aja um desequilíbrio de defesa a possibilidade de ter um ataque com sucesso aumenta significativamente. Então, eu entendo que esse é o primeiro mandamento: tentar colocar a defesa em movimento. Aí vão ter todos os mecanismos que o jogo te oferece para poder proporcionar esse desequilíbrio, que são os padrões de movimentação (1ª). Então o que define a forma de uma equipe atacar é basicamente que? As linhas de defesa que ela vai encontrar. E no jogo de futsal competitivo o principal fundamento da modernidade é a defesa. O jogo de salão é um jogo de defesa para construir o contra-ataque, mas você muitas vezes não consegue esse contra-ataque, aí você precisa construir o ataque. Esse ataque você constrói em função do quê? Da estrutura de defesa que você tem. Se a marcação está te agredindo ofensivamente, buscando na sua linha de área, é um comportamento. Você vai ter as quebras de marcação para essa estrutura de defesa (4ª). Se a linha de defesa te espera no meio da quadra a tendência é que você tenha um outro comportamento para que? Para essa estrutura de defesa. Se a marcação te espera na linha de 10 metros, ou com igualdade, ou com inferioridade numérica é outro comportamento. Em cada setor da quadra você tem uma estrutura de ataque compatível com o quê? Com a postura de defesa. Porque o ataque só pode acontecer no momento que a defesa toma a iniciativa ou então você induza a defesa a tomar essa iniciativa, porque se ela não definir, consequentemente, você está fadado a proporcionar o quê? O contra-ataque. Porque aí a defesa é que está te dando a forma de você atuar e não você sendo o responsável por esse ritmo.	1ª – Movimentação constante 4ª – Sob pressão, quebrar a marcação
S3	Uma coisa... É uma tecla que a gente conversa muito nisso é: espaço a ser deixado e espaço a ser ocupado, sabe? Então o que a gente quer criar o espaço, ocupar o espaço, não recebi no espaço, desocupei o espaço e criei um novo espaço (1ª). Então quando a gente constrói a parte ofensiva, certo ou não, existe uma mudança de lado, um contorno de ataque, um contorno de defesa para você escolher o lado de atacar, escolher o espaço que você vai ocupar. Então assim olha: eu vejo no futsal no elemento de ataque que precisa ser um sistema altamente manipulador. Eu tenho que manipular peças da defesa, colocá-las aonde quero, certo ou não, e executar o ataque. Então para mim isso é posse de bola. Eu consigo mexer essas peças dessa maneira. Então eu crio espaço não ocupo, crio não ocupo, crio ocupo. Eu escolho o momento. Eu preciso que o jogador escolha esse momento e o sistema determinante (1ª). Na minha opinião, o que é principal é o seguinte, se eu te dou o direito de interromper o movimento – certo ou não? – seu próximo deslocamento tem que ser inteligente, porque é o próximo movimento inteligente que está treinado. Então os outros três jogadores vão corrigir o movimento que você interrompeu. Você está fazendo uma escolha, eu quero uma paralela, uma diagonal, uma bola do mesmo lado, um balanço curto, você faz a sua escolha, a equipe respeita, certo ou não? (5ª). O que você teria que saber é a seqüência lógica de deslocamento, isso tem que saber. Por quê? Porque senão você interrompe uma vez eles corrigem; você interrompe outra vez eles corrigem; você está interrompendo sem a finalidade, eles estão corrigindo esperando que você tome uma decisão nova e você está apenas interrompendo o movimento.	1ª – Movimentação constante 5ª – Inteligência para decidir
S4	É exatamente a junção do trabalho técnico com o trabalho tático. Você pegar a equipe e colocar essas partes funcionando de uma forma harmônica, correto? Então aí você vai partir do primeiro princípio, você vai ter que ter algumas jogadas combinadas, algumas coisas para você sair, para você dar início a jogada, a leitura do jogo (6ª). Quer dizer, eu acredito até que a soma de tudo que nós conversamos até agora: você falou do cognitivo, nós falamos do aspecto técnico, tático, da criatividade do jogador, da determinação do atleta, dessa vontade, então você vai somar tudo isso e você vai colocar em quadra num aspecto ofensivo de forma organizada, com uma leitura individual passando a ser coletiva e a partir daí todas aquelas informações que nós colocamos para eles, que estão armazenadas, vão ser colocadas em prática (5ª) e tem que ser naturalmente. Porque na hora do jogo ele tem que agir, ele tem que se divertir, ele tem que sorrir, ele tem que estar solto, ele não pode pensar muito; aquilo que deve ser feito tem que sair naturalmente. Para isso tem que ter todo um processo de treinamento para que você consiga. E agora, que você comanda taticamente no jogo são mudanças: então você inicia o jogo com uma estratégia e aí você vai mudar. Então você vai ter que ter estratégia treinada, outros aspectos treinados, outras formas de ataque treinadas, além de jogadas, além de, enfim, de movimentações coletivas, para sair de uma defesa do adversário, de uma dificuldade que você está enfrentando (6ª). Raciocínio e poder de decisão (5ª).	6ª – Jogadas combinadas 5ª – Inteligência para decidir
S5	Você cria as opções, por exemplo, nós vamos fazer as jogadas 1, 2, 3, todo mundo sabe quem está marcando e quem está atacando (6ª). Movimentação sem bola (1ª) e passe perfeito. O passe bem feito não origina contra-ataque (3ª).	6ª – Jogadas combinadas 1ª – Movimentação constante 3ª – Passe de precisão

APÊNDICE C1: Instrumento de Análise do Discurso (IAD)

Instrumento de Análise de Discurso referente ao conteúdo de respostas da questão: Em sua opinião, haveria algumas trajetórias de deslocamento dos jogadores que facilitariam o jogo de ataque?

	Expressões-chave (ECH)	Idéias Centrais (IC)
S1	Eu ensino eles a correrem de forma harmoniosa em relação ao resto da equipe. Como foi dito aqui ontem, hoje, como foi dito aqui antes, aliás, o jogador passa a maior parte do tempo sem a bola e é importantíssimo que ele saiba correr de forma estruturada (1ª). E eu tenho algumas ações para treinar isso, criando recursos pelo qual eu marco o solo da quadra, quer dizer, tocando a bola num espaço ele pode correr para uns determinados espaços e para outros não; a seqüência, em que o jogador recebe a bola, a partir do momento que eu toco a bola eu não posso receber antes que outro dos dois companheiros apóiem aquele jogador pra quem você passou a bola, e por aí vai. Você vai trabalhando a ordenação da movimentação da equipe.	1ª – Deslocar-se inteligentemente
S2	Aí depende da estrutura de defesa. Eu posso ter uma defesa por zona ou eu posso ter uma defesa individual, então no conceitual defensivo você tem essas duas formas. A defesa por zona ela facilita muito o jogo da infiltração de dois elementos na zona de um, criando a dúvida. Então, eu particularmente, eu gosto muito de jogar contra essas defesas zona, que aí você infiltra dois na zona de um, você acaba criando a dúvida (2ª). Então você, para cada posicionamento defensivo, você vai ter uma estrutura de ataque também. E quando ela vem para individual, que ela tende a acompanhar os deslocamentos, aí já seria um outro comportamento, você passa a jogar sempre num espaço, sempre num espaço, para tirar a possibilidade da cobertura e num descuido de marcação individual você poder chegar nesse espaço livre, sozinho (3ª). E o que que te leva a criar esse espaço? São os engajamentos, engaja na marcação, trabalho de balanço. Porque quando você dá o balanço numa distância significativa você dá possibilidade da defesa individual se recompor. Quando você engaja, aproximando muito, você dificulta esse acompanhamento da marcação individual e você tende a ganhar um metro, dois metros a frente que muitas vezes é necessário para você construir uma ação ofensiva de ataque. Não, são diferentes. O engajamento você está responsável pela ação de marcação individual sobre mim, a bola está com meu companheiro, se eu ficar distante te dando a condição de ler o meu posicionamento e ler a posse da bola eu estou facilitando a sua ação de defesa porque, certamente, você tem uma preocupação a menos, que sou eu. Quando eu aproximo, eu considero engajar o quê? O aproximar. Eu me aproximo de você... A tendência é o quê? Concentrar mais em mim e deixar de ver o quê? O ponto de bola. Na medida em que você presta atenção em mim e deixa de ver o ponto de bola, você me deu a condição de quê? De ir em cima de você, ameaçar para um lado e sair para outro. Então, o seu campo visual vai ficar restrito ao quê? Ao meu deslocamento. Aí você não sabe se a bola vai estar entrando no primeiro balanço ou no segundo balanço. Então eu ganhei a dúvida na iniciativa de defesa. Na medida em que eu ganho a dúvida na tua iniciativa de defesa eu estou me permitindo o quê? Em cima da sua dúvida, construir um espaço que eu necessito para receber a bola no espaço (3ª).	2ª – Contra defesa zonal, infiltrar dois no setor de um 3ª – Deslocar-se para o espaço livre.
S3	Eu quero que você execute os movimentos do futsal de trinta anos atrás. Você tem que saber o que é uma diagonal (4ª), você tem que saber o que é uma paralela (5ª), certo? Sabendo isso eu posso conceituar o que vem depois da sua diagonal ou da sua paralela. Então são dois deslocamentos muito simples, e isso numa diagonal qualquer que seja ela, da ala para dentro, do meio para ala, não interessa, o deslocamento ele é diagonal, então você faz um passe de ala para ala e entra no meio com uma diagonal (4ª), entendeu? Você precisa saber o que vai acontecer depois, entendeu? Agora esses dois deslocamentos são outros deslocamentos do fundamento do futsal, não muda. Agora, as diretrizes pelas quais você vai se deslocar, o conceito que eu vou adotar no sistema vão te permitir usar esses dois deslocamentos em qualquer situação na quadra, certo? De maneira tal que a interrupção seja tomada de decisão ou um drible ou uma tabela ou um passe como recurso ou um chute, isso já é recurso técnico próprio, individual. Agora, eu estou na ala, faço um passe de ala para ala e entro, é uma diagonal; eu venho fazer uma aproximação (6ª), é uma diagonal de volta, estou voltando na diagonal. Então aí você só faz o quê? Diagonal. Certo? Aí você diz para mim: mas o cara que constrói o jogo lá atrás ele tem o deslocamento diferente, ele toca e fica por trás, ele toca e corre perpendicular a linha (7ª), é um tipo de deslocamento, mas está dentro do conceito, por quê? Porque o sistema exige que você faça diagonais (4ª) e paralelas (5ª). Agora o conceito é outro, você faz isso para chegar lá.	4ª – Deslocar-se em diagonal 5ª – Deslocar-se pela paralela 6ª – Fazer uma aproximação. 7ª – Deslocar-se para apoiar o passe
S4	A pensar, a pensar, a ler, a ler a defesa do adversário. Você pode ter uma série de jogadas combinadas, mas se você não envolver o adversário de pouco adianta. Então, e as variações das jogadas, que muitas vezes jogar sem a bola, como nós falamos também, acaba sendo muito importante aí. E aí, para onde ele correr? Para onde está mais fácil de dar continuidade a jogada. Aí nós entramos no versátil. Ele tem que compreender o jogo como se estivesse vendo a movimentação de cima. Porque ele vai estar na quadra em qualquer uma das situações. (1ª). Ele pode se aproximar (6ª), ele pode fugir (3ª), ele pode ser aquele atleta que vai dar a base para a continuidade do ataque, digamos assim, o passe de segurança, o apoio, né? (7ª) Então ele tem que enxergar, que você não pode ter essa limitação, em minha opinião é claro, essa limitação de que você vai colocar um atleta simplesmente para ele fazer a fugida (3ª), para ele fazer a aproximação (6ª). É uma incoerência você falar isso no futsal hoje. O que nós temos sim são atletas que, por característica, se dão melhor em algumas situações, isso você tem que explorar também.	1ª – Deslocar-se inteligentemente 6ª – Fazer uma aproximação. 3ª – Deslocar-se para o espaço livre 7ª – Deslocar-se para apoiar o passe
S5	Você sempre tem que correr no sentido longitudinal. Sempre em direção ao gol. Na maioria das vezes, você, tem atletas que jogam lateralmente. Eles são incapazes de, ao receber a bola, já tem uma leitura do que ele precisa fazer com essa bola. Aí, a partir do momento que a bola chega nele é que ele vai pensar o que fazer. A marcação posta e você não consegue jogar (1ª). Então, sempre a movimentação tem que ser longitudinal, sempre em direção ao gol, pela lateral (5ª) e no sentido diagonal (4ª). Por quê? Como nós falamos no princípio do nosso trabalho a marcação ela é fundamental, e cada vez mais as equipes estão bem treinadas fisicamente e bem treinadas taticamente para marcar. Então volto a dizer, não existe um padrão tático que diga esse é o melhor. Não existe um tipo de marcação que diga essa é a melhor. A melhor treinada pra aquele jogo na probabilidade de sucesso será maior. Como você tem hoje a facilidade de conhecer todas as equipes, você tem leitura das equipes. O adversário tem a sua e você tem a dele. E aí eu volto à tecla anterior: a inteligência do jogador ligada à concentração deles daquilo que foi passado nos DVDs, àquilo que foi trabalhado, em função daquilo que foi mostrado e ele tiver concentrado no jogo. A consciência tática. Nada hoje é individual, nada é individual. Eu nunca parto do individual pro coletivo, eu saio do coletivo para o individual, sempre. Primeiro eu me organizo no todo para depois deixar que a criatividade de cada um possa aflorar.	1ª – Deslocar-se inteligentemente 5ª – Deslocar-se para a paralela. 4ª – Deslocar-se para a diagonal.

APÊNDICE C2: Instrumento de Análise do Discurso (IAD)

Instrumento de Análise de Discurso referente ao conteúdo de respostas da questão: Que tipos de comportamento tático ofensivo você espera dos seus jogadores quando o adversário adota uma postura de marcação que invade a sua quadra?

	Expressões-chave (ECH)	Idéias Centrais (IC)
S1	Em primeiro lugar, eu entendo o ataque como tempo. Aquilo que normalmente as pessoas chamam de sistema de jogo eu não reconheço como tal, por exemplo, 2.2, 2.1.1, 3.1, para mim isso é desenho inicial. O importante é o que você faz a partir do momento em que você se movimenta. E uma vez pressionado, eu pretendo fazer ações, que eu chamo de quebra de marcação, para colocar o adversário para trás (1ª) e afinal levar ele para um espaço de quadra em que eu trabalho o segundo tempo do ataque, que eu chamo de padrão de jogo. Isso para mim faz mais sentido. Eventualmente, uso o recurso do goleiro lançando a bola de área a área, mas isso é uma alternativa, visto que esse jogo para mim não tem muita qualidade (2ª. Exatamente. É você desequilibrar a primeira linha de pressão (1ª). A primeira ação eu tenho quebras de marcação concebidas, concebidas. Sempre a partir da mão do goleiro, saída de meta, o goleiro ajuda bastante com a qualidade do seu lançamento. Eu tenho mostrado para eles que a quebra de marcação mais simples que existe, desde o passe que o goleiro faz com a mão até o passe dos jogadores de linha com os pés, é passe para frente, que desequilibra a marcação (1ª). Então eu tenho dito isso para eles. E ações pré-concebidas, que a gente batiza com nomes variados (3ª), que faz a bola entrar no campo de ataque, ao mesmo tempo que faz bola entrar na intermediária da quadra do campo de ataque, ao mesmo tempo que desequilibra o primeiro momento da marcação adversária.	1ª – Executar a quebra da marcação 2ª – Passar a bola em profundidade 3ª – Fazer jogadas combinadas
S2	Pôxa, é tudo que eu preciso. Porque na medida em que ele invade a minha quadra os ângulos de passe aumentam, o espaço para infiltrar aumenta, o espaço para jogar na referência aumenta, então toda a marcação fica no meio do caminho, é o que a gente costuma dizer. Quando a marcação fica no meio do caminho todos os espaços úteis acabam ficando disponíveis para serem utilizados. Então eu tenho a possibilidade de jogar nas bolas de centro. O que que é bola de centro? Passo de primeira para entrar o pivô e vir o apoio (2ª). Eu posso ter ali uma aproximação (4ª) para trabalhar dois balanços, ameaço ir e volta, ameaço ir e saio (5ª), jogo para o espaço (6ª). Então o jogo fica muito aberto para quem tem a posse e tem competência para poder explorar, o quê? Esse desequilíbrio de defesa, que é defesa no meio do caminho.	2ª – Passar a bola em profundidade 4ª – Fazer a aproximação 5ª – Jogar sem a bola 6ª – Sair para o espaço vazio
S3	Existe na minha opinião uma coisa que é natural no jogador sul americano: espaçamento de linha. Quando a sua primeira linha fica com um ou dois jogadores e o adversário invade a sua quadra os outros dois tendem a aprofundizar. O europeu faz o contrário, ele pega os dois da última linha e traz junto para cá, então ele coloca numa zona, que a gente chama de zona de elaboração, oito jogadores, e deixa para trás um espaço que vai ser ocupado (4ª) "vinte anos". Então ele lida com isso, lida com manipular a "sanfona de espaço". O jogador brasileiro aprofundiza, então a gente faz um lançamento longo, joga no goleiro o goleiro não acha o cara no fundo, o jogador está ou não. Então eu acho que o ideal é trazê-los (4ª). Por quê? Nós temos mais qualidade técnica, nós temos mais habilidade, temos mais drible, temos mais velocidade, nós temos tudo mais. Só precisamos fazer com que eles desentoquem. Eles invadem a sua, o seu campo, você invade junto (4ª) e depois você aposta corrida na contramão, eles subindo e você subindo (6ª).	4ª – Fazer a aproximação 6ª – Sair para o espaço vazio
S4	Acima de tudo, que ele utilize o que foi trabalhado, que seria a leitura do que a defesa está fazendo para a gente conseguir explorar. Uma dessas situações que eu te falei: se aproxima (4ª) e sai no espaço (6ª), interrompe e sai individualmente (7ª), depende do momento.	4ª – Fazer a aproximação 6ª – Sair no espaço vazio 7ª – Driblar o adversário
S5	Você prepara sua equipe para sofrer essa invasão que você diz. É uma marcação pressão dentro da sua própria quadra. Hoje você tem uma marcação que permite que você jogue e a outra que não permite que você joga. Então você se prepara dessas duas maneiras. Com padrões de movimentação, como eu volto a dizer, no padrão diagonal e no padrão lateral (8ª). Aí você tem a possibilidade de jogar com seu goleiro, de jogar com seus jogadores pré-determinados em função dessa marcação que está sendo exercida. Só que essa marcação que está sendo exercida, conforme você está colocando, ela pode ser caracterizada de duas maneiras: a partir do momento em que meu goleiro libera a bola eu tenho uma postura de marcação; a partir do momento em que a bola está na mão do goleiro, eu não vou permitir que ninguém haja movimentação. E aí, essa outra equipe, a equipe atacada passe a ter determinadas movimentações sem bola, que permitam ao goleiro colocar essa bola em determinados pontos da quadra de jogo onde você possa dar seqüência de ataque ofensivo (1ª).	8ª – Adotar um padrão de movimentação 1ª – Executar a quebra da marcação

APÊNDICE C3: Instrumento de Análise do Discurso (IAD)

Instrumento de Análise de Discurso referente ao conteúdo de respostas da questão: Que tipos de comportamento tático ofensivo você espera dos seus jogadores quando o adversário adota uma postura de marcação recuada?

	Expressões-chave (ECH)	Idéias Centrais (IC)
S1	Sem dúvida nenhuma. Essa é a maior dificuldade que uma equipe tem: saber resolver uma marcação de meio de quadra. Para mim a maior dificuldade que uma equipe tem e uma das coisas que eu mais me concentro, sabe? Porque você, quando é apertado, usa ações e tem determinados espaços para meter a bola e romper essa marca como foi dito antes. Agora quando a marcação tá posicionada bem próxima do gol, e, tá posicionada bem próxima do gol, você tem que ter recurso tático, você tem que treinar. E eu parto do princípio que nesse momento o importante é uma movimentação harmoniosa, que eu chamo de padrão (1ª), que evolui sempre para uma finalização de média (2ª). Eu tenho dito que o atleta... Eu tenho dito que as equipes que jogam muito, muito fechadas atrás, estão querendo, única e exclusivamente, contra-atacar. Então, a vantagem de você ter a bola, fazer uma seqüência de ataque, que eu chamo a não-precipitação do chute, ficando com a bola, pra investir na movimentação ao mesmo tempo que se movimenta (1ª), vai minando a atenção do adversário (3ª). Eu acho fundamental.	1ª – Rotatividade ofensiva 2ª – Finalização de média distância 3ª – Gerar vantagem psicológica
S2	Bom, é claro que essa atitude tática ela tem uma ingerência minha, porque eu vou me preparar para jogar dessa forma. Então primeira providência que eu tenho, quando os espaços diminuem é mudar a referência do pivô. O meu pivô ao invés de ficar na figura 3.1, na cabeça da área, eu levo meu pivô para dentro da área e de dentro da área ele sai para um lado, que aí eu aumento o espaço para quê? Para o jogo de ala . Então, quando essa defesa recua meu jogo deixa de ser de referência no meio (4ª), essa referência passa a ser num lado da ala para eu poder ter uma opção de 1x1 numa ala (5ª) ou ter a opção de dois infiltrando na ala de um (6ª) para poder ter as finalizações de média (2ª). Então esse seria meu conceitual. Eu mudo a referência do pivô primeiro (4ª). E quando a marcação recua, ela recua na expectativa de quê? De construir um contra-ataque. Se você jogar na referência, estatisticamente, o pivô ele tem municiado muito mais no contra-ataque do que ação de ataque, quando ele joga ali espetado. Porque quando a bola entra na referência, se ela entra pelo lado esquerdo o oposto vem dobrar. Aí você cria a figura da dobra em cima do pivô e se tiver um contra-ataque de linhas... O que que eu chamo de contra-ataque de linhas? É um contra-ataque planejado, você ter o deslocamento das tuas linhas de profundidade: ala, meio e ala. Consequentemente, você vai estar municiando o contra-ataque adversário.	4ª – Retirar o pivô do centro e atacar pela ala 5ª – Investir no duelo de 1x1 6ª – Usar manobras básicas 2ª – Finalização de média distância
S3	Eu acho assim, que você não pode mudar. Eu acho que você tem que seguir aquele seu conceito tático de tentar manipular os espaços e gerar a impaciência (3ª), passe deslocamento, passe deslocamento (1ª). Por que a impaciência vai acontecer de um jogador que seja, ou de dois do adversário, que é aquele cara que toma a decisão de apertar, aí você escuta alguém lá de trás: tira, tira, tira, tira... Por quê? Porque isso é uma coisa do brasileiro. Ele não gosta de ficar sem a bola. Então ele fica muito tempo marcando, cercando e os caras estão com a bola... Chega uma hora que alguém é indisciplinado na defesa, e você está esperando esse momento, que esse cara vai subir, você vai ocupar esse espaço (3ª), que é o que a gente tem conversado sobre o efeito do volante: eu faço deslocamento para frente, mas faço um para trás (1ª), que é justamente para você gerar impaciência (3ª), que é o grande problema na minha opinião. Venha aqui auxiliar os jogadores que estão nessa primeira linha para depois a gente fazer um ataque mais compacto com mais jogador. Claro. Então assim, vamos pela ordem. Quando ele se enfia nos 10 metros, ele adota a seguinte postura: só podemos tomar o chute de fora. Como a geração de brasileiros, hoje, não tem ninguém que chuta de fora, é um handicap importante. Eu tenho visto as finais de Liga com equipes marcando nos 10 metros chegando em final. Só marcando por quê? Porque ninguém chuta de fora. Então aí entra o resgate do especialista, você precisa ter um pivô cravado (7ª). Aí você precisa ter o cara que faz a bola entrar, que faça um para o chute, que a bola entra e saia, entra no outro pivô, no outro cara que está do outro lado, entra com o chute. Não conseguiu o chute, então nós precisamos resgatar o que a gente sempre teve de bom: chutar de fora (2ª), principalmente com pisada (transposição) (6ª), principalmente com pivô de ofício (aí entra o especialista) (7ª). Então nós precisamos de chutador de fora (2ª) e do especialista para resolver problemas desse tipo (7ª).	1ª – Rotatividade ofensiva 3ª – Gerar vantagem psicológica 7ª – Jogar com o pivô especialista (de ofício) 2ª – Finalização de média distância 6ª – Usar manobras básicas
S4	Intensificar movimentos para conseguir envolver a marcação (1ª), aí você usa alguns trabalhos de movimentação, cruzamentos, engajamentos (6ª), aí você usa algumas estratégias também, alguns aspectos treinados, alguns processos treinados para você poder utilizar uma vantagem numérica utilizando goleiro (8ª), se for o caso, ou entra jogadas combinadas próprias ou adversárias, naquela posição defensiva (9ª). São movimentações que, as modalidades, principalmente as modalidade de quadra, modalidades de bola, elas tem seus aspectos próprios, mas tem algumas coisas que você pode explorar, algumas coisas em comum. E o engajamento é um deles, quer dizer, muito utilizados no handebol, onde você procura envolver a defesa, digamos assim, entrando entre os adversários, entre a defesa do adversário, exatamente para gerar dúvida na marcação para você conseguir gerar uma vantagem do outro lado da quadra, está certo?! Então você pode começar com isso e trabalhar os cruzamentos também, que são muito comuns, também você gerar dúvida em dois marcadores para que você tenha uma pisada, uma bola enfiada em jogador saindo nas costas, um vazio, digamos assim (6ª). Enfim, o leque é grande para você. Sim, na realidade eles vão ao encontro dos marcadores e o companheiro passa por trás, um cruzamento simples. Isso é uma coisa bastante utilizada (6ª). E além das jogadas combinadas (9ª) que você pode estar fazendo também, a própria vantagem numérica também é uma possibilidade (8ª). É você explorar aquilo que você está vendo de fragilidade, até individual, do adversário, mesmo com marcação no meio.	1ª – Rotatividade ofensiva 6ª – Usar manobras básicas 8ª – Usar o goleiro-linha 9ª – Aplicar jogadas combinadas
S5	Tem que mudar. Tem que mudar. Quando a marcação atrás, uns consideram quadrante outros consideram zona. Por que o quadrante, na minha ótica, não tem nada de diferente do que era a marcação zona de antigamente, só se mudou o nome, ficou mais bonito para a televisão. Mas, então, um sistema mais difícil de você penetrar, dependendo da qualidade dos jogadores que estão exercendo essa marcação atrás com senso de cobertura muito bem feito, você terá mais dificuldade. Movimentação sem bola, o tempo todo movimentação sem bola, o homem de posse de bola, no máximo, tempo dois, é sempre tempo um e andando, tempo um e andando (1ª), até tirar o foco da concentração daquela marcação que está te criando problema para você penetrar (3ª). Jogando com goleiro (8ª), jogando sem o goleiro, criando opções de movimentações com tempo um de bola, toca e anda, toca e anda), até que, num determinado momento, você consiga descentralizar a marcação que estava bem centralizada (1ª), até para um jogo de característica individual, da criatividade de um determinado jogador, que você pré-elaborou para que isso seja ocorrido. Se eu tenho um jogador com uma característica do 1x1, a minha equipe leva a vantagem numérica de dois contra um ou de três contra dois. Você tentar envolver um sistema de marcação muito bem montado para uma característica da criatividade, da habilidade do jogador. Porque o senso de cobertura é tão forte, o espaço para você penetrar é tão pequeno que só a característica individual vai prevalecer. E em muitos casos acontece (5ª). Por isso você não pode ter mais jogador robotizado, você tem que ter jogador inteligente, jogador de qualidade, de habilidade (10ª).	1ª – Rotatividade ofensiva 3ª – Gerar vantagem psicológica 8ª – Usar o goleiro-linha 5ª – Investir no duelo de 1x1 10ª – Inteligência do jogador

APÊNDICE C4: Instrumento de Análise do Discurso (IAD)

Instrumento de Análise de Discurso referente ao conteúdo de respostas da questão: Você se posiciona favorável à indução do contra-ataque? Por quê?

	Expressões-chave (ECH)	Idéias Centrais (IC)
S1	Treino, treino sim. Eu acho que o contra-ataque pressupõe vantagem numérica. Então você tem que aproveitar ele bem (1ª).	1ª – Sim, porque me dá superioridade numérica.
S2	Sim, sem dúvida. Para direcionar a linha de ataque para os pontos frágeis da quadra (2ª).	2ª – Sim, porque me dá vantagem territorial.
S3	Eu acho assim: que o contra-ataque você primeiro precisa treinar recuperar a bola (3ª). Então existem algumas diferenças e eu tenho lutado contra isso. Uma coisa é você desarrumar a bola, outra coisa é você desarmar o jogador, mas existe um terceiro componente, que o jogador hoje quer pinçar a bola para sair no contra-ataque e não está acostumado a fazer isso. Então hoje o jogador se torna uma presa fácil porque ele tente pinçar a bola, ele coloca e perna dele no meio do outro jogador para tentar puxar a bola para ele para virar um contra-ataque. Então existe uma prioridade invertida. Primeiro eu desarrumo o ataque, primeiro eu tenho que impedir o ataque, depois se eu conseguir... Uma coisa que eles não estão dando prioridade ao que a gente chamava antes de desarrumar o jogo. Antigamente, eu me lembro do futsal bem lá atrás que a bola chegava no pivô e a minha função como beque era desarrumar a bola, dar um biquinho na bola; era dois segundo que ele perdia para rearrumar a bola no pé dele, já passou o tempo do chute, já não acha mais. Isso a gente considerava uma coisa impressionante, que era desarrumar a bola. Hoje ninguém desarruma a bola mais. Ou o cara faz a falta, ou atropela o cara, ou tenta pinçar a bola. Então, aquele jogo de desarme, eu desarmei, o cara recebeu na área eu fui e dei um biquinho, lateral. Aí recebeu a bola eu dei outro biquinho, lateral para os caras. Aí a outra... Você já viu o Neto jogando, ele entra no cara, canhoto assim, mesmo contra o gol dele, ele entra por aqui fica de frente para a bola, pisa na bola e puxa, e vai levando ela, entendeu? Já é uma técnica que é dele, é dele, é próprio dele. A recuperação de bola é pensada, mas ela é assim... Eu prefiro acreditar na antecipação, eu acho que o melhor contra-ataque é a antecipação do passe. Acho que essa indução para você receber o ataque onde você quer é um grande passo para recuperar a bola e ter o contra-ataque (3ª).	3ª – Sim, porque me permite recuperar a bola.
S4	Ah sim, isso, acho que, todo mundo faz. O contra-ataque é uma arma nos esportes. Ele existe, em geral, no futsal ele é quase sempre utilizado todo jogo, sem dúvida nenhuma, ele decide muitos campeonatos. Então nós treinamos bastante, sim, o trabalho de contra-ataque (4ª).	4ª – Sim, porque o contra-ataque decide jogos.
S5	Essa indução, ela acontece, ela acontece. Você induz o contra-ataque. O teu contra-ataque é mortal. Isso acontece muito (4ª). Agora, como hoje você tem a facilidade de transpor essa bola rapidamente, quando você é atacado o adversário te oferece o contra-ataque e, às vezes, você não induziu. Você está pressionando às vezes o adversário com mais qualidade que você, mas ele foi infeliz na finalização, e aí você da infelicidade, da finalização errada... E nos momentos em que o adversário joga com goleiro-linha e precisa do resultado positivo que o foco de concentração dele está todo errado, ele quer fazer o gol, mas ele não sabe como é que ele vai se portar na marcação de retorno, quem vai fazer essa cobertura da marcação de retorno e por aí a fora.	4ª – Sim, porque o contra-ataque decide jogos.

APÊNDICE C5: Instrumento de Análise do Discurso (IAD)

Instrumento de Análise de Discurso referente ao conteúdo de respostas da questão: O que você ensina para que os seus jogadores induzam o contra-ataque?

	Expressões-chave (ECH)	Idéias Centrais (IC)
S1	Bom, eu costumo dizer que o prêmio de uma defesa boa é o contra-ataque. Em primeiro lugar, se você tem uma defesa boa você vai contra-atacar bastante, você vai contra-atacar bastante. Acho que defesa boa é aquela que tem um sentido de desarme muito apurado, seja qual for seu desenho tático, ele vai funcionar muito melhor defensivamente se a tua equipe for muito agressiva no homem da bola. Evidentemente que essa agressividade é a boa, não é a agressividade que faz falta (1ª)	1ª – A pressionar o homem que tem a bola
S2	Como é que a gente vai induzir? Você tem uma postura de defesa em que você, teoricamente, em algum ponto da quadra que tem a posse, você facilita um pouco mais para a bola entrar (2ª). Então a bola entra e a partir dessa entrada de bola é que você vai iniciar o teu contra-ataque. Ou então numa rebatida de goleiro. Ou então de repente a partir de um posicionamento de defesa de uma bola parada de lateral. Ou então a partir de um posicionamento de bola parada para canto. Então você, teoricamente, além do comportamento defensivo você tem aquele comportamento indutivo. Você, pelo teu posicionamento você acaba o quê? Induzindo o adversário a jogar no espaço que você pretende. Quer dizer, você libera aquele espaço, teoricamente, ele se apresenta como fácil, mas na realidade ele é de um local onde você vai ter a maior concentração da tua defesa (2ª).	2ª – A induzir o adversário para o espaço que nos interessa
S3	O tipo de marcação a gente consegue, que é aquilo que eu disse para ti, quando a gente leva ele para onde a gente quer, quando eu estou na defesa e eu levo ele para onde eu quero na perna ruim eu tenho muito mais chance de recuperar a bola ali do que se ele estiver no lado bom e na perna boa. Quando a gente leva para o quadro e a gente aperta ele com dois aqui a tendência é ele tentar te driblar, aí você tem dois e ele está com o corpo fora da quadra se você recuperar essa bola você pega ele passando e você tem dois aqui, aí você vai ligar esse ataque e vai embora, entendeu? Acho que essa indução para você receber o ataque onde você quer é um grande passo para recuperar a bola e ter o contra-ataque (2ª).	2ª – A induzir o adversário para o espaço que nos interessa
S4	O equilíbrio defensivo é o primeiro ponto para que você consiga isso (3ª). Você estando bem equilibrado você vai fazer com que ocorra um desgaste do ataque adversário e se você está jogando optando pelo contra-ataque, ou porque você não tem recurso, ou então porque você está ganhando, e está um pouco cansado, talvez. Então você vai optar por essa situação e aí o adversário vai ter um desgaste maior, porque pode estar correndo atrás do resultado e pode gerar um erro. Com a sua marcação bem equilibrada pode te possibilitar o contra-ataque (3ª). Você tendo essa saída de velocidade bem treinada você vai conseguir ter um aproveitamento maior.	3ª – A conservar o equilíbrio defensivo
S5	Dentro do próprio treinamento de marcação ofensiva e marcação defensiva você cria as opções. Por exemplo: fulano é habilidoso, não adianta eu tentar espetar a marcação dele porque ele vai sair no drible, mas cicrano, de repente, não tem muita habilidade. Ali eu posso apertar e induzir ele ao passe porque ele é mal passador (4ª). Então eu desenvolvo um trabalho de uma marcação forte, criando menos espaço para o adversário poder jogar, para que eu possa ter espaço no meu contra-ataque. Porque o contra-ataque, ele precisa do espaço, então, se eu estou sendo agredido eu estou criando um espaço de contra-ataque. Então eu tenho que ser eficiente na minha marcação atrás para gerar esse contra-ataque, que hoje tem sido o foco de muitas equipes de ponta, de muitas equipes de ponta (5ª).	4ª – A pressionar o jogador menos habilidoso de posse da bola 5ª – A marcar de forma eficiente menos espaço de quadra

APÊNDICE C6: Instrumento de Análise do Discurso (IAD)

Instrumento de Análise de Discurso referente ao conteúdo de respostas da questão: Uma vez em contra-ataque, o que você ensina para que os seus jogadores tenham êxito?

	Expressões-chave (ECH)	Idéias Centrais (IC)
S1	Interfiro, interfiro. A primeira delas é você não definir rapidamente o passe, quanto mais você anda pra frente, evidentemente você tem um limite, quanto mais você anda pra frente, melhor seu contra-ataque, melhor seu contra-ataque (1ª). O adversário em desvantagem numérica não pode ou não deve, se ele fizer isso melhor pra você, não pode se definir pelo homem que carrega a bola. Se o homem dele precipitar, o passe rapidamente quem tá livre fica livre logo. A tendência da defesa é vir atrasando o combate ao homem da bola, esperando ajuda, até que a ajuda possa retornar. Então, eu digo para o meu atleta que quanto mais ele levar a bola, mais perigoso o contra-ataque é (1ª). Uma vez iniciado o contra-ataque eu treinaria o posicionamento de contra-ataque, que é esse que eu tenho te dito. Habituaria o atleta a se posicionar com relação ao melhor momento do contra-ataque. O contra-ataque, eu entendo que ele tem uma dificuldade razoável para treinar porque ele já pressupõe vantagem numérica. Então 2x1, 3x2, a gente tem a obrigação de achar o espaço que afinal chute no gol. Agora, para fazer o gol é outra história, mas a gente tem obrigação. Então, meu posicionamento básico é esse. É, basicamente, eu treino isso. É posicionar o atacante em condições de finalizar no gol, e a forma de treinar isso é criar a situação.	1ª – A conduzir sobre a marcação sem precipitar a decisão
S2	Quem não tem bola, profundidade (2ª). E quem tem bola, no máximo dois toques. O contra-ataque não é com posse, o contra-ataque é com passe (3ª). O que faz um contra-ataque ter velocidade? Primeiro o nível de concentração na ação de defesa; e ela pode exercer essa ação de defesa num nível de concentração maior para perceber que se eu sou opção do passe eu não posso torce pelo passe, eu tenho que dar profundidade (2ª) para o quê? Ter um contra-ataque acelerado (3ª). Então são dois básicos: concentração para o deslocamento, para evitar a posse excessiva de quem retém a bola, e quem retém a bola que tenha, no máximo, dois toques (3ª) e um para equilibrar na recepção (2ª).	2ª – Quem não tem bola corre em profundidade 3ª – A imprimir velocidade na ação
S3	Eu estou tentando... Os jogadores europeus já estão mais acostumados, nós estamos acostumados a ter um homem condutor, o da bola, e ter os que estão passando. Então assim: nós estamos acostumados a o cara fazer o passe já para finalizar ou para ter só mais um passe (4ª). O europeu não, o europeu ele gasta quantos passes forem necessários para poder finalizar no gol. Então ele mede isso: se a bola vai na ala, se tiver que voltar nele, se tiver que ir lá. Mas eles dizem não dá tempo, não dá tempo, a quadra tem 40 metros! E eles são muito velozes. E uma coisa: eles dominam o passe de primeira. Nós temos dificuldade de passar de primeira. Eles passam de primeira, passam, recebem, eles tem essa facilidade. Então eu estou tentando mesclar isso: usar a velocidade "aberta" (4ª), mas usar a velocidade por dentro, dar troca de passe de primeira. Então, acho que é uma coisa muito importante é treinar contra-ataque com um toque, um toque. Não exclui a condução quando necessário (3ª), até porque naquele momento em que você pode apostar troca de direção, o cara está de costas, a flutuação está de costas e ele quebrar pela frente, o cara dificilmente pára e retoma o movimento para frente.	4ª – A ter quem conduz a bola e outros de opção de passe 3ª – A imprimir velocidade na ação
S4	Leitura, leitura. Eu sou contra, totalmente contra ao robô, a mecanizar puramente o atleta (5ª). Ele tem que ter movimentos mecanizados, mecânicos, tem que ter movimentos treinados para que isso facilite ele colocar o que ele tem de qualidade em quadra, mas eu sou totalmente contra você estar querendo fazer com que o seu atleta jogue vídeo game, que você seja aquele cara que está atrás do *joy stick* ali, do manete movimentando o jogador, certo? (5ª). Você vai fazer com que ele compreenda tá legal, como eu já disse. Então tudo que eu estou falando assim, são coisas que realmente eu acredito, sabe? Então ele vai sair com contra-ataque, está 2x1, tem que ver o que que esse "1" vai fazer para ele agir, para ele reagir, está certo? Não quer dizer que 2x1, obrigatoriamente, tenha que sair o passe. Depende. E se o cara está interceptando o passe? Se o teu companheiro não entrou na linha de passe para você, certo?(5ª). É claro que tem coisas que são muito óbvias, por exemplo, no contra-ataque a condução excessiva de bola vai ocasionar um retorno da defesa, está certo?(3ª). Mas o atleta tem que ler, tem que perceber e não só o atleta, os atletas, muitas vezes, que estão participando desse contra-ataque (5ª).	5ª – Que o jogador deve ler o jogo e decidir 3ª – A imprimir velocidade na ação
S5	Eu de posse da bola, a leitura, tranqüilidade de posicionar essa bola para o meu companheiro (1ª). E o meu companheiro me oferecer condições de eu passar essa bola que, às vezes, eu escondo, eu me escondo (6ª). Então, eu não consigo ter essa tranqüilidade para te achar ali e ir para o passe. Então essa tranqüilidade da organização do contra-ataque é fundamental (1ª), coisa que algumas equipes do Brasil, como a Malwee, estão fazendo com muita eficiência. O meu time ainda não faz. O meu time ainda erra muito, talvez pela imaturidade de muitos jogadores. Meu time tem uma faixa média de 21 anos. Então o melhor colocado para receber, não está bem colocado. Às vezes eu estou numa paralela do passe, e não estou numa diagonal do passe; às vezes estou escondido atrás do homem da marcação, do passador, e não ofereço a ele essa possibilidade. Tem um ditado que diz: quem pede tem preferência, mais ou menos isso, eu não me lembro bem. Quem pede tem preferência, mas depende, depende, eu não me lembro bem desse ditado, que é um ditado do futebol de campo, mas a tranqüilidade para o passe (1ª) e o posicionamento da recepção é fundamental (6ª).	1ª – A conduzir sobre a marcação sem precipitar a decisão 6ª – Quem não tem bola deve entrar em linha de passe

APÊNDICE C7: Instrumento de Análise do Discurso (IAD)

Instrumento de Análise de Discurso referente ao conteúdo de respostas da questão: Que tipos de comportamento tático defensivo os jogadores devem saber empregar para que a defesa como um todo seja eficaz?

	Expressões-chave (ECH)	Idéias Centrais (IC)
S1	Bom, o que eu ensino para os meus jogadores, eu acho fundamental: ao mesmo tempo que a equipe funciona coletivamente, a isso nós chamamos de tática de defesa, eu ensino aos meus jogadores três conceitos muito importantes: primeiro, talvez o mais importante deles, a determinação para desarmar. Eu acho que não existe defesa boa se a tua equipe não é suficientemente agressiva no homem da bola. Acho muito determinante (1ª). Se não for possível, eu ensino meu jogador a acompanhar de forma relativa o adversário, às vezes uma boa troca de marcação, um bom comando que vem de trás (2ª), não perder o contato visual com a bola em detrimento de você deixar o seu oponente alguns momentos com a forte impressão de que ele está livre, é importantíssimo (3ª). E, sobretudo retomar o equilíbrio enquanto você corre atrás dele, porque o acompanhamento pressupõe um deslocamento atrás do adversário para voltar a desarmar (4ª). Acho que essas coisas são muito importantes para qualquer, e mais importantes, como eu disse antes, é desarmar. Isso faz qualquer defesa, independente do desenho tático, funcionar bem.	1ª – Pressão no homem da bola para desarmar 2ª – Acompanhar e/ou realizar troca de marcação 3ª – Manter a bola no campo visual 4ª – Marcar em equilíbrio
S2	Eu entendo que a defesa, o princípio básico da defesa está diretamente ligada à técnica de marcar. Então, conceitualmente, a gente não tem o hábito de ensinar o nosso atleta a marcar na ótica do individual, estando atento lá aos requisitos básicos de aproximação buscando o equilíbrio, diminuindo o centro de gravidade para poder ter as transferências de apoio bem fundamentadas para não facilitar esse desequilíbrio (4ª), uma vez equilibrado tomando a iniciativa da abordagem. E essa iniciativa da abordagem ela não tem objetivo de brigar pela bola, porque quando você tem a abordagem brigando pela bola pode desequilibrar dos dois lados. O objetivo da minha primeira atuação de defesa não é roubar a bola, é desequilibrar o passe, para que esse passe saia picotado ou sem qualidade (5ª) para minha primeira linha de cobertura e a segunda linha de cobertura poder construir o quê? O contra-ataque. Então esse seria o meu princípio básico. Quem marca a bola não define a marcação, não define no individual, então ela tem que ser uma marcação oportunista, ela só define no individual quando a posse está no desequilíbrio (4ª). Se a posse está no desequilíbrio aí eu aposto na abordagem (1ª). Se a posse está plena, no equilíbrio, eu vou optar em que? Em encurtar para tentar induzir ao erro do passe quem tiver marcando no espaço ou o apoio do passe possa aproveitar esse desequilíbrio. Então esse seria o principal conceito estrutural de defesa (5ª). Independente de falar de linha de defesa, de procedimentos, de manobras de defesa, o conceitual básico é esse dominar a técnica de marcar: aproximação e abordagem. Aí as manobras. As manobras, elas aparecem de que forma? Na medida em que eu induzo o passe para um determinado ponto da quadra (6ª) que possibilite fazer o quê? A dobra é uma manobra. A tripla é uma manobra (7ª). Entendeu? A abordagem num ponto frágil da defesa, a abordagem no desequilíbrio do passe, não é verdade? (6ª) Isso tudo são manobras de defesa, como nós temos as manobras de ataque. A figura do fixo dando espaço para tentar a antecipação, isso é uma manobra de defesa na medida em que eu induzo o quê? A bola entrar na referência quando eu abro um pouco mais o meu espaço de marcação ofensiva (6ª). Então isso tudo são o quê? Manobras que direcionam o ataque a jogar no espaço que você quer (6ª). Na figura da marcação do goleiro, de certa forma eu priorizo o quê? As fechadas das diagonais e induzo a bola para quê? Para fundo. Na medida em que ela vai para o fundo eu posso o quê? O marcador da primeira linha de armação vem tirando a linha do passe de devolução, quem estava marcando no fundo dividindo na inferioridade numérica aproxima, eu crio a dobra (7ª) e o pivô que estava marcando a testa vem para o quê? A cobertura (8ª) da dobra.	4ª – Marcar em equilíbrio 5ª – Desequilibrar o passe 1ª – Pressão no homem da bola para desarmar 6ª – Induzir o sentido do ataque 7ª – Aplicar a dobra 8ª – Senso de cobertura
S3	É assim: nas condições atuais, nas condições atuais aonde se utiliza a marcação zona 1.2.1 ou zona 2.2, que é o usual hoje sendo com várias nomenclaturas de vários setores e vários países. A defesa, hoje, em se tratando de Brasil, ela tem o problema do 1x1. Jogadores que se apresentam são muitos ruins (1ª);e tem o problema da recomposição: o retorno é ruim. Então, você gasta muito tempo para reequilibrar a sua defesa (9ª). Então, hoje, o cara precisa, na minha opinião,	1ª – Pressão no homem da bola para desarmar 9ª – Retorno defensivo

	além desses dois requisitos, ter uma noção de cobertura muito grande, porque a gente acabou criando, certo ou não, um momento da defesa onde a cobertura ela adianta um tempo. Então, quando você fala em quadrante é cobertura adiantada. Então, o cara precisa ter essa noção, precisa ter esse tempo (8ª). Então, esses jogadores têm mais facilidade para atuar comigo, esses jogadores tem um tempo de adiantar a cobertura, não fazer a cobertura depois do jogador batido. O jogador nem foi batido ainda, ele adianta um tempo da cobertura, mas isso é um tempo, é um *feeling*. O cara precisa ter isso hoje por quê? Porque ele tem que acreditar que o amigo não vai ser driblado, mas se for driblado ele está adiantado, sabe ou não? Então, ele não está deixando de confiar, mas ele está auxiliando por trás (8ª).	8ª – Senso de cobertura
S4	Bom, individualmente falando, marcação ativa, o desarme, a agressividade na marcação individual (1ª). O acompanhamento: saber a função de acompanhar ou de fazer uma troca, porque as coisas se misturam, as funções se misturam, mas aí saber quando fazer uma troca (2ª), cobertura é fundamental (8ª) e a recuperação individual. Você foi driblado você tem que ter a sua recuperação, você tem que ter; você não desistir do lance nunca, até porque você faz parte de um processo defensivo. Então, se você foi driblado, alguém foi te cobrir e você tem que reencaixar essa defesa em algum ponto, certo? (10ª) E aí eu dividiria a defesa em fases de treinamento, está certo? Aí tem várias fases, quer dizer, desde quando você não consegue terminar bem um ataque, que você vai retardar o ataque do adversário, aí você vai ter que fazer esse retorno de marcação, aí você vai ter que ir para o equilíbrio da defesa (9ª). Aí depois do equilíbrio você vai ver aonde você está para você começar marcar, para você marcar, aí sim, coletivamente (4ª). Eu chamo de marcação homem-bola, você nunca está marcando só um jogador, você marca e ocupa um espaço em quadra já também lendo o ataque do adversário e antevendo a possibilidade do ataque, para você estar atuando como cobertura, certo?Aí entra na cobertura (8ª). E aí vem marcação ativa (1ª) e principalmente a indução para onde você quer para você ter possibilidade de fazer uma dobra (6ª) ou, no caso de quando entra no pivô, um caixote, que nós chamamos no futsal, ou então, quando você escolhe fazer em algum outro lugar, a dobra (7ª), que nós tiramos do basquete também, para que a equipe marque podendo fazer isso. Numa quadra de 40 metros está ficando muito difícil você fazer; não que não seja possível, mas aí nós temos em grande parte o atleta se limitando. O atleta, é, sabe, entra naquilo de não consigo, não dá. Então, isso me incomoda bastante. E consegue, e dá porque já aconteceu isso. Tudo que eu trabalho são fatos reais. Não existe nada utópico. Eu não continuo trabalhando com nada que já não me deu resultado, está certo?	1ª – Pressão no homem da bola para desarmar 2ª – Acompanhar e/ou realizar troca de marcação 10ª – Executar permutas 4ª – Marcar em equilíbrio 9ª – Retorno defensivo 8ª – Senso de cobertura 6ª – Induzir o sentido do ataque 7ª – Aplicar a dobra
S5	Senso de cobertura. Isso é fundamental (8ª). Liderança dentro da quadra. É preciso que você tenha no grupo alguém de sua confiança que faria dentro da quadra aquilo que você faria se estivesse jogando. Então isso é fundamental, essa liderança. Ela é motora e ela é verbal. Seria você dentro da quadra. O que você gostaria realmente, se você estivesse ali, fazendo como é que você iria se inserir dentro daquele esquema. Por que, às vezes, o que que acontece? Pela falta de comando, pela falta de liderança, que é fundamental numa equipe, a liderança é fundamental, aquele homem de confiança, não teu xerife, ele não é teu xerife, mas ele é o teu líder dentro da quadra, ele é aceito pelo grupo, esse homem coordena, é o inteligente do teu time, é aquele homem que está com a leitura do jogo, que sabe para onde a bola pode andar, quem tem que fazer essa cobertura de um lado, quem vai cobrir pelo outro, ele orienta esses jogadores, então, essa liderança é fundamental para que haja a cobertura de todos os espaços (11ª). Noção de cobertura. Na defesa, cobertura (8ª).A marcação, dependendo da área, se eu marco atrás, eu marco menos, eu marco atrás, eu tenho que ser agressivo, porque senão eu entro, meu adversário entra numa zona de chute (1ª), e qualquer falha dessa cobertura eu estou na cara do meu goleiro. Se ela for marcação baixa, for marcação bem atrás, ela tem que ser agressiva. Agora se ela for mais para frente, como você vai perguntar agora, ela tem que ser induzida (6ª).	8ª – Senso de cobertura 11ª – Alguém que faça a leitura do ataque e oriente os outros 1ª – Pressão no homem da bola para desarmar

APÊNDICE C8: Instrumento de Análise do Discurso (IAD)

Instrumento de Análise de Discurso referente ao conteúdo de respostas da questão: Que tipos de atitude tática você espera dos seus jogadores quando a sua equipe perde a bola na quadra de ataque e o adversário inicia um contra-ataque?

	Expressões-chave (ECH)	Idéias Centrais (IC)
S1	Bom, essa é a famosa marcação de retorno que eu espero da minha equipe. Eu costumo dizer que a equipe tem que atrasar o momento do cara que tem a bola, exatamente como eu citei antes na situação diversa, quando eu estava contra-atacando, que o jogador em desvantagem numérica, ele tem que ficar entre quem tem a bola e quem pode, eventualmente, recebê-la (1ª). Eu habituo meus atletas a treinarem em desvantagem numérica de 2x1, de 3x2, de 4x3. Eu acho determinante para essa hora, porque o erro vai haver e você vai ficar em desvantagem numérica. O jogo de futsal é uma permanente busca da desvantagem, busca e acontecimento da desvantagem numérica. São superioridades em espaços de quadra de ataque sobre defesa e defesa sobre ataque e do atleta. Uma das coisas mais importantes táticas, tanto defensiva como ofensiva, é o seu atleta se habituar a jogar em desvantagem numérica. É a coisa que mais acontece.	1ª – Retorno defensivo e temporização
S2	Eu costumo dizer o seguinte: como eu tive uma origem muito voltada para o confronto, para a briga – pela minha própria história de vida –, eu aprendi o seguinte: se você recua você dá chance ao seu oponente de quê? De crescer em cima de você. Então, para o confronto, isso é ruim. Você está o quê? Se omitindo de uma ação agressiva. Então, quando eu estou atacando e perco a posse, ao invés de recuar, eu continuo agredindo para poder, não roubar a bola, matar o tempo do contra-ataque, tentar desequilibrar o primeiro passe do contra-ataque. Se eu perco a bola e recuo eu dou toda a chance do defensor organizar o seu ataque ou com a posse ou com passe acelerado. Na medida em que eu perco a bola e continuo agredindo ele, eu não quero a bola de volta. Eu só quero matar o tempo dele de acionar um contra-ataque de velocidade (2ª).	2ª – Pressionar a bola para provocar um erro
S3	Eu espero que os quatro elementos, com a mesma velocidade, possam efetuar o retorno, o mais rápido possível (3ª), certo ou não? Precisa dessa velocidade que o jogador brasileiro não gosta desse retorno com velocidade, mas eles precisam atacar com a mesma velocidade e defender com a mesma velocidade. Então assim: o jogador brasileiro tem dupla velocidade, ele ataca com uma velocidade impressionante, mas defende com muito menos velocidade. Então eu espero que o retorno seja muito veloz (3ª) você precisa conceituar quem é o primeiro homem, se você vai atacar a bola num primeiro momento, se você vai compor o triângulo lá atrás e deixar um atacar (1ª), se você vai retornar os quatro e reequilibrar a defesa primeiro e depois atacar a bola (3ª), se você vai continuar atacando lá na quadra ofensiva e provocar um erro (2ª). Então, esses conceitos têm que estar pré-definidos, mas o principal é a velocidade do retorno (3ª).	3ª – Retorno defensivo 1ª – Retorno defensivo e temporização 2ª – Pressionar a bola para provocar um erro
S4	Bom, primeiro passo é retornar atrás da linha da bola. Esse é um outro processo da defesa (3ª), retornar atrás da linha da bola e retardar o contra-ataque, aí entra nas fases. O jogador que estiver mais próximo tenta fazer esse retardamento de contra-ataque para o restante da defesa voltar e se equilibrar (1ª). Voltamos para fase. Sim, um corre para frente, corre para a bola. Quem está mais próximo, no meu conceito. Ele atrasaria o ataque, certo? (1ª) Depende, né? Se ele está próximo sim, depende da distância que ele está, depende de como estão saindo os adversários para o contra-ataque. Às vezes, ele atrasar o contra-ataque é ele se posicionar simplesmente, não agredir a bola (3ª), depende.	3ª – Retorno defensivo 1ª – Retorno defensivo e temporização
S5	Reposição de marcação e não retomada de bola. Porque quase todas retomadas de bola são originarias de falta, quase todas. Então reposição de marcação, recompor defesa, não ataca a bola. Recompôs defesa, aí você marca, porque senão eu vou marcar errado, vou marcar errado (3ª). A outra seria você neutralizar com falta, que é o que normalmente acontece quando você tenta retoma a bola. Normalmente, o árbitro dá como se você tivesse calçado (4ª), então, a gente apregoa, nem sempre consegue, mas se trabalha para que se recomponha a marcação para depois marcar (3ª). É o homem que flutua. Ele não agride, por que senão sai dois contra um. Então essa recomposição, ela é feita a partir do homem que está flutuando (1ª).	3ª – Retorno defensivo 4ª – Fazer a falta 1ª – Retorno defensivo e temporização

APÊNDICE C9: Instrumento de Análise do Discurso (IAD)

Instrumento de Análise de Discurso referente ao conteúdo de respostas da questão: Que tipos de atitude tática você espera dos seus jogadores quando a sua equipe adota uma postura de marcação recuada?

	Expressões-chave (ECH)	Idéias Centrais (IC)
S1	Eu espero uma marcação, como eu já te disse antes, isso tem muito a ver com a fundamentação super equilibrada super equilibrada e determinada para desarmar. A gente tem usado aí, já há alguns anos, há três ou quatro temporadas, com muito sucesso, a nossa equipe, falam isso, expressam isso, a marcação quadrante. Que é uma marcação que privilegia o equilíbrio. Porque uma vez estando equilibrada ela pode desarmar bastante (1ª). A nossa equipe tem feito muitos desarmes nos jogos, a gente valoriza muito a cultura do desarme, a gente está sempre falando no ouvido dos atletas que a defesa, a boa defesa está intimamente ligada com o número alto de desarme numa partida (2ª). Por isso que a minha sempre vence.	1ª – Exercer a marcação quadrante 2ª – Defender desarmando
S2	Olha, eu particularmente, dentro da minha estrutura de vida, eu nunca gostei de recuar, eu sempre fui agressivo. Então, eu não tenho esse conceitual de recuar. Ao longo da minha vida, eu nunca marquei zona, eu sempre gostei da marcação de confronto, da marcação de contato, brigando, vibrando, não é verdade? (2ª) Tudo isso com consciência, não é verdade? Eu posso até apostar numa estrutura defensiva estática, momentaneamente, quando eu estou na inferioridade numérica, seja por expulsão ou quando eu tenho a figura do jogo do goleiro linha. Mas na medida em que eu puder agredir, eu vou agredir o tempo todo (2ª). Eu costumo adotar que na forma mais rápida de reequilibrar é voltar a empurrar essa linha de armação. De que forma? Empurrando a posse, empurrando a opção e o fundo vindo para frente (3ª). Por que quando eu empurro na posse, quando eu empurro na opção, perfeito, dou apoio no passe, primeira opção, segunda opção e o fundo vem para frente. Você obriga a posse ao quê? A reter. Quando a posse retém, você favorece a aproximação, consequentemente, é possível abordar.	2ª – Defender desarmando 3ª – Empurrar o ataque para o campo de defesa
S3	Na maneira que a gente utiliza a defesa, primeiro não ter medo de ser driblado (2ª). Isso gera insegurança, sabe ou não, para todo o elenco. Então é assim: se ele tem que tomar decisão no ataque ele tem que tomar decisão na defesa. Se você treina a sua defesa para receber o ataque onde você quer, que a tomada de decisão dele seja agressiva pelo lado certo. Então como a gente ataca a perna, que ele ataque a perna tentando roubar a bola (4ª). Então se eu for driblado eu pelo menos tentei roubar a bola. O duro é você ser driblado cercando, cercando, cercando, cercando e o cara te drible porque você não foi nem ao menos agressivo. Então a minha defesa ela precisa ser extremamente agressiva (2ª), quando eu digo agressiva é em medo de voltar, quando eu digo voltar você toma a iniciativa de enquadrar ele na perna, a aí meu amigo: vai! (4ª) Ah, mas pode acontecer uma bola nas costas? Pelo menos eu tentei recuperar a bola. O que não pode é a defesa tomar gol sem tentar recuperar a bola, pelo menos eu tento! (2ª) Atacar a perna é: sempre atacar o desarme da perna boa do jogador. Sempre isso, ou seja, se ele é um canhoto e está na ala contrária eu ataco a perna dele para o caso de eu ser driblado só posso ser driblado para a perna ruim dele. Se ele não me driblou, mas conduziu a bola, que ele conduza bola para a perna ruim dele, nunca deixando ele conduzir para a perna boa ou, se deslocar para um espaço que beneficie a perna dele. Exemplo: o cara é canhoto, ele está atacando o que está na ala direita, certo ou não? Está na ala esquerda, se ele vai pela esquerda ele finaliza na perna boa. Então ali fecho a perna esquerda, ataco a perna esquerda e ele entra conduzindo, ele entra conduzindo com a perna direita. Se ele faz um passe de ala para ala, o deslocamento dele, normalmente, se é paralela, já vai com a perna ruim. Se ele puxa diagonal eu estou fechando a perna do outro para a diagonal também. Então são conceitos. Eu sempre levo ele para um lugar aonde ele me ofereça pouco perigo, pouco perigo. É o único lugar que ele pode ir (4ª).	2ª – Defesa que procura desarmar 4ª – Induzir o atacante a jogar para o lado fraco
S4	Sim, mas não se acomodar nessa situação. Momentaneamente, você pode estar ali. Não tem que ter desespero por causa disso, não pode ter aquela ansiedade, sabe, aquela neura de ter que sair logo dali porque senão vai tomar choque. Não é nada disso! Está ali por alguma razão, mérito do adversário, por alguma falha do nosso sistema, então, nós temos que a partir achar um bom momento para empurrar o adversário daquele lugar.	3ª – Empurrar o ataque para o campo de defesa
S5	Então a cobertura é fundamental, quando não há cobertura fica no jogo do um contra um, aí vai prevalecer o quê? A habilidade (5ª). Vai prevalecer a condição física, de repente, de um ou de outro. Então você cria situações pra que os espaços dentro da sua marcação atrás seja o mínimo possível para o adversário, para que você possa cobrir esses espaços (5ª).	5ª – Cobrir espaços

APÊNDICE C10: Instrumento de Análise do Discurso (IAD)

Instrumento de Análise de Discurso referente ao conteúdo de respostas da questão: Que tipos de comportamento tático você espera dos seus jogadores quando a sua equipe adota uma postura de marcação que invade a quadra do adversário?

	Expressões-chave (ECH)	Idéias Centrais (IC)
S1	É fundamental que esse jogador que está de posse de bola não possa organizar a jogada. Ele tem que ser... Ela tem que ser muito... Tem que batalhar muito pela bola (1ª).	1ª – Pressionar a bola
S2	Aí perfeito. Toda vez que a minha marcação ela sobe, eu divido a marcação em dois pontos. Espaço útil. Espaço útil em referência a quem? A quem tem maior profundidade. Quando a linha de armação recua a tendência é você ter a bola de tempo um para o pivô ou ter a bola para infiltração. Então é fundamental que quem vá marcar a bola tenha a preocupação em diminuir, tirando a linha do passe da perna boa, o passe de profundidade (1ª), induzindo esse passe sempre para o lado ou então induzindo ele para tentar o quê? O drible (2ª). Tá empurrei. O fundo já vem para frente, para que o armador quando levanta a cabeça procurando o pivô e vê a figura da defesa, ele opta em reter a bola, perfeito? (3ª) E quem marca o espaço ligado na alavanca do passe vai poder encaixar o tempo e evitar que a marcação bata a cabeça (4ª), que o perigo de você marcar ofensivamente é você perder o tempo de aproximação, quando você perde o tempo de aproximação, a defesa bate cabeça. Então para que você não perca o tempo de aproximação todos os detalhes são válidos. Primeiro: quem está marcando o espaço liga na posse no momento da alavanca. Quando a alavanca arma aí eu inicio meu deslocamento. Que quando a alavanca arma o comportamento de base não muda. Programou vai executar. Se tentar abortar vai perder eficiência nesse passe (4ª). Somasse a isso, a questão da alavanca, a questão da angulação que eu faço em relação ao meu oponente. Eu não vou para uma abordagem em diagonal. Quando o passe sai, eu saio para o lado, perfeito? No que eu saio para o lado eu já obrigo a retenção a bola Num segundo momento quando ele retém a bola eu faço a aproximação (1ª), quem estava marcando o passe inicial já vem para fechar o espaço útil, e com isso que quebro qualquer possibilidade da minha linha de defesa bater cabeça.	1ª – Pressionar a bola 2ª – Induzir a ação de quem tem a bola 3ª – Quem estiver no fundo antecipa o marcador 4ª – Encaixar o tempo de marcação
S3	É... Eu acho assim... Que a defesa... Muito se fala em defesa solidária... Eu acho que na minha maneira de ver a defesa só é solidária se ela consegue se compactar. Todo mundo fala em reequilibrar a defesa. Eu prefiro usar o termo compactar. Por que isso? Porque quanto mais próximo os quatro jogadores de defesa estiverem, mais eles serão solidários, menos espaço haverá e mais agressiva é a 1ª linha (5ª). Então, a 1ª linha que não é agressiva, é porque os jogadores estão espaçados na sua defesa. 1ª linha agressiva: estão todos próximos, estão muito próximos, compactados, então a cobertura acontece com mais velocidade e eles ganham muita força muita moral, muita, sabe, muita. Não é moral o termo, eles ganham muita confiança para agredir a 1ª linha (5ª). Por quê? Porque a 1ª linha agressiva representa uma 2ª linha muito agressiva, representa uma eventual necessidade de usar uma 3ª linha agressiva. 1ª linha pouca agressiva, 2ª linha frouxa, necessidade constante de usar a última linha, que é o seu beque. Então, quando você tiver jogando um jogo que o seu beque é o melhor jogador do jogo, você está complicado. 1ª linha vencida sobreposição de cobertura. Você precisa determinar onde ele entra no retorno. Corre para trás, vence as linhas e passa a ser a última, sobrepõe cobertura. Não olha ninguém para dentro. Por quê? Porque quando você reequilibrar a função dele é do local onde ele está, da zona que ele ocupou (6ª).	5ª – Devem se compactar 6ª – Quem for vencido, corre para trás e se reposiciona.
S4	Compactação principalmente. A marcação, ela tem que estar falando junto, eles tem que estar falando junto (5ª). Não pode... O principal erro que se comete, muitas vezes, é quando você decide marcar pressão ou agredir e falta coletividade. Então se um jogador aperta e outro flutua você abre um buraco na sua defesa. Encaixe de marcação. Seria isso. Encaixe de defesa é leitura. Exatamente isso: você está marcando e ao mesmo tempo você está protegido. Você está sendo agressivo e você está protegido (4ª).	5ª – Devem se compactar 4ª – Encaixar o tempo de marcação
S5	Marcação ofensiva em dois do time deles para passar de cabeça baixa. Indução. Não deixar jogar (2ª). Você está aqui, seu time está aqui, eu subi minha marcação. Se eu subi a marcação é porque eu não quero deixar jogar, correto? Quem eu não quero deixar jogar? O passador? O driblador? Aí eu tenho que determinar o que quero. Então, se eu subo a minha marcação porque eu não quero que o goleiro-linha jogue? Então eu subo com todo mundo (5ª). Obrigo o time todo a trabalhar de cabeça baixa para induzir o passe errado, na quadra deles (2ª). E a partir do momento que eu subir para não subir eu estou tomando o contra-ataque nas costas, porque eu subi com meu time todo. Criei um espaço para o time deles jogar. Marcação encaixada, homem a homem (4ª), sem espaço para que esse jogador que está de posse de bola possa organizar a jogada, ou então não suba (1ª). Não tem mais espaço para jogar, se aperta, aperta todo mundo. Que é uma marcação momentânea, ela é uma marcação esporádica no jogo. Você faz em alguns momentos da partida, quando você tem necessidade. Hoje em dia se faz muito isso quando você está no final de uma partida em que o adversário vai jogar com o goleiro-linha, que ele tira o goleiro dele para botar o jogador de linha. Você sobe a tua marcação, obriga a jogar com goleiro que estava no jogo, porque a partir do momento que você recuar eles começam a jogar 5x4.	2ª – Induzir a ação de quem tem a bola 5ª – Devem se compactar 4ª – Encaixar o tempo de marcação 1ª – Pressionar a bola

APÊNDICE C11: Instrumento de Análise do Discurso (IAD)

Instrumento de Análise de Discurso referente ao conteúdo de respostas da questão: Que tipos de comportamento tático você espera dos seus jogadores quando a sua equipe adota uma postura de marcação que invade a quadra do adversário e este faz um passe em profundidade para o pivô?

	Expressões-chave (ECH)	Idéias Centrais (IC)
S1	Bom, quando o passe em profundidade encontra o pivô adversário livre é uma coisa que a gente tenta neutralizar com posicionamento do beque. Eu acho que o beque, embora não possa evita isso 100% do tempo, ele tem que promover um confronto com o pivô onde ele não tenha equilíbrio para dominar essa bola com facilidade; tem procurar jogar na frente, mas se, circunstancialmente, isso acontece, eu digo para minha equipe cada um tratar do seu (1ª). Eu parto do pressuposto que o beque vai tratar do pivô que acabou de receber (2ª). Como ela invadiu a quadra adversária e os homens estão bastante distantes uns dos outros, a marcação está bastante espaçada e sem grande chance de cobertura, que cada um vai dar essa volta no seu. É isso que eu digo pra minha equipe (1ª).	1ª – Que façam o retorno defensivo 2ª – Que o beque enfrente o pivô
S2	Sem dúvida. Se encontrar o pivô, se a bola foi alçada ao pivô, primeira preocupação é eliminar possibilidade do apoio ao pivô. Então quem vai marcar retorno esquece a bola e tenta matar o tempo de aproximação (1ª) e vamos tentar deixar que o fundo fique o quê? No 1x1, beleza? No 1x1 (2ª). E o oposto, na medida em que a aproximação vem vindo ele vem acompanhando a aproximação até um determinado ponto. A partir dali ele já vai abandonar essa marcação de retorno e vai funcionar como o quê? Apoio a essa postura de defesa (3ª).	1ª – Que façam o retorno defensivo 2ª – Que o beque enfrente o pivô 3ª – Que se ajude na marcação do pivô
S3	É conflitante, porque você invade tentando recuperar a bola e eles conseguem fazer a bola chegar no pivô. Isso quer dizer que você está na contramão. Você está correndo no horizontal sentido e o passe já aconteceu. Você vai ter que interromper e começar a correr para trás (1ª). O que eu espero é o meu beque antecipe para caramba para evitar este retorno agressivo. Por quê? Porque ele está indo de retorno? Por quê? Porque perde confiança. Ele invadiu para tentar e não achou, e aí meu amigo, o beque está atrás. O cara recebe e começa o passa-passa. Para ganhar confiança, para ter segurança desses três homens agredirem, o seu fixo precisa, na primeira bola do jogo, na segunda, uma boa antecipação. Aí você, fatalmente, inibe essa bola e passa a obrigar seu time a agredir mais. Os caras viram que, pô, você, a bola lá, o beque antecipou, posso ser agressivo. Você, a bola lá, o pivô, eu deixo de ser agressivo. Então eu acho que é um jogo de confiança. Exatamente isso. Então, eu adoto a seguinte postura: eu invado com todo mundo, eu entro os quatro com todo mundo e solto o goleiro para o líbero. Por quê? Porque eu toquei a bola longa, se eu jogar a bola longa tem que soltar o goleiro para ser o líbero da bola longa. Mas eu invado todo mundo, vai todo mundo para dentro, não deixo ninguém flutuar. Porque se você deixa o cara flutuando esse pivô invade, recebe livre, desarmou agressividade da sua primeira linha.	1ª – Que façam o retorno defensivo
S4	Nós já falamos disso, né?! A bola entrou é o retorno que tem que acontecer, o retardamento do ataque deles (1ª), ajuda na marcação quando possível (3ª), ou se a bola entrou nas costas de todo mundo a cobertura do goleiro.	1ª – Que façam o retorno defensivo 3ª – Que se ajude na marcação do pivô
S5	O meu goleiro joga adiantado. Começa ali. Porque quando você sobe a tua marcação toda, o espaço é muito grande, às vezes até quase que a meia quadra toda, porque você saiu apertando. O goleiro sobe. Ele é passa a ser o seu beque, é teu último homem, então ele é o teu cobertura, ele precisa estar jogando como você tivesse sendo atacado e o teu capitão, o teu líder estivesse ali na função. Então você sobe quatro, o que normalmente não sobe quatro, sobe três, um fica flutuando para fazer a cobertura dos dois lados e um dos lados fica desocupado. A marcação de retorno é feita. É feita a marcação de retorno. Compactua (1ª). Cada jogo ele tem uma situação, você hoje não tem como dizer: "Ah, o time joga dessa maneira e eu estou jogando daquela"! Porque se ele joga dessa maneira você passa a marcar conforme ele está jogando.	1ª – Que façam o retorno defensivo

APÊNDICE C12: Instrumento de Análise do Discurso (IAD)

Instrumento de Análise de Discurso referente ao conteúdo de respostas da questão: Em geral, como você procura desenvolver esses comportamentos táticos ofensivos e defensivos mencionados?

	Expressões-chave (ECH)	Idéias Centrais (IC)
S1	Bom, existem muitas formas, agora, existem muitos tipos de treinos. Agora, eles são baseados principalmente nos jogos esportivos coletivos. Essa é a base do nosso trabalho e que a gente procura tá sempre criando situações em que o atleta vivencie no treinamento a situação que ele vai encontrar durante a partida. O fato de... O fato de preparar o jogador para obedecer ou para criar tá no centro da questão dos jogos que você faz , quer dizer, você cria situações em que o atleta tem que obedecer uma conduta, mas com liberdade pra criar. Exatamente. Ele tem liberdade pra variar a ação (1ª). A gente procura fazer também os exercícios dos padrões. Eu tenho usado, eu tenho usado um padrão que roda por fora da defesa, o qual eu chamo de redondo. Eu procuro rodar por fora da defesa, criando a dúvida no marcador, sem entrar no centro da defesa, que é o que toda defesa, basicamente, espera pra fazer as trocas e as zonas. Acho que quando você passa por fora da defesa você cria essa dúvida. Então são movimentações que buscam o desequilíbrio pra, afinal, você chutar de média distância alternando com as bolas de profundidade, com as bolas no segundo pau e com os passes de aproximação mais pra dentro da área. Basicamente isso (2ª). Eu tenho jogos que também treinam contra-ataque. Eu tenho jogam que criam situações exatas de contra-ataque, quer dizer, habituando, no treino e trazendo pro treino a especificidade do movimento do contra-ataque (1ª). Que criam situações de vantagem numérica, a partir de uma determinada formação (3ª) circular que eu faço no meio da quadra, como se fosse uma brincadeira de roda com os atletas, e quando esse círculo que se forma ta desequilibrado de um dos dois lados da quadra, exatamente em cima da linha do meio, quando eu sinto que ta desequilibrado de um dos lados do meio da quadra é a hora de sair o contra-ataque. Então você cria essa situação tentando melhorar o momento do passe, explicando pro jogador que carrega a bola que tem um momento ideal, que num primeiro momento ele não deve se precipitar, quanto mais ele leva a bola, mais perigoso pra defesa é. Enfim, pro jogador que faz a escapada pra receber livre e, afinal, finalizar, ele deve buscar um espaço de quadra que definitivamente ele não complique o cara da bola, enfim, você vai trabalhando essa fundamentação que, apesar da vantagem numérica é importante trabalhar. Eu tenho um jogo chamado o jogo da volta eletiva. Eu faço a bola entrar no pivô e mostro para o meu atleta qual a melhor maneira de marcar (1ª).	1ª – Situações semelhantes às de jogo 2ª – Situações que exercitem a obediência tática 3ª – Situações com formações numéricas distintas
S2	Bom, teoricamente eu tenho como sustentação a metodologia que eu aprendi com o convívio no basquete. Eu me considero um privilegiado de poder ao longo da minha existência, já em 82, ter dividido com Ari Vidal o espaço de trabalho, numa ordem de valor, e depois com Miguel Ângelo da Luz, depois com Hélio Rubens, depois com a Maria Helena, com a Heleninha. Eu trago muito da metodologia do basquete para o futsal. Isso sempre foi desde o início da minha prática profissional. E eu procuro dimensionar o meu trabalho em relação às solicitações prementes do jogo (1ª). O que que acontece no jogo? Então a dinâmica do meu trabalho está sempre voltada para quê? As ações de ataque combinando com contra-ataque, combinando com a defesa, combinando com as superioridades e inferioridades numéricas (3ª). Então eu não tenho aquela cultura do joguinho recreativo para se construir trabalho, joguinho educativo. Eu trabalho dentro da intensidade, da necessidade do jogo. Essa tem sido a minha metodologia e eu tenho ficado satisfeito com ela (1ª). Eu acho que para jogar um jogo de alto rendimento onde a leitura de movimentação faz-se necessária você não pode botar o atleta só para reproduzir movimento, ele tem que em cima dessa reprodução de movimento ter uma visão crítica em que ele possa ali estar atento a parte estrutural e dentro dessa cultura coletiva ele poder ter autonomia de decidir o momento de passe, o momento de um chute, o momento de uma ação de ataque. Isso tudo é o que? É a cognição que a gente exercita nessa metodologia. Até porque os meus treinos eles são sempre focados no que? No raciocínio lógico, no raciocínio do jogo, na posição que o jogo impera. Então eu acho que para minha estrutura de jogo apregoado, o jogador se não tiver uma cognição elevada, um intelecto aguçado ele vai ter dificuldade de jogar comigo. Porque o tempo todo eu estou solicitando que ele jogue e pense. Porque eu costumo, eu tenho uma fala que diz o seguinte: jogar é fácil, todos jogam. Jogar e pensar, poucos. Daí as diferenças entre as competências.A minha	1ª – Situações semelhantes às de jogo 3ª – Situações com formações numéricas distintas 4ª – Situações de elevada demanda cognitiva 2ª – Situações que exercitem a obediência tática

	metodologia é bem essa mesmo (4ª). O que que acontece? Eu estabeleço um conteúdo de jogo para minha equipe, o tratamento que eu dou, a minha preparação é um tratamento pedagógico. É como se eu tivesse indo para dar um curso, o curso de um ano. Então eu tenho lá meu plano de curso, meu plano de unidade e meu plano de aula. Plano de aula, como é? As unidades de treinamento que eu dou. Eu pego meu conteúdo de jogo. Que que eu preciso de uma equipe? Uma equipe ela precisa ter o quê? Uma saída de marcação para uma marcação ofensiva; ela tem que ter uma saída de marcação para uma marcação de espera na linha de três metros do voleibol; ela precisa ter uma saída de para uma marcação na linha de dez; ela precisa ter uma bola lateral defensiva; ela precisa... Então, todas as nuances do jogo eu construo de forma pedagógica o quê? Essa seqüência. Aí tem as manobras com a utilização do goleiro quando a marcação sobe, tem as manobras de utilização dos jogadores de linha quando ela está na espera ou quando ela sobe. Então eu crio essa seqüência e a partir dela eu vou estabelecendo o quê? Os conteúdos programáticos. Então beleza, então tem lá, goleiro, o goleiro se articulando com as alas ou com o pivô. A linha se articulando com as alas ou jogando para espaço, não é verdade? Então, tu cria toda uma seqüência pedagógica de ensino que eu vou distribuindo o quê? Ao longo da minha temporada. E de que forma? Forma conjunta. Eu não posso me ater a esse período: agora eu vou trabalhar só a quebra de goleiro. Eu trabalho de forma coletiva dentro dessa linha de duas horas e meia, três horas pela manhã, duas horas e meia, três horas à tarde, perfeito? (2ª) Claro que guardando as nuances da periodização: quando é treino físico, quando é treino técnico, quando é treino tático. Agora a minha dinâmica é sempre essa. Eu sempre trabalho tudo o tempo todo.	
S3	Então é assim: meu trabalho, ele foi baseado, começou com um grande amigo que mora nos Estados Unidos – e eu sou admirador do futebol americano, entro no sorteio do ingresso, aquele do *super ball*, todos os anos, nunca vou ganhar, mas eu entro no sorteio – e me interessei pelo tipo de treinamento. Esse amigo me mandou um material. Esse material com algumas adaptações, botando a bola no chão começou a atender necessidades da equipe, principalmente, numa coisa que hoje se fala muito que é fundamento conjugado. Você não tem mais tempo de treinar apenas um fundamento. Você, hoje, junta tudo, e esses treinos atendem isso e atendem uma outra dinâmica que é a leitura de defesa, a leitura da marcação do jogador contrário, que precisa ser feita por um atleta específico no futebol americano, mas que no futsal você tem condições de dar aos jogadores, todos que estão na quadra, essa visão de leitura de defesa. Os aplicativos dos sistemas que eu utilizo atualmente são baseados nisso. Eu acredito, e faço isso já há bastante tempo, que a única maneira de você acelerar a tomada de decisão, acelerar o raciocínio dele dentro da quadra, dentro da competição, é criar no treinamento um atraso na tomada de decisão. Então, esse atraso não existe no jogo, então eu interponho um fator, certo ou não? Por exemplo, duas bolas no jogo e duas situações para cada bola onde ele tem que tomar decisão. Então eu interponho entre a tomada de decisão dele e o que eu quero um atraso, que não existe no jogo. Então eu obrigo ele a, durante o movimento, durante o recebimento da bola, ou durante o deslocamento a pensar antes de tomar a decisão, que no jogo não existe esse atraso, no jogo ele toma a decisão. Então, os resultados têm sido muito bons em relação a esse tipo de treinamento, baseado pelos meus resultados nos últimos anos em clubes como treinador (4ª).	4ª – Situações de elevada demanda cognitiva
S4	Trabalhos combinados é o que eu mais gosto de fazer, até porque eu consigo aí estar ganhando tempo com isso (1ª). Mas muitas vezes nós temos que fazer o bê-á-bá. Trabalho combinado é onde você prioriza aquilo que você quer atingir como meta principal do treino que está sendo executado, mas, você também trabalha a outra equipe. Então, se você está querendo o ataque você também está treinando a sua defesa, também corrigindo a sua defesa em várias situações que ocorrem durante o treinamento (1ª). Atividade sempre com vantagem ou desvantagem numérica de acordo com o que você quer atingir. Numérica ou de momento, de alguma situação. Alguma desvantagem no seu ponto principal do treino tem que estar levando para você conseguir fazer com que esse atleta crie um mecanismo de superação (3ª). O raciocínio básico é esse. Tá mais não só. Você pode aí criar uma série de coisas de sair do centro da quadra, por exemplo, de grupado; daí uma série de... Você pode colocar do centro da quadra, você pode colocar de dentro da sua área, certo? Você agrupa a sua defesa e coloca o ataque saindo livremente; você dá ordem para soltar a bola e a sua defesa tem que se recompor – é	1ª – Situações semelhantes às de jogo 4ª – Situações de elevada demanda cognitiva 3ª – Situações com formações numéricas distintas

	uma possibilidade. Outra são jogadores saindo sentados, a defesa sair sentada em pontos estratégicos da quadra, os atacantes próximos e aí o atacante recebe a bola de um lançamento, ou da sua mão ou do goleiro, certo?(2ª) Enfim, aí você vai criar. Você cria uma desvantagem momentânea e a defesa tem que se recompor. Superação sempre (3ª).	
S5	Eu acredito que as equipes bem sucedidas hoje no país, elas são bem sucedidas pela eficiência que têm na sua marcação. Agora, como você desenvolve esse trabalho de marcação, isso vai muito em função dos atletas que você tem e do tempo que você tem com esses atletas. Porque é necessário um conjunto de situações que lhe permitam desenvolver determinadas estratégias de trabalho para daí você contra-atacar. Quando você faz o trabalho em conjunto, você está fazendo um trabalho de obediência tática (2ª). Quando você faz um trabalho individual, você está desenvolvendo a criatividade do jogador. Por exemplo, quando você faz um trabalho de 1x1, é a criatividade de um atacar e outro defender e vice-versa. A partir do momento que ele perde essa posse de bola ele está sendo atacado e o outro está criando. São pequenos e grandes jogos que você trabalha de 1x1, de 2x2, 3x2, 4x3, 4x4 e, até, de repente, de situações que você pode colocar o próprio goleiro trabalhando numa situação de realidade (3ª). Porque algumas vezes você deixa de treinar situações por achar que, numa partida, nunca vai acontecer aquilo. De repente você é surpreendido. O trabalho de obediência tática é a aplicabilidade daquilo que você fez no trabalho de criatividade, no trabalho individual. Aquela consciência que você desenvolveu e você consegue reunir esses pequenos grupos num grupo maior, procurando dar a ele essa consciência da responsabilidade de cada um, porque os cinco fazem parte de 100% da totalidade. E cada um tem 20% de responsabilidade. Se eu deixo de cumprir 2 ou 3% da minha responsabilidade, eu vou sobrecarregar alguém. E muitas vezes nós pecamos e perdemos jogos por não termos essa consciência de obediência tática (2ª). Eu atribuo muito, hoje em dia, à concentração do jogo, o aspecto psicológico do jogo que, hoje, se você tiver focado naquilo que foi treinado – porque você hoje tem dvds, filmes para mostrar aos jogadores, tem aí a televisão te mostrando os jogos ao vivo –, então você tem todo um estudo sobre o seu adversário e se você tiver focado naquilo que foi te mostrado, trabalhado a tua probabilidade de erro é muito menor. Porém o poder de concentração do jogador, às vezes falha, e aí que entra o trabalho do psicólogo, que eu digo a importância do psicólogo para gente poder desenvolver esse trabalho com a equipe. Eu tenho dois, quatro, seis, oito, dez, doze treinos na semana, são semanas de seis dias, basicamente, 60% a 70% é de trabalho técnico e trabalho tático, sempre culminando com coletivo. Por quê? Porque eu sou partidário de que o coletivo, ele é o conjunto de tudo isso que você desenvolveu durante o período todo. E ali você vai ver se você conseguiu colocar tudo aquilo que você aplicou nos teus treinamentos táticos. A aplicabilidade é o coletivo que vai te dizer: é viável ou não é viável, não o momento do jogo. O momento do jogo você já tem as situações que você criou durante a semana toda para modificá-los. Se encaixou continua; se não encaixou, você tem que ter uma segunda opção, uma terceira opção. Depende da semana em que você vai trabalhar e depende do seu adversário. Normalmente os jogos, eles acontecem com freqüência nos treinamentos, porque ali você está trabalhando a parte de fundamentos também. Você também está trabalhando as valências físicas, por que é ataque e contra-ataque o tempo todo. Você está trabalhando a parte de concentração. Você está trabalhando a criatividade que em muitos momentos há no jogo individual, de 1x1, de 2x1 (1ª). E depois a aplicabilidade disso no padrão de trabalho, como eu vou sair se a marcação avançada tiver atuando dessa maneira, como eu vou sair... Daí vem o padronizado, entendeu? O que você precisa é ter condições de, no momento da partida poder, por exemplo, você marca hoje o goleiro linha no losango, você marca o goleiro linha em quadrado, como sair do losango para o quadrado e voltar para o losango novamente? Isso é a dificuldade que o jogador tem. Então, você tem que fazer isso nos treinamentos (2ª) e, às vezes, nos treinamentos você encontra muita dificuldade. Por que eles não conseguem assimilar isso com um, dois, três treinos, são muitas semanas de trabalho. É a tônica.	2ª – Situações que exercitem a obediência tática 3ª – Situações com formações numéricas distintas 1ª – Situações semelhantes às de jogo